PASCHOAL PIRAGINE JR

CRESCIMENTO INTEGRAL DA IGREJA: UMA ABORDAGEM PRÁTICA DE IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE UMA METODOLOGIA NO CONTEXTO EVANGÉLICO BRASILEIRO

Londrina
2004

PASCHOAL PIRAGINE JR

CRESCIMENTO INTEGRAL DA IGREJA: UMA ABORDAGEM PRÁTICA DE IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE UMA METODOLOGIA NO CONTEXTO EVANGÉLICO BRASILEIRO

Projeto Ministerial apresentado em cumprimento às exigências do curso de Doutorado em Ministério da Faculdade Teológica Sul Americana, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Barro

Londrina
2004



PROJETO MINISTERIAL ELABORADO POR:

PASCHOAL PIRAGINE JÚNIOR

APROVADO PELOS EXAMINADORES:

Profº Dr. Antonio Carlos Barro
Orientador

Profº Dr. Rubens Ramiro Muzio
Examinador

Profº Dr. Rubens Ramiro Muzio
Coordenador do Doutorado em Ministério

Londrina, 10 de dezembro de 2004.

DEDICATÓRIA

A minha querida esposa Cleusa e a meus filhos Michel e Kelly

Por seu amor e companheirismo compartilhados em todos os momentos da vida. Vocês têm sido a minha motivação e o meu prazer.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas suas infinitas misericórdias. Pelas vitórias a mim concedidas e pela alegria que Ele colocou em meu coração durante todo o curso;

à Faculdade Teológica Sul Americana, em sua visão de *preparar vidas para servir o Reino de Deus*, entre as quais eu me incluo;

ao mestre e amigo, Prof. Antonio Carlos Barro, que me orientou na reflexão teológica sobre o crescimento integral da Igreja;

às minhas secretárias que foram auxiliadoras em todo o tempo dos meus estudos; à Neuza que me ajudou a localizar os livros esgotados que desejava usar para a pesquisa e à Nelita por me assessorar em todos os detalhes da vida;

à professora Elly Claire Jansson Lopes, por ter a paciência e o carinho de corrigir os meus textos;

aos meus colegas do ministério colegiado por terem de trabalhar muito mais para cobrir as minhas falhas durante os meus estudos;

à Primeira Igreja Batista de Curitiba que, através da sua diretoria e diáconos, percebendo a importância do estudo, achou por bem custeá-lo e incentivou-me a concluir o curso.

RESUMO

PIRAGINE, Paschoal Jr: *Crescimento integral da igreja:* uma abordagem prática de implantação e desenvolvimento de uma metodologia no contexto evangélico brasileiro. Londrina , 2004. 189p. (Integração Ministerial do Doutorado em Ministério – Faculdade Teológica Sul Americana).

Os conceitos da pós-modernidade refletem uma postura que tenta harmonizar todas as tendências filosófico-culturais, considerando válidas todas as teorias e caminhos que o homem procura para se realizar como ser humano, entendendo-o de maneira global, indivisível. Não levando em consideração os descaminhos de tais tendências, este trabalho apresenta uma proposta de atividade ministerial que também leva em conta o homem como um todo, indivisível. O Evangelho é abrangente e prevê a transformação integral do ser humano em todas as suas necessidades: espirituais, emocionais, físicas e materiais. Espera-se, então que a igreja exerça a sua missão de maneira integral, contextualizada e não dicotomizada. Apresentamos, assim, uma proposta de utilização ministerial dos conceitos de Missão Integral. Apresenta, primeiramente, os contatos do autor com os pensamentos da MI, caracteriza e define os seus principais conceitos. Em uma tentativa de aplicação prática formula uma visão e define os valores norteadores que permitirão a implantação da mesma e finalmente apresenta um plano prático focado em algumas das ênfases da MI dando sugestões da sua aplicação e alguns modelos referenciais que podem servir de norte para a sua aplicabilidade.

Orientador: Antonio Carlos Barro 226 palavras

ABSTRACT

PIRAGINE, Paschoal Jr: *Crescimento integral da igreja:* uma abordagem prática de implantação e desenvolvimento de uma metodologia no contexto evangélico brasileiro. Londrina , 2004. 189p. (Integração Ministerial do Doutorado em Ministério – Faculdade Teológica Sul Americana).

The concepts of post-modernism reflect a posture that tries to harmonize all of the philosophic-cultural tendencies, considering all of the theories and paths that man seeks to be fulfilled as a human being as valid, understanding him from a global perspective, indivisible. Not taking into consideration the fallacies of such tendencies, this work presents a proposal of ministerial activity that also considers man as a complete being, indivisible. The Gospel is comprehensive and foresees the complete transformation of the human being in all his needs: spiritual, emotional, physical and material. It is hoped, then, that the church will exercise her mission in a comprehensive manner, contextualized and not dichotomized. We present, therefore, a proposal of the ministerial use of the concepts of the Integral Mission. It presents, first of all, the contacts of the author with the thoughts of the Integral Mission, characterizing and defining its principal concepts. In an attempt of practical application, it forms a vision and defines the guiding values that permit the implantation of the same, and finally presents a practical plan focused on some of the emphases of the Integral Mission, giving suggestions for its application and some referential models that can serve as guidelines for its applicability.

Counselor: Antonio Carlos Barro 226 palavras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

CAPÍTULO I ORIGENS 19

CAPÍTULO II O CONCEITO DE CRESCIMENTO INTEGRAL 26

1. Espiritualidade 28

2. Encarnação 29

3. Fidelidade 30

4. Conclusão 31

CAPÍTULO III AS DIMENSÕES DO CRESCIMENTO 32

1. Dimensão Numérica 32

2. Dimensão Orgânica 33

3. Dimensão Conceitual 34

4. Dimensão Diaconal 35

5. Dimensão Litúrgica 36

6. Qualidades do Crescimento X Dimensões do Crescimento 38

7. Um exemplo de missão integral 39

7.1 A Clínica Médica 40

7.2 A compaixão de Jesus encarnada 40

7.3 O Impacto Social da Escola 41

7.4 A Visão de Treinamento de Liderança Nacional 42

7.5 O Impacto Espiritual e Social da Rádio 42

8. Conclusão 43

CAPÍTULO IV OS VALORES NORTEADORES DO CRESCIMENTO INTEGRAL 44

1. Ganhando Visão 46

2. Descobrindo os valores que solidificam a visão 48

2.1 Crescer para o alto 48

2.2 Crescer para Fora 49
2.3 Crescer para dentro 51
2.4 Crescer para frente 51
3. Contextualizando A Visão *52*
4. Conclusão *53*

CAPÍTULO V A MISSÃO DA IGREJA À LUZ DO CRESCIMENTO INTEGRAL 57

1. Definindo a Missão da Igreja *57*
1.1 Demonstrando a Complexidade da Questão 57
2. A missão da Igreja em relação a Deus *59*
2.1 Adoração 61
2.2 Oração 61
2.3 Palavra 61
3. A missão da Igreja em relação ao mundo *62*
3.1 Ação missionária simultânea em toda a terra 63
3.2 Serviço de amor ao mundo 64
3.3 Ser a voz profética de Deus nesta terra 65
4. A missão da igreja em relação à comunidade local ➔ voltada para dentro *68*
4.1 Edificação 69
4.2 Comunhão 70
4.3 Mobilização dos crentes na base dos dons 71
5. Conclusão *72*
5.1 Igreja com propósitos *73*
5.2 Igreja em células *74*
5.3 Igreja Presbiteriana de Londrina *74*
5.4 Rede Ministerial *76*

CAPÍTULO VI OS PROCESSOS DO CRESCIMENTO IINTEGRAL 77

1. Visão *79*
2. Equipes Ministeriais *80*
2.1 Unidade espiritual em torno da visão 80
2.2 Diversidade de dons e ações 80
2.3 Encorajamento e parceria 80
2.4 Prestação de contas da vida e valores 81
2.5 Divisão de autoridade 81

2.6 Comunica ao corpo o valor de uma cadeia de comando 82
3. Flexibilidade diante das novas oportunidades 82
4. Uma estrutura que se preocupe mais com pessoas do que com coisas 82
5. Desenvolver mecanismos para perceber a realidade contextual 83
6. Valorização do surgimento de novos ministérios 83
7. A liderança vista como expressão de serviço e não de poder 83
8. Uma estrutura de treinamento focada na missão 84
9. O valor e o perigo do uso das unidades homogêneas. 84
9.1 Entendendo o conceito 84
9.2 A crítica 84
9.3 A aplicabilidade do conceito 85
10. Estrutura física 86
11. Conclusão 86

CAPÍTULO VII A DINÂMICA DO CRESCIMENTO INTEGRAL - TRANSFORMANDO MEMBROS EM MINISTROS 88

1. Um ministério focado na formação de ministros 89
2. O principio do discipulado precisa ser incorporado. 90
3. A prática associada à teoria 91
4. A valorização dos que ministram 92
4.1 A ministração da Ceia do Senhor aos enfermos 92
4.2 A participação dos discipuladores e líderes das células no batismo 92
4.3 O momento da apresntação de um bebê à Igreja 92
4.3 Momentos de imposição de mãos 92
4.4 Momentos de dor 92
5. Um compromisso formal em ajudar os crentes a conhecerem os seus dons espirituais 93
6. A construção de uma linha de treinamento formal voltada para o ministério 93
7. Reforçando a visão de tempos em tempos 97
7.1 Encontros motivacionais 97
7.2 Encontros de formação intensiva 97
7.3 Encontros de líderes de ministério 98
7.4 Feira de ministérios 98
7.5 Videos nos cultos 98

8. Conclusão 99

CAPÍTULO VIII A CÉLULA COMO ESTRUTURA BÁSICA DO CRESCIMENTO INTEGRAL 100

1. Definindo o conceito de célula 100
2. Pastoreio mútuo 102
3. Comunhão 103
4. Mutualidade 103
5. Multiplicação de liderança 105
6. Evangelização 105
7. Parte formal da estrutura eclesiástica 107
8. Conclusão 109

CAPÍTULO IX O PODER PARA CRESCER INTEGRALMENTE – A VIDA DE ORAÇÃO DA COMUNIDADE 110

1. Transformando a oração em seu estilo de vida pessoal 111
2. Construindo um escudo de oração ao redor do ministério 113
3. Construindo um ministério de oração na igreja local 114
3.1 Objetivos específicos 115
3.2 Composição do Ministério de Oração / Estrutura de trabalho 115
3.2.1 Ministérios específicos da Igreja – diretorias e coordenadorias 115
3.2.2 Oração em Pequenos Grupos 115
3.2.3 Sentinelas de oração 116
3.2.4 Eventos especiais 116
3.2.5 Rede de Intercessão 116
3.2.6 Jornada de oração pela construção 116
3.2.7 Vigília de Oração – semanal 116
3.2.8 Jardim de Oração aberto 24 horas 117
3.2.9 Momento de oração nos cultos da igreja 117
3.2.10 Dia de Jejum e oração - Mensal e em situações especiais 118
3.2.11 Estratégia de oração: 119
3.2.11.1 A Igreja Unidaem Oração 119
3.2.11.2 Relógio de Oração 119
3.2.12.3 Boletim de oração 119
3.2.12.4 Oração pelos aniversariantes 119

3.2.12.6 Concerto de oração 119
3.3 Conclusão 120

CAPÍTULO X A RESPONSABILIDADE SOCIAL DE UMA IGREJA QUE CRESCE INTEGRALMENTE 121

1. Uma visão bíblica quanto a nossa responsabilidade social 121
1.1 A responsabilidade social no Velho Testamento 121
1.1.1 O ano do Jubileu 121
1.1.2 O ano sabático 122
1.1.3. Os dízimos e colheitas 122
1.1.3 Os respigos 122
1.1.4 O profetismo de Israel 122
1.2 A responsabilidade social no Novo Testamento 123
1.2.1 A Igreja do Novo Testamento 124
2. A herança evangélica da responsabilidade social 124
3. O pêndulo teológico 127
4. A relação entre evangelização e responsabilidade social 130
5. A dimensão da nossa ação 131
6. Uma reflexão sobre a parábola de Jotão 132
6.1 Quando os bons se omitem, os maus assumem o poder 133
6.2 Bênção ou maldição? 133
6.3 O dinheiro de Baal sempre estará a disposição da implantação do seu governo. 135
6.4 Para servir é preciso sacrificar-se,mas para servir-se é preciso sacrificar 135
7. Uma visão espiritual das estruturas sociais 135
8. Princípios para se construir uma ação social contextualizada 138
8.1 Precisamos estar onde as coisas acontecem. 138
8.2 Engajamento 138
8.3 Universalidade. 138
8.4 A economia divina da suficiência. 139
8.5 Oportunidade. 139
8.6 Cooperação. 139
8.7 Espiritualidade. 139
9. Conclusão 139

CAPÍTULO XI EVANGELISMO COMO ESTILO DE VIDA PESSOAL E COMUNITÁRIO 141

1. Características da evangelização como estilo de vida. 141

1.1 Uma expressão da vida interior dos discípulos. 142

1.2 Estar preparado para responder com a graça às demandas das encruzilhadas da vida 144

2. O papel da liderança em desenvolver o evangelismo como estilo de vida pessoal e comunitário. 145

2.1 Buscando a vida no Espírito 145

2.1.1 Desenvolvendo modelos espirituais 146

2.1.2 Visualizando os atos de Deus 146

2.1.3 Usando o testemunho como ferramenta de proclamação comunitária 147

2.2 Envolvendo-se nas demandas do contexto 148

2.2.1 Almoço entre amigos 150

2.2.2 Segmentos profissionais com Cristo 150

2.2.3 Adolescentes e Mapa 150

2.2.4 Cegos 151

2.2.5 Surdos 151

2.2.6 Projetos voltados para várias faixas etárias 151

2.2.7 Biblioteca comunitária 151

2.2.8 Circo da Vida e Missionários da Esperança 152

2.2.9 Ministério de Visitação 152

2.2.10 Ministério de integração 153

2.2.11 Mídia 153

3. A obra missionária transcultural 153

4. Conclusão 154

CAPÍTULO XII A ADORAÇÃO COMUNITÁRIA E O CRESCIMENTO INTEGRAL 156

1. A busca 158

2. O relato 160

3. A celebração 161

4. A entrega 162

5. Uma conformação renovadora 163

6. O resgate *164*
7. Uma expressão de amor e serviço *169*
8. Conclusão *171*

CONCLUSÃO **172**

BIBLIOGRAFIA **174**

ANEXO CONCERTO DE ORAÇÃO **180**

ANEXO 2 ATIVIDADES SOCIAIS DA PRIMEIRA IGREJA BATISTA DE CURITIBA. **201**

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 - IGREJA COM PROPÓSITOS 73
TABELA 2 REDE MINISTERIAL 76
TABELA 3 O COMPROMISSO DE JESUS COM O HOMEM TODO 123
TABELA 4 O CULTO PARA SOREN KIERKEGAARD 159
TABELA 5 ATIVIDADES CIRCO DA VIDA 202
TABELA 6 SOPÃO 204
TABELA 7 TIPOS DE CESTAS 205
TABELA 8 CESTAS NATALINAS 205
TABELA 9 DOAÇÕES DE VESTUÁRIO 206
TABELA 10 ATIVIDADES SOCIAIS COM DEFICIENTES AUDITIVOS 207
TABELA 11 DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES 207
TABELA 12 EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL 208
TABELA 13 INCLUSÃO SOCIAL 208
TABELA 14 ATIVIDADES DO NÚCLEO DE EMPREGOS 209
TABELA 15 ATIVIDADES MISSIONÁRIOS DA ESPERANÇA 213
TABELA 16 DOAÇÕES MISSIONÁRIOS DA ESPERANÇA 213
TABELA 17 PROFISSIONAIS DO PROJETO MISSIONÁRIOS DA ESPERANÇA 214

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 DIREÇÕES DO CRESCIMENTO 47
FIGURA 2 FATOR MÍNIMO 54

FIGURA 3 PÚBLICO ALVO DE CADA PROPÓSITO 73
FIGURA 4 CASA E TEMPLO 74
FIGURA 5 P E S C A 75
FIGURA 6 MISSÃO DA OITAVA IGREJA PRESBITERIANA DE LONDRINA 75
FIGURA 7 IMPLEMENTANDO AVISÃO 79
FIGURA 8 LÍDER SERVO 83
FIGURA 9 LINHA DETREINAMENTO 94
FIGURA 10 FÓRMULA DE UNIDADE 95
FIGURA 11 JARDIM DE ORAÇÃO 117
FIGURA 12 PARA TUDO VOU ORAR 118
FIGURA 13 ORGANOGRAMA DO MINISTÉRIO DE ORAÇÃO 120
FIGURA 14 LONA DO CIRCO DA VIDACIRCO DA VIDA 203
FIGURA 15 ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO CIRCO DA VIDA 203
FIGURA 16 CORTE DE CABELO CIRCO DA VIDA 203
FIGURA 17 SOPÃO 204
FIGURA 18 FACHADA DA CRECHE 211
FIGURA 19 BERÇÁRIO 212
FIGURA 20 SALA DO MATERNAL 212
FIGURA 21 CORTE DE CABELO MISSIONÁRIOS DA ESPERANÇA 215
FIGURA 22 ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO 215
FIGURA 23 CONSULTA MÉDICA 215

INTRODUÇÃO

Há tempos atrás ouvi um querido amigo, Pr Paulo Solonca[1], contar-me uma experiência que marcou a sua vida. Ele havia se candidatado a ajudar uma missão a introduzir bíblias em países fechados à fé cristã, na África. Estava se preparando para desincumbir-se de sua missão e recebia orientações na África do Sul, nas proximidades de uma região onde um avivamento ocorria há vários anos quando um desejo ardente tomou o seu coração. "Estou tão perto, por que não ver o que Deus tem feito neste lugar?" Fez os arranjos necessários e foi. Seu coração vibrava de ansiedade para poder aprender o mais que pudesse sobre o mover do Espírito Santo naquele lugar. Conheceu tudo o que pôde, ficou impressionado com a obra de Deus e desejoso de saber o segredo de tamanha transformação e como tudo aquilo poderia produzir os mesmos efeitos no seu ministério e Igreja. Por isso, insistentemente ele perguntava ao líder espiritual daquele lugar: qual é o segredo? Aquele sábio ancião lhe disse: - Vou lhe contar o segredo! Venha comigo!

Levou-o a uma pequena choupana, tomou um giz, cuidadosamente desenhou um círculo no chão e disse: "Entre neste círculo e não saia daí sem que tenha resolvido a sua própria vida com Deus. Este é o segredo!"

Muitas vezes, pegamos um livro ou ouvimos um sermão na esperança de que o segredo do sucesso nos seja ensinado passo a passo. Se esta foi a sua motivação ao começar a ler esta monografia, quero desanimá-lo desde agora. Este trabalho não tem como propósito dar-lhe a receita de um ministério bem sucedido, nem ser outro enlatado que possamos usar como receita mágica de crescimento numérico. Mas, é uma tentativa de ajudar a entender a igreja e a sua missão, no sentido mais amplo, que eu chamo de Missão Integral.

Charles Van Engen, em seu livro Povo Missionário, Povo de Deus, diz que há vários parâmetros para se entender a Igreja, destacando os três que mais identificam os movimentos contemporâneos: 1) o da igreja modelo - que usa certas congregações como

1 Pastor da PIB de Florianópolis

exemplos ou modelos para outras; 2) o da amostragem maior – que usa a análise estatística e os estudos sociológicos para ressaltar certos aspectos importantes que talvez se mostrem oportunos;

3) o da pesquisa bíblica - que leva em conta os exemplos, as ordenanças e as verdades proposicionais da Bíblia acerca da igreja[2] e os contextualiza a um povo, em uma determinada época.

Esta última será a nossa proposta, ao refletirmos como uma igreja pode crescer integralmente, retirando das Escrituras motivação, poder e princípios e aplicando-os de modo prático às realidades de uma igreja local, que tem as suas peculiaridades intrínsecas e extrínsecas, pois ela está inserida em uma cultura local, tem sua própria história com uma tradição consolidada e ministra a um povo cuja cultura é própria e tem necessidades específicas.

Não quero dizer que as igrejas modelo não têm o seu valor. No entanto, as suas estratégias, métodos e filosofia levaram em conta todas as variantes de uma localidade, por isso, não podem ser vistas como um pacote pronto que se encaixe em qualquer lugar e em qualquer época.

Nem quero dizer que não se deva levar em conta as descobertas feitas pela amostragem maior, mas que os valores que devem nortear a nossa missão devem ser oriundos da Palavra e os métodos contextualizados à cultura e às necessidades locais.

Na história do meu amigo, ele procurava um modelo, ou um método e o sábio ancião o conduziu a Deus, a sua Palavra e a ele mesmo e eu acrescentaria às necessidades do seu povo.

Creio que a missão integral é uma recondução a Deus, a sua palavra e a nós mesmos, pessoas que carecemos ser trabalhadas e alcançadas pela graça, dirigidas pelo soberano Senhor de nossas vidas e não uma tentativa de conduzir Deus aos projetos, sonhos e motivações do nosso coração.

A missão integral começa comigo e com você, servos de Deus, entrando no círculo, não somente para ter a revelação de Deus, mas para sermos revelados a nós mesmos pelo nosso Senhor.

No centro do círculo, nós nos vemos e vemos a Deus, analisamo-nos com os olhos de Deus, percebemos as pessoas que são o alvo do amor do nosso Deus. Choramos as

2 Charles Van Engen. *Povo missionário povo de Deus*, p. 19.

nossas motivações, que nem sempre são as do nosso Senhor, dar a vida para redenção de muitos!

Por isso, ao começar a leitura deste trabalho quero desafiá-lo, antes de mais nada, a entrar no círculo e deixar que o Espírito do Deus vivo trabalhe primeiro o seu coração para que os valores espirituais se impregnem em sua alma, para que a glória de Deus seja, verdadeiramente, a sua motivação, a espada do Espírito a sua arma, e a amplitude do reino a sua visão.

Só dentro do círculo vemos e entendemos estas coisas.

CAPÍTULO I
ORIGENS

Comecei a ter contato com as idéias e teorias do Movimento de Crescimento da Igreja no final da década de 70. Naqueles dias, como seminarista, estava trabalhando na Junta de Evangelismo da Convenção Batista Brasileira. Aquele era um órgão que tinha como propósito ajudar as igrejas e os pastores a desenvolverem estratégias de ação evangelística nos contextos urbanos e rurais de nosso país. Um dos seus programas eram as chamadas clínicas de Crescimento da Igreja. Pastores eram convidados para conhecerem os princípios básicos do movimento e aplicá-los em suas comunidades locais.

Vejo que Deus tem caminhos maravilhosos, pois através da influência dos missionários Amélio Gianneta, Glendon Grober e Peri Ellys, não somente conheci as principais idéias, como tive a responsabilidade de ajudar na divulgação das mesmas, preparar parte do material das clínicas, estar em algumas delas e avaliar a sua realização.

Ainda que não tivesse tido contato com os escritos do Dr Donald Anderson Mcgavran, suas idéias e comentários dos seus discípulos me foram transmitidos. A partir daí, formulei as ênfases preponderantes que definiram o início do meu ministério pastoral: Primeira, que era minha missão pastoral ter uma visão de fé da potencialidade do crescimento da minha congregação e ajudá-la a desenvolver as estratégias para que o seu crescimento espiritual pudesse ser visualizado no crescimento numérico da congregação. A segunda era que, como líder espiritual da igreja, deveria conduzi-la de tal modo, que pudesse ser uma igreja autopropagadora, ou seja, que tivesse um compromisso com a plantação de novas igrejas.

Apesar desta forte influência que tinha um caráter extremamente pragmático, humano e fortemente estabelecido nas ciências sociais, havia em mim um forte sentido de espiritualidade. Para mim, era impossível pensar em crescimento sem que a glória de Deus pudesse ser contemplada de alguma maneira. Crescimento nunca seria somente a concretização de um planejamento estratégico, pois segundo as palavras do apóstolo Paulo,

crescimento é milagre divino.[3]

Esta consciência vinha da minha própria experiência com Deus, da maneira como a fé havia se implantado em meu coração. Nascido em um lar evangélico, desde cedo pude entender o significado da morte e ressurreição de Jesus. Aos sete anos de idade, pedi o meu batismo na plena consciência de que só havia um Salvador. Mas, aos 12 anos, vivi uma experiência tão intensa da presença do Deus vivo que passaria a nortear a minha relação com Ele para o resto da minha vida. A minha descoberta fora tão simples: Deus fala conosco! Nossa fé é mais do que a crença em certos conteúdos bíblicos, ela é um relacionamento intenso com um Deus vivo que se revela a nós, seus filhos.

Por isso, ao iniciar o meu ministério, eu conhecia todas as minhas limitações! Eu guardava todos os meus medos à flor da pele. De onde viria orientação? Eu sabia que não era a pessoa mais capacitada da face da terra, nem tampouco, a mais experiente. Era um jovem, recém-casado, terminando o seu preparo teológico, à frente de uma igreja estruturada e com mais de 40 anos de existência. Que tipo de ministério eu poderia fazer?

A resposta precisava ser mais do que um mero planejamento estratégico. Meu ministério precisava ser o fruto de um caminhar com Jesus e de uma busca sincera de uma quase criança, de aprender com o mestre a dar passos concretos que pudessem fazer com que o Reino de Deus fosse implantado, com urgência, nesta terra.

O projeto de crescimento da Igreja, a minha visão do que seria a missão, deveriam nascer dos maiores recursos que eu possuía: a minha experiência de identificação com Jesus, a minha consciência de chamada e a palavra de Deus.

Assim como Jesus era animado, confortado e desafiado pela consciência de que o Pai o havia enviado[4], do mesmo modo eu me sentia. Eu não estava ali em meu nome, nem para realizar o meu ministério. Estava ali por ordem do meu Senhor, para fazer o que Ele mandasse, pois eu era apenas servo. Não precisava defender a minha autoridade, nem lutar por minhas idéias, eu precisava ser servo do meu Senhor. A autoridade não era minha, era dele; o ministério não era meu, era dele; portanto, o poder teria de vir dele e a glória seria só para Ele.

Pode parecer estranho para alguns incluir aqui questões de espiritualidade ligadas a missão integral. Mas, como poderíamos pensar em crescimento integral desconectado da

3 1 Co 3:6 Eu plantei; Apolo regou; mas Deus deu o crescimento.

4 Jo 5:37 O Pai, que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim. Jamais tendes ouvido a sua voz, nem visto a sua forma.

espiritualidade, se o próprio crescimento é milagre espiritual? Gosto das palavras do meu orientador em um dos seus artigos que tomo a liberdade de citar:

> Poucos são os autores que têm trabalhado o tema da espiritualidade em relação à missão integral, até mesmo porque o integral com o espiritual parecem não combinar. Integral pressupõe fazer, agir, tomar uma posição mais radical, enquanto que espiritualidade está mais próximo do meditar, refletir, contemplar. Assim, se alguém é integral, não é espiritual e se alguém é espiritual, não é integral. A espiritualidade da missão integral tem que encontrar as suas raízes principalmente e primordialmente na vida e obra de Jesus Cristo. É nas páginas do Novo Testamento que iremos encontrar aquele que nos forneceu não somente a missão mas também a espiritualidade da mesma[5].

Uma terceira vertente que influenciava a minha visão de crescimento era o meu papel diante das necessidades das pessoas ao nosso redor. Um dos dons maiores que possuo é o dom pastoral; sou uma pessoa voltada para pessoas muito mais do que para coisas. Por isso, desde cedo não podia conceber um ministério que não olhasse para a integralidade do ser humano. Meu papel, como servo do Senhor Jesus, era ser instrumento do seu amor salvador em todas as dimensões da vida. Jesus tem uma resposta não só para a salvação eterna, mas também para o ser humano em seu contexto, em suas lutas e sofrimentos, quer sejam eles oriundos dos seus próprios pecados ou das suas dores físicas, emocionais, espirituais e sociais.

Mas uma visão de ministério não pode ser construída somente na subjetividade, ela precisa de um arcabouço teológico. Foi neste tempo que recebi a influência de pensadores evangélicos ligados ao Corpo de Psiquiatras e Psicólogos Cristãos, liderados, àquela época, pelo Psicólogo Ageu Hering Lisboa, e de movimentos no meio evangélico que defendiam a visão do "evangelho todo para o homem todo"[6]. Essa abordagem teológica considerava que o evangelho possuía respostas não somente em termos de eternidade, mas também para a temporariedade das situações que envolvem o ser humano. Estes pensadores evocavam a descrição da missão de Jesus feita por Lucas[7] e a continuidade desta missão através da Igreja, sendo ela, tanto uma comunidade redentiva, por proclamar a salvação eterna em

---

5 A.C. Barro. - *Implicações e Desafios da Missão Integral* ; http://usuarios.lycos.es/matioli/Implmiss.htm; outubro 1998.

6 Máxima usada por várias organizações evangélicas que introduziram no Brasil a visão de uma abordagem holística do evangelho.

7 Lc 4:18 O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, 19 e para proclamar o ano aceitável do Senhor. 20 E fechando o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. 21 Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos.

Cristo Jesus, quanto terapêutica, por ser o grande hospital onde todos nós estamos sendo tratados e curados pelo único médico, Jesus. Ainda que alguns estejam na UTI da vida e outros possam até ser voluntários nos serviços, todos estamos sendo tratados, curados e restaurados tanto nos aspectos eternos, quanto físicos, emocionais, éticos e sociais da vida.

O meu ministério na área do aconselhamento pastoral me levava a entender a realidade desta comunidade terapêutica que é a Igreja e também a perceber que esta não era somente uma missão para os pastores desenvolverem, mas que toda a comunidade deveria entender tanto o seu papel na expansão do Reino quanto na ação terapêutica da Igreja, pois na verdade a comunidade, as pessoas, os relacionamentos de amor e fé poderiam e deveriam ser terapêuticos.

Foi neste tempo que fui impactado pelos escritos de Cecil Osborn em que ele apresentava a idéia de companheiros de jugo, pequenos grupos que se ajudavam mutuamente a crescer emocional e espiritualmente.

Confesso que a idéia me atraía, mas não sabia como poderia implantá-la em minha comunidade. Algumas iniciativas isoladas aconteceram, mas sem muita força ou expressão. Era algo em que cria, mas não sabia como implantar ou desenvolver melhor.

A visão ainda não estava completa, pois a minha tendência era muito mais de uma visão holística no que tange ao lado espiritual, emocional e físico do homem. Esta visão pedia uma resposta social; no entanto, o mundo evangélico daqueles dias estava distante de uma ação social relevante na sociedade.

A partir do fim do século XIX, até depois da primeira metade do século XX, as implicações sociais do evangelho foram negligenciadas, às vezes abandonadas, e mais freqüentemente declaradas de importância secundária por aqueles que se chamavam conservadores ou fundamentalistas. Grupos que até então tinham apoiado a reforma social recuavam para uma posição em que a preocupação básica depois da conversão era a pureza dos indivíduos mais do que a justiça na sociedade.

Uma das razões dessa postura foi a visão do movimento moderno evangelical que via apenas a necessidade de se salvar a alma e não o homem como um todo. Desde os tempos de Dwight L. Moody e mais marcantemente em Billy Sunday, os evangélicos de modo geral viam a sociedade como um navio naufragado e que Deus comissionara os cristãos a usarem os seus botes salva-vidas para o salvamento do maior número de homens.

Talvez, outra razão para este fato tenha sido o surgimento de Teologias de cunho liberal, voltadas para o problema social, provocando assim uma reação extrema dos conservadores.

Uma delas foi o chamado **Evangelho Social,** de orientação filosófica pautada na social democracia, muito discutido desde o final do século passado até aproximadamente a Primeira Guerra Mundial. Sua visão identifica o reino de Deus com a ordem social deste mundo e a preocupação social deve ser a preocupação central do Evangelho. O homem, para eles, não é pecador inato e a redenção é proveniente da consciência dos males sociais.

Outra, mais recente, é a **Teologia da Libertação,** de orientação filosófica marxista, que tem como cerne a visão de que Deus se coloca incondicional e decididamente a favor dos pobres e daqueles cujos direitos lhes são negados. É a chamada **opção preferencial pelos pobres.** A natureza pecaminosa é periférica. O importante é o estado da pessoa no contexto da luta de classes: se é opressora ou oprimida.

Deve-se ter em conta que eu fazia parte da geração que crescera debaixo da ditadura militar brasileira e que, naqueles dias, a visão social da igreja era meramente assistencialista e bem distante do que entendemos hoje por uma ação social relevante.

Na sua grande sabedoria, Deus foi me despertando para perceber este outro aspecto da missão. Ele usou uma ovelha minha, Sílvia Regina Jorge (hoje Kivitz)[8], que me apresentou um projeto desafiador. Ela o chamava de projeto semente. Era um projeto de resgate social de crianças de rua em nosso bairro. Envolvia a retirada daquelas crianças da rua, reencaminhando-as à escola, oferecendo reforço escolar, alimentação, higiene e ampliação de seus horizontes, através da ação da Igreja.

Este projeto pôde abrir os meus olhos para perceber que não adiantava somente pregar o evangelho para aquelas crianças; a nossa ação precisaria ser de resgate e que muitas vezes isto tomaria a forma de enfrentamentos que não poderíamos imaginar. Uma verdadeira batalha espiritual que tomava formas concretas. Primeiro, dentro da própria igreja que não considerava relevante essa missão, pois não contribuía para o crescimento da mesma, poderia ser dispendiosa demais, e colocaria a suas instalações construídas e adquiridas com tanto sacrifício, à mercê de pessoas que não saberiam conservá-las adequadamente. Diante desses pretextos, pairava uma indagação: mas será que, para nós, os evangélicos, as pessoas não são mais importantes do que as coisas? Será que cremos mesmo nisto?

Segundo, as estruturas sociais que lutavam para que o resgate não acontecesse. As escolas da região não queriam aceitar a matrícula daquelas crianças, pois as consideravam nocivas ao seu ambiente institucional. Parecia loucura, mas era isto o que ocorria e só

8 Esposa do conhecido Pastor Ed René Kivitz

conseguimos matriculá-las por imposição da Delegacia de Ensino da Região. Estes e outros enfrentamentos me levaram a refletir e a entender que o resgate social faz parte da minha missão e que batalhas espirituais de resistência à transformação social sempre ocorrerão não somente pelas causas sociais tão discutidas nas ciências sociais, mas por fazerem parte da batalha espiritual que envolve a implantação do reino de Deus.

Uma leitura que gerou grande impacto para esta compreensão foi o livro "*Cidade de Deus, cidade de Satanás: Uma teologia bíblica da igreja nos centros urbanos*" publicado no Brasil pela Visão Mundial, onde Robert C. Linthicum tenta nos alertar para os enfrentamentos espirituais que travamos na missão urbana. E que o resgate pede de nós uma voz profética, mas também ações proféticas que sejam coerentes com a ética e a justiça social, pois não somente pessoas ficam endemoninhadas, mas as estruturas sociais podem ser demonizadas.

Porém devo confessar que ainda luto com dúvidas que me perseguem sobre qual deve ser o nosso papel no contexto político. Até onde devemos ou precisamos estar envolvidos? A nível pessoal, posso encontrar as respostas. Mas a nível institucional, carrego grandes dúvidas que pouco a pouco vêm se dissipando. Recentemente, a minha participação nas conferências do Dr Jun Vencer [9], promovidas pela Sepal no Brasil, têm me ajudado a desenvolver uma teologia que possa responder aos questionamentos do meu coração.

Por fim, a minha visão de missão integral foi ampliada ao entender que as estruturas também precisam crescer para que possamos desenvolver a amplitude da visão que Deus quer nos dar. Para isso, ele tem usado a minha atual Igreja e sua liderança, que tem sido para mim uma bênção. Homens e mulheres capacitados e de várias áreas diferentes da sociedade que têm me ajudado a estruturar a visão em todos os seus aspectos, desde os físicos, pois estamos envolvidos em uma grande obra de construção do novo templo, como na sistematização de métodos para que a visão da igreja possa ser multiplicada na comunidade.

Outro instrumento poderoso tem sido a vida do amigo e colega Pr Roberto Lay, pastor da Igreja Menononita e líder, no Brasil do movimento de Igrejas em Células. Seu trabalho tem me levado a investir em treinamento e desenvolvimento dos membros da nossa Igreja para a realização do seu ministério pessoal, como parte da missão integral da Igreja.

O meu objetivo ao fazer esta reflexão foi mostrar que um projeto ministerial não é fruto de uma única idéia criativa de algum líder carismático, mas é o processo de Deus, na

9 Ex-presidente da Aliança Evangélica Mundial e um dos líderes do Dawn Ministries

experiência de vida de seus servos, consolidando uma teologia que não é meramente especulativa, mas experimental. Que tem sido provada, nos acertos e erros da vida de um líder e que se consolidam em convicções que merecem ser defendidas, implantadas e difundidas. Por isso, elas se transformam em ações práticas, planos, metas e realidades práticas que podem ser sistematizadas e repassadas.

Como dissemos no começo, o nosso propósito não é ser uma Igreja modelo, mas construir através da pesquisa bíblica - que leva em conta os exemplos, as ordenanças e as verdades proposicionais da Bíblia acerca da igreja[10] e os contextualiza a um povo, em uma determinada época – algo que seja relevante e possa ser adaptado a outras realidades.

Espero que nossas pesquisas, experiências e contextualizações possam ajudar você a também construir um projeto ministerial adequado e contextualizado as suas realidades, bem como a perceber em si mesmo as várias maneiras que Deus tem usado para influenciá-lo e moldá-lo neste projeto.

Você é parte do projeto que Deus quer realizar mas antes de moldar um método, ele precisa moldar a vida do líder.

No próximo capítulo você poderá conhecer a base teórica do crescimento integral para depois aplicá-la às nossas realidades como um projeto de ministério.

10 Charles Van Engen. op. cit, p.19.

CAPÍTULO II
O CONCEITO DE CRESCIMENTO INTEGRAL

Se desejamos desenvolver um processo prático de crescimento integral da Igreja, é necessário entender o que isto significa. Na minha percepção, as propostas de crescimento integral surgiram como uma reação ao Movimento de Crescimento de Igreja e a teologia da libertação, especialmente na América latina e posteriormente ganhando força em outras partes do mundo.

As primeiras contribuições do Movimento de Crescimento de Igreja pareciam ter demasiada preocupação com o crescimento numérico, como se este fosse o único referencial possível de crescimento. Com isto, a teologia do crescimento foi relegada a um segundo plano e as contribuições das ciências sociais eram os elementos mais ressaltados. A grande preocupação era descobrir que tipos de elementos faziam uma igreja crescer numericamente, ou pelo menos, atenuavam as dificuldades da proclamação.

Com certeza, precisamos ressaltar os vários avanços que este movimento introduziu no campo da missiologia, promovendo o aprofundamento dos estudos sobre missões, introduzindo um santo otimismo baseado na fé para a expansão do reino de Deus na terra e reconduzindo os esforços missionários para evangelização, que têm como meta prioritária a conversão e o estabelecimento de novas igrejas. [11]

Mas, algumas vozes se levantaram para declarar que alguns fatores precisavam ser levados em conta e que o crescimento numérico não poderia ser a única, nem a última visão de crescimento de uma Igreja, pois se isto acontecesse, certamente este crescimento poderia se tornar amorfo ou mesmo uma aberração da própria natureza da Igreja.

---

11 Para um estudo mais aprofundado destas contribuições veja Orlando E. COSTAS. *The Church and Its Mission*, p. 123-1.

Um dos mais proeminentes defensores do Crescimento Integral da Igreja foi o Dr. Orlando E. Costas.[12] Como teólogo, pastor na América do Norte e missiólogo latino-americano em meio às pressões sociais e políticas do seu tempo, sempre teve de viver entre dois mundos. Ao ler os seus textos, podemos perceber claramente os conflitos dos seus dois contextos; sua teologia sempre foi uma tentativa de encontrar uma unificação interior que pudesse ser expressa na missão exterior da Igreja.

Suas reflexões se tornaram como matrizes para que muitos outros pudessem desenvolver e aperfeiçoar a visão de um crescimento integral da Igreja. Em um dos vários artigos publicados na Revista Mission, podemos encontrá-lo a sintetizar o conceito.

> Se o crescimento é um processo multidimensional, se a igreja é uma realidade dinâmica e complexa e se cresce como criação divina e comunidade de fé, então se faz necessária uma teoria integral de seu crescimento. Portanto, propomos a seguinte definição de crescimento da igreja: É um processo de expansão integral e normal que se pode e deve esperar da vida e missão da igreja como comunidade do Espírito, corpo de Cristo e povo de Deus. [13]

Sua definição enfatiza que o crescimento é um processo de expansão normal e inerente à Igreja como um organismo vivo. Crescimento não é fruto da estratégia de um gestor, mas é uma condição dada por Deus que a capacitou para isto pela vida intrínseca do Espírito nela e isto deve acontecer naturalmente, como conseqüência de ser a Igreja um organismo vivo e vivificado pelo seu Senhor. [14]

Mas ainda que este crescimento seja natural, ele precisa ser entendido como um processo integral que se manifesta em todos os níveis e dimensões da vida da Igreja. Ele não se expressa somente em números, mas na sede de Deus, no prazer de adorá-lo, no evangelismo como um estilo de vida, na ética que se expressará como fruto prático da fé, no amor para com os de dentro e os de fora, como resultado da transformação espiritual que vivemos. E com certeza, poderíamos colocar aqui tantos outros aspectos em que o processo de crescimento expressará a sua integralidade.

---

12 Porto-riquenho, pastor batista e congregacional, doutor em teologia pela Universidade Livre de Amsterdã e diretor de um Seminário em São José, Costa Rica. Faleceu, prematuramente em virtude de um câncer, em 5 de novembro de 1987.

13 Orlando E. COSTAS. *Dimensiones del crescimiento integral de la iglesia*, Revista Mision, julio-septiembro de 1982, p.12.

14 Podemos encontrar os ecos destes conceitos nas teorias mais recentes de crescimento da Igreja, como a proposta, por Schwarz em seu livro, *Desenvolvimento Natural da Igreja*, ou mesmo nos 7 ciclos vitais da Igreja propostos por Peter Wagner, em seu livro *Sua Igreja pode Crescer*. A idéia que permeia esta literatura é de que uma Igreja cresce naturalmente se alguns fatores que denotam a sua vida como organismo, puderem ser percebidos exteriormente.

Inicialmente, os seus escritos caracterizavam o crescimento integral por três qualidades: espiritualidade, encarnação e fidelidade. Mas à medida que desenvolve melhor as suas idéias ele sente a necessidade de construir um modelo teórico do crescimento integral que pudesse ser visualizado em diferentes dimensões. Minha percepção é que não somente novas vertentes do crescimento são integradas, como as qualidades passam a ser os testes referenciadores destas dimensões, uma espécie de padrão crítico que nos permite enxergar não somente se o crescimento está acontecendo, mas também qual a qualidade deste crescimento.

Originalmente eram quatro as dimensões de crescimento propostas: numérica, orgânica, conceitual e diaconal. Posteriormente ele acrescenta uma quinta: litúrgica.

As qualidades são também descritas por Costas como princípios distintivos do Crescimento integral e são elas:

1. Espiritualidade

A espiritualidade tem a ver com a presença, propósito e poder dinâmico do Espírito Santo promovendo vida e crescimento natural.

> Costas vê o Espírito Santo como uma força interna e externa na evangelização a qual levará a igreja a crescer. Força externa significa para ele a unção do Espírito no ministério de Jesus e mais tarde nas vidas dos discípulos. Força interna significa a operação do Espírito Santo habilitando a mente humana a entender os mistérios de Deus, pois sem esta operação, o esforço evangelístico é uma atividade fútil. *Liberating News*, 77-78.[15]

Como teste ou parâmetro da qualidade do crescimento, precisamos olhar para as motivações do crescimento, se elas procedem da ação do Espírito que tem como propósito a glória do Pai e do Filho[16], pois o fim último da missão não é outro se não a glória de Deus.

É necessário também ver se, neste crescimento, podemos perceber a manifestação do fruto do Espírito que é marca preponderante da sua presença e ação. Pois a espiritualidade que gera o verdadeiro crescimento nunca será desconectada da vida, ao contrário poderá ser vista e sentida nos relacionamentos, na ética, nas palavras e ações.

Uma terceira realidade a ser checada por esta qualidade tem a ver com ação. O crescimento demonstra uma fé alegre, vibrante, amorosa e esperançosa?

---

15 A.C.BARRO. *Crescimento de Igreja*, livro ainda não publicado.

16 Jo.16:13 Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras.14 Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vo-lo anunciará.

> Viver no Espírito é experimentar alegria quando tudo em volta parece triste, esperar mesmo quando existe tão pouco para se esperar, se tornar como uma criança em um mundo tão ansioso. É acima de tudo ser capaz de cantar novas canções ao Senhor mesmo que se viva em uma terra estranha.[17]

É interessante perceber que nas pesquisas realizadas por Schwarz, a questão da espiritualidade é contemplada como uma das marcas de qualidade de uma Igreja que cresce. Independentemente de posições teológicas ou de tradições, segundo ele, estas Igrejas experimentam o que ele chama de "uma fé viva e contagiante". Ele afirma:

> O fator determinante é se os crentes de uma determinada igreja vivem a sua fé com dedicação, paixão, fogo e com entusiasmo... O Conceito de paixão espiritual está em contraposição às concepções tão difundidas da fé como "cumprir as obrigações". 18

A esta altura convém lembrar das palavras de Ricardo Barbosa ao definir espiritualidade como espiritualidades, uma ação do Espírito que provoca reações do espírito humano.

> Antes de mais nada é bom lembrar que quando falamos de espiritualidade, não estamos nos referindo apenas à obra do Espírito Santo, mas também aos movimentos do espírito humano na busca por identidade e significado. Neste sentido podemos falar de espiritualidades. Não se trata de uma realidade, mas de várias, com expressões e formas diferentes.[19]

Se ele estiver correto em sua percepção, a verdadeira espiritualidade é o movimento do Espírito em uma Igreja, mas que se encarna e assume formas variadas e apropriadas ao contexto em que a Igreja está inserida, sendo uma resposta divina às necessidades espirituais de um determinado povo em um determinado tempo.

Isto nos leva a segunda qualidade.

2. Encarnação

A encarnação, nas palavras de Costas é:

> o enraizamento histórico de Jesus Cristo na dor e nas aflições da Humanidade e seu impacto no crescimento da Igreja. Em outras palavras, até que ponto a igreja está experimentando um crescimento

17 Orlando E. Costas. *Liberating News*, P.129-0.

18 Christian A. Schwarz. *O desenvolvimento natural da igreja*, p.26

19 Ricardo Barbosa . E*spiritualidade e espiritualidades*: Buscando uma definição. http://www.ejesus.com.br/onASP/exibir.asp?Arquivo=1705

> que reflete a compreensão, o compromisso e a presença de Cristo entre as multidões desamparadas e dispersas? [20]

Em outras palavras, através da encarnação de Jesus podemos conhecer a perfeita imagem do Deus vivo[21], como o seu amor está conectado à nossa realidade, como ele pode ser a resposta a nossa salvação eterna e também ser o senhor transformador da vida e dos contextos em que estamos inseridos. Ela é a espiritualidade concretizada. Por isso a encarnação é a conseqüência natural da espiritualidade.

Ainda que seja mística, no sentido de uma busca de Deus agindo e se manifestando em nós, ela é tremendamente relevante e transformadora, pois é resposta eterna e transcendente de Deus, mas que tem implicações temporais e contextuais.

> Em nossa missão de encarnar, internalizar, proclamar e celebrar o evangelho no mundo de hoje, as boas novas de salvação devem se tornar carne, comunicadas e celebradas em cada pedaço do mosaico humano. [22]

Uma igreja que vive este tipo de fé viva e encarnada crescerá e ao mesmo tempo cairá na graça do povo, da mesma maneira que a Igreja de Jerusalém crescia e era capaz de gerar um santo temor de Deus naqueles que de longe acompanhavam as manifestações visíveis e concretas dessa fé. [23]

3. Fidelidade

A fidelidade é a qualidade que promove coerência entre esta fé encarnada e o propósito de Deus para o seu povo. Através deste teste podemos perceber “em que medida o crescimento que a igreja está experimentando responde às ações de Deus na Bíblia e seus desígnios na história?”[24]

A fidelidade nos ajuda a ver se o crescimento que estamos vivendo é coerente com a palavra de Deus, se ele não é fruto de mero sincretismo religioso produzido pelo nosso esforço de encarnação ou pela mística de uma espiritualidade incoerente com a natureza e o propósito eterno de Deus.

> A missão de Deus não está enraizada numa especulação metafísica e abstrações teóricas inspiradas pela filosofia grega clássica, ao

20 Orlando E. Costas. op.cit, p.13.

21 Cl 1:15 o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;

22 Orlando E. Costas. *The Whole World for the Whole Gospel*, P.396.

23 At 2:47 louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E cada dia acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo salvos.

24 Orlando E. Costas. op. cit., p.13.

> contrário, está baseada em seus *feitos* históricos. Nós desejamos entender o Deus da fé cristã em sua atividade missionária na história, em sua relação com o mundo e em seu plano para a humanidade. [25]

Sem este padrão, o crescimento pode ser uma grande ilusão de religiosidade como a retratada no livro de Ezequiel[26] e definida por Deus como incapaz de produzir vida e salvação, mas é engano perigoso que leva à morte.

Esta checagem nos obrigará a verificar se o nosso crescimento nos conduz a um santo envolvimento com o que Deus está fazendo na história e se a transformação inerente à presença e ao propósito do Deus Santo, pode ser percebida nele. Caso contrário, o crescimento carecerá da fidelidade e com certeza não será reconhecido pelo autor e consumador da nossa fé.

4. Conclusão

Resumindo, esses três aspectos do crescimento referem-se especificamente: em relação à espiritualidade – é o trabalho do Espírito Santo, capacitando o homem a entender os mistérios divinos; em relação à encarnação - é o crescimento que acontece em situações concretas e tem suas raízes no contexto cultural; em relação à fidelidade – é o grau de sintonia da igreja com a palavra e o propósito de Deus na História.

Olhando para estas três qualidades, podemos entender por que Bryant Myers definiu Missão Integral como “o ministério em que a compaixão, a transformação social e proclamação estão inseparavelmente relacionadas.”[27]

No próximo capítulo tentaremos mostrar como estas qualidades se relacionam com o que chamamos de dimensões do crescimento integral .

---

25 Orlando E. Costas. *Christian Mission in the Americas*, p.26

26 Ez 33:30 Quanto a ti, ó filho do homem, os filhos do teu povo falam de ti junto às paredes e nas portas das casas; e fala um com o outro, cada qual a seu irmão, dizendo: Vinde, peço-vos, e ouvi qual seja a palavra que procede do Senhor.31 E eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois com a sua boca professam muito amor, mas o seu coração vai após o lucro.32 E eis que tu és para eles como uma canção de amores, canção de quem tem voz suave, e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra.

27 T. YAMAMORI. *Servindo com os Pobres na América Latina*, p.13.

CAPÍTULO III
AS DIMENSÕES DO CRESCIMENTO

Como dissemos anteriormente, Costas percebeu que era necessário criar um cenário mais visual do que seria o crescimento integral, por isso ele acrescentou às qualidades algumas dimensões deste crescimento, ou seja, de que maneiras este crescimento precisa ser buscado, visualizado e desenvolvido. "A correlação destas qualidades e dimensões em uma situação eclesial específica pode nos dar um perfil de uma igreja em crescimento." [28]

> As qualidades anteriores se correlacionam no modelo com quatro dimensões (posteriormente ele acrescenta a quinta) que se originam da realidade da igreja como comunidade de fé. Dado que a igreja é uma comunidade a caminho do reino de Deus, atenta à palavra de Deus, que vive na comunhão de seus membros e está a serviço da humanidade, o seu crescimento deve apontar para quatro direções (posteriormente cinco): para a reprodução de seus membros, o desenvolvimento de sua vida orgânica, o aprofundamento na reflexão da sua fé, e o serviço eficaz no mundo.[29] (posteriormente, a sua celebração litúrgica)

Cada uma destas dimensões se relaciona com aspectos diferentes da dinâmica missionária da Igreja e, em essência, retrata a sua própria vida.

1. Dimensão Numérica

Esta dimensão retrata o compromisso que cada crente em Jesus Cristo tem de ser ministro de Deus nesta terra, proclamando o evangelho da salvação. Ele é descrito por Costas nos seguintes termos:

> Por crescimento numérico, entendemos a reprodução que experimenta o povo de Deus ao proclamar o evangelho e chamar homens e mulheres ao arrependimento de seus pecados e à fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas; a incorporar a

28 Orlando E. Costas. *A Wholistic Concept of Church Growth,* p.101.

29 Orlando E Costas. Op cit, p 13

> uma comunidade local de crentes os que respondem afirmativamente e incluí-los na luta do reino de Deus contra as hostes do mal.[30]

Nesta dimensão, tais conceitos são muito semelhantes aos do Movimento de Crescimento de Igreja, que entendia que "a vontade de Deus é que homens e mulheres que estão perdidos sejam encontrados, reconciliados com ele mesmo (Cristo) e se tornem membros responsáveis da sua igreja."[31]

Ou ainda, nas palavras de Peter Wagner: "é a vontade de Deus que homens e mulheres venham a ser discípulos de Jesus Cristo e membros responsáveis da sua Igreja."

Crescimento, para Costas, é um sinal fundamental da verdadeira Igreja e confirma que a Igreja está participando na ação expansora do Espírito.[32]

O Crescimento numérico é parte integrante da visão do que significa ser Igreja, especialmente quando a vemos como igreja apostólica e sinal do reino de Deus na terra, todavia, não pode ser visto como a única dimensão da sua missão.

2. Dimensão Orgânica

A dimensão orgânica retrata o desenvolvimento interno da comunidade da fé, pois à medida que crescemos, agregamos pessoas não a uma instituição, mas a um corpo, a um organismo vivo e é isto que nos faz sentir o gosto de ser comunidade de irmãos.

Se uma igreja tem seu enfoque em crescer apenas em número, sem se preocupar com a comunhão, o pastoreio e os relacionamentos, ela será tão impessoal e distante que, naturalmente limitará o seu crescimento numérico.

> Como um organismo vivo, a igreja não pode contentar-se com a mera reprodução de suas células. Tem de preocupar-se com o bom funcionamento de todas as partes que dão forma aos seus sistemas vitais. Estes têm que ser fortalecidos, cuidados, estimulados e bem coordenados para que o corpo possa funcionar adequadamente, a fim de que o labor reprodutivo não seja desperdiçado e alcance a sua meta final. [33]

> Esta dimensão engloba a forma de governo da igreja, sua estrutura financeira, seu estilo de liderança, o tipo de atividades nas quais ela investe seu tempo e dinheiro, e sua celebração litúrgica. [34]

30 Ibid., p.13

31 Donald Anderson MCGAVRAN. Compreendendo o crescimento da igreja, p.52

32 Orlando E. Costas. *The Integrity of Mission,* p. 37.

33 Orlando E. Costas. op cit, p. 13

34 Orlando E. Costas. *A Wholistic Concept of Church Growt,*. P.102.

Nesta dimensão, estamos preparando os santos para o exercício do seu ministério pessoal [35], a fim de que todo o corpo possa funcionar de modo adequado. Na prática, não podemos deixar de incluir todo o esforço que faremos para capacitar e treinar estes ministros de Deus, a fim de que a Igreja seja relevante e sinal do reino em seu contexto.

Outro aspecto tem a ver com a estrutura em si, pois uma igreja precisa saber como, onde e quando exercer o seu ministério. É claro que a Igreja, organismo vivo, é igreja todo o tempo e em qualquer lugar, porém entendemos que seus aspectos comunitários requerem algum tipo de estrutura e, se almejamos que ela esteja em contínuo crescimento, essa estrutura requererá planejamento, criatividade, otimização, investimento e um sentido de relevância no contexto em que está inserida.

3. Dimensão Conceitual

Esta dimensão tem a ver com a capacidade que a igreja possuirá de refletir a sua fé e a responder as razões da mesma. [36] Sem essa capacidade, todo o crescimento que for efetivado em uma geração pode facilmente se perder na geração seguinte.

De fato, esta tem sido a lição da história dos avivamentos: uma geração experimentando crescimento surpreendente e a próxima caminhando pela incredulidade e até desilusão. [37] Por isso, uma igreja que não investe no crescimento da sua capacidade crítica, teológica, objetiva e racional da fé, logo será arrastada por todo o vento de doutrina que a despedaçará; ou ainda, perderá a sua capacidade criativa para continuar a ser relevante, à medida em que o cenário cultural e social do seu contexto se altere.

Costas definiu esta dimensão nos seguintes termos:

> Por crescimento conceitual, nos referimos à expansão na inteligência da fé: o grau de consciência que a comunidade eclesial tem a respeito da sua existência e razão de ser, sua compreensão da fé cristã, seu conhecimento da fonte desta fé (as escrituras), sua interação com a história dessa fé e sua compreensão do mundo que a rodeia. [38]

---

35 Ef 4:11 E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres,12 tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo;

36 1 Pe 3:15 antes santificai em vossos corações a Cristo como Senhor; e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a todo aquele que vos pedir a razão da esperança que há em vós;

37 Este foi um interessante argumento apresentado pelo Dr Luiz Roberto Silvado, a colegas pastores de Curitiba, em conseqüência dos estudos realizados na Inglaterra sobre o pós avivamento em seu semestre sabático.

38 Orlando E. Costas. op cit p.13

Esta dimensão não somente nos capacita para o futuro, mas também nos ajuda a ser a voz profética do presente e a sermos relevantes para nosso povo em nossos dias, pois o mundo que nos rodeia tem sempre novas questões que solicitam novas respostas. Se uma igreja não for capaz de compreender, à luz da fé, o mundo que a rodeia e se não for capaz de encontrar as respostas do nosso Salvador para as ovelhas desgarradas e esfoladas pela vida presente, ainda que seja igreja, elas continuarão sendo ovelhas sem pastor.

É interessante perceber a maneira como Costas via a capacidade de a igreja fazer teologia. Para ele, isto representava o crescer em profundidade de uma geração.

> Atualmente, teologia não é um exercício intelectual para um tempo de lazer; antes, é uma reflexão comprometida. Não é alguma coisa que alguém repete ou memoriza, mas algo que alguém faz. É o conectar dos fins últimos de nossa existência, a partir da perspectiva da fé que alguém possui. É por isso que cada geração tem de pensar através da sua fé. Esta é também a razão por que a teologia não pode ser entendida como equivalente à fé. Teologia necessita relacionar fé ao contexto de vida. Nós fazemos teologia, nós não agimos apenas como um gravador que cita o que os velhos e os novos gigantes estão dizendo. [39]

Crescer na dimensão conceitual é capacitar a igreja a refletir teologicamente a vida, tanto na sua dimensão eterna quanto na temporal, sendo a mesma o sinal do Reino para uma geração e uma cultura.

4. Dimensão Diaconal

Nesta dimensão, a Igreja está preocupada em encarnar Jesus, o seu amor redentor e a sua ética nos contextos da vida.

> Entendemos por crescimento diaconal a intensidade do serviço que a igreja rende ao mundo como mostra concreta do amor redentor de Deus. Esta dimensão envolve o impacto que tem o ministério reconciliador da igreja no mundo; o grau de participação na vida, nos conflitos, temores e esperanças da sociedade, à medida em que seu serviço ajuda a aliviar a dor humana e a transformar as condições sociais. [40]

Isto me faz lembrar de uma pequena comunidade da Alemanha pós-guerra. Com sua cidade destruída, os sobreviventes entenderam que não somente as casas precisavam ser reconstruídas, mas que a igreja daquela comunidade também. Em mutirão se esforçavam para a reconstrução, quando um dos trabalhadores procurou o seu líder para dizer que a

---

39 Orlando E. Costas. *The Integrity of Mission*, p.50

40 Orlando E. Costas. op cit p.13

imagem de Jesus que ficava à porta da Igreja não poderia mais ser usada, pois as mãos haviam sido destruídas em um bombardeio. O líder pensou e logo teve uma brilhante idéia. Tomou um papelão, restos de carvão e escreveu: “nós somos as mãos de Jesus”. “Agora você pode colocá-la no lugar de sempre,” concluiu o líder.

> Sem esta dimensão, a igreja perde a sua autenticidade e credibilidade, visto que somente na medida em que ela dá visibilidade e concreção a sua vocação de amor e serviço, pode esperar ser escutada e respeitada.[41]

Ao olharmos as ações de Jesus nos evangelhos, perceberemos que os desvalidos do seu tempo, aqueles que pareciam não ter lugar nem vez, os que na Índia chamaríamos de “low-cast”, e que, no seu tempo, ele chamou de “pequeninos”, estes eram ministrados de tal maneira que, cheios do Espírito, tocados pela graça, repletos de uma sabedoria que vinha do alto, confundiam a sabedoria dos sábios e poderosos do seu tempo.

Na dimensão diaconal, simplesmente continuamos a obra que ele começou, somos suas mãos, pés, lábios e coração. Ministramos a um povo que, aflito e esfolado pela vida, continua caminhando por esta terra como ovelhas que não têm pastor.

Uma igreja que vive esta dimensão de crescimento referencia de maneira visível e concreta que Jesus é o nosso bom pastor.

Crescer na dimensão diaconal é tornar-se relevante a um povo, em um determinado lugar e em um determinado tempo. É compartilhar a ética em um mundo corrompido e corrupto, é mudar a face das coisas ainda que todos digam ser impossível, é amar mesmo quando não desejam que amemos. É andar na contra-mão da sociedade e instalar nesta terra, nas palavras de John Sttot, “a contra cultura cristã.”

5. Dimensão Litúrgica

A dimensão litúrgica é incluída nos escritos de Costas progressivamente. Em suas explicações sobre as dimensões do crescimento, ele não a cita claramente, mas à medida que desenvolve as suas idéias, principalmente em seu livro “The Integrity of Mission”, onde ele revela a necessidade de aliar a integração da missão com a adoração.

Podemos entender um pouco melhor a sua preocupação, se observarmos a análise do Dr Antonio Carlos Barro sobre o assunto:

> “Costas entende que a Igreja tem dois propósitos principais em seu chamado: liturgia e missão.” O objetivo primário do chamado da igreja é o louvor da glória da graça de Deus (Ef. 1:6). Louvor é a

41 Ibid., p.13

> *raison d'être* da igreja", e "....louvor... é seu propósito principal". Devemos notar que para Costas "Louvor é o propósito por detrás das ações libertadoras de Deus". Portanto, o louvor se torna parte integral e indispensável da missão. Ele vê o louvor como um evento que celebra o passado (libertação), mas também como um evento que chama a atenção para o presente. "Este é o momento no qual a igreja declara publicamente ao mundo tudo que é comunicado aos seus membros - isto é, que as boas novas da salvação que Deus oferece em Cristo estão disponíveis para todos os que ouvem e crêem" O louvor é distinguido em outros dois aspectos. Primeiro, ele é corporativo. Não está sob o domínio do clero mas é um serviço que todo o povo de Deus presta a Ele. Em segundo lugar, louvor reflete o contexto no qual a Igreja está. A razão é que "cantando, orando e confessando a fé na linguagem do povo possibilita às congregações ter um ministério voltado para fora mesmo enquanto eles estão louvando e orando a Deus". [42]

Para Costas, missão e adoração são duas dimensões de uma mesma realidade.[43.] Entendo, assim, que outra dimensão do crescimento da Igreja precisa ser a adoração. Pois crescer na "adoração é mais que celebrar determinados ritos religiosos, é antes de tudo, proclamar e viver uma mensagem".[44]

John Stott faz uma severa crítica às igrejas que tem perdido estas dimensões da sua missão.

> Muitas Igrejas encontram-se enfermas porque têm uma falsa imagem de si mesmas. Elas ainda não chegaram a entender, nem quem são (sua identidade), nem para que foram chamadas (sua vocação). ... Hoje em dia, prevalecem pelo menos duas imagens com relação à Igreja. A primeira delas é a do clube religioso (ou cristianismo introvertido). ... Eles se consideram pessoas religiosas que adoram fazer coisas juntas. Pagam as suas mensalidades e , com isso, sentem-se no direito de gozar certos privilégios. O importante para eles é o status e as vantagens de ser membros do clube. Eles evidentemente se esqueceram da significativa declaração atribuída a William Temple, de que a Igreja é a única sociedade do mundo que existe para o benefício de seus não membros. ... Nossa responsabilidade primordial, no entanto, é nossa adoração a Deus e nossa missão no mundo. [45]

A palavra de Deus nos desafia a ser o adorador em missão neste mundo.

---

42 Antonio Carlos Barro. *Orlando Enrique Costas:* A Mission Theologian on the way and at the crosroads, Tese de Doutorado do Fuller Seminary, Passadena, USA, 1993

43 Orlando E. Costas. *The integrity of Mission*, pg 91

44 Ibid., p.89.

45 John Stott. *Ouça o Espírito Ouça o Mundo*: Como ser um cristão contemporâneo,p. 268-269

6. Qualidades do Crescimento X Dimensões do Crescimento

O modelo que está sendo construído exige que estejamos projetando e avaliando o crescimento ou o decréscimo da Igreja, à luz da inter-relação entre as qualidades do crescimento e as dimensões do mesmo. Isto permite que não somente estejamos avaliando os números do crescimento, mas a qualidade e a efetividade da nossa presença no contexto em que estamos inseridos, como sinal do Reino de Deus na terra.

A princípio, estas avaliações podem parecer a alguns demasiadamente subjetivas. De que maneira poderíamos quantificar a espiritualidade da comunidade? Que tipo de referenciais poderíamos usar para medir se a encarnação do evangelho cresceu ou diminuiu na congregação? Talvez o mais objetivo seria a fidelidade, pois o referencial é a Palavra de Deus. Mas, mesmo assim, a interpretação da mesma pode ser uma variante geradora de desvios nos resultados da avaliação.

Mas quando tentamos traduzir estas qualidades em metas comunitárias e pessoais, descobrimos a maneira de avaliar tanto a dimensão quanto a qualidade do crescimento.

Influenciado pelos relatos de Peter Wagner , referindo-se a pesquisas desenvolvidas por ele com 572 pastores de várias denominações evangélicas americanas , segundo a qual os pastores investiam, em média 22 minutos por dia em oração[46], fiz uma pesquisa com os líderes espirituais da minha comunidade e descobri que 83% deles não gastavam 15 minutos diários em oração.

Apesar de ter sido um processo informal realizado entre os diáconos e líderes de célula, onde tinham que responder sim ou não à pergunta: Nos últimos 7 dias você orou pelo menos 15 minutos por dia ? Não era necessário identificar-se para que as respostas não gerassem constrangimento público.

Ainda que a Igreja estivesse crescendo na ordem de 12 a 15% ao ano, a sua espiritualidade estava em decadência. Se algo não fosse feito para que o perfil mudasse, em pouco tempo, este crescimento não somente cairia, mas a falta de maturidade espiritual apareceria nos conflitos, divisões e falta de visão do Reino, em meio às atividades da Igreja.

De repente, aquilo que parecia ser tão subjetivo pôde ser constatado e avaliado, gerando metas e o surgimento de um ministério permanente de oração que tem por finalidade a conscientização e mobilização da Igreja na busca do vivenciar da bênção e do poder da oração.

---

46 C. Peter Wagner. Escudo de oração, p. 74-5

A adoção da visão do crescimento integral em uma comunidade exigirá criatividade nos métodos de avaliação pois a vivência destas qualidades em suas várias dimensões é essencial para que o milagre do crescimento ocorra naturalmente.

> Valson Thampu, intelectual indiano, descreve as pressuposições conceituais do ministério integral nos seguintes termos: "1) O todo é mais do que a soma das suas partes; 2) O todo determina a natureza das suas partes; 3) As partes não podem ser compreendidas isoladas do seu todo; e 4) As partes de um todo orgânico estão inter-relacionadas dinamicamente ou são interdependentes." O ministério integral, em outras palavras, cria um efeito sinérgico e , de fato, o todo é mais que a soma das partes. O todo (que é a missio Dei) determina a natureza das várias missões da Igreja. O ministério integral implica a identidade e o caráter distintivo das partes em relação ao todo e, ao mesmo tempo, em sua relação inseparável. [47]

A nossa tendência é, de acordo com os dons maiores que possuímos, enfatizar as partes, mas esta avaliação matricial constante entre qualidades e dimensões do crescimento nos ajudará a colocar o todo em destaque e a sermos agentes da Missio Dei, na sua integralidade na terra.

7. Um exemplo de missão integral

Recentemente estivemos em contato com o missionário Joed Venturini e sua esposa Ida, que estão há oito anos trabalhando em Bafatá, uma cidade no interior de Guiné Bissau, país muçulmano localizado na costa ocidental da África. Foram para aquela localidade com o propósito de plantar uma igreja entre o povo Fula, um dos povos não alcançados da janela 10/40.

Ele é médico, ela, educadora e desde que chegaram estão trabalhando uma visão de missão integral, por isso implantaram uma clínica médica, uma escola, uma rádio e naturalmente, uma igreja que é fruto de toda a pregação oral e encarnada do evangelho.

Este testemunho, tanto das realidades do evangelho quanto do amor prático do mesmo, tem provocado impactos e, pelo poder do Espírito Santo, a obra naquela localidade tem crescido, mesmo sendo o local resistente ao cristianismo. Alguns fatos ocorridos no transcurso da missão nos ajudam a entender o impacto de tal pregação.

---

47 Tetsunao Yamamori. *Servindo com os Pobres na América Latina*, p. 14-15

7.1 A Clínica Médica

Tem por filosofia cobrar a consulta dos pacientes, mas em contrapartida fornece os medicamentos. Cada consulta custa cerca de R$ 8,00 [48], muito menos que qualquer clínica da região cobra somente pelo atendimento médico. O povo da regiào sempre está a perguntar como eles conseguem manter o serviço naquele preço. O missionário e atendentes crentes respondem que é porque os cristãos do Brasil pagam parte do atendimento, ao que eles perguntam “por quê, se eles nem nos conhecem?” Simplesmente porque Jesus nos ensinou que deveríamos amar ao próximo como a nós mesmos.

Um dia, um senhor se dirigiu à clínica para ser atendido. Como não havia mais vagas para as consultas, ele foi encaminhado para uma outra clínica. Mas o senhor não quis ir para lá. A atendente pensou que fosse por questões financeiras, por isso ofereceu dinheiro para a consulta e remédios na outra clínica ao que ele respondeu, dizendo que queria ser atendido naquele local pois ele sabia que aquele era um local onde não somente alguém que estudara medicina o atenderia, mas havia ali um poder especial e uma bênção que nenhuma outra clínica poderia lhe dar. Eis aí a grande e excelente oportunidade para a comunicação do caminho que é Jesus.

7.2 A compaixão de Jesus encarnada

Pelo mover do Espírito, um jovem de 23 anos se apresentou para o missionário, dizendo que desejava se converter ao cristianismo. Ele havia sido dado, aos oito anos de idade, pelo seu pai, em pagamento de uma dívida a uma outra família. Ali ele vivia desde então como escravo. Fazia todo o trabalho pesado daquela casa e em troca recebia, uma vez por dia, um prato de arroz. Um dia, pensando em sua fé ficou intrigado, como ele sendo um analfabeto sabia falar três diferentes línguas faladas na região e Deus só sabia falar árabe, pois como muçulmano, havia aprendido que só poderia orar se aprendesse o árabe. Então começou a orar a Deus em sua própria língua. Pedia que se existisse algum outro caminho que ele desconhecia que Deus lhe mostrasse. Uma noite, ele teve um sonho. Alguém de branco apareceu e lhe disse que suas orações foram ouvidas e que ele se dirigisse à missão dizendo que gostaria de se converter, pois o missionário lhe ensinaria este novo caminho. Exatamente como lhe havia sido ensinado no sonho, ele fez.

Algum tempo depois, a família onde vivia descobriu que ele havia se convertido a Jesus e, como maneira de dissuadi-lo da fé, proibiram-no de comer naquela casa. Durante

48 Aproximadamente US $ 2,50

três dias, não comeu nada. Foi agredido a ponto de necessitar levar pontos na clínica médica, onde contou o que estava acontecendo. Foi orientado pelo missionário a deixar aquela casa, pois não existia qualquer lei no país que reconhecesse a escravidão. Motivado pelos seus irmãos, voltou a sua aldeia. Mas ali também não foi fácil; os homens da aldeia, quando descobriram que ele havia se convertido a Jesus, espancaram-no, amarraram-no a uma estaca e o deixaram sem comer por alguns dias. Quando conseguiu se libertar voltou à missão e relatou tudo quanto estava acontecendo. O desejo do missionário era tomar alguma providência ou em relação às agressões ou quem sabe ao abrigo do irmão perseguido. Mas os membros mais antigos da Igreja (ainda que todos ali tivessem poucos anos de conversão), discordaram, afirmando que ele precisava enfrentar esta situação e que iriam orar.

- Mas como? Só orar?

- Por agora sim e Jesus vai nos ensinar o que fazer.

Depois de algum tempo, o jovem sentiu que deveria voltar a sua aldeia e assim o fez. Ao chegar ali encontrou toda a aldeia em chamas, os tetos de palha, ressequidas pelo verão de mais de 50 graus, ardiam por todos os lados. Foi neste momento que o Espírito Santo lhe disse que deveria entrar em uma determinada choupana para resgatar algo do fogo. Ele o fez. Havia uma pequena trouxa que ele salvou.

Qual não foi a sua surpresa ao perceber que dentro daquela trouxa havia uma criança, o neto do chefe da aldeia. Todos lhe perguntavam por que ele tinha entrado exatamente naquela entre tantas choupanas? Por que só retirara a trouxa de roupas? Ao que ele respondia que Jesus o havia mandado para isto.

Mas o maior impacto foi a mensagem encarnada da igreja da missão. Ao saber que toda a comida da aldeia havia sido queimada, enviaram para lá centenas de quilos de alimentos, para supri-los. O chefe da aldeia perguntava por que estavam oferecendo alimentos a eles? O missionário pôde explicar os ensinos do amor de Jesus. ao que ele respondeu : “Nossos irmãos muçulmanos sabem o que nos ocorreu e não fizeram nada, mas vocês fizeram.” Hoje, naquele lugar, existe uma congregação.

7.3 O Impacto Social da Escola

Ida Venturini é educadora e, ao chegar a Bafatá, constatou que 90% das crianças não tinham acesso à educação. Por isso, logo iniciou uma escola na missão. A princípio, com muita dificuldade, conseguiu convencer os pais muçulmanos de 70 crianças, a permitirem que seus filhos iniciassem os seus estudos em uma escola cristã. Outra grande

barreira foi que reservara 50% das vagas para meninas, o que já representava uma drástica mudança para os costumes locais.

Hoje são 400 crianças estudando na escola da missão. As vagas já estão esgotadas antes mesmo de terminar o ano letivo, ou abrirem-se as matrículas. E mais, na premiação dos melhores alunos, o Ministério da Educação foi convidado a participar da entrega dos prêmios. Quando o ministro percebeu que metade dos melhores alunos eram meninas, ficou intrigado. Ao voltar à capital, reuniu o seu comitê e baixou uma resolução normativa para todas as escolas do país, de modo que hoje todas elas reservam 50% das vagas para meninas.

Além disto, a escola tem aberto portas nos lares de famílias muçulmanas para a pregação do evangelho e desmistificação da fé cristã.

7.4 A Visão de Treinamento de Liderança Nacional

Os missionários têm trabalhado na capacitação e transferência de responsabilidades da missão para com os nacionais. Desde cedo eles treinam este referencial, permitindo que adolescentes e juniores sejam os mentores das crianças menores e lhes ensinem a palavra de Deus. E com os adultos, desenvolveram a formação de um conselho local, composto de crentes mais maduros entre os nacionais. Eles têm a missão de orientar as decisões e as ações da missão. Isto tem permitido que, mesmo na ausência dos missionários, ainda que a comunidade cristã seja relativamente nova, o trabalho continue não somente em termos de manutenção, mas em franca expansão.

7.5 O Impacto Espiritual e Social da Rádio

Ali se instalou, com muita dificuldade a única rádio cristã de todo o país. Suas transmissões são feitas em oito diferentes línguas. Para que isto pudesse ocorrer, foi necessária a cooperação entre várias missões que trabalhavam com diferentes povos e línguas da região. Ela tem sido um instrumento de evangelização, integração nacional, em meio às guerras que têm assolado o país, bem como de prevenção de enfermidades, pois a clínica médica mantém um programa diário, para informar e ajudar aqueles que não têm acesso aos recursos de saúde a como lidarem com vários problemas.

O serviço de recados passou a ser ferramenta de comunicação em toda a região e faz com que todos que possuam um rádio estejam ligados à emissora para saberem notícias pessoais, locais ou nacionais.

A confiabilidade da rádio e a seriedade no trato de todos os assuntos de interesse local fazem com que a mensagem do evangelho se torne cada vez mais relevante para aqueles que têm acesso a este meio de comunicação.

Apesar de este modelo não ter sido executado em solo brasileiro, ele é fruto da ação de uma equipe missionária brasileira, que creu que um projeto de missão integral poderia gerar um impacto frutífero em uma comunidade altamente resistente à mensagem do evangelho. Podemos perceber nele tanto as qualidades quanto as dimensões do crescimento integral atuando juntas e permitindo que o Espírito Santo fizesse o que só ele pode fazer: o milagre do crescimento.

Escolhi colocar este caso como exemplo, pois tenho percebido que este é um dos trabalhos de maior sucesso que conheço entre muçulmanos. Geralmente, oito anos de trabalho em uma comunidade islâmica dificilmente permitiriam que uma igreja nacional fosse fundada.

Outra razão foi o fato de que todo este trabalho nasceu de uma visão de fé. Geralmente pensamos que trabalhos assim só podem ser desenvolvidos mediante o suporte financeiro de grandes e ricas instituições. Mas a missão que suporta este trabalho é brasileira e os recursos são escassos, no entanto, o Deus da obra é rico.

Se cremos que Deus tem algo a fazer através de nós, devemos dar os passos de fé para que isto ocorra e, com certeza , aprenderemos a caminhar sobre as águas.

Gosto de lembrar das palavras de Jesus aos discípulos “dai-lhes vós de comer”[49]. Elas foram ditas quando os discípulos desejavam despedir a multidão, pois não tinham dinheiro para alimentá-la. Mas o mestre desejava ensinar a eles e a nós que os recursos necessários para que cumpramos a missão, do jeito dele, sempre virão dele. Precisamos dar os passos de fé em direção à visão que ele nos tem dado e o restante ele fará por nós.

8. Conclusão

As qualidades e dimensões da missão integral são as bases que nos permitem trabalhar pelo crescimento integral da igreja. A aplicação das mesmas nos permitem desenvolver projetos como o de Bafatá, onde todas as vertentes do que significa ser uma igreja viva e relevante para o contexto em que a mesma esta inserida despontam.

No próximo capítulo estaremos olhando para os valores que norteiam o crescimento integral da Igreja .

---

49 Mt:14.16

CAPÍTULO IV
OS VALORES NORTEADORES DO CRESCIMENTO INTEGRAL

Quando assumi o ministério da Primeira Igreja Batista de Curitiba, ela já era uma grande e próspera Igreja com 1014 membros, um patrimônio invejável que lhe permitia sonhar com a expansão, pois há pouco havia se mudado para o novo complexo em construção, em uma área de 12300 m² e uma potencialidade de edificação de mais de 23.000 m². Possuía uma história de arrojo e compromisso com a plantação de igrejas no Estado, um grupo de diáconos e líderes capazes e muito bem treinados.

Nessa época, eu tinha 29 anos de idade e oito anos de experiência ministerial à frente da Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo, que sempre foi uma igreja de vanguarda e que fora a minha casa desde a infância.

Nunca poderia imaginar que 400Km pudessem influir tanto em termos de cultura. Curitiba parecia ser tão próxima da cultura de São Paulo, mas ao mesmo tempo, tão diferente.

Foi então que contextualização passou a ter sentido para mim. Com bem pouco tempo de ministério, comecei a perceber que certos procedimentos tão normais para mim eram interpretados pelo staff em Curitiba de maneira diferente do que imaginava.

Lembro-me de ter enviado um memorando ao secretário da Igreja com alguns pedidos e sugestões que provocou uma ida imediata do querido irmão a minha casa para entender por que me reportava a ele daquela forma. Quando ele começou a expressar os seus sentimentos ao receber aquele papel, eu quase entrei em choque. Como algo tão simples e rotineiro para mim, poderia ter conotações tão diferentes para aquele irmão?

Pouco a pouco, fui percebendo que existiam outras questões que eu desconhecia no modo de reagir, característico da igreja e da nova cultura em que estava inserido. Tenho que confessar que entrei em pânico, senti-me como que pisando em ovos o tempo todo, pois eu era a grande diferença. No primeiro momento em que se vive um choque cultural, a grande

tentação é mudar o mundo ao seu redor para que ele fique parecido com o seu mundo conhecido, mas isto é uma grande tolice, pois quem precisava primeiro aculturar-se era eu.

Se eu não me identificasse com aquele povo, nunca poderia ser seu pastor ou construir qualquer tipo de mudança, que trouxesse algum benefício tanto para a vida deles quanto para o progresso do Reino. Talvez esta tenha sido uma dolorosa, porém preciosa lição.

Outra questão preponderante era que, no coração e na alma dos meus queridos irmãos, eu ainda não era o pastor deles. O referencial interior de pastor registrado em seus corações naturalmente era do Pastor Marcílio Sebastião Gomes Teixeira, que exercera um profícuo ministério ao longo de quatorze anos naquela igreja. Fora ele quem chorara as lutas daqueles irmãos e se alegrara com as suas vitórias.

Outra grande dificuldade é que a igreja não se parecia nem um pouco comigo; seu estilo tanto de culto, quanto de solução de problemas não refletia nem um pouco a minha filosofia de ministério.

Se você já mudou de ministério alguma vez, certamente estará se identificando com estas recordações. Mas a grande pergunta é: O que fazer?

Para mim, a verdadeira contextualização nasce deste sentimento de impotência e até mesmo de incompetência, pois é através dele que Deus começa a quebrar as fortalezas que se instalam em nossa mente e nos impedem de ser flexíveis, primeiro à vontade de Deus e depois em metodologias que nunca foram sacrossantas em si mesmas.

Todo líder que se vê em uma situação assim, só tem uma saída: buscar com uma intensidade maior o discernimento divino e uma inteira submissão ao que o Senhor revelar.

Fiz um programa intenso de visitação aos líderes da igreja, ajudado por uma querida diaconisa que conhecia muito bem a vida e a história da igreja. O meu objetivo era recolher informações que me ajudassem a definir que rumo seguir.

Foi em uma destas visitas que ouvi a coisa mais importante para o início do meu ministério. Almoçando com um destes líderes e ávido por informações que me ajudassem a delinear o projeto inicial de ministério, ele me disse: “pastor, antes de qualquer projeto, eles precisam de um pastor. Pastoreie a igreja, cure as feridas das ovelhas, conduza-as aos pastos verdejantes. Seja você o pastor delas!”

Que palavra sábia! Certamente ela vinha de Deus! Como poderia eu, uma pessoa tão diferente do meu povo e totalmente desconectado da sua história e costumes, presumir que me seguiriam e me apoiariam, pagando os preços que qualquer mudança sempre

impõe, sem que seus corações tivessem sido apascentados, suas feridas tratadas e o amor pastoral tivesse conquistado os seus corações? Certamente eles não me seguiriam.

Todo processo de contextualização exige identificação. Para o pastor, identificação significa mais que conhecer o seu povo, mas identificar-se com os seus problemas, medos, tratar as suas feridas, ser instrumento de Deus para fortalecimento e transformação espiritual de suas vidas e famílias. É desta santa identificação que vem a verdadeira autoridade da liderança pastoral. É mais que um cargo, um título, ou uma atribuição estatutária; é vida, é compromisso, é batalha espiritual a favor do povo que Deus colocou sob sua responsabilidade. Somente após esta santa identificação, qualquer projeto poderá dar certo.

1. Ganhando Visão

George Barna define visão como: "Um retrato mental claro de um futuro prefirível, comunicado por Deus a seus servos-líderes escolhidos, baseado num entendimento real de Deus, de si mesmo e das circunstâncias."[50]

Muito se tem falado de visão para o ministério. Tenho lido muito a esse respeito e sei que todo projeto ministerial nasce de uma visão dada por Deus. Não sei se o mesmo ocorreu com você, mas para mim, a visão não foi uma revelação única e pronta, como se Deus desse uma única ordem e que meus ouvidos tivessem a capacidade de entendê-la por completo, de uma vez.

Creio que a falta deste entendimento tem levado muitos de nós, pastores e líderes, a copiar visões de outros ministérios, pois elas já se apresentam em uma estrutura entendível e aplicável. Porém, nem sempre é adequável ao nosso povo e contexto.

A percepção da visão e do projeto de Deus para a Primeira Igreja Batista de Curitiba neste tempo foi um processo lento, tanto em meu coração quanto na percepção da própria igreja. Deus, na sua sabedoria, caminhou pacientemente comigo, permitindo que cada faceta da visão fosse percebida, apropriada e semeada no coração da igreja.

Este processo demorou alguns anos de ministério, onde cada pedacinho da visão foi sendo incorporado.

Primeiro foi um forte sentimento de que nada poderia ser feito sem uma busca intensa de um relacionamento íntimo com Deus, tanto da minha parte quanto da liderança e de cada membro. Precisávamos crescer para cima, em direção ao Senhor. Sem este crescimento qualquer tipo de ação pareceria sem sentido.

---

50 George Barna. *Líderes em ação,* p. 49

Depois foi a percepção de que um genuíno crescimento espiritual teria efeitos colaterais naturais e constatáveis e, por isso, deveríamos crescer para fora, em direção aos perdidos, tanto de perto como de longe, fazendo da proclamação do evangelho uma das metas prioritárias.

Mas, sem uma forte unidade comunitária e sentimento de corpo, pouco poderíamos alcançar. Por isso precisávamos crescer para dentro, desenvolvendo uma comunhão diferenciada, promovendo a descoberta e o uso dos dons do Espírito Santo e o sentimento de que todos nós somos servos de Deus e que servimos uns aos outros dentro do corpo.

Mais recentemente percebemos que seria impossível manter o foco da visão e ao mesmo tempo estarmos assimilando os novos e mobilizando-os ao exercício do seu ministério pessoal sem que um programa de treinamento sistemático e contínuo fosse desenvolvido e implementado. A princípio, pensava que era uma decorrência natural da implementação das direções do crescimento. Posteriormente, avaliando um material produzido pelo Ministério Igreja em Células do Brasil, pude perceber que outras pessoas o viam como uma das direções do crescimento, ao mesmo tempo em que a própria teoria do crescimento integral o via como necessidade. Por isso, acrescentamos uma quarta direção: para a frente, despertando e treinando os nossos potencias líderes e ministros do Reino para o exercício do seu ministério pessoal.

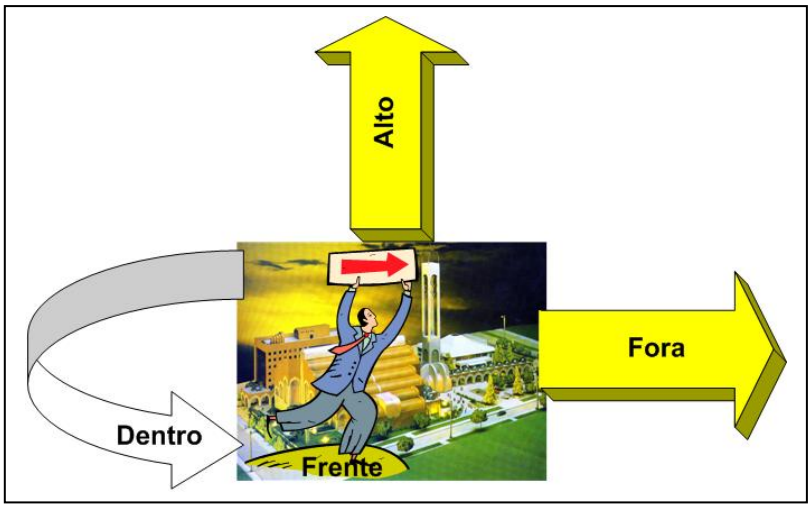


Figura 1
Direções do Crescimento

A forte e crescente impressão que Deus colocava em meu coração é que nosso alvo era crescer para cima, para fora, para dentro e para frente. E que deste sentimento deveriam nascer os projetos e estratégias.

Uma coisa importante ao pensarmos em crescimento integral é que logo percebemos que os processos e estratégias não são o mais importante. O mais importante são as pessoas e como podemos alcançá-las de modo que elas tenham de enfrentar o menor número possível de barreiras não significativas para o Reino, para que o evangelho possa transformá-las mais intensa e rapidamente.

Por isso, o delinear das estratégias viria depois. Antes de propormos atividades, era necessário ampliar o conteúdo desta visão em uma série de valores que norteariam as estratégias.

Cada uma destas ênfases de crescimento determinava valores específicos que precisavam ser clarificados e trabalhados.

2. Descobrindo os valores que solidificam a visão

Se a visão nos aponta para onde ir , os valores nos ajudam a definir como devemos chegar lá, em que bases construiremos o futuro desejável.

Os valores determinam que meios são válidos , necessários, preponderantes e relevantes para o reino. Eles estão constantemente checando as nossas motivações e ações, verificando se tudo o que fazemos, de fato , é para a glória de Deus .

2.1 Crescer para o alto

Crescer para o alto significava, buscar as qualidades de espiritualidade e fidelidade, ao mesmo tempo em que as dimensões litúrgica e conceitual seriam fortalecidas, por isso deveríamos levar a Igreja a crescer em uma adoração viva e contagiante. A adoração precisava ser um valor da vida comunitária, mais que uma atividade ou um processo. De alguma maneira, ainda não muito bem definida, entendíamos que, se desejássemos conduzir o nosso povo a crescer para o alto, em direção ao Senhor, era necessário que o valor da adoração passasse a ser preponderante tanto nos cultos quanto na vida pessoal de cada um. Mas como?

Entendíamos também que, para crescer para o alto, outro valor era imprescindível. Todo o povo de Deus em nossa comunidade, tanto pastores, diáconos, líderes ou mesmo uma criança de nosso ministério infantil precisava conhecer a bênção e o poder da oração. Sem que experimentássemos o poder da oração, nunca de fato cresceríamos para o alto. Mas como fazer isto? Como levar toda a igreja a esta experiência?

E ainda: estes valores sem um lastro, seriam perigosos demais. Por isso, para este nível de crescimento, era necessário um compromisso radical em conhecer a Deus através da sua palavra. Nosso desejo era que o evangelho todo, todas as suas bênçãos, bem como as

suas exigências éticas pudessem ser experimentadas e aplicadas à vida, ao dia-a-dia de cada crente. Como poderíamos conduzir toda a Igreja a estes valores?

Talvez ainda não tivéssemos todas as respostas, mas uma coisa sabíamos: desejávamos ser uma Igreja tremendamente comprometida com o Senhor, que revelasse este profundo compromisso na sua forma e estilo de adoração, na vida de oração e na centralidade da Palavra para nortear toda a ação e experiência .

Mas isto não é o que toda igreja faz? Como isto pode ser parte de uma visão de crescimento integral encarnado? Naturalmente que adoração, oração e palavra devem fazer parte integrante de qualquer ministério. Mas a grande pergunta era se todo o ministério faz destes valores o seu estilo de vida e o perfume preponderante na comunidade. É interessante perceber que às vezes aquilo que dizemos ser valor não se reflete como valor prático na maneira de ser das pessoas ou mesmo de uma instituição.

Ouvi certa feita um líder dizer que é fácil conhecer os valores de uma pessoa. Basta pedir que ele mostre o seu talão de cheques e a sua agenda. Se os seus investimentos têm como concentração o que ele diz ser valor e se sua agenda reflete isto em tempo dedicado àquela questão, então de fato são valores; caso contrário ainda são meras aspirações.

A sua agenda eclesiástica ou pessoal e o orçamento aplicado mostrará onde estão os valores preponderantes de seu ministério.

2.2 Crescer para Fora

O que significa crescer para fora?

Naturalmente significa crescer na ação missionária para o cumprimento da grande comissão, tanto em nossa Jerusalém, quanto em nossa Judéia, Samaria e confins da terra, buscando assim através da encarnação da nossa espiritualidade, buscar o crescimento numérico da igreja local, bem como o desenvolvimento do reino de Deus .

Pode parecer simples demais, mas este era um valor muito importante. Significaria um compromisso inalienável com toda a amplitude da obra missionária, e isto simultaneamente. Hoje em dia existem muitas filosofias procurando convencer a igreja local a fazer uma obra simplesmente especializada e focada na própria vocação. Mas se a nossa vocação é ser igreja, então tudo o que foi designado à Igreja precisa ser nossa vocação e teremos que fazê-lo simultaneamente. E o Senhor, pelo seu Espírito, nos dará os dons necessários para isto bem como os recursos, à medida que nos direciona a esta simultaneidade.

Uma outra razão para o desenvolvimento deste valor era que nos encontrávamos em um estado que recebia missionários e a grande tendência em estados assim é de que

muita gente pense em fazer primeiro missões aqui e depois de terminada a obra regional, expandir para Samaria e confins da terra. Precisávamos lutar para que o valor bíblico da simultaneidade se instalasse.

O crescer para fora tem a ver também com a relevância que a Igreja tem na sua comunidade local. Lembro-me da aula de um professor universitário de Sociologia que pediu que seus alunos colocassem no mapa da cidade as entidades de maior relevância para a sociedade. Os alunos localizaram os hospitais, as creches, as escolas, os postos de saúde, as delegacias de polícia, o corpo de bombeiros, os clubes sociais. Mas nenhum deles assinalou qualquer igreja.

É triste perceber que, para muitas comunidades, a existência ou não de uma igreja pouca ou nenhuma relevância tem. Se desejássemos crescer para fora, deveríamos crescer em relevância sendo o sal e a luz de Deus para a nossa cidade.

Uma outra visão clara que se descortinava diante de nós é que para crescer precisaríamos ser como o fermento de Deus na cidade de Curitiba. Apesar de poucos em número diante da população, poderíamos influenciar e promover crescimento e transformação espiritual e social através de uma rede de servos de Deus, cumprindo a sua missão no lugar em que estavam inseridos pelo próprio Deus. Nós poderíamos ser como o fermento em meio à massa.

Todos os valores anteriores nos levavam a uma conclusão lógica: precisávamos ser uma igreja que não temesse crescer numericamente e, ao mesmo tempo, tivesse um firme compromisso com a plantação de novas igrejas.

Pode parecer estranho não temer o crescimento. Mas este valor era novo para mim mesmo, pois durante muito tempo pensei que a igreja ideal era a que possuía 300 membros e que quando uma igreja atingisse este número, ela deveria desviar todo o crescimento para a plantação de uma nova igreja. Esta minha idéia tinha um grave erro, pois uma igreja viva, comprometida com o Senhor e cumpridora da sua missão neste mundo, não pára de crescer. Crescer é conseqüência da vida. Ela pode plantar dezenas de novas igrejas, mas continuará crescendo, pois a cada dia o Senhor acrescenta os que estão sendo salvos e que congregarão onde aqueles que os ganharam para Jesus congregam, será onde estes novos crentes serão integrados. Então se toda a Igreja vive a evangelização, como parar de crescer?

Pensei durante outro tempo que poderíamos designar os membros que estivessem próximos entre si para formarem uma nova congregação. Mas este era outro erro infantil, pois igreja é família. Confesso que até tentei, mas não funcionou, pois eles eram parte da

história da igreja e não queriam abrir mão dela. Eram vigorosos evangelistas mas não queriam abrir uma nova igreja.

Descobri então que os plantadores de igrejas são homens e mulheres dotados por Deus com um maravilhoso dom e que era o nosso dever descobri-los e mobilizá-los a exercê-lo com todo o apoio da Igreja.

2.3 Crescer para dentro

O terceiro aspecto da nossa visão que precisava ser amplificado com valores era o crescer para dentro. Como decorrência de todos os outros valores, a igreja precisava ser uma comunidade de amor e serviço. Aqui desejávamos buscar o desenvolvimento das dimensões diaconal e orgânica.

Se cada crente não pudesse descobrir através dos relacionamentos o sabor da comunhão cristã, se cada pessoa, não importando a sua idade, cultura, cor ou posição social, não encontrasse seu lugar nesta comunidade, e se não pudéssemos dizer através de ações práticas que as pessoas valem mais do que as coisas, então tudo seria mero discurso religioso.

Alguns acreditam que a igreja deve ter um público alvo específico, mas eu tenho grandes dificuldades em ver isto como verdade do ponto de vista bíblico. Creio que as estratégias evangelísticas podem e devem ser articuladas a grupos homogêneos, mas a Igreja é o lugar da família de Deus. Ela sempre foi e será maior que qualquer estratégia. Ela precisa ser a família de todos os filhos desgarrados de Deus. E isto não somente no contexto da Igreja universal, mas especialmente na igreja visível para que o mundo veja o milagre que só Jesus pode fazer, o de quebrar todo muro de separação entre os homens.

Outro valor imprescindível é que a comunidade de amor precisa ser a comunidade do serviço. Cada crente deve ser desafiado a exercer o seu ministério pessoal na base dos dons do Espírito Santo e aprender assim a ministrar na vida de outras pessoas, ao mesmo tempo em que recebe ministração de outros em sua própria vida. Esta santa mutualidade nos permite vivenciar o significado de ser corpo de Cristo nesta terra, ao mesmo tempo em que expande as nossas potencialidades de fazer diferença neste mundo.

2.4 Crescer para frente

Os valores que norteiam o crescimento para frente têm a ver com a necessidade de discipulado e mentoriamento formal e informal que todo ministro – líder precisa experimentar. Por isso, precisamos aprender e colocar em prática o aprendizado.

O crescimento em profundidade deveria ir além do conhecimento de conteúdos teológicos, mas deveria envolver os relacionamentos, a ética pessoal e a visão que cada crente teria do seu papel pessoal e do corpo na implantação do Reino de Deus.

A apresentação e estilo pedagógico dos nossos materiais tinham de mudar, a maneira como eles eram ministrados também. O discipulado foi introduzido como estilo de vida.

O resultado natural destas ênfases e valores nos permitiram declarar a nossa visão da seguinte forma:

"Levar as pessoas a buscar um relacionamento intenso com Deus, amar e servir ao próximo e fazer Jesus conhecido em todos os povos, no poder do Espírito Santo."

3. Contextualizando A Visão

A visão é o futuro desejável que antevemos pela fé. Os valores são os alicerces sobre os quais edificaremos este futuro desejável. O contexto é o solo onde serão fincados estes alicerces e sobre o qual o futuro desejável será edificado.

Algumas pessoas imaginam que contextualização é uma mera conformação à realidade existente. Isto seria conformar-se com o mundo ao nosso redor. Contextualização é saber como usar as realidades existentes para, a partir delas, construir uma realidade desejável, que é nossa visão.

Tenho aprendido muito com o processo de construção do nosso novo templo. Quando estávamos edificando os alicerces, a primeira coisa que tivemos de fazer foi uma sondagem do solo para saber em que profundidade as estacas que sustentariam os baldrames deveriam ser fincadas. Descobrimos que o solo não era uniforme. Havia lugares em que a resistência era boa e 4m de estacas eram suficientes, mas outros locais possuíam um solo orgânico de baixa resistência e por isso as estacas precisavam ter 15m.

O processo de contextualização é mais ou menos assim. Temos uma realidade desejável a construir. Para isso avaliamos com muito cuidado o solo que Deus nos deu. Não apenas para constatar o que ele é ou possui, mas para saber como e onde os valores, que são as estacas da nossa edificação deverão ser fincados.

Descobriremos que o solo da cultura de uma congregação não é uniforme e por isso alguns valores são facilmente colocados e assimilados, outros precisam de mais tempo e trabalho para que estejam bem fincados e resistam às pressões que a nova edificação produzirá.

Sinto que muitos têm sofrido e têm se frustrado não por falta de uma visão, mas por não entenderem como esta visão pode ser implantada. Nós, pastores, por natureza, temos a tendência de sermos meros realizadores de eventos. Mas os eventos vêm e vão e não constroem por si mesmos o futuro desejável. E o pior é que quando surge um vento forte ou uma tempestade institucional, e elas sempre acontecem, o nosso projeto desmorona, pois estivemos edificando sobre a areia. São os valores que darão a sustentação a nossa visão e por isso eles precisarão ser trabalhados com cuidado, amor, paciência e fé.

Mas por onde começar?

Primeiro saber onde seu povo está em relação aos valores que sustentarão a visão. Identificar os pontos fortes e de fácil edificação, identificar também os pontos fracos, áreas em que o valor é uma aspiração. Estas são as áreas que demandarão mais tempo e cuidado para que o projeto possa andar.

4. Conclusão

Visão e valores precisam andar juntos. A visão sem os valores pode ser uma alucinação, pois não encontrará substrato para a construção da sua realidade. Mas os valores sem a visão não impulsionará o povo a marchar célere rumo a uma realidade melhor e desejável. Por isso é preciso ganhar a visão e construí-la sobre os valores que a norteiam.

No próximo capítulo estaremos olhando para o propósito da missão da igreja na missão integral, isto nos ajudará a checar tanto a visão quanto os seus valores norteadores se estão adequadamente firmados no objetivo maior que é a missio dei .

Schwarz, em seu livro “O desenvolvimento natural da Igreja” nos ensina que o fator mínimo[51] de uma Igreja é o que determina a possibilidade de crescimento da mesma. Ele ilustra este fato através da figura de um barril, constituído de várias aduelas; o tamanho da menor aduela determina a quantidade de água que o barril pode reter.

Os fatores mínimos são alvos estratégicos para a implantação dos valores, mas os valores não são assimilados por programas e sim por transferência de vida, fé e visão junto às pessoas.

Todo processo de implantação da visão é fruto de mentoreamento de pessoas chaves que ajudarão a fincar os alicerces dos valores na comunidade. Por isso, as estratégias devem ser voltadas para esta transferência de valores e nelas devemos colocar a nossa energia.

---

51 Christian A. Schwarz,. *O desenvolvimento natural da igreja :* Guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento, p.52-3



Figura 2
Fator Mínimo

Na Primeira Igreja Batista de Curitiba, o processo de implantação começou pelo desenvolvimento de uma filosofia de ministério colegiado. Entendíamos que a visão, os valores, a missão e o poder precisavam ser compartilhados para que toda a Igreja pudesse ser alcançada.

Entendo como ministério colegiado um corpo de ministros que envolve tanto pessoas de tempo integral ou parcial como líderes locais que assumem funções ministeriais. Em nossa igreja, ele é formado por pastores, diretores da igreja, líderes de ministérios, diáconos, supervisores de células e líderes de células; pois juntos estamos ministrando na vida de toda a igreja.

Por isso, era necessário que eu estivesse próximo deles, que os valores fossem experimentados por eles e isto não poderia ser um processo de decisão parlamentar, mas sim um processo de desfrute do sabor de cada um dos aspectos destes valores, a ponto de que eles deixassem de ser apenas desejáveis e passassem a ser o nosso estilo de vida enquanto líderes.

Para isto, alguns dos nossos encontros precisavam mudar, não poderiam ser apenas para discutir os negócios da Igreja, a sua agenda, ou os conflitos comunitários. Precisava ser um tempo de relacionamentos, de proximidade, de descobertas espirituais e de um semear de sonhos a respeito de nosso futuro desejável.

Mas como fazer isto diante de toda a força inercial dos estilos que já foram assimilados no decorrer de tantos anos? Não havia como mudar abruptamente, mas era possível acrescentar algo novo que permitisse descortinar novos sentimentos. Por isso começamos a ter alguns encontros fora da Igreja com os diáconos e diretores para ministração mútua e crescimento.

Com os pastores, acrescentamos além da reunião semanal de planejamento e prestação de contas uma outra com nossas famílias só para oração e compartilhamento.

Com a liderança das células, instituímos o que chamamos de encontros motivacionais periódicos. Quando semeamos os sonhos, fortalecemos os valores e trabalhamos no implantar da visão.

Os supervisores se reúnem mensalmente com o ministério para compartilharmos e trabalharmos a implantação da visão. Eles, por sua vez, estão em permanente contato com os líderes para apoiá-los e ajudar-nos a manter vivos os valores e a visão.

Estes tempos foram e têm sido a base de toda a transformação que nossa Igreja tem vivido, pois cada um destes líderes que compartilham conosco as cargas do ministério são os que nos ajudam a implantar os valores e a visão.

Pouco a pouco, as estratégias foram surgindo através deste grupo de santos homens e mulheres de Deus.

As células passaram a ser uma meta prioritária por ser uma máquina de guerra leve, ágil e feroz, tanto na evangelização quanto no despertamento dos dons, no ensino da palavra, na vida de oração, e no exercício de seu ministério pessoal.

Outras ferramentas voltadas para grupos específicos foram criadas a partir da visão, dos valores e, ao mesmo tempo, tremendamente identificadas com o nosso povo, os problemas e realidades da nossa cidade.

Uma coisa que tenho aprendido é que o crescimento integral é um processo tremendamente dinâmico e precisa ser vivido todos os dias, pois a comunidade em que estamos inseridos está em constante mutação e nos desafia a novas realidades cada dia.

Meu objetivo em escrever este capítulo não foi apresentar modelos prontos e soluções fáceis, pois não acredito nelas, mas antes de tudo, mostrar como podemos aplicar a visão de crescimento integral em uma igreja local. Tentei passar os valores que norteiam o processo em nossa Igreja para que possam servir como um exemplo prático de algo que precisa ser elaborado em cada comunidade, à luz daquilo que Deus tem colocado como meta e alvo para cada igreja local, reconhecendo que nada acontece sem que a graça de Deus seja derramada sobre nós.

Contextualizar é um desafio permanente para cada pastor em cada sermão e para cada igreja na implantação da sua visão. Que Deus nos dê graça para sermos relevantes às pessoas a quem ele nos enviou para sermos profetas da esperança.

CAPÍTULO V
A MISSÃO DA IGREJA À LUZ DO CRESCIMENTO INTEGRAL

1. Definindo a Missão da Igreja

Uma das questões mais cruciais da Igreja hoje é a definição do conceito de missão. O que se deve entender por missão da Igreja? Quais são a natureza e os objetivos da missão da Igreja?

Responder a esta pergunta se torna assunto de suma importância, pois como pode a Igreja ser o que deve ser, e fazer o que deve fazer, se não tiver uma clara compreensão acerca do sua missão?

1.1 Demonstrando a Complexidade da Questão

Mas se esta é uma questão de suma importância por que nos sentimos em dificuldade para respondê-la? Na minha compreensão, a dificuldade vem do fato de que qualquer resposta das que tradicionalmente são apresentadas nos dão a sensação de que falta alguma coisa que ficou de fora no contexto da missão da Igreja.

Se dissermos que evangelizar é nossa missão, logo nos perguntaremos, mas adorar também não o é? E sucessivamente encontraremos outras questões semelhantes a esta. Como então resolver o problema? Os missiólogos Edward R. Dayton e David A. Fraser fazem um arrazoado interessante e coerente sobre o assunto:

> A Igreja recebeu inúmeras ordens e modelos que revelam o que ela deve ser e fazer. Não é difícil catalogar um grande número de ordens específicas dadas aos cristãos primitivos e as suas igrejas, ordens para se dedicar ao cuidado e orientação das pessoas, ao testemunho, à adoração, ao estudo e à contribuição. Todos esses ministérios foram iniciados com entusiasmo pelos cristãos primitivos, quando eles começaram a se sentir como parte do movimento do Espírito de Deus. De alguma maneira, no meio de todas essas palavras e imagens, a Igreja moderna deve procurar sua identidade pessoal e sua dinâmica para executar seu trabalho no século vinte.

Pense em todas as metáforas e imagens econtradas no Novo Testamento que revelam a natureza e a missão da Igreja: luz, sal, fermento, uma coluna sustentando a verdade, um embaixador de Deus, um semeador, um templo de adoração, um servo carregando uma cruz. A lista é interminável.

Existem tantas coisas importantes e necessárias do que a Igreja deve ser e fazer que o eixo ao redor do qual todas elas giram pode ser perdido caso um aspecto ou detalhe seja tratado à parte dos demais. No final, todas estas imagens e ordens estão baseadas na realidade de que a Igreja é um resultado e ao mesmo tempo um participante da missão de Deus. Deus está agindo na história para realizar Sua redenção e para reinar sobre uma criação rebelde. Deus tem se revelado miraculosamente, agindo na história na pessoa de Jesus Cristo e através do Seu povo. A Igreja é ao mesmo tempo uma conseqüência e uma colaboradora com Deus no processo de estabelecer o reino de Deus aqui na terra.

Expressar e definir a essência da missão da Igreja é delinear a Missio Dei. A missão da Igreja é a sua participação no, e cooperação com o que Deus está graciosamente fazendo, redentivamente, aqui na terra. Deve ser um sinal da presença do reino em palavras e obras. Deve ser uma resposta parcial à oração: "Venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu." É compreender a Igreja na sua realidade com a nova criação de Deus, o corpo de Cristo, o templo do Espírito. A missão da Igreja deve ser compreendida em termos do Deus Triúno, cuja criação e cujo agente no mundo é a Igreja de Jesus Cristo.

Qualquer que seja a missão que se imagine, deve estar firmada e centralizada na realidade e no poder de um Deus amoroso e gracioso, que amou o mundo de tal maneira que mandou Seu único Filho para nos libertar e nos possibilitar participarmos da vida do Seu domínio real, na companhia do Seu povo. O movimento de sair para buscar e salvar os perdidos, para resgatar aqueles que vivem com medo da morte, para alimentar os famintos e para vestir os nus, para libertar os oprimidos, está alicerçado na ação de Deus em mandar o Filho e o Espírito. "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (João 20:21). [52]

É claro que, ao defini-la desta maneira, corre-se o risco de se esquecer da advertência de Stephen Neill: “Se tudo é missão, então nada é missão.” A maneira de evitar este erro, sem dúvida , não é excluir algum aspecto da realidade por considerá-lo alheio ao propósito redentivo de Deus, é melhor afirmar a necessidade de ler os tempos e definir as prioridades da missão em cada situação. [53]

52, Edward R. Dayton; David A. Fraser. *Missões Transculturais , uma perspectiva estratégica* , p. 673-674

53 Padilla, René. *Misión Integral Y Evangelización*; Misión, v. 6 , No 4, p.6, dez. de 1987.

Depois de estudar este assunto, tanto biblicamente quanto teologicamente e entendendo que **a missão da Igreja é realizar o propósito de Deus nesta terra**, o meu sentimento é de que, didaticamente, deveríamos procurar entender as vertentes desta missão à luz dos públicos-alvo a elas relacionados. Por isso, tentarei responder esta questão colocando três diferentes públicos alvos. Qual é a missão da Igreja em relação a Deus? Qual é a missão da Igreja em relação ao mundo? Qual é a missão da Igreja em relação à comunidade visível dos salvos?

2. A missão da Igreja em relação a Deus

> Ef 1
>
> 3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo;
>
> 4 como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor;
>
> 5 e nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade,
>
> 6 para o louvor da glória da sua graça, a qual nos deu gratuitamente no Amado;
>
> 7 em quem temos a redenção pelo seu sangue, a redenção dos nossos delitos, segundo as riquezas da sua graça,
>
> 8 que ele fez abundar para conosco em toda a sabedoria e prudência,
>
> 9 fazendo-nos conhecer o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que nele propôs,
>
> 10 para a dispensação da plenitude dos tempos, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra,
>
> 11 nele, digo, no qual também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade,
>
> 12 com o fim de sermos para o louvor da sua glória, nós, os que antes havíamos esperado em Cristo;
>
> 13 no qual também vós, tendo ouvido a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa,
>
> 14 o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para o louvor da sua glória.

> Is 43. 7 a todo aquele que é chamado pelo meu nome, e que criei para minha glória, e que formei e fiz.
>
> Marcos 12: 30- 31: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças. E o segundo é este: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que esses.”
>
> Jô 4. 23 Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem.
>
> 24 Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.

O que estes textos e muitos outros podem nos ensinar é que a Igreja tem uma missão, ou se preferirem, um propósito definido pelas expectativas de Deus em nos redimir e salvar . O Senhor da Igreja deseja que aquilo que ele realizou por nós e está realizando em nós produza uma reação natural, característica de quem pode ter comunhão com ele pela fé em Jesus. Isto é algo tão certo e natural que muitos de nós, pastores, gastamos grande parte do nosso tempo e trabalho ajudando as pessoas a desenvolverem a sua comunhão com o Senhor.

Por isso, precisamos olhar para a maneira como esta dimensão da missão era experimentada na Igreja do NT.

> Atos 2
>
> 41 De sorte que foram batizados os que receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas;
>
> 42 e perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.
>
> 43 Em cada alma havia temor, e muitos prodígios e sinais eram feitos pelos apóstolos.
>
> 44 Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum.
>
> 45 E vendiam suas propriedades e bens e os repartiam por todos, segundo a necessidade de cada um.
>
> 46 E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração,
>
> 47 louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E cada dia acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo salvos.

Quando olho para as Igrejas do Novo Testamento, especialmente em Atos dos Apóstolos, encontro-a vivenciando esta dimensão pelo menos de três maneiras principais :

2.1 Adoração

Eles celebravam a presença entre eles do Cristo ressuscitado, por isso a adoração era viva e contagiante.

2.2 Oração

Porque Cristo estava presente e agindo entre eles, tinham consciência da bênção e do poder da oração. Tinham aprendido que não poderiam negligenciar este aspecto espiritual e afetivo da fé, pois era através dele que prodígios e sinais aconteciam em meio ao seu povo. O privilégio da oração tinha o significado de que a porta da sala do trono estava aberta para eles.[54]

2.3 Palavra

Mas se este conhecimento de Deus não se tornasse objetivo, respaldado nas Escrituras, ele se perderia nos subjetivismos e nas heresias.

Quando olho para estes relatos sinto-me convocado pelo Espírito, como pastor, a conduzir o rebanho de Deus a uma busca intensa do Senhor para ser para o louvor da sua glória, através da adoração, oração e ensino da palavra.

Creio de todo o meu coração, que esta é a missão da Igreja na sua dimensão para o alto.

Há algum tempo atrás li a respeito de uma pesquisa feita nos Estados Unidos da América sobre a vida devocional dos pastores cujo resultado era assustador. A maioria dos pastores investiam cerca de 15 minutos por dia em oração. Fiquei preocupado com tal revelação e esperançoso de que no Brasil fosse diferente. Por isso, na maioria dos congressos que pregava a pastores pedia aos mesmos que respondessem a uma pesquisa sobre sua vida devocional. Ela era bastante simples, deveriam responder sim ou não à pergunta: Nos últimos sete dias você investiu pelo menos 15 minutos em oração todos os dias? Mais de 80% responderam que não haviam investido nem 15 minutos em oração nos últimos sete dias.

Como esperamos conduzir a Igreja a Deus se nós mesmos não estamos na presença dele?

---

54 Hb 4:16

E quanto à adoração? Quanto precisamos aprender! Delegamos a adoração aos músicos e nos esquecemos que adoração é mais do que música. Pr Marcílio de Oliveira Filho, ministro de música de nossa igreja fez uma observação interessante sobre nós, pastores, pois deixamos aos músicos o encargo de escrever a teologia dos nossos hinos e canções cristãs e depois reclamamos da sua qualidade teológica, mas por que não as escrevemos? Todo avivamento da Igreja produziu uma nova hinódia rica e farta. O que está acontecendo entre nós? Parece que deixamos de entender a adoração como a celebração do Cristo vivo no meio do seu povo, a igreja.

E a palavra? Poucos são os pastores que pregam expositivamente e poucas são as instituições de ensino teológico que ensinam pregação expositiva como algo mais do que pregar em textos grandes ou fazer um comentário bíblico.

Se de fato estes são aspectos relevantes da missão da Igreja, então precisamos investir mais no que é prioritário.

3. A missão da Igreja em relação ao mundo

Também nesta dimensão encontraremos vários textos bíblicos que nos ajudarão a compreender o nosso papel como Igreja no mundo.

> Mt 28
>
> 17 Quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram.
>
> 18 E, aproximando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra.
>
> 19 Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;
>
> 20 ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.

> Mc 16
>
> 15 E disse-lhes: Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura.
>
> 16 Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.
>
> 17 E estes sinais acompanharão aos que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas;

> 18 pegarão em serpentes; e se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e estes serão curados.

> Atos 1
>
> 8 Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samária, e até os confins da terra.

> Mt 5
>
> 13 Vós sois o sal da terra; mas se o sal se tornar insípido, com que se há de restaurar-lhe o sabor? para nada mais presta, senão para ser lançado fora, e ser pisado pelos homens.
>
> 14 Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte;
>
> 15 nem os que acendem uma candeia a colocam debaixo do alqueire, mas no velador, e assim ilumina a todos que estão na casa.
>
> 16 Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.

> Marcos 12: 30- 31: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças. E o segundo é este: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que esses.”

Quando olhamos todos estes textos e a experiência da Igreja no livro de Atos, podemos dizer que a missão da Igreja na dimensão da sua responsabilidade para com o mundo pode ser definida também em três aspectos:

3.1 Ação missionária simultânea em toda a terra

Esta foi uma realidade aprendida mediante a ação do Espírito Santo. Em Atos dois, missões era evangelizar as pessoas no âmbito da convivência pessoal; era um reflexo natural do ensino de Jesus de que a boca fala do que o coração está cheio. Mas no capítulo três, toda Jerusalém está em foco. A sensação que temos é que a Igreja estava ampliando a sua visão em termos da sua responsabilidade na missão de ganhar Jerusalém para Jesus.

Em Atos oito, Samaria é alcançada pelo mover do Espírito através de Felipe. A princípio, a Igreja não se sentia responsável pela salvação de samaritanos, parece até que não entendiam a necessidade de um povo como eles serem salvos, por isso, não foi sem resistência interna que a Igreja passou a compreender que a sua missão envolvia a responsabilidade de alcançar os samaritanos.

Em Atos dez, o cenário se amplia novamente e os confins são incluídos pelo Senhor da Igreja na agenda missionária da Igreja. É interessante notar o movimento de oposição à inclusão deste novo item nas responsabilidades da igreja, em Atos 11 e ainda que este valor pareça ter sido incorporado à igreja, as lutas internas permanecem por vários anos ainda. [55]

Somente movidos pelo Espírito, podemos ampliar a nossa visão. Pois a nossa grande tentação é delimitar a nossa responsabilidade em termos da proclamação do evangelho e, à semelhança do que ocorreu com a igreja de Jerusalém, rejeitarmos o desafio de assumirmos a responsabilidade pela evangelização simultânea da nossa Jerusalém, Samaria e Confins da terra. Essa é missão da Igreja, tanto no seu sentido universal, quanto no seu sentido local.

3.2 Serviço de amor ao mundo

> Marcos 12: 30- 31: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas as tuas forças. E o segundo é este: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que esses.”
>
> Mt 5. 16 Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.
>
> At 2. 45 E vendiam suas propriedades e bens e os repartiam por todos, segundo a necessidade de cada um.

A nossa missão não é somente ser a boca de Jesus na terra, mas é ser as suas mãos. É refletir diante dos homens o seu coração. É missão da Igreja servir em amor este mundo, continuando assim a obra do nosso Salvador nesta terra.[56]

> Os seguidores de Jesus são a Igreja visível, seu discipulado é ação visível através da qual se ressaltam no mundo, ou então não são discípulos. E o discipulado é visível como a luz na escuridão, como

55 Lembre-se da constante ação dos Judaizantes no ministério de Paulo

56 Lc 4:18-19

> o monte que se eleva na planície [...] Não se trata de tornar visível a Deus, mas que as obras de Deus sejam vistas e que os homens glorifiquem as obras de Deus (Mt 5:16). Torna-se visível a cruz e as obras da cruz, torna-se visível a carência e a renúncia dos bem-aventurados[...] Assim vêem a cruz e a Igreja da cruz e crêem em Deus.[57]

A misericórdia encarnada era parte do novo estilo de vida do povo de Deus. Amor não era figura retórica de uma fé que não é capaz de produzir mudança e transformação social, ao contrário, era reflexo de uma graça incomensurável que movia o povo de Deus a expressar de maneira prática o evangelho do amor, socorrendo os aflitos, alimentando os órfãos e viúvas. Era uma contracultura em ação, isto porque a cultura da acumulação e do "cada um que se vire", sempre foi o modus vivendi da humanidade. Mas a Igreja entendia que era a sua missão fazer diferença na vida de outras pessoas, mesmo que isto significasse desapego material e doação pessoal. Eles viveram o que muitos de nós só pregamos: "As pessoas valem mais do que as coisas".

3.3 Ser a voz profética de Deus nesta terra.

> Mt 5
>
> 13 Vós sois o sal da terra; mas se o sal se tornar insípido, com que se há de restaurar-lhe o sabor? Para nada mais presta, senão para ser lançado fora, e ser pisado pelos homens.
>
> 14 Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte;
>
> 15 nem os que acendem uma candeia a colocam debaixo do alqueire, mas no velador, e assim ilumina a todos que estão na casa.
>
> 16 Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.

A Igreja tem perdido a sua relevância na comunidade, pois deixou de ser uma voz profética atuante na sociedade. Ser sal e luz é fazer diferença na sociedade. Quando olhamos o impacto dos avivamentos na transformação moral, espiritual, ética e de justiça social das sociedades em que eles surgiram poderemos entender o papel da Igreja como voz profética em meio a uma sociedade decadente e corrupta.

---

57 Ibid., p.66-7

Nos tempos de Wesley, vamos encontrar o povo buscando a santidade de Deus e lutando também por questões fundamentais da sociedade que permitiram uma maior justiça nas relações de trabalho. A atuação do missionário Willian Carey junto ao parlamento inglês permitiu que as viúvas dos indianos não mais precisassem ser mortas com seus maridos. Movimentos evangélicos lutaram firmemente contra o escravismo. A postura dos negros evangélicos americanos denunciando a injustiça da exclusão social foi voz profética em meio à opressão de uma sociedade que mesmo eivada de valores cristãos, não vivia a essência do cristianismo na sua conduta prática.

Como pastores, somos desafiados pelo Espírito Santo a equipar os santos para que desenvolvam este ministério voltado para fora, para a sociedade e para o mundo[58], mas o que nos impede é o fato de ficarmos tão envolvidos em nossas questiúnculas que nos esquecemos de que o Senhor Jesus nos enviou ao mundo para que o servíssemos em amor, apresentássemos a salvação através do testemunho e da proclamação e que nos tornássemos relevantes neste mundo como sal e luz, sendo uma voz profética nesta terra.

> Muitas Igrejas encontram-se enfermas porque têm uma falsa imagem de si mesmas. Elas ainda não chegaram a entender, nem quem são (sua identidade), nem para que foram chamadas (sua vocação). ... Hoje em dia prevalecem pelo menos duas imagens com relação à Igreja. A primeira delas é a do clube religioso(ou cristianismo introvertido). ... Eles se consideram pessoas religiosas que adoram fazer coisas juntas. Pagam as suas mensalidades e, com isso, sentem-se no direito de gozar certos privilégios. O importante para eles é o status e as vantagens de serem membros do clube. Eles evidentemente se esqueceram ... a significativa declaração atribuída a William Temple, de que a Igreja é a única sociedade do mundo que existe para o benefício de seus não membros. ... Nossa responsabilidade primordial, no entanto, é nossa adoração a Deus e nossa missão no mundo. [59]

Se estas são nossas prioridades, então o que estamos fazendo para alcançar tais objetivos? Como pastores, de que maneira temos sido usados por Deus para mostrar as nossas ovelhas as prioridades da nossa missão? Como temos mostrado o nosso amor ao mundo? Que ações práticas temos desenvolvido que sejam relevantes na sociedade em que estamos inseridos?

E como voz profética o que temos feito? Em um país tão comprometido com o crime organizado e a corrupção temos estado calados.

---

58 Ef 4:11 ss

59 John Stott, Op. cit, p. 268-269

E a nossa obra missionária? Qual é o sentimento de responsabilidade que temos passado? Na qualidade de líderes do povo de Deus, precisamos ajudar a Igreja local a desenvolver também este escopo da sua missão, ajudando-a e capacitando-a a voltar-se para fora.

Disse um irmão que a Igreja tem respondido a perguntas que a sociedade não tem feito e tem se calado diante das questões angustiantes do mundo moderno.

Realmente, temos nos afastado dessas questões porque elas dão trabalho, às vezes nos transformam em pessoas mal vistas diante dos que patrocinam a injustiça, ou mesmo pelo medo das retaliações que toda mudança social pode gerar. Mas fico pensando o que o Espírito Santo desejava nos ensinar ao colocar nos lábios de Paulo as seguintes palavras:

> 1 Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.
>
> 2 E não vos conformeis a este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.[60]

Quantas são as questões modernas que pedem um pronunciamento e uma ação profética da Igreja, tais como: o aborto, o casamento de homossexuais, a abusiva postura dos meios de comunicação de massa em usar o seu poder para promover a quebra dos valores e da solidez da família.

Precisamos, nesta geração, desenvolver modelos referenciais de missão integral que possam motivar e despertar a igreja evangélica brasileira a fim de que cumpra o seu papel, Mas quando estamos dispostos a apagar o preço da nossa missão, coisas tremendas acontecem pois se nos dispusermos a pagar o preço da nossa missão, com certeza muita coisa vai acontecer.

Se nos colocarmos nas brechas espirituais da nossa nação, creio que Deus levantará outros que se unirão a nós para que possamos realizar, em cooperação, a totalidade da missão.

Isto ainda não aconteceu porque a nossa motivação não tem sido a glória de Deus, mas para alguns, tem sido a sua própria glória e o seu próprio reino.

---

60 Rm 12:1-2

4. A missão da igreja em relação à comunidade local ➔ voltada para dentro

Outro aspecto da nossa missão tem a ver com a comunidade local, a própria Igreja. O entendimento de que Deus espera que sua Igreja entenda que tem uma missão para com as pessoas que são a Igreja , o corpo de Cristo e o povo missionário de Deus , fica clara em vários trechos das escrituras.

> Atos 2
>
> 41 De sorte que foram batizados os que receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se quase três mil almas;
>
> 42 e perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.
>
> 43 Em cada alma havia temor, e muitos prodígios e sinais eram feitos pelos apóstolos.
>
> 44 Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum.
>
> 45 E vendiam suas propriedades e bens e os repartiam por todos, segundo a necessidade de cada um.
>
> 46 E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e singeleza de coração,
>
> 47 louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E cada dia acrescentava-lhes o Senhor os que iam sendo salvos.

> Jo 17
>
> 20 E rogo não somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim;
>
> 21 para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.
>
> 22 E eu lhes dei a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um;
>
> 23 eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, a fim de que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste a eles, assim como me amaste a mim.
>
> 24 Pai, desejo que onde eu estou, estejam comigo também aqueles que me tens dado, para verem a minha glória, a qual me deste; pois que me amaste antes da fundação do mundo.
>
> 25 Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheço; conheceram que tu me enviaste;

> 26 e eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer ainda; para que haja neles aquele amor com que me amaste, e também eu neles esteja.
>
> Ef 4
>
> 11 E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres,
>
> 12 tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo;
>
> 13 até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo;
>
> 14 para que não mais sejamos meninos, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela fraudulência dos homens, pela astúcia tendente à maquinação do erro;
>
> 15 antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo,
>
> 16 do qual o corpo inteiro bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor.

A nossa missão, quando nos voltamos para dentro é:

4.1 Edificação

Ajudar os crentes a crescerem na sua fé para, no poder do Espírito Santo, executarem a sua missão no mundo. Auxiliá-los a se aprofundarem tanto na reflexão crítica como na encarnação destes valores, de tal modo, que a fé e a vida possam ser uma mesma experiência, sem a clássica dicotomia entre a vida espiritual e a secular.

Se não cumprirmos a missão em termos de edificação, corremos o risco de ter uma igreja vivendo um cristianismo meramente nominal, sem relevância tanto pessoal, quanto para o mundo.

Por isso, um projeto de crescimento integral deverá desenvolver um processo intencional e claro de treinamento ministerial direcionado a todos os crentes. Se cremos no sacerdócio universal, se entendemos que toda a igreja é um corpo de ministros, então precisamos trabalhar com seriedade na implantação de processos que ajudem a capacitar estes ministros para que cumpram o propósito do Senhor em suas vidas.

4.2 Comunhão

Outra meta a ser alcançada é o crescimento em termos de comunhão pessoal e espiritual do povo de Deus. É o construir do que a Bíblia chama de "unidade do Espírito"[61]. Se somos o corpo do Cristo vivo agindo nesta terra, precisamos vivenciar a dinâmica da unidade do corpo. Precisamos nos sentir um, e ao mesmo tempo, agir sinergicamente como um.

Mas ainda que esta seja uma visão maravilhosa, a nossa experiência prática tem nos ensinado que se não trabalharmos para construir esta unidade espiritual dia a dia, toda a ação da Igreja no desempenhar da sua missão no mundo ficará comprometida.

Quando olho para o livro de Atos dos Apóstolos posso perceber quantas foram as investidas de Satanás para quebrar a unidade espiritual daquela Igreja que impressionava o mundo pelo amor retratado em sua comunhão.

Primeiro o problema entre gregos e judeus, depois as questões com os gentios , e mais à frente, a permanente ação do judaizantes, como que a tentar destruir as iniciativas missionárias do apóstolo Paulo.

Trabalhar para que a unidade no Espírito seja experimentada no contexto da comunidade visível dos salvos, a igreja local, é um propósito permanente da Igreja e que permitirá fazer diferença na comunidade em que ela está inserida, como exemplo do poder de Deus em unir os diferentes e como prova do seu gracioso amor agindo entre os homens.

> A Igreja Primitiva confiava num testemunho duplo, como um meio de alcançar e imprimir sobre um mundo cínico e descrente o *kerygma* (proclamação) e a koinonia (comunhão). Foi a combinação desses dois elementos que tornou seu testemunho tão poderoso e eficiente. Os pagãos poderiam desprezar facilmente a proclamação como simplesmente mais uma "doutrina" entre muitas; mas eles viram que é muito mais difícil rejeitar a evidência da *koinonia*. Foi isto que causou a observação muito citada de um escritor pagão: "Como se amam mutuamente esses cristãos!"[62]

O modelo de comunhão espiritual que buscamos construir é a própria trindade, isto só pode ser construído pela mediação do Espírito Santo que nos permite praticar amor servindo uns aos outros em nome de Jesus.

Nosso papel como líderes do rebanho é ajudar o povo de Deus a construir uma relação de interdependência, onde todos ministram e todos são ministrados por Deus através

---

61 Ef 4:1-3

62 Ray C. Stedman, *A igreja o corpo vivo de Cristo*: A igreja do século vinte recuperando toda a força do cristianismo primitivo! p.107 (Grifo Nosso)

de seus irmãos, ao mesmo tempo em que construímos uma relação de inclusão: a igreja precisa ser de todos.

Tenho muita dificuldade em aceitar alguns modelos contemporâneos de igreja que advogam a proposta de comunidades vocacionadas e especializadas em alcançar determinados grupos sociais específicos, tais como: ricos, pobres, universitários, classe média etc...

Minha dificuldade está no fato de que se somos a expressão visível da Igreja de Jesus, então deve deixar lugar nesta expressão visível para todos quantos ele tem amado e salvo.

É fácil perceber que estratégias voltadas para grupos homogêneos nos ajudam a transpor barreiras que poderiam impedir alguém de receber Jesus como salvador pessoal. Mas a igreja sempre será maior que uma estratégia. Na verdade, a igreja pode implementar, simultaneamente, várias estratégias focadas em grupos específicos, mas precisa também trabalhar pela unidade do espírito que promoverá a inclusão de todos os homens.

Em nossa Igreja, entendemos o poder das estratégias para grupos específicos, por isso incentivamos o surgimento de vários ministérios voltados para eles, tais como: cegos, surdos, deficientes mentais, atletas, advogados, professores, adolescentes, jovens, casais e muitos mais. Mas nunca nos vimos como a Igreja destes ou daqueles. Ao lutar por esta comunhão queremos ser a Igreja de todos, que prega o evangelho todo, para o homem todo e para todos os homens.

Se não tivermos este tipo de maturidade, nunca entenderemos o que é a unidade do Espírito no vínculo da fé. Para quem vive esta falta de maturidade, comunhão será, meramente, a confraria dos semelhantes, o mesmo que um clube social é capaz de fazer. Mas quando vivemos a unidade do espírito, nossa comunhão passa a ser um testemunho do poder de Deus, ao quebrar os muros naturais da sociedade e construir uma nova comunidade, que referencia de maneira parca, porém visível, os novos céus e a nova terra que Jesus está construindo para nós.

Por isso, desenvolver comunhão é meta a ser perseguida permanentemente, e que pedirá da liderança estratégias definidas e criativas para que esta inclusão de fato ocorra.

4.3 Mobilização dos crentes na base dos dons

Se queremos que o povo de Deus realize a missão de Deus nesta terra, precisamos mobilizá-los e capacitá-los, na base dos dons espirituais para que desenvolvam o seu

ministério. Esta é a principal função dos líderes espirituais da Igreja. [63]

A Igreja deve ajudar os crentes a conhecer os seus dons espirituais e a engajar-se em ministérios em possam utilizar estes dons para a implantação do reino e a conseqüente glória de Deus.

Um aspecto das grandes restaurações da verdadeira fé promovidas pela Reforma foi a redescoberta do sacerdócio universal de todos os crentes. Mas ainda que esta doutrina tenha sido tão bem elaborada pelos reformadores, carecemos de iniciativas práticas para ajudar cada crente a descobrir e colocar em prática o seu dom. As palavras de Multmann são de grande valia para a compreensão das razões que fazem esta tarefa tão importante .

> Todos os membros da comunidade messiânica receberam o Espírito e, conseqüentemente, são "ministros". Não existe separação alguma entre os que detêm os ministérios e o povo. Não existe também a menor separação entre o Espírito "ministerial" e o Espírito livre. Tampouco existe uma diferença essencial entre os diferentes carismáticos e suas funções. A viúva, que faz o trabalho de misericórdia, atua tão carismaticamente como o bispo. Porém existem diferenças funcionais, pois unidade não quer dizer de modo algum uniformidade. As energias do Espírito da nova criação são tão pluriformes como a criação mesma. De outro modo não seria possível sua vivificação carismática. Por isso na comunidade reina a liberdade, a diversidade e a fraternidade. É justamente a igualdade de direitos de todos os membros diante de Deus que cria a variada riqueza do seu beneplácito.[64]

Se todos são ministros, então o nosso papel é, de uma maneira intencional, programada e permanente, mobilizá-los através da capacitação e conscientização do seu ministério pessoal.

Ideal seria que todo o exército que Deus colocou sob a liderança dos pastores se tornasse em contingente efetivo na batalha da implantação do reino.

Mas como fazer isto? Na segunda parte deste trabalho, há sugestões de algumas iniciativas para que esta meta possa ser alcançada progressivamente.

5. Conclusão

A missão da igreja, à luz de todas estas considerações pode ser descrita como sendo uma missão que tem um tríplice foco: Deus ➔ o mundo ➔ os crentes. Este tríplice foco exige ações prioritárias:

---

63 Ef 4:11-12

64 J. Moltmann, *La Iglesia Fuerza del Espiritu*., p.350-1. Tradução livre.

Para o alto ➔ adoração, oração e palavra

Para fora ➔ evangelização ➔ serviço de amor ➔ voz profética

Para dentro ➔ edificação ➔ comunhão ➔ mobilização na base dos dons.

Ao refletir sobre este assunto, percebi que o frenesi por modelos alternativos de igreja nada mais é do que uma busca inconsciente por redescobrir todo o escopo da missão da Igreja. E alguns modelos contemporâneos que têm sido implantados, alguns com êxito e bênção; outros com grandes problemas, nada mais são do que a tentativa de responder a esta angustiante questão: Qual é a missão da Igreja? Vários deles, mantendo as suas peculiaridades que se refletem em suas ênfases tentam resgatar esta visão da missão apresentada neste capítulo.

5.1 Igreja com propósitos

Define 5 propósitos como as metas prioritárias da Igreja que são entendidos como a sua missão em essência: Eles podem ser resumidos na tabela a baixo:

OS CINCO PROPÓSITOS DA IGREJA	
1. “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração”	**ADORAÇÃO**
2. “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”	**Serviço**
3. “Ide e fazei discípulos"	**Missões**
4. “Batizando-os"	**Comunhão**
5. “Ensinando-os a observar”	**Discipulado**

Tabela 1 - IGREJA COM PROPÓSITOS

A aplicação destes propósitos é direcionada a públicos alvos específicos como definidos na figura a baixo.

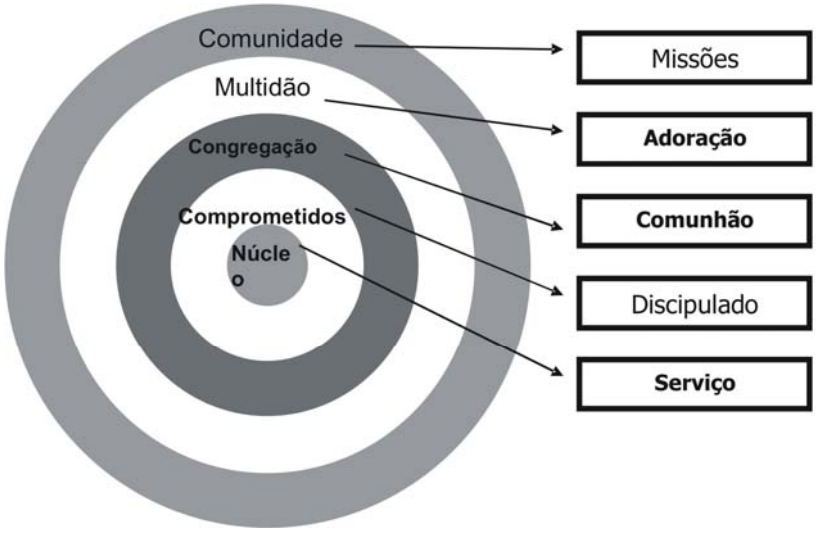


Figura 3
Público alvo de cada propósito

5.2 Igreja em células

Basicamente repete os mesmos itens da Igreja com propósitos, acrescentado a mobilização dos crentes na base dos dons, enfatizando que isto deve ser construído em duas grandes vertentes, as celebrações comunitárias e pequenos grupos nos lares.No Capítulo VIII estaremos dando mais detalhes sobre o processo das células em uma Igreja local.



Figura 4
Casa e Templo

5.3 Igreja Presbiteriana de Londrina

Um outro modelo que podemos considerar é o desenvolvido pela Oitava Igreja Presbiteriana de Londrina. Nele encontramos o acróstico “PESCA”, como um representativo dos focos da missão. Ele pode ser facilmente compreendido pelos gráficos que foram desenvolvidos por sua liderança afim de ajudar os seus membros a compreenderem os alvos da sua missão .



Figura 5
P E S C A

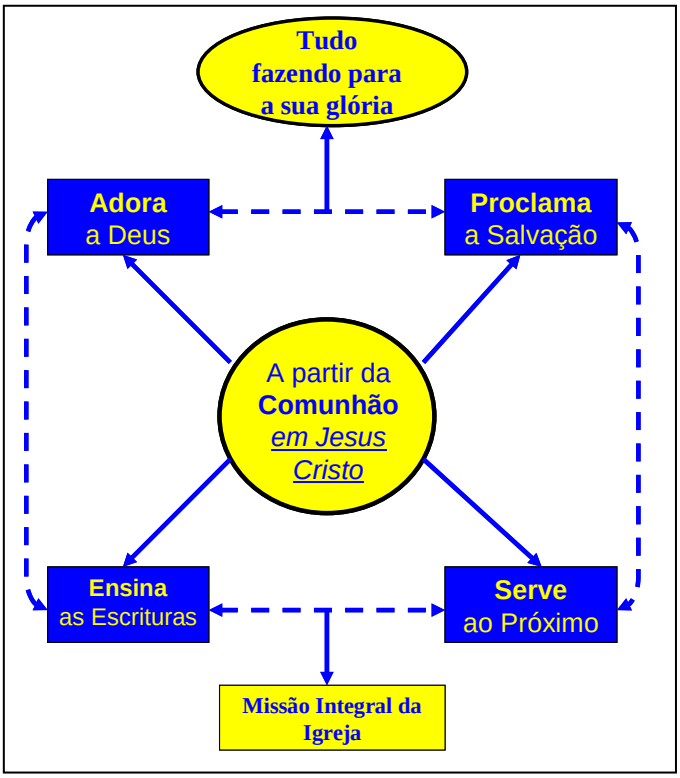


Figura 6
Missão da Oitava Igreja Presbiteriana de Londrina

5.4 Rede Ministerial

A rede ministerial tem, basicamente os mesmos propósitos da missão como enfatizados pelo movimento de propósitos, mas coloca uma ênfase forte na mobilização dos leigos para o exercício de seu ministério pessoal através dos dons. Uma das suas qualidades é ter uma visão de flexibilização das estruturas permitindo que novos ministérios possam surgir com facilidade. Colocamos, à seguir uma tabela que nos ajudará perceber as ênfases deste modelo para o cumprimento da missão.

Estratégia dos 8 Passos Para o Cumprimento da Missão	
Passo 1	**Estabelecer Relacionamentos Íntegros**
Passo 2	**Verbalizar a Fé de Acordo com o Estilo Evangelístico Pessoal**
Passo 3	**Promover Encontros Facilitadores**
Passo 4	**Agregar à Igreja Local (Grande Congregação)**
Passo 5	**Participar do Aperfeiçoamento Prático dos Santos**
Passo 6	**Fazer Parte de um Grupo Pequeno**
Passo 7	**Servir em um Ministério Significativo**
Passo 8	**Administrar os Bens com Boa Mordomia**

Tabela 2
Rede Ministerial

O nosso desafio diante desta realidade é buscar cumprir a missão de forma integral.

No próximo capítulo estaremos vendo como estes aspectos teológicos relativos às qualidades, dimensões, valores e missão, considerados à luz do crescimento integral, se inter-relacionam com os processos práticos da vida da igreja .

CAPÍTULO VI
OS PROCESSOS DO CRESCIMENTO IINTEGRAL

Uma das virtudes do crescimento integral é compreender que a igreja que é um organismo vivo, povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo é também uma instituição humana que se estrutura como tal para poder desempenhar o seu papel na sociedade.

> A igreja não é só espiritual ou comunal em sua natureza, ela é também institucional. Ela tem certas atividades específicas, ritos, regras, alvos etc.., que dão a ela persistência e estabilidade e que a distinguem de outras estruturas da sociedade. [65]

Talvez como uma reação à visão de uma igreja institucional que, historicamente, se afastou tanto da sua natureza orgânica e comunal, perdendo em certo sentido o foco da sua missão, vários autores tem enfatizado apenas o aspecto orgânico da igreja em detrimento do seu aspecto institucional. Mas como ser um organismo sem que uma estrutura, um governo e um plano que seja fruto da compreensão da missão, estejam sendo implementados?

Este foi o questionamento de Costas quanto ao posicionamento teológico de Emil Brunner que via a igreja unicamente como organismo e não como organização.

> Seu livro *"Misunderstanding The Church"*é um ataque frontal a idéia da "eklesia" do novo testamento como uma instituição. De acordo com Bruner a igreja é uma pura comunhão de pessoas sem qualquer caráter institucional. Ele está correto em enfatizar o aspecto comunal como a chave do entendimento da natureza da igreja. Esta comunhão, entretanto, não existe no vácuo, ela toma lugar em situações concretas, consequentemente toma diferentes formas que lhe dão um caráter institucional. [66]

65 Orlando E. Costas. *The Church and It's Mission*; p. 35

66 Ibid., p 36

Mas a reação dos que temem que a igreja seja tão institucional a ponto de perder o foco do seu propósito e missão é válida, e requer de nós líderes, que estejamos estruturando a sua organização de modo a refletir a sua natureza, propósito e missão, sem deixar de avaliar o contexto e suas realidades históricas que demandam adaptações.

Não podemos aceitar que nossas estruturas se tornem tão rígidas, engessadas a ponto de não permitirem que a missão da igreja seja levada a cabo diante da dinâmica das mudanças rápidas do contexto.

Esta foi a veemente advertência feita por Stott:

> A igreja precisa organizar-se de tal maneira que expresse a sua compreensão de si mesma. Suas estruturas devem refletir a sua teologia, especialmente a sua dupla identidade. O defeito mais comum da igreja é ser estruturada para a "santidade" em vez de para a "mundanidade", para o culto e comunhão em vez de ser estruturada para a missão. Foi esta a ênfase do relatório *"A Igreja para os Outros"* (1968), sub-intitulado *"Uma Busca por Estruturas para Congregações Missionárias"* . Nem é preciso concordar com tudo o que está escrito no livro para aceitar que a igreja que é missionária não se preocupa consigo mesma – ela é uma igreja para os outros... Seu centro está fora, e não dentro dela; ela deve viver "descentralizadamente"... A igreja tem que voltar-se para fora, para o mundo... Precisamos reconhecer que as igrejas têm se transformado em "igrejas de espera", para as quais se espera que as pessoas venham. Suas estruturas herdadas ressaltam e encarnam esta visão estática. Pode-se dizer que nós corremos o risco de perpetuar "estruturas de vinda", ao invés de substituí-las por "estruturas de ida". Pode-se dizer que a inércia tem substituído o dinamismo do evangelho e da participação na missão de Deus. Além disso, nossas estruturas estáticas, inflexíveis e centralizadas são "estruturas heréticas", pois elas incorporam uma doutrina herética da Igreja. [67]

Nosso trabalho é construir uma organização que reflita a natureza, o propósito e a missão da Igreja; e que olhando para fora, para os clamores do mundo, possamos cumprir o papel de sermos a expressão visível do seu reino na terra.

Nosso objetivo neste capítulo é ajudar a construir um arcabouço de valores que possam ser usados como norteadores da estrutura organizacional de modo que esta não somente reflita a sua teologia, mas efetivamente facilite os processos da missão.

---

67 John Stott, Op. cit, p. 272

1. Visão

O primeiro valor que precisa ser compreendido é a visão. Como vimos no Capítulo IV, visão é :

> um retrato mental claro de um futuro preferível, comunicado por Deus a seus servos-líderes escolhidos, baseado num entendimento real de Deus, de si mesmo e das circunstâncias. [68]

Esta definição nos ajuda a entender o nosso papel como líderes na condução do povo de Deus. Precisamos antever para onde Deus quer que conduzamos o seu povo, por isso ela é uma visualização do para onde estamos indo e do por que estamos a caminho. Ela precisa ser uma experiência espiritual, um chamado de Deus e uma reflexão da nossa teologia. Deve levar em conta o contexto e a realidade histórica e deve apontar para uma nova realidade futura que estaremos construindo a partir da implementação da mesma.

Já dizia Sêneca: "Quando um homem não sabe a que porto se dirige, nenhum vento é o vento certo" Entretanto, como disse F.A. Mnask : "Como pequenos ribeiros se tornam imensos rios,os sonhos dos líderes moldam, eventualmente, o curso da história"[69].

Toda a estrutura institucional deve ser uma decorrência da visão, caso contrário, ao invés de facilitar os processos do crescimento ela se tornará em empecilho para o mesmo.

Toda visão pedirá um processo continuo para que a mesma seja implantada. Na figura a baixo gostaria de ilustrar as etapas necessárias para que a visão seja implementada. Não pretendo aqui discorrer sobre cada uma das etapas , mesmo porque este seria um trabalho de grande envergadura e que está fora do nosso escopo, mas a ilustração pode ajudar a entende os passos e persegui-los.

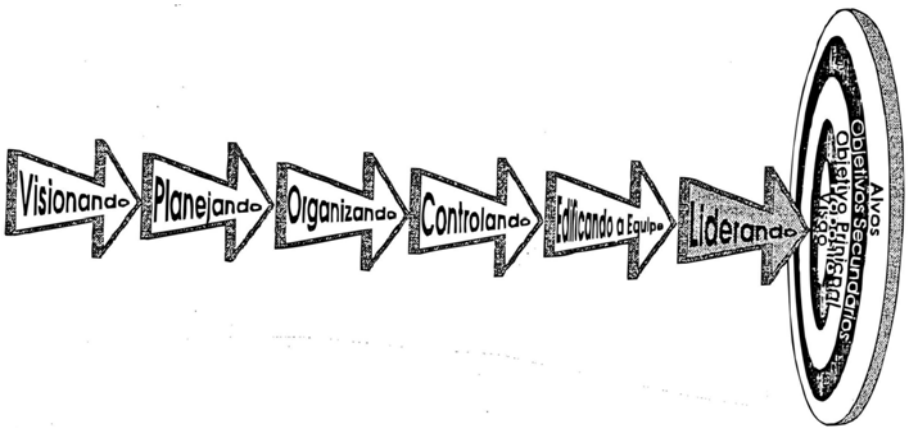


Figura 7
Implementando aVisão

68 George Barna. *Líderes em Ação*, p. 49

69 Roberto A. Orr. *Liderança que Realiza*, p. 103

2. Equipes Ministeriais

Um segundo valor a ser perseguido é de que a estrutura valorize e incentive a formação de equipes ministeriais. Isto porque, além de serem bíblicas, pois o modelo neo-testamentário de liderança e estrutura eclesiástica sempre envolvia o trabalho de equipes de ministério, seja na igreja local ou seja na ação missionária; são tremendamente funcionais.

A funcionalidade das equipes ministeriais é fruto de algumas características a elas inerentes, tais como:

2.1 Unidade espiritual em torno da visão

As equipes ministeriais se formam e se mantém na base da unidade espiritual que a visão proporciona. Cada um dos membros se sente vocacionado e despertado pelo Senhor da obra a trabalhar pela implementação da sua vontade em um determinado tempo e local.

Os companheiros são parceiros da visão e a unidade se implementa apesar das grandes diferenças de personalidade que possam existir no grupo.

Quando uma equipe não se forma em torno da visão a tendência natural é que as diferenças naturais quebrem a unidade do grupo e impeçam o trabalho da equipe.

2.2 Diversidade de dons e ações

Outro aspecto funcional das equipes é a capacidade de aglutinar a diversidade dos dons do Espírito Santo a favor da visão.

Normalmente uma equipe é formada de pessoas com características e dons muito diferentes uns dos outros. Uma equipe de iguais nunca funcionará, pois o valor da equipe é produzir a sinergia necessária para que a visão seja implementada.

Como o corpo humano, com os seus diversos órgãos trabalha sinergicamente para o bem de todo o ser, assim uma equipe utiliza os dons e as ações diversificadas para que a visão seja implementada.

2.3 Encorajamento e parceria

Outro aspecto de funcionalidade das equipes ministeriais é o potencial de encorajamento e parceria das mesmas. Muitas vezes o desânimo diante das lutas ministeriais tem impedido líderes de alcançarem os sonhos de fé que a sua visão representa. Quando trabalhamos em equipe, temos maior possibilidade de não desistir no meio da jornada. Somos motivados, encorajados e fortalecidos pelas parcerias de uma equipe ministerial.

Há algumas semanas atrás, nossa igreja viveu um dos momentos mais difíceis da nossa história, uma viga desabou sobre uma de nossas ovelhas e ela veio a morrer instantaneamente. Enquanto estávamos atendendo os seus familiares, a polícia técnica e os bombeiros faziam o seu trabalho, e um mar de repórteres ávidos pela notícia estavam ao nosso redor.

Eu me sentia abatido, desanimado, oprimido pela constante interpelação da imprensa, mas quando olhei ao meu redor vi toda a equipe ministerial ao meu lado. Sem que ninguém articulasse eles atendiam a imprensa e me poupavam da pressão. Pude ver a diretoria e os diáconos conosco. Nós éramos uma equipe que se encorajava e fortalecia mutuamente.

2.4 Prestação de contas da vida e valores

Outra bênção de se trabalhar em equipes ministeriais é fato de que constantemente estamos prestando contas de nossa vida e valores aos membros da equipe. Eles podem nos ajudar a manter o foco e antes de quaisquer outras pessoas podem perceber prováveis desvios que possam prejudicar o Reino de Deus .

> Um pai da igreja asiática, Basílio da Capadócia, escreveu: “Vivendo só, um homem busca apenas sua própria salvação, o que é contrário à lei do amor ...Ele não tem ninguém que corrija as suas faltas... Deus nos fez como partes delicadas do corpo para depender, cada qual, da ajuda do outro... Os homens em comunidade compartilham os seus dons ... Como pode alguém ser humilde, misericordioso ou paciente, se não houver outra pessoa perto? Os pés de quem você vai lavar, quem você vai servir, como você pode ser o menor entre todos, se você está só? [70]

2.5 Divisão de autoridade

Outra vantagem é a possibilidade de se dividir a autoridade. Para alguns isto pode parecer defeito ao invés de qualidade, mas somente para aqueles que são inseguros para delegar. A delegação agiliza os processos e permite maior mobilização de todo o corpo. Cada líder tem uma capacidade de mobilização de pessoas, cada vez que delego alguma coisa, permito que o líder que recebeu a delegação utilize todo o seu potencial de mobilização do corpo para desincumbir-se da missão e conseqüente autoridade que lhe foram delegadas.

---

70 Shenk, David W; Stutzman, Ervin R. *Criando Comunidades do Reino*, p. 31

2.6 Comunica ao corpo o valor de uma cadeia de comando

Nenhuma equipe pode trabalhar sem que seja delineada de maneira clara a cadeia de comando funcional da mesma. São as chamadas áreas cinzentas que fazem com que os conflitos surjam na equipe, por isso, ainda que todos se ajudem mutuamente, a cadeia de comando vai sendo clarificada não somente para os membros da equipe, mas para toda congregação.

Não sei qual a estrutura que você vai implementar, mas você não pode prescindir da formação de equipes ministeriais.

3. Flexibilidade diante das novas oportunidades

Um dos problemas do planejamento estratégico é a tendência que temos de nos tornarmos inflexíveis diante das novas oportunidades que surjam e que não foram previstas por ele. A inflexibilidade é fruto de uma tentativa de se focar as ações no que é prioritário para a visão, todavia a visão precisa ser um reflexo da missão e não a missão um reflexo da visão.

Quando percebemos a ação do Espírito nos direcionando a rumos que não passaram pela nossa percepção precisamos ser flexíveis para fazer reparos de rota, caso contrário nos afastaremos do propósito do Senhor da igreja em nome da visão.

Foi isto o que ocorreu várias vezes no livro de atos, quando a igreja teve de rever o seu entendimento do que deveriam realizar a medida que novos fatos e pessoas se incorporavam a ela, não importando se eram samaritanos ou gentios, em Jerusalém, Judéia, Samária ou confins da terra.

Sem flexibilidade perde-se a mobilidade .

4. Uma estrutura que se preocupe mais com pessoas do que com coisas

A missão que Jesus nos delegou foi cuidar das suas ovelhas[71], não administrar o seu patrimônio, nem conservar uma tradição. Um dos grandes perigos de qualquer organização é sub-repticiamente desviar-se das pessoas, ou para focar em si mesmas, ou nas coisas.

Precisamos estar sempre revendo nossas ações e decisões para que não incorramos neste erro tão comum mas que nos afasta do propósito da missão.

---

71 Jo 21:15-17

5. Desenvolver mecanismos para perceber a realidade contextual

Se desejamos ser uma igreja voltada para fora, então a nossa estrutura precisa prever meios em constantemente aproximemo-nos da realidade contextual.

Precisamos também checar a efetividade de estratégias antigas de aproximação, pois as realidades do mundo ao nosso redor estão em constante mutação.

6. Valorização do surgimento de novos ministérios

Outro valor a ser perseguido é a valorização do surgimento de novos ministérios no seio da igreja. À medida que desafiamos os crentes a serem ministros de Deus nesta terra e a colocarem os seus dons a disposição do Reino, então, naturalmente, novos ministérios surgirão.

A estrutura eclesiástica não pode se tornar o gargalo do funil. Ela precisa ser a facilitadora dos processos, de modo que cada líder, ou leigo sinta-se motivado a servir no contexto da igreja local.

7. A liderança vista como expressão de serviço e não de poder

Precisamos demonstrar não somente pela doutrina , mas também na estrutura que liderança é expressão do nosso serviço cristão e não uma meio de controle e poder sobre as pessoas.

Algumas vezes líderes se sentem como deputados que estão em exercício da liderança com o propósito de defender os interesses de um determinado grupo, partido, ou facção da igreja. Quando a estrutura propicia este tipo de atitude estamos permitindo que o inimigo fomente doloridas cisões em nosso meio.

Precisamos criar estruturas que permitam a congregação visualizar os seus diretores como líderes-servos, com toalhas nas mãos para enxugar os pés de seus irmãos.



Figura 8
Líder Servo

8. Uma estrutura de treinamento focada na missão

Já escrevemos um capítulo inteiro sobre o tema, mas não poderia deixar de enfatizar este valor. Se sabemos onde queremos chegar e quem pode nos ajudar a chegar lá, então precisamos empreender ações concretas que permitam que todo o povo se coloque em marcha.

9. O valor e o perigo do uso das unidades homogêneas.

Sem dúvida alguma, este é o tema mais controverso e o aspecto mais criticado do movimento de Crescimento de Igreja.

9.1 Entendendo o conceito

> Por muitos anos a School of World Mission, do Fuller Theological Seminary, sob a liderança de Donald McGavran, tem ensinado o princípio da unidade homogênea. Esses preparadores de missionários perceberam que as pessoas se tornam cristãs mais prontamente quando são apresentadas a Cristo por alguém mais assemelhado a elas. O princípio da unidade homogênea observa que as pessoas se sentem mais confortáveis entre outras de seus próprio grupo. Às vezes, uma vila inteira aceita a Cristo depois que um proeminente líder local toma a iniciativa, muito embora a vila tenha resistido vários anos ao esforço meissionário. Por quê? Porque "um de seu próprio povo" se tornou envolvido. Por esta razão, em certas situações, as igrejas podem crescer m ais rapidamente quando há grandes concentrações do mesmo tipo de pessoas na vizinhança. [72]

Ou, nas palavras de McGavran:

> As pessoas gostam de ser cristãs, sem ter que cruzar barreiras raciais, lingüísticas ou sócio-econômicas... Este princípio é uma verdade que não podemos negar. Os seres humanos constroem barreiras em volta de suas próprias sociedades. Ainda mais exatamente, podemos dizer que a forma em que cada sociedade vive e fala, veste-se e trabalha, é suficiente para fazê-la diferente de outras sociedades da raça humana; trata-se de um mosaico em que cada peça tem valor em si mesma.[73]

9.2 A crítica

Talvez um dos mais veementes críticos do uso irrefletido deste conceito certamente foi Orlando Costas, por isso vale a pena entender as suas razões. Elas foram muito bem

---

72 David W Shenk; Ervin R Stutzman. op. cit, p 115

73, Donald McGravan: apud Miranda: *Manual de Crescimento de Igreja* p 167

condensadas por Antonio Carlos Barro em sua tese de doutorado apresentada no Fuller:

> Seu criticismo é voltado contra Wagner e seu livro, *Our Kind of People* (Nosso tipo de gente). Costas não concordou com a utilização por parte de Wagner, de uma aproximação pragmática na sua visão de grupos étnicos, isto é, utilizar a situação para fazer estudos de caso de rápido crescimento da igreja. Em segundo lugar, ele argumenta que os argumentos de Wagner refletem uma falta de sensibilidade histórica quando ele falha em perceber porque "igrejas de negros e de outras minorias raciais vieram a existir em primeiro lugar". Em terceiro lugar, a tese de Wagner sofre de uma hermenêutica rasa quando ele interpreta mal os dados bíblicos, usando a doutrina da criação como um endosso para a unidade homogênea. Além disso, Wagner esta enganado quando cita Jesus como um estrategista de Unidades Homogêneas.[74]

A minha maior dificuldade não é usar as constatações sociológicas das unidades homogêneas como estratégia evangelística, mas construir igrejas homogêneas. Se a igreja local é uma expressão visível do reino de Deus na terra, então deve haver nela lugar para todos os homens. Uma igreja que se sinta especializada a trabalhar somente com pessoas de uma certa faixa etária e com um determinado nível sócio-econômico e que aconselhe os convertidos da favela a fazerem a sua igreja na favela pois eles tem a visão de ganharem somente os ricos para Jesus, perdeu a sua identidade como pés,mãos e boca de Jesus nesta terra.

Não vejo problema em desenvolver estratégias focadas em advogados, médicos, jovens etc.. Mas tenho dificuldades de entender que não haja lugar para qualquer outro tipo de pessoas nestas igrejas.

9.3 A aplicabilidade do conceito

> Costas, apesar de seu severo criticismo, ainda percebe que este princípio tem algum valor. "Na minha opinião", diz ele, "o princípio das unidades homogêneas é um conceito que pode ser útil como uma observação pastoral/missiológica. Se utilizado com sabedoria (portanto criticamente), ele pode ajudar a igreja a estabelecer laços missionários com uma comunidade não evangelizada". O problema que ele tem com este princípio é quando este é utilizado como uma máxima ética e como uma chave bíblica de hermenêutica. Se "alguém tenta elevar uma observação empírica como o PUH ao nível de uma norma ética ou um princípio organizacional teológico - isso

74 A. C. Barro. Orlando Enrique Costas: A Mission Theologian on the way and at the crosroads, Tese de Doutorado do Fuller Seminary, Passadena, USA, 1993

> pode trair o evangelho e se tornar a base para uma neutralidade ética e reforçar o status quo". [75]

Se entendermos que as pessoas tem mais facilidade para receber Jesus se o menor número de barreiras tiverem de ser levantadas. Se compreendemos que algumas barreiras sempre serão levantadas, caso contrário, o evangelho deixará de ser evangelho e passará a ser uma amálgama sincrética. Em tão temos de contemplar em nossas estruturas e planejamento a utilização deste princípio de modo a facilitar a proclamação do Evangelho. Precisamos também planejar os meios para que as unidades homogêneas possam desfrutar a bênção da heterogeneidade que é pertencer a igreja do Senhor Jesus . Programas de inclusão e comunhão precisarão ser desenvolvidos e aplicados para que os grupos se sintam parte do todo e nunca se vejam como o todo.

10. Estrutura física

É claro que o edifício não é a Igreja. A igreja são as pessoas, mas entendemos que precisamos ter locais para que os crentes possam se reunir, orar juntos, celebrar a sua adoração comunitariamente. Nos tempos do Novo Testamento eles aprenderam a usar as casas dos membros para suas reuniões. Por isso escrevemos um capítulo sobre o valor das células na dinâmica de uma igreja local. Mas estas não eram as únicas reuniões. Enquanto puderam, usaram o pátio do templo em Jerusalém, depois, de maneiras criativas utilizaram-se de vários outros lugares, como as sinagogas, a beira dos rios e locais públicos que lhes eram cedidos, como que Paulo utilizou por dois anos na cidade de Éfeso.

Hoje, utilizamos também edifícios para as nossas celebrações. Por isso deve fazer parte do nosso planejamento organizacional o crescimento e a adequação das nossas estruturas físicas de modo que as mesmas possam facilitar o crescimento.

Precisamos de racionalidade e otimização dos recursos, mas precisamos também criar uma ambiência adequada ao tipo de Igreja que estamos almejando ser.

Devemos usar as nossas estruturas de modo a que possam ser recursos do Reino em meio as necessidades do mundo.

11. Conclusão

Nosso objetivo aqui não era construir um modelo organizacional da igreja, mesmo porque precisamos entender que os modelos organizacionais precisam ser contextualizados

75 Ibid., p.26

para que possam ser efetivos. Mas, apresentar alguns valores que possam ajudar a elaborar um modelo organizacional que seja facilitador dos processos de crescimento integral na vida da Igreja local.

Sugiro ainda, que de tempos em tempos estejamos analisando as nossas estruturas à luz das qualidades e das dimensões do crescimento integral. Isto nos permitirá perceber se estamos ou não construindo uma igreja que vê todos os aspectos da missão como sua responsabilidade.

No próximo capítulo estaremos vendo a principal dinâmica de uma Igreja que cresce integralmente que é transformar os membros em ministros do reino nesta terra.

CAPÍTULO VII
A DINÂMICA DO CRESCIMENTO INTEGRAL - TRANSFORMANDO MEMBROS EM MINISTROS

Conta-se que Bud Wilkinson, ex-treinador de futebol da Universidade de Oklahoma foi abordado por um repórter que lhe perguntou: "Sr. Wilkinson, qual seria, a seu ver, a contribuição do futebol moderno para a forma física?" O repórter esperava um longo discurso, mas o treinador respondeu: Absolutamente nada. O jovem repórter olhou-o espantado, agitou-se e finalmente balbuciou: O Sr poderia explicar? Claro. Defino o futebol como 22 homens no gramado que precisam desesperadamente de descanso e 50.000 pessoas no estádio que precisam desesperadamente de exercício. [76]

Esse caso ilustra o âmago do problema que a Igreja geralmente enfrenta ao fazer o trabalho de Deus**:** sofremos devido às grandes expectativas de uns poucos e vemos a pouca participação de muitos. Estamos transformando o trabalho cristão num esporte de espectadores. O limite do envolvimento do membro comum é quase o mesmo do fã de futebol. Grita muito, querendo ensinar como o jogo deveria ser jogado, mas não contribui com nada além de suas críticas. Mas não é este o conceito que a palavra de Deus nos apresenta.

A visão de crescimento integral deve nos conduzir a um estilo de vida comunitário que incentive e promova o engajamento de cada crente no seu ministério pessoal. Na prática, o que sonhamos é que cada membro da Igreja se torne um ministro do reino em pleno exercício de seu ministério pessoal.

As constatações feitas por Warren, quanto a esta questão, devem ser uma constante motivação para nós, líderes da Igreja:

> Napoleão certa vez apontou para um mapa da China e disse: “Ali repousa um gigante adormecido. Se um dia ele acordar, nada poderá detê-lo”. Acredito que a igreja é um gigante adormecido. A cada domingo, os bancos da igreja estão cheios de membros que não

76 Bruce L. Shelley. *A Igreja o povo de Deus*, p.103

> estão fazendo nada com a sua fé, a não ser mantê-la. A designação de membro ativo na maioria das igrejas indica aqueles que a freqüentam regularmente e contribuem com ofertas e dízimos. Nada mais do que isso é esperado. Deus tem, contudo expectativas muito maiores para os cristãos. Ele espera que cada um use os seus dons e talentos no ministério. Se conseguirmos despertar e utilizar a massa de talentos, recursos, criatividade e energia que se encontra adormecida em uma igreja típica, o cristianismo vai explodir com um crescimento em taxas sem precedentes. A maior necessidade das igrejas evangélicas é que os membros se tornem ministros. Uma pesquisa do Gallup descobriu que somente 10% dos membros das igrejas americanas são ativos em qualquer tipo de ministério pessoal e que 50% de todos os membros da igreja não têm interesse em servir em nenhum tipo de ministério. [77]

Se esses dados estiverem corretos e se pudermos transpô-los à realidade brasileira, então há alguma coisa errada em nosso estilo tradicional de ser igreja. Pois se afirmamos com convicção bíblica que cada crente tem pelo menos um dom do Espírito Santo, e se entendemos que todos somos sacerdotes, então por que nem todos são, de fato, ministros?

O que como, povo de Deus, comunidade dos salvos poderíamos fazer para que esta realidade pudesse ser transformada?

Ao encarar essa realidade, percebo que algumas atitudes precisam ser implantadas em termos do meu ministério pessoal e também nos processos eclesiásticos.

1. Um ministério focado na formação de ministros

O primeiro passo é concentrar o foco do nosso ministério na formação de ministros. Pode parecer algo simples, mas na verdade existe uma força inercial muito grande agindo sobre nós, pastores, que nos impede de forcarmos o nosso ministério nesse propósito. Ainda que entendamos que a nossa missão é capacitar os santos para o exercício do seu ministério [78], o estereótipo do pastor, na maioria das igrejas, não corresponde a esse valor. Para muitos, nossa missão é realizar todo o ministério, afinal de contas somos os especialistas no assunto.

Esse conceito está impregnado na história e prática de muitas igrejas e mudar o foco do ministério para a formação de ministros não será fácil, nem sem sofrimento.

Ainda que acreditasse que o foco do ministério pastoral deveria ser a capacitação do povo de Deus para o exercício do ministério pessoal, na prática isto se resumia a pregar

77 Rick. Warren. *Uma Igreja com Propósitos*, 441-2

78 Ef 4:11ss

mensagens desafiando os crentes a exercerem os seus dons e lecionar alguma classe de Escola Dominical com o propósito de algum ministério específico. Em contrapartida, eu atendia 15 pessoas em aconselhamento semanal, além de pregar ou dirigir um estudo bíblico 12 vezes por semana, sem contar as questões administrativas, (naquele tempo eu fazia questão de assinar todos os cheques emitidos pela tesouraria da igreja) as emergências pastorais, as visitas agendadas e ainda tentar estar com minha família.

O meu foco, revelado pela minha agenda, estava em realizar o ministério, não em preparar ministros. Tenho de confessar que a mudança não ocorreu sem dor. Deus me forçou a mudar! Ele me permitiu adoecer, quase morrer, ficar cerca de três meses afastado de minhas atividades pastorais, para entender que o povo de Deus realiza o ministério do reino muito melhor que os pastores. E que eu deveria mudar o foco da minha ação para o despertamento, a maturidade e a capacitação dos ministros do Senhor nesta terra.

Minha agenda teve de ser alterada, minhas prioridades reorganizadas para que pudesse investir a minha vida naqueles que são hoje ministros de Deus no seio da Igreja.

2. O principio do discipulado precisa ser incorporado.

Um segundo passo importante é incorporar a filosofia do discipulado tanto na vida pessoal quanto na visão dos novos ministros. Formar um ministro é mais do que transferir certa gama de conhecimentos teóricos sobre a fé . É , na verdade, uma transferência de vida.

Leciono há 24 anos em instituições teológicas e já há bom tempo mudei o meu método de ensino. Minhas classes não são mais apenas de transmissão de conteúdos, mas são verdadeiros laboratórios; meu objetivo não é que o aluno obtenha uma certa nota, mas que possa transferir para ele uma experiência, ou quem sabe parte da minha vida. Nem sempre eles gostam, às vezes penso que adorariam ter de fazer uma prova, decorar certas frases e se darem por satisfeitos, ao invés de desenvolverem comigo um projeto, pensarmos juntos, a cada etapa da pesquisa refletirmos sobre suas implicações e o pior, receber o trabalho de volta sem avaliação, quantas vezes forem necessárias até que ele tenha, de fato, incorporado o conceito.

O discipulado é assim, mais que uma transferência de conhecimentos, mas uma transferência de vida, valores e modelos que podem ser imitados. Os discipuladores saem da nossa vida mas o disicpulado, o que trocamos um com o outro nesta ministração mútua não sai .

Jesus tinha apenas 3 anos para formar um corpo de ministros maduros o suficiente para que o projeto do evangelho em suas mãos não perecesse; por isso, ele optou pelo

disicipulado formal: uma equipe de alunos aprendizes; informal: tempo que parece desperdiçado no bate papo, no comer juntos, no rir e brincar com os discípulos, mas que cria modelos referencias de vida e de maturidade prática nos contextos da vida diária; e o discipulado potencial: quando ele via alguém em quem percebia que valia a pena investir ele chamava para fazer parte do seu grupo.

Se há privilégio no reino é investir a nossa vida naquelas pessoas em quem percebemos o potencial. Elas ainda não são, mas como é bom ser cooperador de Deus no processo que as faz ser. E como é bom vê-las nos superando, porque têm dons que nós não temos e fazem o que nunca seríamos capazes de fazer.

Na medida em que discipulamos pessoas estamos criando uma geração de novos discipuladores e ministros de Deus.

3. A prática associada à teoria

Gosto da frase que ouvi um professor de comunicação proferir *"Conte-me ... e eu esquecerei! Mostre-me ... e eu lembrarei! Envolva-me ... e eu aprenderei! Convença-me ... e eu mudarei!"*

Se queremos formar ministros, precisamos mudar os nossos métodos pedagógicos. Temos sido tentados a imaginar que alguém só poderá exercer o seu ministério pessoal após ter concluído todas as etapas do treinamento formal que temos oferecido. Mas na verdade, ministério deve ser o estilo de vida de um verdadeiro cristão.[79] As boas obras da fé acompanham e testificam que a nossa fé é viva. Elas são os prenúncios do nosso ministério.

A cada passo precisamos criar oportunidades para que as pessoas pratiquem o que aprenderam e a verdade deixe de ser um conhecimento e passe a ser uma experiência que nos convence a nos envolver com as pessoas. Amá-las porque elas são objetos do amor de Deus.

Jesus não somente pregava aos seus discípulos, mas eles juntamente com o mestre realizavam a obra do ministério, por isso, quando ele voltou aos céus, o ministério já fazia parte da vida daqueles discípulos.

Desde o primeiro dia de vida cristã o novo crente deve ser desafiado a viver a sua fé e fazê-la bênção na vida de outros.

---

79 Ef 2:10 Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas.

4. A valorização dos que ministram

Se desejamos que todos sejam ministros, precisamos mostrar o valor do ministério destas pessoas, não somente em palavras, mas em gestos que de uma maneira subliminar inculcam na mente de toda a igreja, tanto a autoridade espiritual, quanto o valor destes líderes no contexto da comunidade. Caso contrário, será impossível transferir o ministério a eles, simplesmente porque não são vistos como investidos de autoridade ministerial.

Este é um processo que exige tempo de maturação e inteligência. São as pequenas coisas que marcam e incorporam os novos conceitos. Algumas práticas têm sido incorporadas ao nosso estilo de vida que têm ajudado neste propósito.

4.1 A ministração da Ceia do Senhor aos enfermos

Um dos ministérios mais impactantes têm sido a ministração da ceia do Senhor aos enfermos, pelos diáconos, visitadores ou líderes de célula. Eles chegam para visitar, oram com o doente e seus familiares e celebram juntos a ceia do Senhor. Naquele momento, não foi o irmão fulano que visitou o doente, mas a Igreja ali estava com ele, e um ministro de Deus a representou.

4.2 A participação dos discipuladores e líderes das células no batismo

Outro momento precioso é quando os líderes espirituais de um discípulo participam do batismo com os pastores da Igreja. Este será um referencial que marcará para toda a vida.

4.3 O momento da apresentação de um bebê à Igreja

Geralmente convidamos toda a célula à qual a família pertence a participar deste momento com a Igreja, e os líderes tomam o bebê ao colo para o momento da bênção.

4.3 Momentos de imposição de mãos

Sempre que impomos as mãos sobre alguém, seja para oração, dedicação, libertação, ou qualquer outra finalidade, convidamos todos os líderes espirituais das células a participarem destes momentos.

4.4 Momentos de dor

Seja na enfermidade, luto ou qualquer situação que o membro esteja vivendo, convocamos aqueles que ministram sobre eles para estarem conosco a pastoreá-los nestas horas.

A valorização pública dos ministros permite que, pouco a pouco, a Igreja perceba que todos somos ministros a serviço do Rei.

5. Um compromisso formal em ajudar os crentes a conhecerem os seus dons espirituais

Outro passo importante é o compromisso formal da igreja em ajudar cada membro a descobrir qual é o seu dom e colocá-lo em prática. Certamente, os líderes de células e discipuladores têm papel preponderante neste processo, pois o contato formal e informal destes líderes com o crente fornecerá meios e ocasiões para que esse assessoramento ocorra.

A própria célula será a primeira a desfrutar das bênçãos desta descoberta, porque será ali, que primeiramente o crente colocará em prática o seu dom e será iniciado no exercício do seu ministério pessoal.

Mas a igreja precisa encontrar alguns meios formais para que este entendimento e conseqüente integração ao ministério ocorra. Em nossa Igreja, faz parte da linha mestra de treinamento o lidar com esta questão do entendimento do que sejam os dons espirituais, a descoberta dos dons pessoais e como utilizá-los no contexto dos ministérios da igreja local.

A Igreja tem também desenvolvido a visão de que novos ministérios surgirão e que as estruturas eclesiásticas devem existir para serem facilitadoras destes processos e não somente consumidoras dos recursos tanto humanos quanto financeiros para a sua auto-manutenção.

As estruturas precisam evoluir à medida que as oportunidades de serviço cristão que glorificam a Deus cresçam. Elas são como as roupas do bebê, precisam existir, protegem, embelezam e facilitam os processos, mas precisam se adaptar ao crescimento desta criança continuamente e não a criança à forma das vestimentas existentes.

6. A construção de uma linha de treinamento formal voltada para o ministério

Se sabemos onde queremos chegar, que todos os crentes sejam ministros de Deus, precisamos então construir um sistema integrado, inteligente, eficaz e permanente de treinamento que possa nos ajudar a de modo intencional conduzir as pessoas a este propósito. Se não fizermos isto corremos o risco de ter boas idéias que nunca serão concretizadas, pois os processos práticos facilitadores nunca são implementados.

Construir uma linha de treinamento é um trabalho árduo que exigirá de toda a equipe de ministros da igreja esforço e dedicação. Mas se o nosso foco mudou, se estamos priorizando a formação de ministros, então este será o nosso trabalho principal.

Existem vários programas integrados de treinamento em uso. Na verdade, cada igreja está utilizando algum sistema. A maioria delas tem utilizado o pacote denominacional que oferece um sistema integrado de treinamento. Não sei se os alvos deste sistema correspondem aos objetivos aqui delineados , mas a ilustração serve para referenciar o que seria este sistema integrado.

O ministério Igreja em Células tem se especializado em fornecer às igrejas um novo modelo de sistema integrado de treinamento que prioriza grande parte dos valores colocados neste trabalho.

O ministério de Igreja com Propósitos tem tentado oferecer um sistema integrado de treinamento para que se atinja os objetivos delineados por Rick Warren.

A Rede Ministerial tem desenvolvido um sistema integrado de treinamento baseado nas experiências de Bill Hybells.

Cada um destes sistemas tem grandes qualidades, mas não atendem às necessidades e a abrangência da proposta de uma Igreja Integral. Por isso decidimos, como corpo de ministros da Primeira Igreja Batista de Curitiba, desenvolver a nossa linha de treinamento. É verdade que vários materiais dos que foram citados têm sido utilizados em nossa linha de treinamento, outros forneceram idéias, outros materiais preciosos que se encontram no mercado evangélico também foram utilizados, mas decidimos aproveitar os

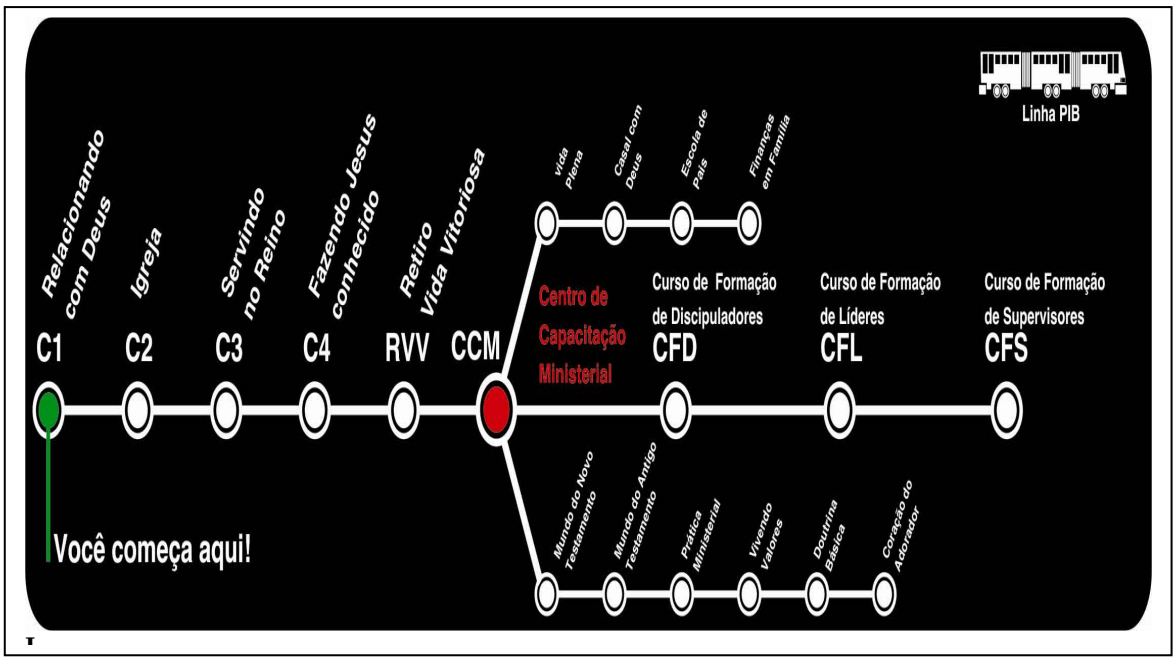


Figura 9
Linha deTreinamento

tantos ministros (leigos) que têm os seus dons focados na área do ensino, bem como sua formação na área de educação para que pudéssemos desenvolver uma metodologia que

integrasse os nossos objetivos à capacitação do povo de Deus para que exercendo eles o seu ministério pessoal alcançássemos as metas do crescimento integral.

Devo confessar que a linha de treinamento ainda não está completa e que vários destes materiais estão ainda em fase de teste e aperfeiçoamento, mas dou graças a Deus pelas vidas de todos os componentes da equipe que têm se esmerado em fazer o melhor para o reino através de seus dons.

O nível de integração da linha de treinamento tem crescido dia a dia, à medida em que a igreja vai assimilando a visão e se engajando no processo.

Temos adotado a seguinte fórmula para delinear o processo de implantação do sistema integrado de treinamento: Macrovisão + Micro Visão + Sinergia das Partes = Unidade do Espírito em prol da missão.

Figura 10



Fórmula de Unidade

A fórmula precisa ser entendida nos seguintes termos: A macrovisão representa todos os conceitos do crescimento integral que precisam ser aplicados a dinâmica de vida da Igreja.[80] A microvisão representa as características específicas tanto do grupo, ou ministério

80 Tanto as dimensões quanto as qualidades do crescimento precisam permear todo o sistema de treinamento.

que deverá ser alcançado. A sinergia das partes é representada pela integração tanto dos ministérios já incorporados como dos recursos humanos, materiais e espirituais que a igreja possui, para que o objetivo possa ser alcançado. A unidade do Espírito em prol da missão é o resultado que esperamos. Uma Igreja unida crescendo integralmente, demonstrando a presença o propósito e o poder do Espírito Santo no seu dia a dia, sendo a expressão local e visível do reino no seu serviço ao mundo a partir do contexto e realidade histórica em que está inserida, e tudo para a glória de Deus .

Começamos com os sermões sendo a base dos encontros das células, depois unificamos os materiais de discipulado para toda a Igreja, posteriormente desenvolvemos os recursos que pudessem nos ajudar a desenvolver os propósitos da Igreja, tais como materiais sobre dons, sobre o conceito de ministério, igreja e etc.

Nossa primeira ênfase foi desenvolver a linha mestra geral, pois todos deveriam trilhá-la. Depois percebemos que as pessoas envolvidas no ministério se sentem desafiadas a buscarem mais recursos para com melhor qualidade desenvolverem-no. Surgiu então a linha secundária que chamamos de CCM (Centro de Capacitação Ministerial). Ele foi concebido tendo como base e focos principais, a profundidade bíblica, o aprofundamento crítico do contexto à luz da palavra, que para nós, é a teologia conectada à vida trazendo as respostas éticas para as demandas do cotidiano, e o treinamento prático para o desenvolvimento de ações ministeriais.

Todos os materiais seguem o mesmo estilo pedagógico: interativo, que demande ação prática, promova a oração, desenvolva relacionamentos modelares e prestação de contas da vida e ministério, uns aos outros.

O desenvolvimento deste sistema integrado permite que a igreja vá constantemente sendo moldada segundo os propósitos espirituais que definimos como prioritários.

Outra vantagem é que a ação prática que compõe o aprendizado gera oportunidades tanto para conhecer dons e talentos como também para desenvolver a paixão pessoal que um ministério requer.

Para visualização e consulta segue em anexo, alguns dos materiais produzidos por nossa equipe para esta linha de treinamento .

Pode parecer uma tarefa quase impossível, mas a cada dia novos ministros se engajam na ação da Igreja , por isso , todo o esforço vale a pena .

7. Reforçando a visão de tempos em tempos

Outro passo que precisa ser dado para que cada crente se torne um ministro é criar mecanismos que permitam reforçar a visão todo o tempo e a toda igreja. Um dos pecados que cometemos como líderes é imaginarmos que toda a igreja já conhece suficientemente a visão e que todos estamos caminhando concordemente nela. Todavia este é um mito que precisamos identificar e combater.

A igreja é um organismo vivo, crescente e em constante mutação. A cada dia novas pessoas de contextos diferentes se agregam a ela, velhas tendências ressuscitam e novos modelos surgem. Se não trabalharmos para que a visão seja reenfatizada ela logo se diluirá.

Mas se desejamos que cada crente seja um ministro precisamos mostrar a cada dia a bênção e valor do serviço cristão, para tanto necessitamos desenvolver estratégias de manutenção e mobilização.

Temos utilizado algumas que gostaria de sugerir:

7.1 Encontros motivacionais

São pequenos retiros, onde levamos aqueles que já estão engajados no ministério acompanhados de pelo menos quatro outros líderes em desenvolvimento. Ali reforçamos os princípios norteadores da nossa visão. Promovemos o compartilhar de estratégias bem sucedidas de ministério, compartilhamos medos e problemas, oramos uns pelos outros e saímos dali com uma proposta personalizada para o ministério que estamos desenvolvendo.

Quero deixar claro que este encontro não é administrativo, mas de cunho espiritual e motivacional. Visa o reforçar da visão, a avaliação pessoal e é um ensino prático de liderança aos líderes em treinamento que nos ajudam a encontrar os novos caminhos diante dos obstáculos naturais do ministério.

7.2 Encontros de formação intensiva

Eles são mini-retiros que tem como propósito ou concluir uma formação básica em tempo concentrado ou reciclar pessoas que já passaram por estes treinamentos. São provocados pelos resultados das avaliações dos supervisores de células e dos líderes de ministérios apontando áreas que, por alguma razão, se enfraqueceram ou na visão, ou na eficácia dos processos.

Como todos os outros cursos que oferecemos eles não podem ser apenas a transferência de informações ou conhecimento. Devem promover treinamento prático, modelos relacionais que sejam motivadores e desafiadores.

7.3 Encontros de líderes de ministério

Estes encontros reúnem líderes de ministérios diferentes de uma mesma área da Igreja, tais como ação social, educação, missões etc...

O objetivo é que eles saibam que são parte de um organismo vivo e não o organismo todo. É muito comum àqueles que estão apaixonados pela missão que Deus lhes deu, enxergar o seu ministério como o único ministério de valor a ser desempenhado na vida da Igreja.

O encontro de vários líderes fortes, o compartilhar de suas lutas e vitórias, as orações mútuas, o repartir da sabedoria, tem feito com que saíamos dali com a visão fortalecida e com o desejo ardente de cooperar para que toda a Igreja junta seja um organismo integral. Ao mesmo tempo em que portas se abrem para que pessoas novas se agreguem aos ministérios dirigidos por outros líderes. Isto porque tomamos conhecimento das necessidades do corpo e na nossa rede de influência e relacionamentos descobrimos pessoas que tem o dom e a paixão que esta fazendo falta naquele ministério específico dirigido por um outro líder da igreja . Esta mutualidade gera uma sinergia maravilhosa na vida da Igreja.

7.4 Feira de ministérios

Outra ferramenta importantíssima para reforçar a visão de que cada crente precisa ser um ministro é o que chamamos de feira de ministérios. É o momento em que todos os ministérios se preparam para expor a Igreja na forma de uma feira, ou amostra o que a ela tem feito.

Pessoas comprometidas com estes ministérios compartilham com os que participam da feira o que é o ministério, o que tem realizado, quais são suas necessidades e como as pessoas que se sintam tocadas pelos seus desafios podem participar dele.

Você pode imaginar o impacto que uma feira destas produz na igreja? Quantas são as pessoas que ao caminhar pelos estandes de uma feira como esta se comprometem a usar o seu dom para que tais ministérios se ampliem. Sem contar o testemunho que estamos dando ao mundo da vivência do amor prático através do serviço de amor que prestamos.

7.5 Vídeos nos cultos

Outra ferramenta maravilhosa para reforçar a visão são os pequenos clips que produzimos de ministérios da Igreja e que são exibidos como se fossem testemunhos nos momentos de gratidão, ou desafio na vida da Igreja.

Uma imagem fala mais que mil palavras.

Recentemente o ministério de ação social apresentou um pequeno clip da creche que a igreja mantém. Mostrou a necessidade de uma reforma e desafiou a igreja a que a fizéssemos, na forma de mutirão nas três semanas de férias que as crianças teriam.

Foi lindo ver a reação em cadeia que ocorreu. Jovens, adolescentes, senhoras, homens da igreja se envolveram, tanto financeiramente como também no esforço do mutirão.

Um dos médicos da igreja havia tirado uma semana de férias e decidiu consagrá-la a este ministério de amor. Ficou oito dias pintando, limpando e consertando coisas na creche.

Em uma outra ocasião os jovens apresentaram um vídeo de um trabalho missionário no interior de São Paulo e a cena apresentava uma família que vivia num barraco em condições abaixo do que poderia ser entendido como suportável.

Ao final do culto, antes da bênção final, uma irmã foi ao púlpito e pediu-me para dar uma palavra à igreja. Ela era bem nova na fé, havia sido batizada no domingo anterior. Lembro-me que ela tremia ao olhar a multidão dos crentes a sua frente. Como uma ousadia que certamente vinha do Senhor ela disse: Eu sei que parece uma loucura, mas eu sinto que Deus quer que eu dê a esta mulher uma casa para morar, mas eu não sei como? De repente um mover do Espírito pode ser sentido na igreja e pessoas começaram a se levantar e a dizer, eu tenho madeira, eu sou carpinteiro, eu tenho um caminhão para transportar. Algumas semanas depois, um grupo de irmãos chegou àquela cidade do interior com uma carreta carregada e naquele fim de semana construíram a casa e a mobiliaram.

8. Conclusão

Você pode imaginar o que Deus pode fazer se o seu povo for mobilizado a exercer o seu ministério pessoal? Por isso não podemos permitir que a visão de que todos somos ministros de Deus se perca ou mesmo se dilua em nosso ministério. Nosso papel, como líderes é ajudar a cada crente a descobrir o seu dom e colocá-lo em prática para que o reino de Deus seja instalado o mais rapidamente em toda a terra .

No próximo capítulo estaremos olhando para uma das estruturas básicas de uma igreja que cresce integralmente e que vê como sua principal dinâmica a mobilização dos crentes ao exercício do seu ministério pessoal : A Célula .

CAPÍTULO VIII
A CÉLULA COMO ESTRUTURA BÁSICA DO CRESCIMENTO INTEGRAL

Mas como implementar tanto as qualidades do crescimento integral: espiritualidade, encarnação e fidelidade, quanto as dimensões: numérica, orgânica, conceitual, diaconal e litúrgica, sem perder de vista os focos prioritários da nossa missão: a glória de Deus em nossos relacionamentos com ele mesmo, com o povo de Deus e com o mundo que ele quer salvar?

Qual seria a estrutura básica mais adequada a fomentar tais valores e condutas no meio do povo de Deus? Se olharmos para a palavra de Deus e a história da Igreja a resposta mais natural será os grupos pequenos de crentes reunidos nos lares. Aquilo que hoje denominamos por células.

1. Definindo o conceito de célula

Sou pastor de uma congregação que tem em seu rol mais de 3.200 membros. Ao olhar para aqueles queridos irmãos, fico pensando como poderia ajudá-los a crescer efetivamente em profundidade na palavra, como pastoreá-los em seus conflitos interiores, como ajudá-los a descobrir os seus dons espirituais, como encaminhá-los ao seu ministério pessoal, como desafiá-los a encarnar a sua fé? Enfim, como ajuda-los a crescer integralmente?

Mas o questionamento não pára aí, pois como líder deste rebanho preciso responder estas questões quando aplicadas não somente a indivíduos, mas a toda a congregação como um organismo e ao mesmo tempo uma organização.

Durante todo o tempo de ministério, sempre tive a convicção de que não poderia fazer isto sozinho. A minha compreensão de como fazer foi crescendo ao longo do tempo. Primeiro imaginei que o melhor que poderia fazer era iniciar um ministério colegiado, pois a multiplicação de ministros certamente nos ajudaria a alcançar as metas da visão.

Mas, à medida em que o tempo passava, descobri que a multiplicação dos ministros, na visão de Deus era muito maior do que na minha, pois, para Deus cada crente era um ministro e um sacerdote do seu reino na terra.

Sempre acreditei na doutrina bíblica do sacerdócio universal de todos os crentes, mas como implementá-la no dia-a-dia da igreja? Foi quando descobri que só poderia fazê-lo através de estruturas menores que pudessem viver a dinâmica e os valores da integralidade da igreja. O Reverendo Mathias Quintela em sua tese de mestrado enfatiza esta verdade.

> A prática efetiva do sacerdócio universal dos crentes requer comunidades menores, de base, onde os relacionamentos possam ser tão intensos que tornem possível a verdadeira comunhão cristã. Essas comunidades de base, no entanto, precisam fazer parte de uma comunidade maior, como as células são partes constitutivas de um organismo vivo. Essa comunidade maior identifica-se com a igreja local que tenha as marcas da Igreja de Cristo (Mt 18:20).[81]

É justamente nesta comunidade menor que podemos não somente interiorizar tais valores, como aprender a reconhecer os nossos dons, ao mesmo tempo em que somos desafiados a exercitá-los para abençoar o corpo. Esta era a estrutura da Igreja neo-testamentária e, apesar de ter sido trocada ao longo da história, ela sempre ressurge em meio aos despertamentos da Igreja. Quintela faz uma análise interessante dos escritos de Snyder, um dos mais proeminentes defensores desta visão, que vale a pena referenciar.

> SNYDER, depois de analisar o material bíblico para odres novos; depois de considerar a Igreja como comunhão do Espírito Santo e povo de Deus; depois de demonstrar o significado da singularidade da mente de Cristo demonstrada em seu caráter e personalidade para a igreja de hoje; após ter apresentado a ecologia equilibrada de adoração, comunhão e testemunho e de afirmar que os dons espirituais fazem parte da ecologia essencial da igreja como um organismo espiritual ele defende o grupo pequeno como estrutura básica da igreja, não tanto pelo sucesso que tem alcançado em igrejas onde tem sido implantado de diversas maneiras, embora considere isto significativo, mas o seu argumento baseia-se principalmente no "caráter inerente do grupo pequeno e em sua compatibilidade essencial com a ecologia bíblica da igreja". E argumenta que o grupo pequeno foi estrutura básica não só da igreja durante seus dois primeiros séculos, mas a existência de grupos pequenos tem sido um elemento comum a todos os movimentos significativos do Espírito Santo na história da Igreja como os *collegia pietatis* de Spener, as reuniões de classes de Wesley e o reavivamento de santidade nos Estados Unidos. Em todas as

81 Mathias Quintela de Souza. *O véu rasgado*: A dinâmica do ministério do povo de Deus, Tese de Mestrado, Faculdade Teológica Sul Americana , 2002. p. 75

> denominações evangélicas, numerosas igrejas têm surgido de reuniões que começaram com grupos pequenos nas casas.[82]

Que razões nos levam a entender que as células são uma opção ideal para a estrutura básica de implementação do crescimento integral na vida da Igreja?

2. Pastoreio mútuo

A primeira razão é o fato de que nos pequenos grupos desenvolvemos um estilo de vida comunitária em que o pastoreio mútuo é vivenciado. Uns se sentem responsáveis pelos outros. Somos motivados pelo Espírito Santo a cuidar uns dos outros em todos os aspectos, quer seja emocionalmente, aprendendo através dos relacionamentos da vida em comunidade, a chorar com os que choram e a se alegrar com os que se alegram; quer seja socialmente, quando a proximidade com o que sofre qualquer tipo de privação nos faz sentir a sua dor e encarnar o amor de maneira que esta dor, sofrimento ou opressão possam ser minimizados; quer seja espiritualmente , quando nos sentimos responsáveis pelo crescimento espiritual, libertação de vícios, acertos na vida familiar que estão ocorrendo e precisam ocorrer na vida de nossos irmãos; quer seja no aprendizado da prestação de contas mútua; quer seja no aprofundamento dos nossos conceitos de fé. Enfim aprendemos a pastorear uns aos outros no temor do Senhor.

Tudo isto acontece pelo novo entendimento do significado da missão pastoral.

> À luz do testemunho bíblico, o pastorado não se trata, precisamente, de um cargo oficial; é, antes, um dever que pesa sobre os ombros de todo o cristão. Cada cristão deve ser pastor de todos os seus irmãos. À medida que os santos amadurecem, eles exercem o pastoreio mútuo de acordo com o ensino de Pedro: “Servi *uns aos outros,* cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1 Pe 4:10). Em relação ao mundo, todo o povo de Deus é sujeito da pastoral. O cuidado pelos perdidos é exercido no contexto da vida diária onde cada cristão está inserido. O ministro da Palavra como pastor transforma as suas ovelhas, os seus seguidores, em pastores. Dessa forma o rebanho pode crescer sem que os pastores, ministros da Palavra, sejam levados ao esgotamento físico, emocional e espiritual.[83]

82 Ibid., p.83

83 Ibid., p. 52

3. Comunhão

Uma segunda razão é que no grupo pequeno podemos experimentar uma comunhão diferenciada. A palavra irmão passa a ter um sentido mais profundo do que a mera expressão de tratamento entre os membros de uma comunidade. Sentimo-nos parte do corpo, somos motivados a buscar mais do nosso Senhor porque a realidade viva do que significa ser parte da igreja incorpora-se na nossa experiência comunitária.

É algo tão forte que na análise de Trueblood, foi um dos fatores preponderantes da vitalidade da Igreja primitiva .

> É muito difícil visualizarmos o cristianismo primitivo. Com toda a certeza era muito diferente do cristianismo de hoje. Não havia prédios imponentes, nem hierarquia, nem seminários teológicos, nem faculdades cristãs, nem escola dominical, nem corais. Existiam apenas pequenos grupos de crentes [...], pequenas comunidades. No início, não havia nem mesmo o Novo Testamento. O Novo Testamento não era a causa dessas comunidades, mas o resultado delas. Dessa forma, os primeiros livros do Novo Testamento foram cartas escritas para essas pequenas comunidades, por causa de suas dificuldades, perigos e tentações. Tudo o que tinham era a comunhão, nada mais. Não tinham posição, nem prestígio, nem honra. Os cristãos primitivos eram pessoas que não tinham posição, mas havia um poder secreto entre eles, e este poder secreto era o resultado do modo pelo qual eram membros uns dos outros.[84]

Este poder secreto é a ministração do Espírito Santo de Deus em nós através das pessoas que vivem este tipo de comunhão diferenciada. Esta comunhão promove um tipo de discipulado que não é a mera transferência de conhecimentos teológicos frios e desconectados das realidades da vida, mas modelos de vida cristã, que são de carne e osso, que estão presentes, que nos apaixonam e que nos fazem ser parte não de uma instituição mas de um organismo vivo. É esta comunhão que nos motiva a buscar um crescimento integral, que se expresse em todas as áreas da nossa vida.

4. Mutualidade

Uma quarta razão é a capacidade que as células tem de produzir a mutualidade do serviço cristão. Nunca vou esquecer o dia em que a igreja se preparava para distribuir 1000 cestas básicas, elas estavam no subsolo do nosso prédio de educação e precisavam ser trazidas para o templo. Cada uma delas pesava cerca de 40kg , portanto eram 40 toneladas de alimentos . Ao final do culto pedi que a igreja fizesse uma fila indiana desde o templo até

84 David Eldon Trueblood, *The Yoke of Christ.* p.25-6. Tradução livre.

o subsolo e de mão em mão as 1000 cestas chegaram aos templo. Quando terminamos a empreitada, um irmão nosso, freqüentador da igreja há 10 anos, casado com uma irmã de nossa igreja e que nunca havia pedido o seu batismo, me procurou e disse: hoje pela primeira vez me senti parte desta igreja, irmão de irmãos, membro do corpo, você sabe que já recebi Jesus como salvador, mas nunca havia me sentido parte do corpo. Estou pronto, gostaria de ser batizado.

Quantos são os que fazem parte de nossas comunidades mas não se sentem parte do corpo , úteis para o reino. Quantos são os que não sabem quais são os dons que o Senhor já lhes concedeu. Quantos são os que não descobriram o seu papel na comunidade .

Mas quando vivemos a dinâmica da vida em célula a mutualidade da comunidade faz parte das nossas vidas. É por isso que uma das figuras mais significativas da Igreja é o corpo. As palavras do Rev. Mathias nos ajudam a entender como esta dinâmica da vida em célula é caracterizada nas escrituras que nos falam da Igreja como corpo de Cristo.

> O corpo é figura de Cristo, a cabeça, em união com os membros que exercem funções diferentes sob o seu comando. Essa figura , de acordo com 1 Coríntios 12:12-28, ilustra três verdades fundamentais: a *unidade* em Cristo, a *diversidade* de dons e ministérios (funções) e a *mutualidade* entre esses dons e ministérios. Não há membro sem função no corpo. As funções dos membros são interdependentes. Nenhum membro prescinde do trabalho do outro, nem faz sozinho todo o trabalho do corpo. Todas as funções são igualmente importantes, porque são necessárias. A expressão *uns aos outros*, recorrente no Novo Testamento, evidencia que a edificação do corpo não fica sob a dependência de um ministro ordenado e profissional. Todos são envolvidos nessa tarefa. [85]

Uma das virtudes da vivencia em célula é envolver a todos no serviço através da mutualidade. Deixamos de ser assistentes dos cultos ou ouvintes da palavra para sermos participantes da vida e do serviço no corpo. [86]

---

85 Mathias Quintela de Souza. Op. cit, p.54.

86 H. STROHL., *O Pensamento da Reforma* ,p.218-9
Uma das forças do calvinismo foi exatamente o não se contentar em apenas despertar, pela pregação, a fé em indivíduos isolados, mas trabalhar para reunir os cristãos, organizando-os solidamente em comunidades onde assumissem responsabilidades e tivessem o privilégio e a obrigação de praticar a ajuda mútua de acordo com os diversos ministérios e dons de cada um. Esse fato proporcionou às igrejas calvinistas o poder de penetração, a coesão e a força da resistência que faltavam às outras comunidades onde os fiéis só tinham em comum o privilégio de ouvir juntos a Palavra .

5. Multiplicação de liderança

Outra razão é a possibilidade de multiplicar-se a liderança da igreja de modo exponencial.

> A vida em comunidade cristã de base torna possível o treinamento constante de líderes. Cada líder, no tempo de vida da célula, treina um auxiliar para que possa assumir a nova célula na multiplicação. O tempo de vida e ministério de uma célula varia de seis meses a um ano. O líder é treinado no contexto do ministério em célula, e também pelos ministros da Palavra. O discipulado básico, que consiste de doutrinas básicas e desenvolvimento pessoal na vida cristã, já introduz o discípulo no treinamento para o exercício de ministérios. Deus é pai e cuida de nós. Ele quer que cada filho dele se desenvolva, torne-se pai e leve seus filhos à maturidade. Esse processo de multiplicação tem o seu termo final quando a missão de fazer discípulos de todas as nações tiver sido cumprida. O processo de amadurecimento na família espiritual é mais rápido que na família biológica. As igrejas fundadas por Paulo, em menos de cinco anos, já tinham o seu corpo de ministros em plena atividade (At 19:1, 9-10; 20:17,28). A liderança na célula é simples. O líder não precisa ser pregador nem professor. Seu principal trabalho consiste em facilitar o exercício dos dons espirituais de cada membro para a edificação mútua e para a evangelização. [87]

6. Evangelização

Uma sexta razão a ser considerada é a importância dos lares no contexto da implantação do reino de Deus na terra. Quando olhamos para as igrejas do novo testamento logo perceberemos que a evangelização era um estilo de vida que envolvia todos os relacionamentos de um crente, naturalmente iniciava-se em sua família, mas envolvia as relações de trabalho, as amizades a rede de influência. Mas ela não era um simples convidar a assistir um culto no templo, era um testemunho de vida que envolvia a proclamação da palavra e um convite a participação da vida comunitária que ocorria na casa do crente. Era ali no contexto da casa e da família que as pessoas podiam ver o evangelho pregado sendo vivido e repartido. Green, ao nos contar como era a evangelização na igreja primitiva, destaca o valor da casa no processo de transmissão do evangelho.

> Um dos métodos mais importantes de difusão do evangelho na antigüidade foi o uso das casas. Ele tinha muitas vantagens. O número relativamente pequeno de pessoas envolvidas tornava possível uma troca maior de idéias proveitosa e um debate geral

87 Mathias Quintela de Souza. Op. cit, p.92.

> entre os participantes. O pregador não era isolado artificialmente dos seus ouvintes; nem o orador, nem o crítico caíam na tentação de agradar o povo, como nos lugares públicos ou ao ar livre. A atmosfera muito informal e descontraída do lar, sem esquecer a hospitalidade que deve ter sido desfrutada, tudo contribuía para fazer com que este tipo de evangelização tivesse um sucesso especial. Era nas casas que tecelões e sapateiros, lavadeiras e caipiras faziam seu proselitismo. Até as crianças eram ensinadas que, se cressem, seriam felizes e fariam seus lares felizes.[88]

Era no contexto da família, do lar, e da casa que a palavra era pregada, as perguntas eram respondidas, demônios eram expulsos, doenças eram curadas e o poder do Cristo ressuscitado era experimentado. Era a simplicidade e o poder de Jesus na vida destes crentes que promovia impacto e até assombro. A maioria de nossas igrejas nas suas estruturas tradicionais tem perdido esta característica tão singular. Precisamos voltar as nossas origens e entender a importância da casa dos crentes na evangelização.

As observações de Brunner reforçam este pensamento:

> A impressão produzida pela vida dos crentes representa uma parte de importância decisiva na gênese da fé. Pessoas aproximavam-se da comunidade cristã porque eram irresistivelmente atraídas pelo seu poder sobrenatural. Elas gostariam de entrar nessa dimensão de vida e poder, por isso, elas entraram na zona na qual o Espírito Santo opera antes que eles tenham ouvido uma palavra sobre o que se encontra por trás disso como sua última causa transcendente imanente. Há um tipo de fascinação que é exercida principalmente sem qualquer referência a Palavra, melhor comparável à força atrativa de um ímã ou a propagação de uma doença infecciosa. Sem saber como ela aconteceu, alguém já é portador da infecção.[89]

Os anais da história revelam que o mundo foi infectado pela fé cristã, não foram os pregadores eruditos, que promoveram tal infecção, mas gente simples, muitos até que eram desprezados por sua condição social de escravos. Mas o poder do Espírito Santo operava através deles e suas casas foram o berço da fé para muitos novos cristãos.

Diante de todas essas realidades, precisamos aprender com o testemunho da História o valor do lar, da casa do crente para a obra da evangelização.

> A religião deve, portanto, centralizar-se não nos templos, mas nos lares. A vida toda deve subir ao nível do sagrado. E a bênção do Espírito não está também associada com sermões e horas de culto,

88 Michael Green., *Evangelização na igreja primitiva*, p.252

89 H. Emil Brunner**,**. *O equívoco sobre a igreja*, p.58

> mas com o poder de viver cada dia e cada momento à altura do que há de mais sagrado, levantando o sórdido nível do pecado para a santidade, fazendo do corpo o templo do Espírito e dos nossos lares o lar de Deus. Isto condiz perfeitamente com os ensinos de Jesus, pois o lar, não o templo, foi a instituição que ele defendeu, quando disse que o templo seria destruído, mas o lar, "aqueles que Deus ajuntou, ninguém os separe". O lar é a esperança da raça. A menos que a religião esteja nos lares como parte integrante deles, a religião dos templos não nos salvará.[90]

Se queremos ver o mundo sendo transformado pelo poder do evangelho, precisamos levar o evangelho, a fé, a proclamação e o testemunho para a casa dos crentes, para os seus relacionamentos mais íntimos, para o seu círculo de amizades e é justamente isto o que as célula se propõe a fazer.

7. Parte formal da estrutura eclesiástica

Mas para que tudo isto possa ocorrer na vida da igreja, precisamos entender que as células não são um apêndice da nossa instituição religiosa, ao contrário elas são a comunidade eclesial de base, parte fundamental da estrutura eclesiástica.

> A experiência em muitos lugares ensina que tais reuniões devem ser tanto normativas como regulares para uma igreja. No momento em que passam a ser freqüentadas por uns poucos piedosos, correm o risco de perder o seu impacto. Isso não quer dizer que a maioria da congregação participará necessariamente, mas significa que o padrão ideal para a igreja, compartilhado pela liderança responsável, é centrado em grupos pequenos. O ponto crucial é que as unidades pequenas sejam vistas, não como um expediente temporário ou uma fórmula especial, mas como uma estrutura essencial da vida congregacional em nossos dias.[91]

Ela não pode ser um modismo intitucional, mas parte da visão do que significa ser Igreja. Ela não é mais um programa, mas a base da vida comunitária e o berço da formação cristã no seio da comunidade.

> A relevância da proposta dos grupos pequenos como estrutura básica da igreja feita por SNYDER é respaldada pelos resultados da pesquisa que SCHWARZ desenvolveu, envolvendo 1000 igrejas de tamanho e estruturas variadas, em 32 países e em cinco continentes. Nessa pesquisa, ele descobriu princípios universais para o crescimento saudável da igreja. Chegou à conclusão de que, "se um

90 E. Stanley Jones. *O Cristo de Todos os Caminhos.* p.97-8

91 Webber. Apud. Howard A. Snyder., 176-7

> dos princípios estudados deve ser considerado “o mais importante”, então é, sem dúvida, a multiplicação dos grupos pequenos”. Ele observou que no grupo pequeno vive-se muito do que é da essência da Igreja. [92]

A grande tensão vivida hoje por muitos pastores que já estão convencidos da necessidade de uma reforma eclesiológica na vida de suas comunidades é se podemos inserir as células no contexto de uma Igreja tradicional, sem que a mesma perca a sua identidade teológica. Alguns têm se deparado com esta questão, e amedrontados pela força avassaladora de alguns movimentos que têm adentrado as portas de muitas denominações evangélicas causando divisões e desvios doutrinários, têm sido paralisados pelo temor de que o mesmo ocorra com suas comunidades.

Esta é uma ação reativa, diria que até natural, mas as mutações constantes de nossa sociedade pós-moderna nos convocam a sermos não mais reativos, mas pro-ativos.

Se entendemos que este é o caminho a ser seguido, se nos convencemos dos testemunhos bíblicos e da história da igreja, então precisamos trabalhar arduamente para construir modelos que permitam as igrejas vivenciarem esta reforma sem que sejam destruídas e descaracterizadas.

Snyder nos ajuda a compreender esses processos de reforma eclesiática:

> O grupo pequeno é adaptável à igreja institucional. O grupo pequeno não requer a derrubada da igreja organizada. É possível introduzir grupos pequenos sem se descartar ou abalar a igreja. Porém, se a incorporação dos grupos nos lares e dos grupos-células ao ministério global da igreja for realizada com seriedade, alguns ajustes serão necessários e, mais cedo ou mais tarde, haverá discussões sobre prioridades. O grupo pequeno deve ser visto como um componente essencial da estrutura e do ministério da igreja e não como seu substituto.[93]

Esse tem sido o nosso esforço. Nossa igreja tem 90 anos de existência, mas nem por isso nos deixamos paralisar, ela tem uma história maravilhosa de feitos gloriosos no Senhor , mas nem por isso deixamos de nos adaptar às demandas deste novo tempo. Tem um forte corpo doutrinário, mas é justamente isto que nos permite, com segurança, multiplicar lideranças e vivenciar uma estrutura simples, que na expressão do movimento

92 Mathias Quintela de Souza. Op. cit, p.84-85

93 Howard A. SNYDER, op. cit., p.173-4

Igreja em células seja “uma máquina de guerra, leve, ágil e feroz, na proclamação da mensagem do reino e na implantação dos valores da nossa fé”. [94]

8. Conclusão

Se queremos que a Igreja cresça integralmente precisamos lutar para que a expressão comunitária da vivencia cristã se evidencie em nossas comunidades na experiência dos pequenos grupos de crentes que se reúnem para orar, estudar a palavra, ajudarem-se mutuamente a crescer e a propagar a fé.

Lutar para que predomine a dimensão comunitária implica em lutar para que as estruturas e as organizações não se substantivem, mas ajudem a harmonizar a pessoa humana e a fazê-la cada vez mais próxima da outra e dos valores evangélicos. O predomínio do comunitário sobre o societário apresenta-se mais fácil em pequenos grupos.[95]

No próximo capítulo estaremos olhando para a necessidade da busca do poder de Deus para que uma igreja cresça integralmente, pois crescimento é antes de tudo milagre divino .

94 Este é o lema dos treinamentos proferidos pelo pastor Menonita no Brasil, fundador deste movimento em nossas terras, Roberto Lay.

95 DEMO. Apud. L. BOFF. Eclesiogênese. p.14-5

CAPÍTULO IX
O PODER PARA CRESCER INTEGRALMENTE – A VIDA DE ORAÇÃO DA COMUNIDADE

Implementar um sistema de crescimento integral na vida de uma igreja é muito mais do que aplicar uma metodologia. Se crescimento é milagre divino,[96] então precisamos buscar do único capaz de produzir tal milagre o poder para que ele ocorra.

Quando observamos igrejas bem sucedidas, torna-se uma tentação imaginar que o crescimento é fruto da sua estrutura, organização, métodos e materiais. Mas se a nossa observação for mais acurada, perceberemos que tais igrejas só crescem porque o poder de Deus se manifesta nelas. Elas são mais do que uma forte organização humana, elas são a expressão visível de Jesus agindo entre os homens.

Gosto da figura usada por Roberto Lay, ele compara as estruturas e o planejamento do sistema integrado de uma igreja às rodas de um carro, mas o combustível é a vida de oração das mesmas.[97]

Temos imaginado que se construirmos fortes estruturas eclesiásticas, se trabalharmos com firmeza a identidade doutrinária e se aplicarmos a metodologia correta podemos chegar a qualquer lugar. Na verdade, esta é a máxima do mundo moderno e da sua tecnologia, mas quando olhamos para o mundo espiritual, descobrimos que, sem o poder e a graça do Cristo ressuscitado em nosso meio, deixamos de ser igreja na acepção do que esta palavra significa.

> Felizmente, não falta poder no reino de Deus. O mesmo poder que ressuscitou Jesus dos mortos já é nosso! Tudo o que precisamos fazer é estar ligados nele. Repetidas vezes nos evangelhos e no livro

96 1 Co 3. 6 Eu plantei; Apolo regou; mas Deus deu o crescimento.7 De modo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento.

97 Lay, Roberto. *Apostila Modulo 2 Treinamento Igreja em Células*, p. B-1

> de Atos, as Escrituras Sagradas nos revelam que a presença miraculosa de Deus e o seu poder são revelados quando oramos. [98]

Então precisamos priorizar a oração, transformá-la parte integrante do estilo de vida de cada membro, bem como de toda a Igreja. A bênção e o poder da oração precisam ser experimentados e buscados com intensidade de alma. [99]

Mas, ao ler tais afirmações, você pode estar pensando que não há grande novidade aqui. É verdade, não há nada novo, porém se intencionalmente não trabalharmos pela vida de oração, tanto pessoal quanto comunitária, ela se desvanece no seio do povo de Deus.

Em meu ministério, o maior desafio tem sido manter a integridade da minha vida pessoal de oração. Quantas vezes tenho falhado e pecado, porque o princípio da estagnação e da frieza espiritual se instalam pelo abandono desta busca do Cristo vivo em nós.

Há alguns anos pude participar de um curso de pós-graduação que tinha como temática a história e a teologia dos avivamentos. Foi interessante perceber que os grandes avivamentos da história, especialmente ocorridos nos Estados Unidos da América do Norte, tiveram linhas teológicas diametralmente opostas. A grande pergunta era: o que eles possuíam em comum? A constatação do nosso grupo de pesquisa foi que, preponderantemente, a busca de Deus, o anseio pela sua presença, seu toque e sua ação era o que visivelmente se percebia em comum. As razões da busca tinham um substrato teológico diferente, mas o alvo da busca quando encontrado se manifestava derramando a graça que salva, transforma e produz o crescimento.

A pergunta chave que precisamos responder é: De que maneira a Igreja que busca crescimento integral pode fazer da oração um estilo de vida tanto para o crente como para a comunidade?

1. Transformando a oração em seu estilo de vida pessoal

É interessante notar que os apóstolos, em dado momento do seu ministério como líderes da igreja de Jerusalém, tiveram de fazer uma correção de rota e estabelecer o que era essencial para o avanço do reino. Eles priorizaram a oração e a pregação, e o fizeram exatamente nesta ordem. [100]

---

98 Ibid., B-1

99 Jr 29: 13 Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração.

100 At 6: 4 Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra.

Se desejamos que a Igreja aprenda a orar nós que somos líderes do rebanho precisamos ser modelos para ele. As contundentes palavras de Charles Haddon Spurgeon refletem a necessidade de que a oração seja prioritária na vida dos líderes da Igreja.

> Naturalmente o pregador se distingue como um homem de oração. Ele ora como qualquer outro cristão, caso contrário ele será um hipócrita. Ele ora mais do que a maioria dos cristãos, se não ele será desqualificado para o cargo que tem assumido. Se você, ministro, não ora muito, você é de dar pena. Se você tornou-se negligente na sagrada devoção, não somente você é de dar pena, mas o seu povo também, e vai chegar o dia em que será envergonhado e confundido. Nossos períodos de jejum e oração no Tabernáculo têm sido dias grandiosos realmente, nunca os portões dos céus estiveram tão largamente abertos; nunca nossos corações estiveram tão perto do centro da glória.[101]

Para que sejamos ministros comprometidos com a oração, antes de tudo precisamos separar tempo para isto. Este tempo precisa fazer parte de nossa agenda, ele precisa ser comunicado como prioridade em nossa vida pessoal e valorizado pela comunidade. Precisa também fazer parte da vida e dinâmica da sua família. Muitos de nós pastores temos perdido os nossos filhos para o mundo enquanto trabalhamos para ganhar pessoas do mundo para Deus. Nossos filhos não podem apenas conhecer a doutrina que pregamos e as liturgias da nossa fé, ele precisam conhecer o poder de Deus através das nossas vidas. Eles precisam perceber que estamos conectados à fonte do poder.

Quando meu filho estava chegando à fase da adolescência, o temor de que coisas assim acontecessem tomou o meu coração. Lembro-me da noite em que nós dois voltávamos de um compromisso e estacionamos o carro na garagem do prédio. Ali comecei a compartilhar com ele algumas experiências marcantes com o Deus vivo que havia experimentado na minha adolescência. Seus olhos brilhavam; desafiei-o a buscar de todo o coração o Deus vivo, a sua glória e o seu poder através da oração, pois era a sua vontade revelar-se a ele poderosamente. Posso me lembrar do efeito desta conversa em sua vida. Desde então ele tem investido cerca de uma hora por dia em oração e busca da presença, do propósito e do poder de Deus.

Cônjuges que aprendem a orar juntos e fazem dessa prática um hábito vital tornam-se intercessores mútuos e experimentam as bênçãos da verdadeira união. Aprenda a orar com sua esposa, ela é a maior intercessora que você pode ter. Alguns líderes têm

---

101 Spurgeon, C. H, apud Bonds, *E. M.. The Wepon of prayer* , http://www.ccel.org/ccel/bounds/weapon.vii.html

dificuldades para orar com seus cônjuges, pois entendem que a oração é algo tão íntimo que não pode ser partilhada com ninguém. De certa maneira é verdade, a oração é uma relação intima que desce às profundezas da alma. Justamente por os esposos devem participar da mesma vida de oração, por serem, um para o outro a pessoa mais íntima que se tem. Gosto de brincar com minha congregação dizendo que quando oramos sozinhos, a oração demora mais a ser respondida, pois somente metade de nós está orando, mas quando oramos juntos, oramos por inteiro, pois somos um aos olhos do Senhor.

Boa disciplina é escrever um diário ou uma agenda de oração. Em forma de esboço, podem ser registrados os motivos de louvor, preocupações, nomes de pessoas pelas quais se deseja interceder, trechos motivados da Palavra, as respostas de Deus, os novos discernimentos que têm surgido, as novas descobertas nos momentos de meditação e sonhos.

Quando estive em Singapura, participando do treinamento de líderes do Instituto Haggai, aprendi a começar o meu diário de oração. Nunca imaginei o impacto que esta ferramenta simples teria sobre minha vida. Fomos desafiados a escrever neste diário os nossos sonhos, posteriormente, em uma cerimônia singular de celebração da Ceia do Senhor nós os consagramos, em oração na mesa do Senhor. Lembro-me que havia colocado 25 itens naquela lista e comecei a orar por eles todos os dias. Cerca de um ano depois um dos meus professores naquele encontro esteve pregando em nossa Igreja. Em um dos momentos livres da nossa agenda ele me perguntou sobre os meus sonhos, aqueles que eu havia consagrado ao Senhor. Alguns deles eu os considerava de longuíssimo prazo, mas todos eles Deus já havia me permitido alcançar. Na verdade, a minha lista está em constante mutação, pois velhos sonhos têm sido alcançados, novos sonhos colocados e alguns sonhos abandonados, pois na presença do Todo Poderoso, eles se desvaneceram e mostraram-se incompatíveis com o propósito de Deus para a minha vida.

2. Construindo um escudo de oração ao redor do ministério

Ouvi um pregador que, em sua mensagem, voltada a pastores e líderes fez-me a seguinte pergunta: Quantas pessoas oram por você e por seu ministério todos os dias ? Ele nos desafiou a contarmos estas pessoas e a escrevermos os seus nomes em nossa agenda de oração. Naquele tempo, eu consegui contar cinco pessoas a respeito de quem eu tinha certeza da sua intercessão diária por mim: minha esposa, minha mãe, minha sogra e minhas duas avós.

Percebi então que, se quizermos que nosso ministério cresça, precisamos não somente priorizar a oração pessoal, mas entender que não podemos estar sozinhos neste processo.

Quando fui treinado pela equipe de cruzadas de Billy Graham, achei estranho um dado que eles nos passaram. Eles nos desafiavam a conseguir o maior número possível de pessoas que pudessem trabalhar como conselheiros em uma cruzada. O papel do conselheiro ia além do atender as pessoas durante o momento do apelo, mas ser um intercessor da cruzada. Eles não sabiam explicar o porquê, mas as suas estatísticas levantadas em vários países do mundo e com a participação de quase todas as diferentes denominações evangélicas, apontavam que o número de decididos sempre era muito próximo do número de pessoas comprometidas com a intercessão a favor do evento.

Um dos livros que tem influenciado o meu ministério em termos de oração é “O Escudo da Oração” de Peter Wagner. A leitura deste livro me levou a entender que precisava construir um escudo de oração ao redor do meu ministério e da Igreja. Confesso que a princípio me pareceu algo místico demais, mas aos poucos foi surgindo o desejo de ter alguns homens e mulheres que pudessem se tornar meus parceiros de oração como Arão e Hur o foram para Moisés, me motivaram a construir este escudo.

Hoje cada um dos Pastores de nossa Igreja tem pelo menos 10 casais que são seus intercessores pessoais. Todas as semanas, pelo e-mail, compartilhamos com eles um pouco de nossas vidas, sonhos e tensões do ministério. Eles sustentam os nossos braços. A cada dois meses nos reunimos, em nossa casa, lanchamos juntos e compartilhamos. Eles são nossos conselheiros, checam as nossas vidas, nos cercam de amor e, acima de tudo, intercedem por nós.

Temos desafiado os supervisores de células que façam o mesmo e agora o desafio foi estendido aos líderes de células. Está, assim, formando-se uma poderosa e eficaz rede de intercessão.

3. Construindo um ministério de oração na igreja local

Outra ferramenta poderosa é a construção de um ministério de oração que permeie todos os outros ministérios, motivando-os a viverem a oração como seu estilo de ação e vida.

A missão deste ministério tem sido delineada nos seguintes termos: O propósito do Ministério de Oração é levar as pessoas a experimentarem o poder de Deus através da sua vida de oração, amar e servir ao próximo pela intercessão, e levantar um clamor no Espírito

a favor das pessoas e povos que necessitam conhecer Jesus como seu Senhor e Salvador pessoal.

O lema do nosso ministério de oração é:

> Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo de pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém.[102]

3.1 Objetivos específicos

3.1.1 Orar por todos os ministérios da igreja

3.1.2 Orar por todos que estejam no trabalho do Senhor

3.1.3 Orar pelos ministros, trabalhadores leigos e pessoas presentes na igreja

3.1.4 Orar pelo avivamento da igreja e a realização da vontade do Senhor

3.1.5 Orar por sabedoria para todas as atividades e pessoas da igreja

3.1.6 Orar em pequenos grupos por assuntos específicos e necessidades específicas

3.1.7 Promover instrumentos, através da oração, para o crescimento espiritual de todos os participantes da igreja, focando o forte relacionamento com o Senhor

3.2 Composição do Ministério de Oração / Estrutura de trabalho

O Ministério de Oração trabalha nas seguintes áreas:

3.2.1 Ministérios específicos da Igreja – diretorias e coordenadorias

Cada ministério ou diretoria é desafiado a praticar a oração antes de qualquer ação, investindo quinze minutos de sua agenda de trabalho neste propósito, bem como a construir uma estrutura interna que se conecte à rede de oração de toda a igreja.

3.2.2 Oração em Pequenos Grupos

A oração em pequenos grupos é realizada por pessoas que estejam envolvidas em um assunto específico ou tenham um chamado para tal e se sintam motivadas a envolver outras pessoas neste propósito. Por exemplo: Esposas que oram pela conversão de seus maridos, filhos pela conversão de seus pais, pais pelos filhos, pelos governantes e pelo Brasil etc.

Atua como uma reunião de oração com horário fixo na agenda da igreja facilitando assim que novas pessoas possam ser agregadas.

---

102 Ef 3:20-21

Cada grupo tem autonomia de ajustar seu trabalho conforme as suas necessidades, desde que dentro da diretriz da igreja e do ministério. O início de um grupo de oração deve ser estabelecido em conjunto com a Diretoria do Ministério.

3.2.3 Sentinelas de oração

Grupo de intercessores que atuam durante os cultos públicos, orando pelo culto, pelos dirigentes e especialmente a favor daqueles que ainda não conhecem Jesus como Senhor e Salvador.

. O objetivo principal é estar sustentando em oração todas as atividades que estarão ocorrendo durante os períodos de culto. Atuam como Arão e Hur sustentando Moisés durante a batalha.

3.2.4 Eventos especiais

Os eventos especiais da igreja terão planejamentos específicos de intercessão. Ela ão deve ocorrer durante a preparação do evento bem como durante o mesmo. É importante designar um coordenador de oração para o evento.

3.2.5 Rede de Intercessão

A Rede de Intercessão é um grupo de pessoas dispostas a orar em qualquer momento e situação. O coordenador da rede a acionará sempre que motivos emergenciais surjam.

Ela é formada pelos Sentinelas de Oração, os intercessores pessoais dos pastores e as células da igreja. O meio de comunicação utilizado é a internet e para casos críticos o telefone.

3.2.6 Jornada de oração pela construção

Os grupos destinados a levantar fundos para a construção devem ter também como prioridade a oração. Através de escala, eles se reúnem no local da construção sempre antes do culto vespertino de domingo, por 1 hora ou mais.

Cada grupo pode desenvolver estratégias de envolvimento e motivação diferentes para este tempo. Quanto mais criatividade os líderes tiverem, mais pessoas serão envolvidas.

3.2.7 Vigília de Oração – semanal

A Vigília de Oração acontece sempre às sextas-feiras. Dependendo do publico alvo, ela pode ser programada para uma noite inteira ou para uma jornada de quatro horas.

Seu programa é preparado tendo em vista um tema principal ou um motivo especial de intercessão designado pela coordenação do ministério. Por exemplo, o mês das famílias, as eleições da igreja, evento especial, etc...

As vigílias são dirigidas por vários grupos diferentes da Igreja mediante uma escala de diretorias, coordenadorias, ministérios e células. O importante é que os membros da igreja saibam que neste dia há um grupo reunido em vigília e que ele sempre pode participar trazendo os seus motivos de oração.

3.2.8 Jardim de Oração aberto 24 horas

O jardim de oração é um espaço destinado especificamente à oração. Tem um ambiente agradável e acolhedor proporcionando leveza a quem desejar se encontrar com Deus no ambiente do templo. Ele fica aberto 24 horas por dia e pode ser usado pelos

Figura 11
Jardim de Oração



Pequenos Grupos de oração. Ali se faz um registro de pedidos e agradecimentos, facilitando a mútua intercessão.

3.2.9 Momento de oração nos cultos da igreja

Ele faz parte de todos os cultos. Nele são abordados assuntos referentes à igreja, necessidades pessoais dos irmãos, enfermos, pastores, missionários, etc.

Os testemunhos de repostas às orações são priorizados pois o objetivo deste tempo é conscientizar de maneira prática o valor e a bênção da oração.

Neste momento pedimos que toda a igreja se coloque de joelhos na presença de Deus, em reverência à grandeza do Deus a quem adoramos e a quem clamamos por socorro.

3.2.10 Dia de Jejum e oração - Mensal e em situações especiais

Sempre realizado na perspectiva de um tema principal; envolvendo a atual necessidade da igreja ou um direcionamento específico dado pelo pastor da igreja.

Desafiamos os irmãos a jejuarem conforme as suas possibilidades. Alguns o fazem o dia inteiro, outros em parte. Muitos o fazem em suas casas, mas nos revezamos, como líderes da igreja, na sala de oração conduzindo o tempo de oração e compartilhamento mútuo. Muitos são os que passam pela igreja para orarem com seus pastores e líderes pór algum tempo neste dia.

Figura 12
Para Tudo Vou Orar



3.2.11 Estratégia de oração

São diferentes instrumentos utilizados para envolver cada vez mais pessoas na dinâmica da oração. Sempre um objetivo específico é relacionado à estratégia. Elas podem ser permanentes ou temporárias. A seguir, algumas delas.

3.2.11.1 A Igreja Unida em Oração

Ao Meio Dia todos os membros são desafiados a parar tudo o que estiverem fazendo e a orar onde quer que estejam, durante uma semana, a favor de um assunto específico sugerido pela liderança da Igreja.

3.2.11.2 Relógio de Oração

Algumas vezes utilizamos uma escala de oração, garantindo que se processe ininterruptamente por 24 horas a cada dia.

3.2.12.3 Boletim de oração

Relação de temas com ênfases diárias de oração sugeridos pela equipe coordenadora do ministério e publicado no boletim da igreja semanalmente.

3.2.12.4 Oração pelos aniversariantes

Pessoas que se dispõem a orar pelos aniversariantes do dia, através do telefone.

3.2.12.6 Concerto de oração

Há alguns anos participei de um congresso de pastores em que, da programação, constava o título: “Concerto de Oração”. Minha sensação foi de estranheza. O que vem a ser um concerto de oração? Será algum tipo de cantata? Lembro-me que estava ansioso por descobrir o que aconteceria naquele momento do programa. Mas todas as minhas conjecturas não se comparavam com a bênção do que foi aquele momento.

Creio que neste instante você esteja se sentindo como eu naquele dia, mas tenho certeza de que sua surpresa será ainda maior ao poder experimentar um tempo de oração junto com sua igreja, como nunca antes você viveu.

No anexo 2 você encontrará a descrição detalhada de como preparar um concerto de oração. Talvez, para alguns, isso pareça excesso de informações, mas é difícil colocar no papel algo que experimentamos de inusitado; por isso, para que você pudesse desfrutar o

que experimentei naquele dia, insiro este anexo com o propósito de descrever um concerto de oração do modo mais detalhado possível.

Minha oração é que a sua experiência seja tão especial quanta minha neste tempo que você sua igreja poderão viver juntos na presença do Senhor e que esta seja a primeira de muitas experiências de se realizar um concerto como este.

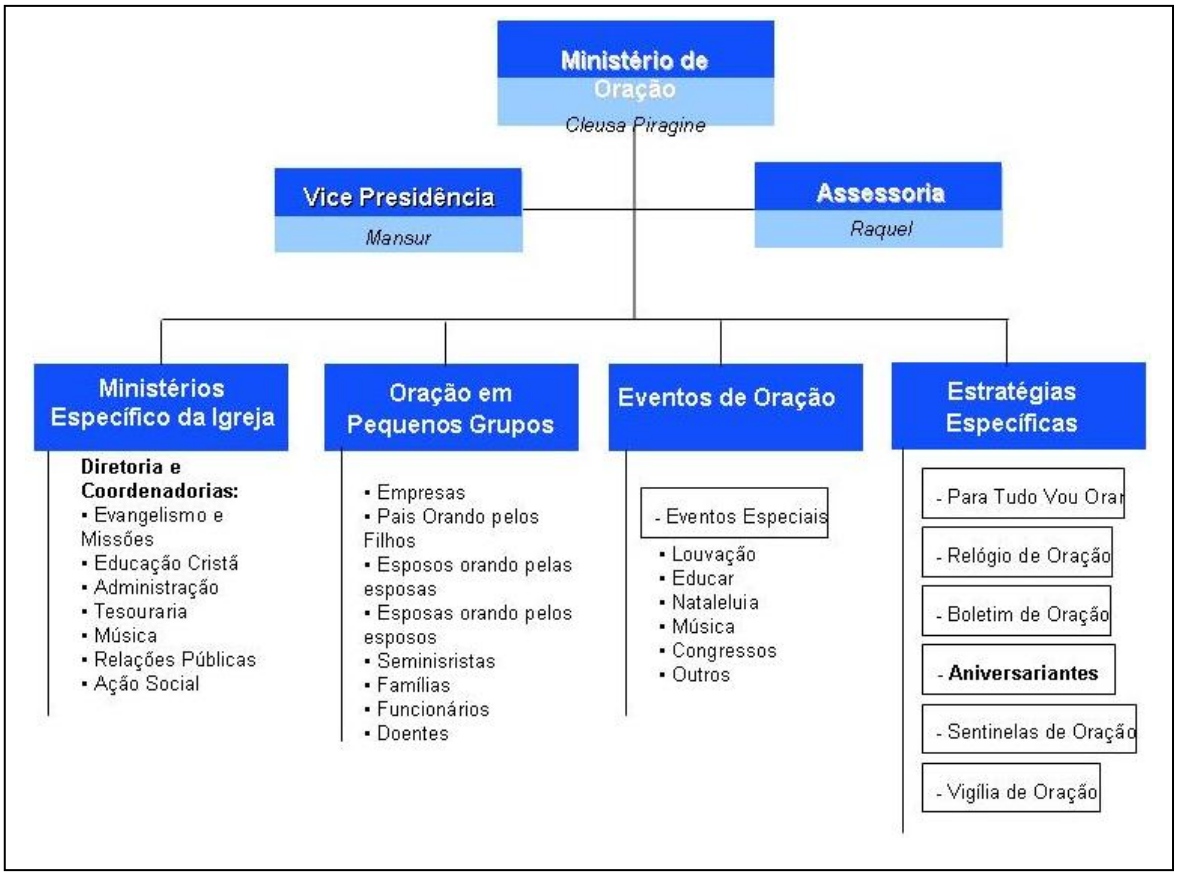


Figura 13
Organograma do Ministério de Oração

3.3 Conclusão

A estrutura sugerida não é normativa, mas uma idéia de como um ministério de oração pode ser construído na Igreja. O mais importante não é a forma nem a estrutura, mas o alvo: motivar o povo de Deus a descobrir a bênção e o poder da oração.

No próximo capítulo estaremos olhando para fora das quatro paredes do templo e tentando definir a maneira como uma igreja que cresce integralmente vê a sua responsabilidade para com a sociedade em que está inserida.

CAPÍTULO X
A RESPONSABILIDADE SOCIAL DE UMA IGREJA QUE CRESCE INTEGRALMENTE

Talvez a maior crítica ao crescimento integral, feita por seus oponentes, seja a visão que este movimento tem sobre a missão do cristão e o papel social da Igreja. Por isso, este assunto não pode apenas ser uma proposta prática de ação, ele carece de uma argumentação dos conceitos que pressupõem esta ação; caso contrário, distorções podem ocorrer pondo em risco a integralidade da missão e do crescimento que esperamos.

1. Uma visão bíblica quanto a nossa responsabilidade social

A base para a nossa ação e fé precisa sempre partir da Palavra de Deus; por isso, é bom lembrar os conceitos básicos que a Bíblia apresenta sobre a nossa responsabilidade no contexto social.

1.1 A responsabilidade social no Velho Testamento

Quando olhamos para o Velho Testamento, encontramos a clara consciência de que o povo de Deus era responsável por manter na sociedade a justiça e o respeito pelos seus semelhantes. Várias leis tinham como propósito mostrar o valor que Deus mesmo dava ao socorro dos necessitados.

1.1.1 O ano do Jubileu

Talvez uma das leis mais surpreendentes da História da Humanidade era a lei do Jubileu[103], segundo a qual a cada 50 anos, todos os homens da sociedade deveriam passar por um recomeço social. As terras voltavam aos seus antigos donos, todas as dívidas eram perdoadas e os escravos eram libertos da escravidão.

103 Lv 25:8-34

> Deus estava preocupado com a justa utilização do solo e com a possibilidade de um novo começo para aqueles que por razões diversas, se encontrassem prejudicados nas relações sociais.[104]

1.1.2 O ano sabático [105]

A cada ciclo de sete anos, o solo deveria descansar para que a terra fosse renovada, mas aquele era também um tempo de descanso para os empregados, libertação dos escravos e endividados. E todas as pessoas, inclusive os pobres, deveriam viver do que a terra produzisse por si mesma. O fruto dessa colheita espontânea era de toda a população e não somente dos donos das terras.

1.1.3. Os dízimos e colheitas[106]

De três em três anos, os dízimos não eram levados ao templo, mas eram dados como suprimento para o sustento dos órfãos e das viúvas de cada comunidade local, além de serem ofertados aos levitas que exerciam o papel de mestres, nas vilas e cidades distantes da região central.

1.1.3 Os respigos[107]

Segundo esta lei, os cantos das plantações e o que caía no chão enquanto os trabalhadores colhiam, não deveriam ser recolhidos, pois pertenciam aos pobres da região que vinham atrás dos trabalhadores recolhendo os respigos. Talvez a melhor ilustração da bênção que era esta lei na vida dos pobres de então é a história de Rute e Noemi. Elas sobreviveram graças à lei dos respigos.

1.1.4 O profetismo de Israel

Talvez uma das marcas mais contundentes do propósito de Deus em mostrar a nossa responsabilidade social seja o ministério dos profetas no Antigo Testamento. Eles se apresentavam como enviados de Deus e mensageiros de seus oráculos. Condenavam a idolatria, conclamavam o povo ao arrependimento e à busca do Deus vivo em suas vidas e não somente nas celebrações religiosas, mas também e com muita veemência sempre apontavam para a responsabilidade com os pobres e oprimidos da terra.

---

104 Ed René Kivitz; Silvia Regina Jorge Kivitz. *Caderno de ação Social, Evangelização e Responsabilidade Social* , p. 4

105 Lv 25:1-7

106 Dt 14:22-29

107 Lv 19:9-10

> Deus rejeitou totalmente qualquer separação entre fé e justiça, não só na dimensão individual como também nas Instituições e estruturas nacionais, controladas por impiedosos detentores do poder (Is 1.11-20: MI. 2.1-9). Os profetas eram os mensageiros de Deus, enviados para conclamar o povo ao arrependimento e à retomada do projeto original de Deus: um culto, uma ética e um estado político que refletissem a glória de Iavé.[108]

Ao correr as páginas do Velho Testamento, é impossível não perceber que somos responsáveis diante de Deus pela sociedade que estamos construindo, pelas relações que cultivamos com os outros, pela misericórdia, pela restauração do homem a sua dignidade de ter sido criado à imagem de Deus.

1.2 A responsabilidade social no Novo Testamento

Nós, evangélicos, temos a clara noção bíblica de que não somos salvos pelas boas obras que realizamos, mas também entendemos que as boas obras precisam ser a expressão prática da nossa fé. Caso contrário, ela não terá o poder da vida[109] abundante prometida pelo nosso Senhor, além de frustrarmos o propósito divino que desde antes da fundação do mundo fora idealizado e que em Jesus foi restaurado[110]. Somos nós a expressão viva e visível da sua bondade. Isto fica claro em vários contextos das Escrituras Sagradas.

Ed e Sílvia Kivitz, em trabalho apresentado como contribuição ao desenvolvimento de uma filosofia de ação social para a Convenção Batista Brasileira, destacaram o compromisso que Nosso Senhor tinha com o homem todo. Seus argumentos foram pautados na vida e ministério de Jesus. Coloco em forma esquemática as suas conclusões.

ESTILO DE VIDA	Modelo de serviço	Relação de amor e igualdade entre os homens
ENCARNAÇÃO	Esvaziou-se para salvar e servir	Exemplo de como a palavra pode tornar-se fato e realidade tangível
VISÃO INTEGRAL	Homem: Unidade física-psíquica-espiritual	Cuidou do Homem por inteiro e negou a visão grega que valorizava o espiritual em detrimento do material
PRÁTICA MINISTERIAL	Ver ➔ Sentir ➔ Agir	Dos olhos para o coração e do coração para as mãos

Tabela 3
O compromisso de Jesus com o Homem todo

108 Ed René Kivitz; Silvia Regina Jorge Kivitz. Op.cit, p. 5.

109 Tg 2:17 Assim também a fé, se não tiver obras, é morta em si mesma.

110 Ef 2:10 Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas.

1.2.1 A Igreja do Novo Testamento

Quando olhamos como a Igreja do primeiro século apreendeu tanto do Velho Testamento, quanto do modelo deixado por Jesus, a sua responsabilidade, percebemos que há algo errado na maneira como a maioria das igrejas modernas se portam quanto a esta questão.

O livro de Atos nos apresenta uma igreja comprometida com o crescimento integral, onde se pode encontrar: a proclamação do Evangelho (kerigma), as celebrações (liturgia), a comunhão (koinonia), o ensino (didache) e também o serviço ao próximo (diaconia). São impressionantes os relatos dos documentos da história sobre o impacto de uma comunidade como esta aos olhos dos homens de então.

> Eles andam em humildade e bondade; não existe falsidade entre eles; amam uns aos outros. Não desprezam as viúvas nem molestam o órfão. Aquele que tem dá liberalmente para o que não tem. Se encontram um estrangeiro, logo lhe dão acolhida e se alegram com ele como se fosse um irmão: porque entre eles se chamam de irmãos, não na carne, mas no espírito, em Deus. Quando um dos seus pobres passa deste mundo e um deles é informado, logo toma providências para o seu sepultamento, conforme estiver ao seu alcance e se ouvem que um deles é preso ou oprimido por causa do nome do seu Messias, todos providenciam para as suas necessidades; e, se é possível que seja posto em liberdade, esforçam-se por consegui-lo. Se há entre eles pobre e necessitado, não tendo em abundância o de que necessita, jejuam dois ou três dias para suprirem-no com o alimento de que precisa. [111]

Fica claro, à luz das escrituras que o nosso Senhor tem expectativas quanto a nossa missão em relação não somente às almas dos homens, mas também para com os seus sofrimentos na carne. Faz parte da nossa responsabilidade sermos as mãos e os pés de Jesus nesta terra e não somente as suas palavras.

2. A herança evangélica da responsabilidade social

Reginaldo Kruklis faz uma análise muito rica dos evangélicos avivalistas, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, demonstrando a influência dos mesmos nas transformações sociais que têm nos atingido até hoje, bem como do impacto social das missões modernas.

> O reavivamento evangélico, que revolucionou ambos os continentes, não pode ser visto apenas em termos de pregação do evangelho e

111 Ronald Sider, apud Ed René Kivitz; Silvia Regina Jorge Kivitz., Op.cit, p. 6

> conversão de pecadores a Cristo; ele suscitou também uma vasta filantropia e afetou profundamente a sociedade nos dois lados do Atlântico.
>
> Jonh Wesley continua sendo seu exemplo mais marcante. Ele é popularmente lembrado como evangelista itinerante e pregador (em praça pública ao ar livre). E de fato o foi. No entanto, o evangelho inspirava as pessoas a se envolverem em causas sociais em nome de Cristo. Os historiadores atribuem á influencia de Wesley- muito mais que a qualquer outra coisa - o fato de a Inglaterra ter sido poupada dos horrores de uma revolução sangrenta como a da França.
>
> A mudança que se deu na Inglaterra durante esse período foi muito bem documentada por J. Wesley Bready no seu conhecido livro England Before and After Wesley (A Inglaterra antes e depois de Wesley), cujo subtítulo é "O Reavivameto Evangélico e a Reforma social". Sua pesquisa forçou-o a concluir que “a verdadeira mãe que nutriu o espírito e os valores de caráter que têm criado e sustentado as instituições livres através do mundo de fala inglesa" ou melhor dizendo, "a linha divisória moral da história anglo-saxônica", foi o "o Reavivamento Evangélico, tão negligenciado e tantas vezes satirizado".
>
> Bready descreve a "profunda selvageria de grande parte do século XVIII" , que se caracterizou pela cruel tortura de animais no esporte, a bebedeira bestial do populacho, o tráfico desumano de negros africanos. o seqüestro de compatriotas para a exportação e venda ..como .escravos, a mortalidade infantil, a obsessão universal pela jogatina, a selvageria do sistema penitenciário e do código penal, a expansão devassadora da imoralidade, a prostituição do teatro, a prevalência cada vez maior da ilegalidade, da superstição e da libertinagem; a corrupção e o suborno na via púbica, a arrogância e a truculência das autoridades eclesiásticas, as reduzidas pretensões do deísmo, a falsidade e a depravação desmedidas na Igreja e no Estado. Todas estas manifestações fazem crer que o povo britânico era, na época, talvez tão profundamente depravado e corrupto quanto nenhum povo na cristandade. Mas então as coisas começaram a mudar.
>
> De onde veio, então, essa acentuada humanidade, a paixão por justiça social e a sensibilidade para com os erros humanos? Só existe uma resposta. Tal mudança surgiu da urna nova consciência social. Essa consciência social foi dada à luz e nutrida pelo reavivamento evangélico, através de um cristianismo vital e prático.[112]

Ao estudarmos a história do cristianismo poderemos perceber que sempre que a fé se torna viva e atuante em meio a um povo ou nação, os efeitos do evangelho poderão ser percebidos não só nos crescimento da Igreja, mas também nas transformações sociais que os valores do Reino implementam através da fé que está conectada a vida . esta também foi a conclusão de Kruklis sobre a influencia da o avivamento Wesleiano na Inglaterra.

---

112 Reginaldo Kruklis. *Os Batistas e a Ação Social,* Caderno de Ação Social , p. 20

> O reavivamento que iluminou os postulados centrais da ética do Novo Testamento, como a paternidade de Deus e a fraternidade dos homens, apontou para a prioridade da personalidade sobre a propriedade e encaminhou coração, alma e mente rumo ao estabelecimento do Reino da retidão na terra.
>
> O Reavivamento evangélico "fez mais pela transfiguração do caráter moral da população em geral do que qualquer movimento registrado pela historia britânica". pois Wesley tanto foi um pregador do evangelho quanto profeta de retidão social. Ele foi' o homem que restituiu a alma da nação.[113]

Mas a nossa herança evangélica de transformação social pelo poder dos valores do reino sendo implementados à vida e aos relacionamentos da sociedade vão muito além de um personagem ou de uma única influência , veja quão grande é a lista das transformações promovidas por homens e mulheres comprometidos com o reino de Deus .

> Wilberforce lutou contra o governo para acabar com a escravidão. Miss Fry se dedicou à reforma das prisões, onde as condições eram desumanas. Florente Nightingale exerceu toda a sua influência para convencer os chefes militares de que algo deveria ser feito pelos soldados, e foi sozinha à guerra da Criméia para iniciar o serviço de enfermagem. Shaftesbury se deu à causa da criança abandonada, numa sociedade vitoriana que permitia o trabalho infantil, mesmo nas minas de carvão. Todos estes eram crentes. Não eram subversivos nem apolíticos. Falaram corajosamente ao governo mais poderoso do mundo de então, como testemunhas de um Deus de justiça, que olha para o órfão, a viúva e o pobre.
>
> O mesmo se pode contar sobre os Estados Unidos no século passado. O envolvimento social foi fruto da fé evangélica e irmão gêmeo do evangelismo. Isto se pode ver claramente.
>
> Charles G. Finney, mais conhecido como "o advogado que virou evangelista" e como autor de "Palestras sobre Reavivamentos da Religião" (Lectures on Revivals of Religion). publicado em 1835. Através das suas pregações do evangelho, grandes multidões foram conduzidas à fé em Cristo. O que nem todos sabem é que ele se preocupava tanto com "reformas" quanto com "reavivamento". Como diz Donald W Dayton no seu livro Discovering an Evangelical Heritage (Descobrindo uma herança evangélica), Finney estava firmemente convencido de que o evangelho 'liberava um poderoso impulso rumo à reforma social" e também de que a negligência da Igreja pela reforma social entristece o Espírito Santo e constitui um empecilho para o reavivamento. É impressionante ler a declaração de Finney na sua "23a. Palestra sobre o reavivamento", onde afirma que "o grande negócio da Igreja é reformar o mundo".

---

113 Ibid. p.20

> O século XIX também é conhecido pela enorme expansão das missões cristãs que este testemunhou. Não se deve imaginar, contudo, que os missionários se concentrassem exclusivamente na pregação do evangelho, ou que sua preocupação social se restringisse a auxílio e socorro, negligenciando o desenvolvimento e mesmo e atividade sócio-política. Tais distinções não existem. O missiologista americano Dr. R. Pierce Beaver escreve: "Na missão, a ação social segue a linha dos apóstolos no passado (...)Seu interesse nunca se limitou à simples prestação de auxílio. O missionário itinerante carregava consigo uma sacola de medicamentos, sementes ou plantas novas ou selecionadas e um rebanho melhorado. Névius introduziu a nova indústria dos pomares em Shantung. Os missionários da Basiléia revolucionaram a economia de Gana ao introduzirem o café e o cacau plantados por famílias e indivíduos em suas próprias terras. James Mckean transformou a vida na Tailândia do Norte ao eliminar suas três maiores pragas: a varíola, a malária e a lepra. Os poços e a água pura geralmente apareciam através da ajuda dos missionários. As escolas industriais foram uma ênfase durante todo o século XIX. e estabeleceram-se Indústrias(..) " Além disso "eram geralmente os missionários que protegiam os povos nativos contra a exploração e a injustiça por parte dos governos e das companhias comerciais(...) Eles desempenharam um papel muito importante na abolição do trabalho forçado no Congo. Resistiram ao comércio de escravos no Sul do Pacífico. Lutaram ferrenhamente pelos direitos humanos no combate ao ópio, à atadura dos pés e à exposição das meninas recém-nascidas na China. Abriram guerra à queima das viúvas, ao infanticídio e à prostituição sagrada na Índia: e, acima de tudo, romperam a escravidão social e econômica do sistema de castas que afetava os inferiorizados e marginalizados. [114]

Tantos outros fatos da nossa rica história evangélica poderiam ser lembrados até mesmo na história recente, com a influência e vida de Martin Luther King, ou mesmo Rev. Desmond Tutu,. no entanto, o mais importante é que entendamos a nossa responsabilidade social. Ela foi revelada no Antigo Testamento, encarnada em Jesus, experimentada com poder e para a glória do Senhor no contexto da igreja primitiva e surge fortemente na história sempre que a fé é reavivada.

Então, logo vem a nossa mente: O que aconteceu para que tal paixão se arrefecesse nos últimos tempos?

3. O pêndulo teológico

A partir do fim do século XIX, até depois da primeira metade do século XX, as implicações sociais do evangelho foram negligenciadas, às vezes abandonadas, e mais

114 Reginaldo Kruklis. *Os Batistas e a Ação Social*, Caderno de Ação Social , p. 20-1

freqüentemente declaradas de importância secundária por aqueles que se chamavam conservadores ou fundamentalistas. Grupos que até então tinham apoiado a reforma social recuavam para uma posição em que a preocupação básica depois da conversão era a pureza dos indivíduos mais do que a justiça na sociedade.

Uma das razões foi a visão do movimento moderno evangelical que via apenas a necessidade de se salvar a alma e não o homem como um todo. Desde os tempos de Dwight L. Moody e mais marcantemente em Billy Sunday, os evangélicos de modo geral viam a sociedade como um navio naufragado e que Deus comissionara os cristãos a usarem os seus botes salva-vidas para o salvamento do maior número de homens.

Outra influência negativa foi o radicalismo dos esquemas escatológicos pré-milenistas dispensacionalistas, que vêem o mundo como tão mau que é impossível ser melhorado. “Ele continuará se deteriorando mais e mais até a vinda de Jesus, que estabelecerá então o seu reino aqui na terra.”[115] Os mais extremados acreditavam até que era pecado fazer qualquer coisa que, segundo o seu conceito, retardasse a volta de Jesus, pois ele só voltaria quando o caos se instalasse.

Pois o mundo precisava piorar ainda mais para que Jesus voltasse mais cedo. Orar pela paz era retardar a volta de Jesus.[116]

Talvez, outra razão tenha sido o surgimento de teologias de cunho liberal, voltadas para o problema social, provocando assim uma reação extrema dos conservadores.

Uma delas foi o chamado Evangelho Social**,** de orientação filosófica pautada na social democracia, muito discutido desde o final do século passado até aproximadamente a Primeira Guerra Mundial. Sua visão identifica o reino de Deus com a ordem social deste mundo e a preocupação social deve ser a preocupação central do Evangelho. O homem, para eles, não é pecador inato e a redenção é proveniente da consciência dos males sociais. Seu objetivo principal é construir o reino de Deus aqui na terra.

Outra, mais recente, é a Teologia da Libertação**,** de orientação filosófica marxista, que tem como cerne a visão de que Deus se coloca incondicional e decididamente a favor dos pobres e daqueles cujos direitos lhes são negados. É a chamada opção preferencial pelos

115 Ibid., p.22

116 Jr 29: 7 E procurai a paz da cidade, para a qual fiz que fôsseis levados cativos, e orai por ela ao Senhor: porque na sua paz vós tereis paz.

pobres[117]**.** "A natureza pecaminosa é periférica. O importante é o estado da pessoa no contexto da luta de classes: se é opressora ou oprimida."[118]

Creio que foi em 1974, no grande Congresso de Missões em Lausanne, que os evangélicos como um todo, caminharam para a coerência nas Escrituras, ainda que, inúmeras obras sociais evangélicas nunca houvessem deixado de existir. Todavia, colocamos em ordem nossas perspectivas.

O pacto de Lausanne nos diz:

> Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas... Quando as pessoas recebem a Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem as obras é morta.[119]

As palavras do Prof. Lourenço StélioRega podem nos ajudar a reformatar o pêndulo teológico aqui exposto.

> Já não é mais possível crer que a única missão da igreja é salvar o pobre pecador perdido. Antes de tudo a igreja existe para glorificar a Deus, pois não fomos criados para a queda, mas para a Sua glória. É a missão da igreja para com Deus.
>
> Com a contingência da entrada do pecado no mundo, Deus proveu a nossa restauração através de seu filho. Assim, é acrescida à missão da igreja uma preocupação com o mundo: proclamação do evangelho aos pecadores perdidos. É a missão da Igreja para com o mundo. Mas a igreja deve prover meios para a manutenção espiritual do cristão, para que ele consiga viver para a glória de Deus. É a missão da igreja consigo mesma.
>
> A visão integral da missão da igreja temos de acrescentar a sua tarefa de socorrer o pobre e necessitado, seja cristão ou não. É a responsabilidade social da igreja. Como cristãos, devemos ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16).[120]

---

117 O Prof Sturz afirma que dizer que Deus é pelos pobres, que nós precisamos optar por eles, é uma coisa.Outra, é proclamar que o pobre é salvo por ser pobre. Ora, se o pobre é salvo por ser pobre, para que tirar-lhe a pobreza e fazê-lo perder a salvação? *Teologia da Libertação,* Mundo Cristão, p 159

118 Lourenço Stélio Rega, *Visão Bíblica da Atuação Social da Igreja,* p. 16

119 Pacto de Lausanne. http://www.underground.org.br/artigos/artigo.asp?ID=75

120 Lourenço StélioRega, Op. cit, p.17

Todas as os enfoques da missão precisam ser alcançados, por isso não podemos deixar de assumir a responsabilidade social como parte integrante da ação da igreja, como povo de Deus e sinal visível do reino nesta terra.

4. A relação entre evangelização e responsabilidade social

Uma questão que tem influenciado e até colocado em cheque a responsabilidade social da igreja é a sua relação com a evangelização, chegando até alguns a advogarem a total incompatibilidade da evangelização com a ação social.

Neste caso, a consulta sobre evangelismo e ação social, realizada em 1982, apresenta três conclusões que foram comentadas por Kivitz e podem ser muito úteis a nossa reflexão:

> Em primeiro lugar, a ação social é uma conseqüência da evangelização. A evangelização multiplica pessoas novamente nascidas e esta nova vida se manifesta também no serviço ao próximo. A Bíblia é clara em afirmar que, através do evangelho, nós somos “criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que andássemos nelas”(Ef 2.10). Isto é, a intenção de Deus é também “purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras”(Tt 2.14).
>
> Em segundo lugar, a ação social pode ser uma ponte para a evangelização. Ela pode destruir preconceitos e desconfianças, abrir portas fechadas e ganhar a atenção do povo para o evangelho. O próprio Jesus algumas vezes realizou obras de misericórdia antes de anunciar as boas novas do reino de Deus. Evidentemente, devemos estar conscientes do perigo de que alguns serão “convertidos interesseiros”, tal qual a multidão que seguia a Jesus por causa de seus milagres. Mas mesmo consciente disso, o próprio Jesus sabia também que suas obras davam testemunho a seu respeito (Jo 10.25) e nos instruía que deixássemos resplandecer a nossa luz diante dos homens, para que vissem as nossas boas obras e glorificassem a nosso pai, que está nos céus (Mt 5.16). De fato nossas ações não são uma tentativa de suborno, mas pontes de amor para o mundo.
>
> Em terceiro e último lugar, a ação social é parceira da evangelização. A proclamação de Jesus como Senhor e Salvador (evangelização) têm implicações sociais, pois desafia os valores do “velho homem” e o conduz à transformação de seus relacionamentos na sociedade. Por outro lado, o serviço ao próximo (ação social) tem também suas implicações evangelísticas, pois as obras de amor, realizadas em nome de Jesus, são uma expressão do evangelho e um anúncio de que o reino de Deus está entre nós. Isso não significa que dar pão é evangelizar nem que entregar folhetos é socorrer, mas sim que uma ação engloba a outra.

> Nesta parceria, a evangelização e a responsabilidade social teriam igual peso?...Raras são as ocasiões em precisaremos optar entre fazer uma ou outra, mas quando isto acontecer, daremos prioridade à evangelização... primeiro porque, se a ação social é conseqüência da evangelização, segue que a evangelização deve precedê-la. Isto é, a evangelização produz cristãos socialmente responsáveis. Em segundo lugar, a evangelização tem prioridade porque trata do destino eterno das pessoas; e, trazendo-lhes as boas novas de salvação em Cristo, os cristãos estão fazendo alguma coisa que ninguém pode fazer. 121

De modo algum podemos entender evangelização e ação social como excludentes entre si. Nossa missão é a encarnação do amor de Jesus, na sua inteireza. Dificilmente acontecerá uma situação em que se faça necessária uma opção. Caso essa situação aconteça, a primeira, é óbvio, será a evangelização.

5. A dimensão da nossa ação

O escopo de nosso serviço de amor ao mundo pode ser descrito em três níveis ou dimensões diferentes: a assistência social, o serviço social e a ação social. Para a maioria das pessoas pode parecer que são a mesma coisa. De fato procedem da mesma motivação: o nosso amor a Deus e ao próximo, porém os efeitos e a amplitude da abrangência são bem distintos.

Hélio da Silva Lessa ilustra de maneira muito inteligente estes três níveis de ação referentes à nossa responsabilidade social cristã.

Assistência Social ➔ dar água e pão aos negros do pelourinho.

Serviço Social ➔ levantar ofertas para comprar a liberdade de alguns negros.

Ação Social ➔ mudar as leis e proibir a escravatura.

O que estas figuras nos ensinam sobre as dimensões do nosso serviço de amor?

Na primeira figura, vamos encontrar o assistencialismo manifesto pela satisfação das necessidades imediatas das pessoas. Com certeza, esta dimensão é exercida sem qualquer problema na maioria das igrejas. São as cestas básicas distribuídas, os remédios e as ajudas financeiras em momentos angustiosos.

Na segunda figura, podemos ver uma ação um pouco mais efetiva e duradoura, que envolve a mobilização e conscientização em prol da questão. Mas o que está em foco são causas particulares da pobreza ou da necessidade que desejamos minimizar. Um exemplo disto seria o que muitas igrejas já têm feito no campo das creches e outros projetos que

121 Ed René Kivitz. Op. cit, p. 7-8

visam oferecer uma educação integral (intelectual, emocional e espiritual) às crianças contribuindo para a mudança do quadro social através do seu desenvolvimento pessoal, permitindo também que seus pais possam melhorar a renda familiar através do trabalho das mães.

Finalmente, a última figura representa o esforço para a transformação das estruturas sociais. É justamente aqui que há maior controvérsia, visto que engloba a ação política. Provavelmente, a maioria dos cristãos tem facilidade em concordar com as duas primeiras expressões do nosso serviço de amor ao mundo, mas teme envolver-se nesta terceira dimensão. Porém é difícil discordar da necessidade de um posicionamento profético da Igreja contra a injustiça seja ela a da segregação racial ou a opressão política ou religiosa. O ensino das Escrituras e da própria História nos conclama a ser a voz profética do Deus Santo e Justo em nossa geração.

6. Uma reflexão sobre a parábola de Jotão

> 8 Aí Jotão disse: -Uma vez as árvores resolveram procurar um rei para elas. Então disseram à oliveira: "Seja o nosso rei.
>
> 9 E a oliveira respondeu: "Para governar vocês, eu teria de parar de dar o meu azeite, usado para honrar os deuses e os seres humanos.
>
> 10 Aí as árvores pediram à figueira: "Venha ser o nosso rei.
>
> 11 Mas a figueira respondeu: Para governar vocês, eu teria de parar de dar os meus figos tão doces.
>
> 12 Então as árvores disseram à parreira: "Venha ser o nosso rei.
>
> 13 Mas a parreira respondeu: "Para governar vocês, eu teria de parar de dar o meu vinho, que alegra os deuses e os seres humanos.
>
> 14 Aí todas as árvores pediram ao espinheiro: Venha ser o nosso rei.
>
> 15 E o espinheiro respondeu: Se vocês querem mesmo me fazer o seu rei, venham e fiquem debaixo da minha sombra. Se vocês não fizerem isso, sairá fogo do espinheiro e queimará os cedros do Líbano. [122]

A parábola de Jotão e o seu contexto deixam claras as lições que ela nos apresenta sobre a nossa missão no contexto político.

---

122 Jz 9

Depois de Abimeleque ter assassinado brutalmente sessenta e nove dos filhos de Gideão, seus irmãos e tendo Jotão escapado com vida, a cidade de Siquém decide proclamar o fratricida rei. É justamente durante a cerimônia de coroação que Jotão profere esta parábola profética contra o seu irmão e seu povo que não somente havia patrocinado o mal, mas o exaltava publicamente.

Das figuras contidas ali podemos aprender algumas lições sobre a necessidade de uma ação política coerente com a nossa fé.

6.1 Quando os bons se omitem, os maus assumem o poder

Essa é a primeira lição que podemos retirar da análise da parábola de Jotão.

A oliveira estava ocupada demais para poder governar, a figueira e a videira também! Mas o espinheiro estava disponível para a missão.

Se nós, como povo de Deus, não entendermos este princípio, permitiremos que sempre os espinhos, aqueles que não têm valores, nem princípios, somente interesses estejam a exercer o poder em nossa nação.

Precisamos que se levantem homens e mulheres vocacionados por Deus para lutarem pelos valores e princípios que nossa nação tem perdido. Nós podemos ser as árvores frondosas que o nosso país precisa, mas para isto teremos de compreender as demandas da nossa missão e nos engajarmos nesta tarefa.

Os nossos antepassados entenderam que seu papel ia além da celebração triunfalista dentro das quatro paredes dos seus templos, por isso invadiram a sociedade, impregnaram-na com os valores da graça e se tornaram em instrumentos de transformação neste mundo.

Nós não podemos nos omitir, nem achar que todos os que exercerem a política serão espinhos! Se os espinhos estão lá é porque as árvores se omitiram!

Não podemos ver os que estão sendo vocacionados para esta missão como espinhos, mas eles são as árvores que Deus está levantando em nossa geração, por isso precisamos apoiá-los e cobrá-los de suas ações. Não admitiu o voto de cabresto, mas rejeitar o cabresto que nos querem impor para que não sejamos a voz profética da nossa nação.

6.2 Bênção ou maldição?

A segunda lição que podemos retirar da parábola de Jotão é: a sombra das árvores frutíferas é bênção para a nação, mas a sombra dos espinheiros é incêndio e maldição.

Esta é uma inferência natural do texto. Pessoas de valor, com princípios, comprometidas com a verdade, probas, honestas, que não podem ser alugadas ou compradas como os seguidores de Abimeleque, nunca serão facilmente controladas pelos jogos do poder. Elas sempre crerão que pode haver uma maneira de fazer diferença nesta terra, terão a coragem de pagar o preço para fazer esta diferença.

Na verdade, as grandes diferenças que nos abençoam e foram construídas no decorrer da História foram promovidas por homens e mulheres de princípios fortes e que às vezes pagaram com a sua própria vida o preço de tais mudanças.

Homens como Martim Luther King, que pagou com a própria vida o preço da igualdade dos direitos civis nos EUA; como John Huss que foi queimado vivo em praça pública para defender o direito dos homens de crerem em Jesus como seu o único e suficiente salvador; como Wyclife que também foi queimado vivo para defender o direito de que qualquer homem pudesse ler uma bíblia em sua própria língua.

Pode nos parecer que estes eram assuntos dignos de uma ação política, mas estas eram as demandas daquele tempo. Somos nós que precisamos atender às demandas do nosso tempo. Eles cumpriram o propósito de Deus. E nós estamos cumprindo o nosso?

As árvores abençoam porque produzem uma sombra que pode nos abrigar: valores e princípios. As árvores nos abençoam, pois os ventos fortes e as pressões dos interesses escusos não as podem dobrar. As árvores nos abençoam, pois produzem o fruto como produto da sua essência e sementes que têm o poder de gerar novas árvores.

Mas os espinhos são maldição e incêndio que podem arrasar uma nação. Jotão usou a imagem de um incêndio florestal que se alastrava até as fronteiras de Israel com o Líbano, provocado pela alta combustão dos espinhos secos daquela terra.

Nós precisamos de árvores, chega de espinhos! Mas onde elas estão? Deus quer usar os seus servos, homens e mulheres que têm um compromisso vivo com ele, que já foram colocados pelo seu Senhor em todas as esferas de influência e poder desta nação, e eu creio que ele o fez para uma hora como a que estamos vivendo.[123.]

123 Et 4:13 Então Mardoqueu mandou que respondessem a Ester: Não imagines que, por estares no palácio do rei, terás mais sorte para escapar do que todos os outros judeus.14 Pois, se de todo te calares agora, de outra parte se levantarão socorro e livramento para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se não foi para tal tempo como este que chegaste ao reino?

6.3 O dinheiro de Baal sempre estará a disposição da implantação do seu governo[124]

A terceira lição que podemos tirar vem do contexto desta parábola e ela nos ensina que o dinheiro de Baal sempre estará à disposição da implantação do governo de Baal. Foi o Dinheiro de Baal que financiou o poder de Abimeleque. Ele era o poder atrás do poder. Por trás da injustiça sempre há um Baal-berite (senhor dos pactos,ou acordos).

Onde permitirmos que os templos a Baal sejam edificados, sempre haverá dinheiro para financiar e controlar e o poder.

É triste constatar que em muitas ocasiões o dinheiro das drogas, do jogo, das negociatas é que está a patrocinar e a controlar o poder.

6.4 Para servir é preciso sacrificar-se,mas para servir-se é preciso sacrificar

A quarta lição desta parábola é que para servir é preciso sacrificar-se e por isso muitos de nós não queremos servir, nem ser bênção na vida dos outros, porém para servir-se (ser servido, controlar o poder para os seus interesses) é preciso sacrificar outros a nosso favor.

Jesus nos chamou a servir e não para ser servidos. Nossa missão é ser bênção para o mundo. Se não estivermos dispostos a colocar a vida a serviço do reino, nunca estaremos dispostos a pagar o preço das mudanças sociais que o nosso serviço pelo reino pedirá.
A tirania se instala assim que os servos do Deus vivo perdem a visão do serviço ao mundo e adquirem a visão de se servir do mundo.

7. Uma visão espiritual das estruturas sociais

Outra realidade que precisa ser analisada é o entendimento das estruturas sociais sob uma ótica espiritual. Somos tentados a dicotomizar o mundo concreto do mundo espiritual e a ver as estruturas sociais sem qualquer conexão com o mundo espiritual.

Quando estive em Singapura participando do treinamento de líderes do Instituto Haggai apresentei aos meus colegas algo sobre a realidade brasileira e sua cultura. Entre tantas coisas apresentadas, falei sobre o carnaval brasileiro, mostrando fotos que são publicadas na mídia sobre a festa popular. Um colega, pastor no Oriente, começou a me perguntar sobre uma moça que desfilava na avenida, completamente despida, tendo o seu corpo pintado. Ele não conseguia entender a nossa cultura. Ele me perguntou: “Esta moça é

124 Jz 9:3 Então os parentes da sua mãe falaram sobre isso com os homens de Siquém, e eles resolveram seguir Abimeleque porque era parente deles. 4 Deram a ele oitocentos gramas de prata tirados do templo de Baal-Berite. Com essa prata Abimeleque contratou alguns homens ordinários para o seguirem.

prostituta? Eu respondi que não. Inconformado, perguntou: ‘É casada? Respondi que provavelmente sim. – “Então, onde está o seu marido?” Respondi que provavelmente, ou estaria desfilando na mesma escola de samba, ou estaria na arquibancada torcendo pela vitória da agremiação. Inconformado com a minha resposta, perguntou novamente: “Ela tem pai?” Respondi que muito provavelmente sim. E o que ele está fazendo? Creio que está assistindo o desfile pela televisão e torcendo por sua filha na passarela. O meu colega estava atônito, não conseguia entender nada , por isso, em tom de desespero me perguntou : “Ela tem avô? Respondi que acreditava que sim. Então onde ele está ? Respondi que acreditava que ele estivesse também assistindo pela tv o desfile da neta. Foi neste momento que eu fiquei chocado! Aquele irmão começou a chorar, virou-se para os outros oitenta pastores e líderes que participavam daquela reunião, oriundos de todas as partes do mundo e disse: “Meus irmãos, precisamos orar pelo Brasil. Satanás tem usado a cultura brasileira para destruir a família daquela nação, ele cegou o marido, o pai e os avós desta moça e de tantas outras para que não enxergassem esta destruição, por isso eles não fazem nada para ajudar esta menina”.

O que mais me impressionou foi o fato de que eu nunca tinha chorado ao ver a desgraça do carnaval da nossa terra. Eu sabia que era uma festa pagã, mas eu não percebera como a cultura da minha terra estava sendo controlada e manipulada por Satanás para destruição dos valores mais naturais da vida humana.

Creio que este foi o sentimento dos que escreveram o parecer da comissão de Lausane que analisou as questões da cultura dos povos:

> O desenvolvimento de estratégias para a evangelização mundial requer metodologia nova e criativa. Com a bênção de Deus, o resultado será o surgimento de igrejas profundamente enraizadas em Cristo e estreitamente relacionadas com a cultura local. A cultura deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras. Porque o homem é criatura de Deus, parte de sua cultura é rica em beleza e em bondade; porque ele experimentou a queda, toda a sua cultura está manchada pelo pecado, e parte dela é demoníaca. O evangelho não pressupõe a superioridade de uma cultura sobre a outra, mas avalia todas elas segundo o seu próprio critério de verdade e justiça, e insiste na aceitação de valores morais absolutos, em todas as culturas. As missões, muitas vezes têm exportado, juntamente com o evangelho, uma cultura estranha, e as igrejas, por vezes, têm ficado submissas aos ditames de uma determinada cultura, em vez de às Escrituras. Os evangelistas de Cristo têm de, humildemente, procurar esvaziar-se de tudo, exceto de sua autenticidade pessoal, a

> fim de se tornarem servos dos outros, e as igrejas têm de procurar transformar e enriquecer a cultura; tudo para a glória de Deus.[125]

Mas precisamos entender que não somente a cultura tem sido usada pelo inimigo e segundo Paulo, faz parte do que ele chamou “o curso deste mundo” dirigido e controlado, em muitos aspectos pelo inimigo do Reino de Deus.[126]. Mas também as estruturas sociais podem, e muitas vezes são usadas por ele para impedir que a luz seja vista pelos homens[127].

Um dos livros mais impressionantes que li sobre este assunto foi “Cidade de Deus , cidade de Satanás”de Linthicum, onde ele defende a idéia de que estruturas sociais, muitas vezes são demonizadas, controladas pelo inimigo, para oprimir, destruir e impedir que os homens possam conhecer a luz do Evangelho.

É importante entendermos que atuar nesta área é ser a voz profética de uma nação. Não estamos fazendo um trabalho meramente humano ou político, mas estamos engajados na missão de ser o sal da terra e a luz do mundo que Jesus queria que fôssemos, estamos, em nome do Reino do nosso Salvador, confrontando as forças das trevas. Não estamos lutando contra carne e sangue, mas sim contra os principados e potestades que são os verdadeiros príncipes deste mundo.

O que significaria o “não conformar-se com este mundo” do veemente apelo do velho apóstolo? Será que não envolveria o não conformar-se com a injustiça, com a violência, com a arrogância dos desmandos, com a corrupção institucionalizada, com os movimentos para destruição da moral na sociedade, com as drogas que correm soltas e até apoiadas pelas forças policiais e políticas, e tantas outras questões que nos atingem ?

Creio que o nosso engajamento na articulação para que tais questões sejam vistas e tratadas em nossa terra é uma ação libertadora, baseada no amor, movida pela coragem da nossa fé e que manifestará o poder do Espírito Santo em convencer os homens do pecado, da justiça e do juízo. Seremos agentes transformadores da sociedade.

Creio que estaremos praticando o que a Bíblia ensina: “resisti ao diabo e ele fugirá de vós”. Mas se nos calarmos, se não nos mobilizarmos, se nada fizermos que represente a nossa resistência, o que você imagina que o inimigo fará? Se formos complacentes e talvez

---

125 Pacto de Lausanne. http://www.underground.org.br/artigos/artigo.asp?ID=75

126 Ef 2:1 Ele vos vivificou, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados,2 nos quais outrora andastes, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos de desobediência,3 entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como também os demais.

127 2Co 3:4 Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, é naqueles que se perdem que está encoberto,4 nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.

até, coniventes, ele não somente controlará o cenário, mas fará da nossa terra o lugar da sua destruição.

Não entendo que nossa ação deva ser violenta, nem usar as táticas políticas que o inimigo usa, mesmo porque se as usarmos seremos derrotados. Mas precisamos nos tornar a força tarefa da luz e da salinidade, os profetas da esperança e da fé que transforma pessoas e estruturas sociais, na base do amor e da graça.

A missão integral nos conclama a vivermos um compromisso radical para com Deus que se demonstre em nossas ações de amor para com os homens, ao mesmo tempo em que nos tornamos um testemunho resistente contra Satanás, pois cremos e vivemos o poder transformador de Jesus.

8. Princípios para se construir uma ação social contextualizada

Finalizando esta reflexão sobre a responsabilidade social cristã, reproduzimos os pensamentos do Pr Hélcio da Silva Lessa, como expressos em sua palestra feita em outubro de 1987 sobre os Parâmetros Para o Ministério Social Cristão, baseada em Mc. 8:1-9, texto que fala sobre o milagre da multiplicação dos pães. É uma chamada a adotarmos alguns princípios norteadores diante dos desafios sociais que a nossa missão requer.

8.1 Precisamos estar onde as coisas acontecem.

Jesus conhecia a necessidade da multidão porque era parte dela, por isso sempre os seus caminhos o levavam de encontro aos necessitados. Por isso, para se fazer diferença é preciso primeiro estar presente e ver com clareza a nossa tarefa.

8.2 Engajamento

A visão da necessidade gerou em Jesus o senso de responsabilidade pessoal pela sorte da multidão que se encontrava faminta[128.] Face à necessidade, Jesus assumiu a iniciativa de atendê-la, como se somente dele isso dependesse.

8.3 Universalidade.

Não só os domésticos da fé. Jesus olhou para as necessidades de toda a multidão.[129] Precisamos igualmente, olhar os homens todos como responsabilidade nossa.

---

128 Mc 8:2 Tenho compaixão da multidão, porque já faz três dias que eles estão comigo, e não têm o que comer.3 Se eu os mandar em jejum para suas casas, desfalecerão no caminho; e alguns deles vieram de longe.

129 Jo 10:16 Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; a essas também me importa conduzir, e elas ouvirão a minha voz; e haverá um rebanho e um pastor.

8.4 A economia divina da suficiência

Só é pouco o que temos enquanto está em nossas mãos e serve apenas aos nossos propósitos pessoais.

8.5 Oportunidade

A necessidade das pessoas determina o conteúdo e a ocasião da ação cristã.

8.6 Cooperação

A cooperação dos discípulos foi fator imperativo, mas para que o milagre acontecesse não foi necessário que todos os famintos se tornassem discípulos, nem que todos os discípulos fossem fiéis cooperadores.

8.7 Espiritualidade

Antes de tudo, Jesus orou dando graças. Sua oração foi a expressão da fé e da certeza de que aquele socorro era algo que procedia do Espírito do Pai. O socorro era milagre e multiplicação da graça do Pai. Os resultados eram o testemunho do amor e do poder do Pai.

9. Conclusão

Se tivermos a coragem de abordar o nosso contexto à luz dos princípios norteadores aqui descritos, certamente no meio do povo de Deus , pela motivação do Espírito Santo e na mobilização da igreja pelos dons, surgirão ministérios que serão instrumentos de transformação pessoal, social e política. Tornar-nos-emos sal da nossa terra e fleches da luz de Jesus, neste mundo. Trabalharemos para que a glória do Senhor encha esta terra, assim como as águas enchem o mar. [130]

É por isso que a Primeira Igreja Batista de Curitiba tem implementado vários programas de mobilização da comunidade para que possamos não somente fazer uma assistência social coerente com o amor de Jesus, mas também uma ação social transformadora dos contextos em que estamos inseridos. Isto está tão integralmente relacionado ao nosso conceito de missão que seria difícil dizer o que é só ação social e o que é evangelismo, pois a encarnação da mensagem do evangelho atinge o homem como um todo.

---

130 Hc 2:14 Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar.

No anexo dois você encontrará em forma esquemática as principais iniciativas sociais que tem sido executadas em nosso meio, muitas delas estão intimamente relacionadas com projetos evangelísticos que serão descritos no próximo capítulo. Outras representam o exercício do amor e da mutualidade dentro e fora da comunidade , mas todos são movimentos para a glória de Deus.

Quero salientar que o nosso maior desafio, como já falei anteriormente, tem sido encontrar o equilíbrio para a montagem de uma estratégia coerente com estes princípios para a nossa ação política na sociedade. Talvez a ação mais concreta tenha sido a iniciativa partilhada por vários outros pastores e líderes batistas do Paraná na formação do que chamamos GEASP (Grupo Evangélico de Ação Social e Política). Através desta organização temos entrevistado candidatos, discutido o nosso papel na sociedade e assim iniciamos algo, que para mim ainda é um campo inexplorado.

No próximo capítulo olharemos para o outro lado da mesma moeda. Nossa missão no mundo esta comprometida com a integralidade das pessoas, as suas necessidades em todas as dimensões, isso nos leva a proclamar Jesus como único e suficiente salvador e anunciar a esperança para toda a gente . Evangelização não é apenas uma das ações da igreja, mas um estilo de vida tanto pessoal quanto comunitário.

CAPÍTULO XI
EVANGELISMO COMO ESTILO DE VIDA PESSOAL E COMUNITÁRIO

Buscar o crescimento integral significa compreender que todas as dimensões da vida cristã precisam ser contempladas neste crescimento, especialmente aquilo que chamamos de evangelização.

Nossa compreensão da questão nos leva a entender que Jesus é a resposta que o mundo anseia. Não somente a resposta para a alma humana, mas para todas as demandas da vida. Este era o entendimento de Costas quanto ao papel da missiologia, como uma crítica e uma reflexão contextual das repostas de Jesus às tumultuosas encruzilhadas da vida em todas as suas dimensões. [131] Portanto, a evangelização, precisa ser vista como parte integrante, prioritária e temporal da missão.

Integrante porque sem Jesus, o autor e consumador da nossa fé, nossa esperança seria vazia de soluções, respostas e libertações que só podem proceder da ação da sua graça atuando em nós pelo poder vivo e presente do Espírito Santo.

Prioritária, pois em nosso serviço de amor tudo o mais perderia o seu sentido se aqueles a quem servimos não pudessem experimentar um amor que é maior do que o nosso serviço, na verdade, é razão e motivação do mesmo: Jesus o nosso Salvador. E mais, todo serviço de amor, perderia o sentido se não pudéssemos dar a oportunidade aos nossos semelhantes de viver a eternidade com aquele que os amou mais do que tudo e todos: O Salvador Jesus.

Temporal, pois o tempo para que este aspecto da missão seja desempenhado já foi marcado pelo pai: quando Jesus voltar toda a evangelização cessará.

1. Características da evangelização como estilo de vida

> Evangelizar é tornar conhecido, em palavra e em ação, o amor do Cristo crucificado e ressuscitado no poder do Espírito Santo, a fim

131 Orlando E. Costas,. . *The Integrity of Mission,* p xiii

> de que as pessoas se arrependam, creiam e recebam a Cristo como seu salvador e, em obediência, sirvam a ele como seu Senhor na comunhão de sua igreja.[132]

Mas o que significa experimentar a evangelização como um estilo de vida tanto pessoal quanto comunitário?

1.1 Uma expressão da vida interior dos discípulos

Evangelizar é mais do que proclamar; é refletir o Cristo ressuscitado que habita em nossos corações em todas as circunstâncias e relacionamentos da vida. Este foi o exemplo que os primeiros cristãos nos deixaram. Michael Greem, ao analisar a evangelização na igreja primitiva fez a seguinte constatação histórica:

> Um dos aspectos mais impressionantes da evangelização nos primeiros tempos foram as pessoas engajadas nela. Transmitir a fé não era considerado privilégio dos mais dedicados ou dos evangelistas oficialmente designados. A evangelização era prerrogativa e obrigação de cada membro da igreja. Vimos apóstolos e profetas itinerantes, nobres e pobres, intelectuais e pescadores, todos participando com entusiasmo da principal tarefa conferida por Cristo à sua igreja. As pessoas comuns da igreja encaravam isto como sua profissão; o cristianismo era acima de tudo um movimento de leigos, espalhado por missionários informais. O clero da igreja considerava também a evangelização como sua responsabilidade: bispos e presbíteros, doutores da igreja como Orígenes e Clemente, filósofos como Justino e Taciano, todos tinham a proclamação do Evangelho como sua preocupação principal. O empenho espontâneo de toda a comunidade cristã deu um impulso enorme ao movimento desde o seu começo.[133]

Aqueles irmãos simplesmente viviam a sua fé, compartilhavam a alegria de conhecerem o Cristo ressuscitado. Não conseguiam se conter, precisavam contar aos outros os milagres que o seu salvador fizera nestes últimos dias.

Eles simplesmente falavam do que o coração deles estava cheio. [134] Se o nosso coração estiver cheio de Jesus e da sua graça, o testemunho passará a ser coisa natural e espontânea, nosso estilo particular de vida em adoração, um reflexo da vida abundante que transborda o nosso coração.

---

132 John Stott. Op. cit, p. 265-6

133 Michael Green, Op. cit, p. 335-6

134 Mt 12:34

Shelley podia perceber este estilo de evangelização como um “mexericar do evangelho” e nos adverte:

> O maior risco que corremos é fazer da pregação a província dos prósperos. Precisamos de profissionais, ma a pregação na Primeira Igreja era pouco mais do que mexericar o evangelho. Um mendigo contando a outro mendigo onde encontrar pão. No segundo século, Celso, um crítico franco do cristianismo, queixou-se dos cristãos que no trabalho, na lavagem de roupas, na sala de aula, nas esquinas, estavam sempre tagarelando sobre Jesus.[135]

Quem pode deter uma igreja assim? Era por isso que dia a dia o Senhor acrescentava a sua igreja aqueles que se salvavam.

Muitos de nós temos visto a evangelização mais como uma técnica de convencimento humano do que o testemunho de quem tem sido impactado por uma graça que poderosamente o tem transformado. Mas para os nossos primeiros irmãos ela era o compartilhar alegre, contagiante e tremendamente impactante de que Jesus havia ressuscitado, estava junto do seu povo e que o seu propósito e poder estavam sendo experimentados por aqueles que pela fé se aproximavam dele.

Eles não usavam togas, nem eram formados nas escolas teológicas, nem haviam feito cursos de técnicas de persuasão humana, eles eram testemunhas que compartilhavam as suas histórias e o seu amor pelo seu Salvador. Criam no poder do Espírito Santo para convencer os homens do pecado, da justiça e do juízo.

Eles eram os instrumentos de um Cristo vivo que se manifestava, quando oravam , ou quando repreendiam os demônios que atormentavam os seus vizinhos. Eram os ministros de Deus nas encruzilhadas da vida levando, salvação e esperança aos seus contextos.

Loyd-Jones, em seu livro “Autoridade e Poder” confronta a maneira como o conceito de evangelização tem sido transformado em muitas de nossas igrejas. Por entendermos que o evangelho precisava ser visto como relevante para as pessoas de fora dos nossos arraiais, tiramos os púlpitos das laterais do templo e os colocamos no centro de nossas igrejas, como que afirmando a centralidade da palavra. Convidamos um erudito versado nas questões da fé, o chamamos de conferencista, pedimos que ele use a sua toga de catedrático diante do nosso auditório e convidamos os nossos amigos a que venham aos nossos templos, pois alguém especial pode ajudá-los a entender a fé que professamos. Mas nenhum destes especialistas togados jamais pode ser mais efetivo e poderoso do que os

135 Bruce L.Shelley. *A igreja o Povo de Deus*; p 45

nossos irmãozinhos, algumas vezes incultos, que pregavam com a ousadia de quem experimentou o poder de Deus em suas vidas.

Jesus nos chamou para sermos testemunhas. Deveríamos, simplesmente, falar do que temos visto, ouvido, sentido e experimentado dele. Isto é fazer da evangelização um estilo de vida em adoração.

1.2 Estar preparado para responder com a graça às demandas das encruzilhadas da vida

Outra implicação da evangelização como um estilo de vida é estar preparado para apresentar a Jesus como a resposta às demandas das encruzilhadas da vida.

Outro dia, um colega assim se expressou: “muitas vezes, nós evangélicos, estamos respondendo a perguntas que não nos foram feitas e deixamos de responder aos anseios do coração das pessoas a nossa volta”. Que realidade!

Como servos do Deus vivo, profetas da sua graça e expressão visível do seu poderoso reino, somos os instrumentos do Senhor para levar a um povo faminto e esfolado nas encruzilhadas da vida as respostas de amor e poder do bom pastor.

Por isso precisamos nos identificar com a cultura do nosso povo, com a sua linguagem e principalmente com as coisas que angustiam a alma das pessoas ao nosso redor. Somente assim poderemos cumprir a nossa missão evangelizadora.

Quando estas realidades passam a mover o nosso coração e nos levam a sentir o que Jesus sentia pelas multidões, aquela compaixão que permitia que o seu poder fluísse em socorro às ovelhas perdidas de Israel, então, naturalmente, voluntariamente e intensamente levaremos as respostas do nosso Senhor às aflições das pessoas ao nosso redor .

Um dos livros que tem tocado o meu coração sobre o evangelismo como estilo de vida é “Conhecendo Deus e fazendo sua vontade”. [136] O autor desenvolve uma tese muito interessante. Ele crê que ninguém busca a Deus espontaneamente e que todas as pessoas que estão abertas à palavra de Deus já foram trabalhadas pelo Espírito Santo, antes mesmo de ouvirem ou receberem qualquer abordagem evangelística. Por isso, o nosso papel como testemunhas do Evangelho, é aprender a reconhecer na vida e nas circunstâncias das pessoas que nos cercam os sinais da ação de Deus, preparando-as a receber Jesus como a resposta às demandas do seu coração.

Nosso papel é ser como Felipe que pergunta ao eunuco: “entendes o que lês?” Ou como Jesus que vê Zaqueu, na árvore e pede que ele desça , pois ele quer ter um encontro

136 Blackaby, Henri T. King. *Conhecendo Deus e Fazendo sua Vontade*., Life Way Brasil.

particular em sua casa. Ou como Paulo que impede o suicídio do carcereiro de Filipos. Ou como Pedro e João diante do paralítico que mendigava à porta do templo.

Vemos os movimentos do Espírito revelados nas circunstâncias e anseios dos homens ao nosso redor e apresentamos a única resposta poderosa o suficiente para atendê-las: Jesus.

2. O papel da liderança em desenvolver o evangelismo como estilo de vida pessoal e comunitário

Ao afirmarmos que a evangelização como estilo de vida é decorrente da vida no Espírito tanto do crente quanto da comunidade dos salvos e da capacidade de perceber as portas abertas pelo Espírito Santo, nas demandas da vida que o contexto nos revela, logo surge uma questão: Como podemos conduzir o nosso povo a este estilo de vida? De que maneiras práticas podemos ajudar ao nosso povo a ser a mensagem do Evangelho em meio aos clamores das pessoas ao nosso redor?

2.1 Buscando a vida no Espírito

A palavra nos ensina que o papel da liderança espiritual de uma Igreja é preparar o povo de Deus para o exercício de seu ministério pessoal[137]. Que melhor preparo poderia existir do que conduzir as pessoas à dimensão da vida cheia do Espírito Santo?

Há algum tempo atrás fiz uma pesquisa bíblica sobre a expressão: “e foram cheios do Espírito” e seus correlatos, tanto no Novo quanto no Velho Testamento. Esta pesquisa me revelou que toda a vez que o Espírito enche a vida de alguém, algo da graça de Deus é revelado. Algum tipo de manifestação da graça divina ocorre, algo da sua glória é manifesto.

Nosso papel é ajudar as pessoas a buscarem um relacionamento tão intenso e marcante com o Senhor de suas vidas a fim de que a vida no Espírito se manifeste em todos os seus relacionamentos. O crescimento numérico, que é milagre divino e conseqüência natural da vida intrínseca da igreja como organismo, acontecerá naturalmente .

O desenvolvimento da espiritualidade pessoal e comunitária é a maior ferramenta para produzir um estilo de vida em que evangelizar é parte da nossa adoração a Deus .

Por isso, a busca deste tipo de espiritualidade que é ao mesmo tempo transcendente e imanente, mística e encarnada, precisa ser a meta prioritária dos programas e planejamentos desenvolvidos pela liderança da Igreja.

---

137 Ef 4:11-16

2.1.1 Desenvolvendo modelos espirituais

A vida no Espírito precisa ser referenciada concretamente. O povo de Deus precisa percebê-la nos seus líderes e precisa desejar imitar a busca que eles revelam.

Uma das cenas que impressionam a minha alma é o caminhar de Moisés em direção a tenda da revelação. A Bíblia nos revela que, ao sair da sua tenda em direção ao seu encontro com o Senhor, o povo, espontaneamente se postava à porta da sua própria tenda para admirar o momento em que a glória do Senhor desceria sobre o seu servo. Quando isto acontecia, todos se colocavam com o rosto no chão para adorar ao Senhor que se manifestava em meio ao seu povo.

Nosso povo precisa ver os seus líderes não somente como os mais preparados teologicamente ou como os mais articulados nos círculos políticos denominacionais, mas como homens de Deus. Falhos é verdade, pois são pecadores mas que buscam a vida no Espírito e com isto ensinam que qualquer homem, mesmo falho e pecador, pode experimentar algo mais da graça e do poder de Deus em suas vidas.

Pensar em liderança, não é olhar somente para os pastores, mas para todos os que exercem algum tipo de liderança na vida da Igreja. Quer sejam líderes de dez, cem ou mil. Liderança deve ser conseqüência de vida no Espírito e não de competência humana ou ação política.

2.1.2 Visualizando os atos de Deus

Uma das ferramentas que Deus usa para que esta busca se intensifique é quando permitimos que o povo de Deus visualize os atos do seu misericordioso poder em meio ao seu povo. Isto é possível quando fazemos dos momentos de culto e celebração momentos em que testificamos o que Deus está fazendo.

Cada vez que alguém compartilha as respostas de Deus, ele suscita fé em alguém que busca uma reposta de Deus pela fé. Por isso, os testemunhos precisam ser valorizados no contexto da vida comunitária. Eles não somente suscitam fé mas nos dão coragem para testificar aos de dentro e de fora da comunidade os atos poderosos de Deus.

Há alguns domingos atrás, meu filho pregou em um dos cultos da igreja. Enquanto ele pregava uma mãe, nova convertida, estava vivendo um dos momentos mais angustiantes da sua vida. Seu filho, que é viciado em drogas, estava desaparecido há quinze dias. Ela não sabia se estava vivo ou morto.

Ao chegar em casa, tocada tanto pela mensagem que ouvira, mas principalmente por ver em meu filho o que Deus poderia fazer com o seu, dobrou os seus joelhos em um

clamor desesperado pela vida do seu filho. Derramou-se em lágrimas e pediu corajosamente um milagre: que Deus trouxesse o seu filho de volta para casa.

Uma hora e meia depois, ele apareceu assustado pelo que lhe sucedera naqueles momentos anteriores. Ele estava em uma favela de nossa cidade fazendo uso de drogas, estava dopado e largado ao chão, quando uma senhora negra e muito forte se aproximou dele e disse: Filho você precisa ir para a sua casa. Ele resmungou, reclamou e permaneceu largado ao chão. A mulher irritada dizia, filho você tem que ir para casa agora! Sua mãe está chorando lágrimas de sangue por você! E como ele não se mexia ela mais irritada ainda disse. Filho você vai para casa mesmo que eu tenha de chutá-lo até chegar lá. E literalmente, começou a chutar o menino que lhe respondeu com vários impropérios.

A mulher não se deu por satisfeita, foi até a sua casa, no meio daquela favela, pegou a grade do seu fogão, voltou ao lugar onde o moço estava e com violência começou a bater com aquela grade nas costas do moço e mandá-lo para casa, pois sua mãe chorava por ele.

Quando ele chegou a casa encontrou sua mãe orando por ele, e atemorizado pela experiência que tivera mostrava à mãe as marcas da grade do fogão nas suas costas.

Você pode imaginar o impacto deste testemunho na vida da igreja? Quantas mães começaram a orar com uma ousadia diferenciada pela conversão de seus filhos? Quantos foram motivados a falar deste ato de Deus e de tantos outros para pessoas que estão vivendo situações semelhantes?

2.1.3 Usando o testemunho como ferramenta de proclamação comunitária

Se desejamos que pessoas compartilhem o seu testemunho pessoal a outras precisamos ajudá-las a perceber o valor que um testemunho tem para ajudar outros a se converterem a Jesus.

Às vezes, não percebemos as mensagens subliminares que os nossos cultos estão a ensinar. Para muitos, proclamar a Jesus é saber pregar um sermão bíblico usando todas as técnicas da exegese e da homilética. Por isso, nunca têm coragem de repartir a sua fé com outros. A vida no Espírito é parte da sua experiência, mas o fato de não ser versado nas técnicas da pregação o induzem a guardar no sacrário da sua alma as marcas poderosas da sua fé.

Porém, quando mostramos que pessoas podem vir a Cristo, e às vezes até com maior facilidade, simplesmente quando outras pessoas compartilham o que Jesus está fazendo por elas, a mensagem subliminar muda. Ela nos diz que as marcas que temos em

nós são tão preciosas que não podem ser guardadas só para nós. Elas precisam ser colocadas à disposição do Senhor para gerar nova vida em outros.

Esta tem sido uma estratégia muito utilizada em nossa igreja. Utilizamos os encontros para grupos específicos onde o testemunho é a proclamação do encontro. São os chás de Senhoras, os cafés e almoços semanais para homens de negócios, os jantares para os casais, alguns encontros temáticos para adolescentes e jovens, além do momento de evangelismo nas células.

2.2 Envolvendo-se nas demandas do contexto

Outra maneira como a liderança pode conduzir a igreja a viver o evangelismo como estilo de vida tanto comunitário quanto pessoal é promovendo o envolvimento da comunidade de fé nas demandas do contexto.

Shelley ilustra este conceito de uma maneira interessante:

> Em um sentido, o crescimento da igreja não é um grande mistério. Você pode fazer duas coisas. Ou você leva os famintos até o pão ou leva o pão aos famintos. A tarefa do pregador é fazer com que a demanda e o suprimento se encontrem. [138]

De que maneira podemos planejar o encontro entre suprimento e demanda? De que maneira podemos conhecer as demandas do nosso contexto, visto que o suprimento que recebemos de graça do nosso salvador é inesgotável?

A sugestão dada por Stott é de que a Igreja deveria realizar uma pesquisa a cada cinco ou dez anos para ver como ela está se envolvendo com a comunidade local e utilizando as suas necessidades como estratégias de demonstração do amor de Cristo. Ele sugere oito áreas que deveriam ser sondadas por esta pesquisa.

> 1. Que tipo de pessoas vive em nossa vizinhança? Qual é a sua origem étinica, nacionalidade, religião cultura, seu meio de comunicação preferida e o seu trabalho? Qual é a proporção de famílias normais, famílias sem pai ou sem mãe, solteiros, idosos, jovens? Quais são as principais necessidades sociais da área, concernentes a moradia, emprego, pobreza, educação?
>
> 2. Existem no bairro centros educacionais, sejam eles escolas, colégios, centros profissionalizantes, creches?
>
> 3. Que estabelecimentos comerciais existem no bairro? É uma área de atividade rural? Existem fábricas, escritórios, lojas ou estúdios? O nível de desemprego é significativo?

138 Bruce Shelley. *Igreja o Povo de Deus,* p45

> 4. Onde moram as pessoas: em casas ou apartamentos? São proprietários ou inquilinos? Existem hotéis, pensões, casas estudantis, conjuntos residenciais, lares para idosos?
>
> 5. Onde as pessoas se reúnem nas horas de folga: em lanchonetes ou restaurantes, bares ou discotecas, shoppingcenters, clubes, associações, bingos, teatros, cinemas, campos de futebol, parques ou nas esquinas?
>
> 6. Que serviços públicos são disponíveis no bairro? Há polícia, corpo de bombeiros, presídio, hospital, biblioteca pública, outros serviços sociais?
>
> 7. Existem outros prédios religiosos – Igrejas ou capelas, sinagoga, mesquita, templos, salas esotéricas?
>
> 8. A comunidade tem sofrido mudanças nos últimos dez anos? Que mudanças são previstas para os próximos dez anos? [139]

Eu ainda acrescentaria pelo menos mais uma área: Quais são as questões que mais angustiam a comunidade em que estamos inseridos?

Pode parecer estranho para muitos, pois não estamos acostumados a usar as pesquisas como elementos instrumentadores da tomada de decisões. Talvez porque imaginemos que já conhecemos o nosso contexto adequadamente, porém as nossas cidades são tão diversas que poderemos encontrar em dois quarteirões de área realidades tão distantes e que nunca imaginávamos possíveis.

Graças a Deus e à influência de organizações como a Sepal, Brasil 2010 e outras, a visão dos evangélicos sobre as ferramentas de pesquisa que por aqui chamamos de mapeamento espiritual, tem sido divulgada e aplicada para o avanço da evangelização.

Faço parte da equipe que tem desenvolvido na cidade de Curitiba o mapeamento estratégico. Estamos quase concluindo as pesquisas em todos os bairros e ruas da cidade. Nosso sonho é poder divulgá-las e trabalhar pela mobilização das forças evangélicas para a tomada da nossa cidade e conseqüente avanço do reino.

Mas você me perguntaria: o que isto tem a ver com evangelismo como estilo de vida? Eu responderia: Tudo!

Se vivemos uma vida no Espírito, se temos as respostas e conhecemos as demandas, então naturalmente ministérios surgirão para que o suprimento e a demanda se encontrem.

---

139 Jonh Sttot. Op. cit, p. 274-5

À medida em que o povo de Deus toma contato com o clamor das pessoas ao seu redor ele é impelido, por este mesmo Espírito, a usar todos os seus dons, talentos e recursos para que Jesus possa ser salvação e esperança viva para outros. As estratégias surgirão de modo criativo e contextualizado.

Neste sentido nós ajudamos os crentes a levantarem os olhos e verem os campos brancos para a ceifa. [140]

Quando começamos a olhar o nosso contexto, Deus deu-nos estratégias que têm se mostrado efetivas para o resgate de muitos. Elas não são modelos a serem repetidos, mas demonstram como a realidade, quando vista, pode nos ajudar a descobrir as oportunidades que o Espírito já criou para que pessoas alcancem a totalidade da graça de Deus em Cristo Jesus.

Eis alguns exemplos

2.2.1 Almoço entre amigos

Descobrimos que grande parte de nossos membros almoçavam no centro da cidade durante a semana. Então por que não oferecer um almoço saudável e barato em um ambiente aconchegante enquanto proclamamos a fé e a esperança em Jesus através de testemunhos? É isto que fazemos todas as quartas-feiras. Muitos têm se agregado à igreja por causa deste encontro de amigos.

2.2.2 Segmentos profissionais com Cristo

Descobrimos que na igreja podemos encontrar quase todos os tipos de profissão, então por que não reunir os profissionais cristãos com outros profissionais não cristãos e trabalhar, através da mutualidade, a troca de conhecimentos, mas principalmente a fé e o suporte à família? Daí surgiram os: advogados de Cristo, os caminhoneiros de Cristo, os atletas de Cristo, os professores de Cristo, os médicos de Cristo, os dentistas de Cristo.

2.2.3 Adolescentes e Mapa

Uma das realidades constatadas era o temor que as famílias têm do envolvimento de seus filhos adolescentes com o sexo, drogas e violência. Por isso, criamos estratégias para alcançar os adolescentes para Jesus e criamos o que denominamos de Mapa: “Movimento de apoio a pais de adolescentes”. Tem sido incrível a penetração do Mapa nas

140 Jo 4:35 Não dizeis vós: Ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Ora, eu vos digo: levantai os vossos olhos, e vede os campos, que já estão brancos para a ceifa.

famílias não evangélicas. Eles participam de nossas clínicas, dos encontros com os profissionais cristãos da área, incentivam os seus filhos a participarem das atividades da Igreja, além de serem confrontados a cada encontro com a fé em Cristo Jesus.

2.2.4 Cegos

Nossa igreja fica a cem metros do Instituto Paranaense de Cegos, um centro de treinamento que acolhe cegos de todo o Paraná e até do Brasil para o aprendizado do Braile, mobilidade e profissionalização. Muitos deles moram no Instituto e outros só freqüentam as aulas. Nós precisávamos ser a igreja deste povo. Começamos apenas visitando e fazendo amizade com eles. Posteriormente abrimos as nossas instalações para acolhê-los, desenvolvemos um programa de incentivo a que famílias da igreja adotassem os cegos em trânsito como se fossem seus familiares na cidade. Criamos uma biblioteca religiosa em braile. Estamos desenvolvendo o projeto de livros fonados por voluntários. Em convênio com os bancos Bradesco e HSBC, estamos criando um núcleo de treinamento para o atendimento Homebank com cinco cegos que já foram empregados por um destes bancos, além de ter a alegria de batizar vários deles como nossos irmãos em Cristo.

2.2.5 Surdos

Quando descobrimos que nossa cidade possuía uma comunidade de mais de dez mil surdos e que estes eram não alcançados, iniciamos um trabalho voltado para esta comunidade, tanto no âmbito social, quanto espiritual. Chegamos a ter cerca de 300 deles freqüentando a nossa igreja. Hoje, o número é menor, pois treinamos e ajudamos outras igrejas a desenvolverem ministérios semelhantes, dando maior oportunidade a que nos vários bairros da cidade pudessem existir igrejas que os atendessem.

2.2.6 Projetos voltados para várias faixas etárias

Grupos focados nos jovens, no a poio a pais na educação de seus filhos, terceira idade, mulheres, homens e etc..., têm sido formados para ajudar a responder as demandas de cada uma destas etapas da vida. Fazemos isto porque cremos que Jesus tem a resposta.

2.2.7 Biblioteca comunitária

A nossa pesquisa detectou que o nosso bairro é um dos poucos em nossa cidade que não tem uma biblioteca. A igreja possui uma biblioteca com mais de quatro mil livros. Por isso, montamos um projeto que está sendo analisado pela Prefeitura para transformar a

nossa biblioteca em pública e associada ao sistema Farol do Saber de nossa cidade. Nosso alvo é que possamos empregar pessoas comprometidas com Jesus que auxiliariam as crianças em suas pesquisas e que utilizariam as horas do conto, que são parte do projeto cultural para trabalhar histórias bíblicas e morais com as crianças do nosso bairro, além de poder criar atividades de apoio às suas famílias.

2.2.8 Circo da Vida e Missionários da Esperança

Temos percebido que as realidades da pesquisa são às vezes frias demais quando transmitidas a igreja na forma de relatórios. Por isso, criamos algumas estratégias para que a comunidade pudesse ser impactada pelas realidades do contexto. Disto surgiram dois projetos evangelísticos: o primeiro deles de caráter temporário e outro mais permanente.

Os missionários da Esperança é o título do movimento feito principalmente pela juventude de invadir uma área carente com o evangelho integral: atos de demonstração do amor de Jesus nas áreas de saúde, promoção social e pregação do evangelho. Utilizamos os profissionais e estudantes que se unem na utilização tanto dos seus conhecimentos quanto de seus dons para a glória do reino e bênção na vida das pessoas.

O Circo da Vida é parecido com aquele movimento, mas este impacto acontece durante todo o ano, permanecendo em uma mesma comunidade pelo período de dois a três meses, com o propósito de deixar naquela localidade um grupo consolidado de crentes que possam ser a semente de uma nova igreja. O projeto conta com uma equipe fixa e voluntários da nossa e de outras igrejas evangélicas que desejem participar. Tem este nome porque tudo acontece debaixo da lona de um circo. Uma espécie de tabernáculo moderno.

2.2.9 Ministério de Visitação

Outra ferramenta maravilhosa de comunhão, consolação e evangelização é o ministério de visitação. Ele se constitui no treinamento e mobilização dos leigos a exercerem um ministério focado no demonstrar o amor através dos relacionamentos feitos dentro das casas, hospitais ou qualquer outro lugar em que pessoas necessitadas de serem alcançadas com o amor restaurador do nosso Senhor estejam.

Começamos o projeto mobilizando as Senhoras da Igreja, depois os Senhores aposentados que poderiam investir mais tempo nesta ação. Mas hoje o grupo tem componentes de várias faixas etárias e algumas células têm usado a estratégia de sair em missão de visitação aos interessados no evangelho de tempos e tempos. Naquele dia, não há reunião formal, mas o exercício prático da missão.

Uma das belezas deste ministério é que muitos irmãos tem adotado pessoas como sua responsabilidade pessoal cuidando das mesmas até que estas possam cuidar de outras.

2.2.10 Ministério de integração

À medida em que os ministérios cresceram e o nosso envolvimento com as realidades do nosso contexto também, sentimos a necessidade de desenvolver estratégias e trabalhar especificamente para que o nosso envolvimento não se perdesse em termos de levar as pessoas a se tornarem membros responsáveis da igreja . Por isso todos estes ministérios são apoiados pela estrutura do ministério de integração, que trabalha para desenvolver as estratégias que possam facilitar o engajamento das pessoas na vida cristã comunitária.

2.2.11 Mídia

Quero também dizer que não podemos nos esquecer da tecnologia, dos meios de comunicação de massa e outras ferramentas que estão a nossa disposição para a proclamação do Evangelho, isto porque no mundo moderno, elas são ferramentas que estão identificadas com o contexto.

Todavia, se quisermos utilizá-las precisaremos aprender outra lição que vai além do escopo deste trabalho: cooperação.

Será impossível usar efetivamente os meios de comunicação em massa se não aprendermos a trabalhar juntos e a pagar as nossas contas compartilhadas nos processos estratégicos. Digo isto porque tenho aprendido que o limite da cooperação entre os evangélicos chega quando temos que pôr a mão no bolso e pagar a conta do projeto.

3. A obra missionária transcultural

Outra pergunta que vem a nossa mente é: há lugar para obra missionária transcultural em uma Igreja que vive evangelismo como um estilo de vida?

A resposta é simples. Sim! Mas você me diria por que?

É simples, quando vivemos no Espírito somos conduzidos por ele a focar a nossa vida no que é prioritário para o reino, mesmo quando isto não nos pareça natural. Este é o ensino que depreendemos da igreja no livro de atos. Não era natural para os judeus abrir uma congregação entre os samaritanos, muito menos entre os gentios, porém a cada luta interior tanto dos líderes como dos crentes, a igreja que estava sendo conduzida pelo

Espírito Santo teve seus olhos abertos para uma missão que antes não percebiam ser a sua responsabilidade.

Uma segunda razão vem do fato de que um maior número de vocações surgem em igrejas que vivem no a vida no espírito e que são sensíveis as necessidades humanas. Estas vocações provocam uma reação em cadeia de amor. Pois os missionários por quem estaremos orando, não são nomes de pessoas distantes de nós e desconectadas da nossa história e realidade, agora são os nossos filhos netos irmãos, amigos de infância e juventude. Este fato faz a igreja local se sentir responsável pelo sustento e administração da sua obra diretamente ou pelo menos em parceria com agências missionárias. Todavia, eles são os nossos missionários.

Uma terceira razão vem das convicções que o mandato bíblico de missões traz a um povo que é comprometido com Deus , com a sua palavra, com o povo e com a missão integral do reino do nosso Senhor na terra. Este é o mesmo mandato bíblico que produz em nós a convicção de que devemos compartilhar a nossa fé com o vizinho. Quando o estudamos e o valorizamos e quando a paixão por Jesus e pelos homens transborda o nosso coração o que sobra é só geografia, pois lá estão homens como aqui que precisam tanto quanto ou mais de Jesus do que homens ao nosso redor.

Uma quarta razão vem do fato de que uma igreja assim aprende a orar e aprende a interceder e a medida em que ora pelas pessoas e pelos apelos das necessidades de toda a terra responderão com a sensibilidade de quem não teme se envolver com os que são necessitados.

De outro lado é preciso que nós líderes entendamos que é nosso papel aproximar o suprimento da demanda e por isso devemos ser nós os maiores motivadores das missões quer sejam alas as que acontecem diante de nossos olhos ou além mares.

4. Conclusão

Cada uma destas estratégias foram tentativas intencionais de responder a alguma demanda que o contexto nos apresentava. Cada vez que o crente é mobilizado a se envolver com a realidade que o cerca novos ministérios surgirão, pois eles são a resposta de Jesus ao clamor das suas ovelhinhas perdidas e desgarradas que precisam do bom pastor.

No próximo capítulo estaremos olhando para adoração, como o fim último da igreja em peregrinação neste mundo e que já nos permite desfrutar do seu sabor através de

suas expressões pessoais e comunitárias , que precisam ser valorizadas e implementadas por uma igreja que cresce integralmente .

CAPÍTULO XII
A ADORAÇÃO COMUNITÁRIA E O CRESCIMENTO INTEGRAL

A nossa missão tem um alvo último: a adoração. Estamos pregando o evangelho para que o conhecimento da glória de Deus encha toda a terra, a fim de que o homem, que foi criado pelo Deus vivo, possa ser restaurado ao propósito da sua existência: ser um adorador.[141] Neste sentido "louvor é o propósito por detrás das ações libertadoras de Deus"[142],tornando-se, portanto, parte integral e indispensável da missão. [143]

Este foi o entendimento dos teólogos de Westminster que compuseram a famosa confissão e catecismo no Século XVII quando afirmaram que o principal alvo do homem era glorificar a Deus e alegrar-se nele eternamente. [144]

Este também é o conteúdo da visão de João no Apocalipse que, ao mesmo tempo em que celebra a fé cristã, interpreta a missão de Deus em suas encruzilhadas históricas. [145]

Ed Hayes disse com muita propriedade, ao definir adoração: “Adoração é um estado de admiração que estimula ao louvor e à ação de graças, mas pressupõe a compreensão da grandeza de Deus, de Seus atos redentores na história e da presença do Espírito Santo na Igreja”.[146]

Shelley acrescenta:

> A bíblia ensina que Deus procura homens que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.23) e que Ele removeu de uma só vez para sempre as barreiras que impediam a comunhão com sua pessoa. A verdadeira adoração cristã, portanto, não é algo que o homem faz para Deus; mas a nossa aceitação agradecida daquilo que Deus já fez por nós na morte e ressurreição de Jesus Cristo. [147]

---

141 Is 43:7

142Orlando E Costas. *The Church and Its Mission*, p.38.

143 Orlando E.Costas. *Christ Outside the Gate*, p.47.

144 Russel P. Shedd. *Adoração Bíblica*, p. 9

145 Orlando E. Costas. *The Ingrety of Mission*, p.84

146 Ed Hayes. *A Igreja – O Corpo de Cristo no Mundo de Hoje*, p.173

147 Bruce L Shelley. *A Igreja Povo de Deus*, p.80

Este era o sentimento de A.W. Tozer quando em 1961 pregou uma série de mensagens aos pastores da Associação das Igrejas Evangélicas do Canadá:

> A adoração é a jóia perdida no evangelicalismo moderno. Estamos organizados, trabalhamos e temos muitas agências. Possuímos quase tudo, porém há uma coisa que as igrejas, mesmo as igrejas evangélicas não têm: é a habilidade para adorar. Não estamos cultivando a arte da adoração. É a gema brilhante perdida na igreja moderna, e eu creio que devemos buscá-la até encontrá-la. [148]

Mas em que sentido seria a adoração uma jóia perdida? Especialmente em nossos dias quando muitos entendem que vivemos a "geração louvor"?

Ela se torna jóia perdida quando deixamos de nos concentrar na essência da adoração para ficar olhando a periferia. Adoração é mais do que música, ou forma de culto. Adoração é mais do que vivenciar os princípios de alguma tradição religiosa. Adoração é a reposta daquele que foi alcançado pela graça e restaurado ao fim último da criação e ao propósito da sua missão. Neste sentido a adoração continua, para muitos, uma jóia perdida.

Volto a lembrar as conclusões do livro Crescimento Natural da Igreja, cujo autor considera a adoração viva e contagiante, como uma das marcas de qualidade da igreja que cresce, independentemente da corrente teológica (tradicional ou carismática) ou do estilo de Igreja (contemporâneo ou não).

A adoração que é resposta a Deus é também um poderoso testemunho aos que não o conhecem nem experimentaram a sua glória. As marcas da presença, do propósito e do poder do maravilhoso Senhor que adoramos ficam impregnadas em nós e são surpreendentes para aqueles que nunca experimentaram a comunhão com o Deus vivo.

Se você olhar para o livro de Atos, encontrará a igreja de Jerusalém caindo na graça de todo o povo, e ao mesmo tempo, gerando um santo temor do Senhor naqueles que se achegavam. Isto porque era impossível adentrar àquela atmosfera de adoração e não perceber a presença daquele que era adorado entre eles.

A adoração era a grande motivação da obra missionária, pois como poderiam deixar de falar o que estavam vendo e ouvindo, quando em adoração adentravam a presença do seu salvador ressuscitado? Jesus mesmo ensinou que a boca fala do que o coração está cheio.

148 A.W.Tozer. *Worship – The Missing Jewel of the Evangelical Church*, p 23 – Christian Publications Inc,

A adoração é parte integrante da missão pois ela revela aos céticos que se aproximam dos adoradores, o improvável, o intangível e o imponderável, a presença do Deus vivo entre eles.

Esta foi a minha experiência pessoal. Mesmo tendo sido criado em um lar cristão, não tinha ainda me entregado a Jesus como Senhor e Salvador. Na verdade, estava cheio de dúvidas sobre a fé dos meus pais, mas foi o louvor e a devoção de um jovem encantado com a graça de um Deus todo poderoso, que apesar de ser infinito se dignava a ouví-lo e a revelar-se a ele, que me impressionou. Foram as marcas do Deus vivo nele que me fizeram buscar conhecer ao Deus que tão intensamente ele adorava.

Se o louvor é o fim último e permanente da nossa missão então a igreja precisa entender que os processos litúrgicos não são somente parte integrante da missão, como também são preponderantes para o crescimento e maturidade espiritual da comunidade.

Por isso, uma igreja que cresce integralmente é aquela que entende que sua missão é ajudar as pessoas a buscarem intensa e contagiantemente o Deus vivo.

> Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade.[149]

Deus está à procura de adoradores! Nosso papel é ser os seus instrumentos neste processo. Precisamos ser um veículo de despertamento espiritual, conduzindo pessoas a este relacionamento intenso com Deus, em espírito e em verdade.

Mas como fazemos isto?

Todas as nossas ações precisam refletir a busca do Deus vivo. Elas precisam ser um relato do seu encontro, uma celebração das suas intervenções em nossa história presente e futura, uma expressão da nossa entrega voluntária a ele em sacrifício de louvor, um resgate da nossa cultura para o Senhor, uma conformação intencional a sua santidade pela submissão a sua vontade e uma expressão de amor e serviço aos outros em seu nome.

Neste sentido, como igreja, somos os promotores de uma contracultura, de um novo estilo de vida que desejo chamar de “compromisso adoração”.

1. A busca

Como líderes, precisamos entender o nosso papel, Deus nos colocou à frente do seu povo para que pudéssemos conduzí-los antes de tudo a Ele. Ao lermos os livros de Reis e

149 Jo 4:23 e 24

Crônicas, perceberemos que os governantes de Israel e Judá eram vistos pelo Senhor não somente como os gerentes dos negócios do reino, mas como os pastores de Israel, que deveriam conduzir as ovelhas do Senhor até a sua presença.

Um rei era considerado bom ou mau, não pelas suas construções, guerras, economia da nação, mas pela maneira como o seu povo se conduzia na busca do Deus vivo.

Da mesma maneira, os sacerdotes e profetas eram vistos como aqueles que deveriam liderar o povo a um compromisso vivo e santo com o Deus da sua vida e história. O compromisso adoração era o referencial de um ministério de sucesso ou não.

Nós somos os líderes do povo de Deus hoje e por isso precisamos entender que nossas ações devem conduzir o povo a este tipo de compromisso. Mais do que atividades, reuniões, ou cultos, precisamos estar planejando, intencionalmente, o como tudo isso pode conduzir as pessoas a este relacionamento com o Deus vivo. Como estas ações podem construir uma experiência relevante de fé. Como elas ajudarão o nosso povo a degustar algo maior: a presença do Deus vivo.

Como realizadores que somos, é muito fácil perdermos de vista o propósito da nossa ação e transformarmos o nosso trabalho num movimento acelerado e conturbado como os do pátio do templo de Jerusalém nos dias de Jesus. Havia muita gente, muito trabalho, muitos animais para o sacrifício, muitos sacerdotes e levitas correndo de um lado para o outro, muitos voluntários e auxiliares nas barracas, no transporte dos animais, na tesouraria contando e trocando dinheiro, mas Jesus expulsou-os de lá, pois não encontrou neles o sentido da verdadeira busca do Senhor.

Ainda que todas estas coisas precisem acontecer, elas devem nos conduzir a busca intensa e contagiante do Deus vivo. Soren Kierkegaard, filósofo dinamarquês,comparou o culto cristão e o teatro, que pode ser ilustrada na tabela a baixo:[150]

TEATRO	SIGNIFICADO	CULTO
PLATÉIA	Público para quem está sendo dirigida a mensagem – A ADORAÇÃO	DEUS
ATORES	São os que veiculam a mensagem – quem oferece a adoração	CONGREGAÇÃO
PONTO	É o que ajuda e serve de apoio para o artista	Pastor, coro, pianista e regentes

Tabela 4
O Culto para Soren Kierkegaard

150 Soren Kierkegaard. Apud; Leila Gusmão; Westh Ney. *Culto Cristão – Contemplação e Comunhão*, p.25-6

Nós somos o ponto, aquela pessoa que ajuda o artista a desempenhar o seu papel e alcançar a platéia com a sua arte. Este é o nosso papel.

Uma auxiliar falava com uma líder do seu ministério do seu prazer em trabalhar junto com ela, pois, em meio ao trabalho, ela podia se sentir conduzida a uma busca santa e bendita do Senhor da sua vida.

Se nossas ações não produzirem este efeito, estaremos falhando em atingir o alvo da nossa missão última, a adoração em espírito e em verdade. Seremos os fariseus do nosso tempo, mas não seremos os verdadeiros adoradores. E o Senhor lamentará, outra vez, porque suas ovelhas estarão desgarradas e sobrecarregadas como ovelhas sem pastor.

2. O relato

Se de um lado as nossas ações representam a intensidade da nossa busca, elas precisam ser também um relato vívido do nosso encontro, um testemunho audível, visível e palatável de que encontramos o salvador e que ele está vivo em nosso meio.

Esta era a marca da igreja de Jerusalém, que não somente buscava o Cristo ressurreto, mas era a testemunha de que já o havia encontrado e que todos os que o buscassem o achariam e de modo algum seriam lançados fora da sua comunhão.

Neste sentido, tanto a nossa adoração pessoal, quanto os nossos cultos públicos, precisam ser uma proclamação de que encontramos o que buscamos: o Senhor e Salvador de nossas vidas.

As marcas do nosso Senhor se tornam mensagem e revelação do Deus vivo para os outros. Elas suscitam fé, geram esperança, incentivam uma busca ainda maior e um encontro ainda mais profundo.

Não estamos repetindo apenas uma liturgia, mas somos como o endemoninhado de Gadara a contar aos nossos quanto Deus nos fez. Somos como o cego de nascença, a dizer que não entendemos o como, mas conhecemos quem fez o milagre em nós: Jesus, o Cristo.

É como se estivéssemos a dizer com a nossa adoração: nós encontramos o Senhor, mas ele encontrou em cada um o que procurava: um adorador.

Como líderes, devemos ajudar as pessoas a expressarem a sua fé não apenas como uma afirmação teológica, ou o recitar de um credo, mas o testemunhar do encontro, um santo refletir da glória de Deus colocada em nós. Uma expressão das suas marcas em nossas vidas, tanto individualmente quanto comunitariamente.

Quando assim fazemos, produzimos no coração das pessoas a adoração que vem da reverência e do sentimento santo de temor do Senhor que é o princípio da sabedoria. Foi isto

o que aconteceu quando Moisés desceu do monte com a sua face refletindo a glória do Senhor que ele encontrara. É isto o que sinto quando um irmão compartilha o seu encontro com Deus e as marcas de amor, salvação ou fidelidade.

Uma de nossas missionárias, à época ligada à OM (Operação Mobilização), havia sido presa por estar evangelizando em um país islâmico. Naquela mesma ocasião, ocorria o encontro mundial dos líderes daquela missão. Ao receberem a notícia que esta missionária e duas colegas coreanas estavam detidas, foram interrompidos os trabalhos para levantarem um clamor pela liberdade delas. Logo após, George Werwer, um dos fundadores daquela organização, tomou a palavra e perguntou: quantos aqui trazem em seu corpo as marcas da perseguição por Jesus? Mais da metade do auditório formado por missionários experientes se manifestou. Em seguida, ele disse: se for possível mostrem as marcas de seu corpo e compartilhem com os seus companheiros o que lhes aconteceu. Aqueles homens aguerridos começaram a se movimentar, levantar as suas calças, mostrando marcas em suas pernas; erguendo camisas para mostrar as marcas pelo corpo. Não era tempo de lamentação, mas de testemunho de fidelidade de Deus, livramento, socorro e graça. Era um santo convite à fé firme e fiel. Foi um grande mover de Deus. Todos se sentiram profundamente tocados e envolvidos pela presença do Senhor.

Jesus não era uma tese que precisava ser defendida para aqueles homens, nem uma causa pela qual lutavam, mas era uma pessoa que aprenderam a amar tão intensamente que se alegravam por trazer em seus corpos as marcas deste amor.

Nossa adoração precisa ser o relato de um relacionamento que mudou a nossa perspectiva de vida. Como líderes, somos os responsáveis por ajudar os nossos liderados a vivenciarem este tipo de adoração.

Mas na verdade, temos medo, porque entendemos que o que foge do nosso controle é perigoso. Entendo que precisamos cuidar para que aberrações não aconteçam em nossos cultos; esta também é nossa responsabilidade. No entanto, o nosso cuidado não pode se tornar uma camisa de força que impeça que este tipo de louvor tenha lugar em nosso meio. Afinal de contas, como adoradores, somos as testemunhas de que o Deus que adoramos é vivo e tem comunhão conosco. E quando o fazemos, conduzimos pessoas à realidade da verdadeira adoração.

3. A celebração

Adoração é também festa!

Este é o sentido da celebração: uma festa de louvor e gratidão ao Senhor da nossa história e autor da nossa salvação.

Uma das cenas que me ajudam a entender que adoração é também celebração, é o momento em que o povo de Deus parou do outro lado do mar vermelho para festejar a vitória de Deus a favor deles, diante de Faraó.

Tudo o que aconteceu ali é descrito, nas escrituras, como adoração! Eles celebravam a salvação! Pode parecer estranho para nós, porém a alegria da salvação era exuberante e precisava ser contada e cantada.

Outro dia, estávamos em nosso culto de oração e sentado logo no primeiro banco estava um irmão com seus 75 anos de idade. Durante todo o culto ele me acenava como quem quer falar alguma coisa. Ao final lhe concedi a palavra. Ele de pronto foi à frente para contar o que Deus lhe fizera por intermédio da intercessão que recebera de uma irmãzinha que se sentara ao seu lado na semana anterior. Ele vinha sofrendo de uma dor crônica em suas pernas, a medicação parecia não mais aliviar, mas desde o momento em que aquela irmã orou a seu favor toda a dor desaparecera. Impetuosamente, ele começou a se abaixar, levantar e saltar lá na frente, e, de repente, saiu correndo até o final do santuário e voltou na mesma carreira, dizendo: estão vendo? Eu estou curado! Há muitos anos não podia fazer estas coisas.

O mais interessante foi a reação do povo. Parecia uma festa! Espontaneamente as pessoas começaram a louvar a Deus e a aplaudir a Jesus. Estavam celebrando a intervenção do Senhor na vida daquele irmão, que por sua idade e limitações físicas, nunca havia manifestado adoração naquele estilo, ao contrário, aquele advogado tinha até um jeito circunspeto. Quando ele agiu daquela maneira toda a igreja ficou assombrada, porém tocada e conclamada a celebrar um Deus que é tão grande e poderoso, mas tão amoroso a ponto de intervir em nossa história.

Como pastores do povo de Deus, precisamos ajudá-los a celebrar com alegria a grandeza do Deus santo que nos salvou e tem se revelado sustentador e protetor nas encruzilhadas da nossa história.

4. A entrega

A adoração é também entrega. A verdadeira adoração descrita por Paulo em Rm 12 é o sacrifício vivo, o colocar-se inteiramente no altar. É aquela rendição incondicional de quem não é mais dono ou Senhor de si mesmo ou de coisas que estão em sua posse, mas ele

e tudo o que está em seu controle são colocados sobre o altar do Senhor de suas vidas em oferenda incondicional de amor e devoção.

Neste sentido, o culto vai além de coisas que fazemos para ser a entrega suprema e santa que expressa a verdadeira devoção. Nosso culto racional é uma entrega consciente e incondicional de nós mesmos a Jesus para que ele seja o Senhor de toda a nossa vida.

Nossa missão ao conduzirmos a adoração é ajudar cada pessoa expressar este culto consciente da entrega real e absoluta de si mesmo ao Senhor.

Mais importante do que o estilo de músicas, ou formas litúrgicas é a essência de um culto que ao mesmo tempo em que celebra a presença de Deus conduza a cada pessoa a se entregar a Jesus e aceitar o seu Senhorio. Sem este movimento contínuo de entrega que começa com a nossa conversão, mas que se processa nas várias entregas subseqüentes que caracterizam a santificação, o nosso culto vira religiosidade e o mero repetir de rituais.

Para que possamos crescer integralmente precisamos ser a comunidade que se oferece incondicionalmente a Deus para ser e fazer a sua vontade.

5. Uma conformação renovadora

A adoração vai tomando forma prática em nossa vida diária quando a nossa entrega nos permite conformar-nos à santidade pela obediência à Palavra de Deus.

Quem se entregou deixa de ser condicionado pelo sistema de valores que o cerca em sua cultura, que a bíblia chama de mundo, para conformar-se com o sistema de valores do reino de Deus que está revelado na Palavra.

Por isso, a nossa adoração anseia pela Palavra de Deus! Queremos saber o que o nosso Senhor pensa, valoriza, ama e deseja de nós. Desejamos mais do que conhecimento, receber os valores do reino e aplicá-los à vida.

As questões éticas do dia-a-dia precisam de respostas, as situações de confronto entre o velho sistema que nos dominava e o reino precisam ser aclaradas. Os desafios do mundo pós-moderno precisam ser atendidos por um povo que, vivendo a transformação, não teme ser agente transformador do Deus vivo neste mundo.

A pregação neste sentido tem papel preponderante no construir uma adoração que se expressa na conformação renovadora do adorador aos valores do reino. Entendo que uma igreja que cresce integralmente valoriza a pregação bíblica e expositiva da Palavra para ajudar a cada adorador a construir os valores do reino em sua mente e coração.

Advogo a pregação expositiva porque precisamos nos aprofundar na Palavra e não somente na visão ou nos pensamentos do pregador. Precisamos também, que sejam

pregados todos os assuntos que a Palavra apresenta e não somente aqueles que o pregador entende serem relevantes, ou agradáveis. Toda a Bíblia é palavra de Deus inspirada, necessária e pertinente à vida do adorador.

Rick Warren, tem feito uma crítica interessante sobre a pregação expositiva quando afirma que precisamos pregar para responder as demandas e necessidades dos nossos ouvintes. Para muitos, a pregação expositiva é um mero comentário bíblico seqüencial das escrituras. Mas a verdadeira pregação expositiva é aquela que apresenta o conteúdo bíblico e o aplica às demandas e necessidades de seus ouvintes, mostrando a relevância dos valores do reino às situações do contexto. Esta é a pregação que os adoradores necessitam nos dias de hoje. Na verdade há uma fome ardente no seio da igreja por este tipo de pregação, pois ela se torna recurso valioso em suas mãos para que sua adoração se transforme em ações práticas que os fazem mais parecidos com o Deus que adoram.

Nosso papel como líderes é prover os recursos necessários para que esta santa conformação ocorra em nossa congregação, quer seja pela pregação, quer seja por mecanismos de aplicação e confrontação com estes valores. A célula é uma ferramenta maravilhosa, pois em sua dinâmica permite que os valores do reino sejam aplicados e confrontados às situações de vida de cada um de seus participantes, permitindo que as pessoas prestem contas umas às outras da maneira como estes valores estão sendo aplicados às demandas da sua própria vida.

No âmbito comunitário, passamos a exercer influência e a trabalhar para que os valores do reino possam ser transformadores não só das pessoas, mas das famílias e da sociedade como um todo. Somos o sal da nossa terra e a luz para o mundo em que fomos inseridos pelo nosso Senhor, agentes transformadores da história e da sociedade. Isto também é adoração.

6. O resgate

Ao trabalharmos a transformação, passamos a promover um santo resgate da nossa cultura a Deus. Este resgate faz parte do projeto divino de salvar e redimir pessoas de todas as nações, povos e línguas da terra.

A visão deste resgate tornou-se um consenso entre os evangélicos após a publicação do pacto de Lausanne, que ao tratar sobre evangelismo e cultura concluiu o seguinte:

> O desenvolvimento de estratégias para a evangelização mundial requer metodologia nova e criativa. Com a bênção de Deus, o resultado será o surgimento de igrejas profundamente enraizadas em

> Cristo e estreitamente relacionadas com a cultura local. A cultura deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras. Porque o homem é criatura de Deus, parte de sua cultura é rica em beleza e em bondade; porque ele experimentou a queda, toda a sua cultura está manchada pelo pecado, e parte dela é demoníaca. O evangelho não pressupõe a superioridade de uma cultura sobre a outra, mas avalia todas elas segundo o seu próprio critério de verdade e justiça, e insiste na aceitação de valores morais absolutos, em todas as culturas. As missões, muitas vezes têm exportado, juntamente com o evangelho, uma cultura estranha, e as igrejas, por vezes, têm ficado submissas aos ditames de uma determinada cultura, em vez de às Escrituras. Os evangelistas de Cristo têm de, humildemente, procurar esvaziar-se de tudo, exceto de sua autenticidade pessoal, a fim de se tornarem servos dos outros, e as igrejas têm de procurar transformar e enriquecer a cultura; tudo para a glória de Deus. [151]

Nossa adoração precisa ser profundamente enraizada em Cristo, mas, ao mesmo tempo, estreitamente relacionada com a cultura local. Este relacionamento resgata a cultura antes pagã, comprometida, algumas vezes com o sistema de valores de uma sociedade obscurecida pelas trevas, e a consagra ao Deus vivo, como uma expressão contextualizada, conectada a um povo e a uma época, de rendição e submissão ao Deus vivo.

Quando estive na Índia, achei estranho o costume dos evangélicos de lá de tirarem os sapatos para adorar a Deus. Perguntei a um dos líderes locais por que tinham aquele costume, e ele me respondeu: antes tirávamos os nossos sapatos em sinal de reverência e adoração a milhares de deuses que não são deuses, como não tiraríamos os nossos sapatos em santa reverência diante do único Deus vivo e verdadeiro?

Muitas vezes o fato de nossa adoração e pregação ser uma expressão de uma subcultura evangélica descontextualizada da cultura local tem dificultado tanto a compreensão do evangelho quanto a adoração espontânea e natural do povo que é resgatado para o Senhor.

Um colega do sul do Brasil estava pregando em Belém do Pará, em uma praça pública. Seu sermão era uma peça de comunicação aparentemente perfeita, mas no apelo ninguém atendeu ao convite de receber Jesus como seu Salvador pessoal. O evangelista local que o acompanhava percebeu que as pessoas não haviam entendido a mensagem, por isso repregou-a nos termos da cultura local e refez o convite tendo como resultado muitas pessoas aceitando Jesus como Senhor e Salvador pessoal.

---

151 Pacto de Lausanne. http://www.abub.org.br/1recursos/Pacto%20de%20Lausanne.htm#10.

Os pensamentos do Pr Marcílio de Oliveira Filho, ministro de música de nossa igreja, são tremendamente relevantes quanto à necessidade do resgate da brasilidade em nossos cultos:

> O culto nas igrejas evangélicas brasileiras recebeu desde o início do protestantismo em nossas terras uma forte influência internacional. Foram influências anglo-saxônicas, americanas e um pouco também de culturas eslavas. Os missionários que nos aculturaram em termos evangélicos trouxeram em sua pregação vários elementos fortes de suas culturas, que acabaram determinando um estilo de culto bastante distante da cultura brasileira.
>
> Não poderia ser diferente, pois era a forma como foram criados, educados e não tinham nenhum referencial da cultura nativa.
>
> Assim, recebemos um estilo de pregação, um estilo de programa de culto, um repertório musical e toda uma herança importada que durante mais de um século se cristalizou na forma de adoração no Brasil.
>
> O mais curioso é que isto não foi apenas nas igrejas evangélicas mas até na igreja católica. A formação clerical foi muito forte com padres ou sacerdotes vindos da Europa. Melodias européias predominaram na missa por mais de quatro séculos.
>
> O livro *Música Sacra Brasileira na Liturgia*, Editora VOZES, 1969 (diversos autores) incentivou a uma pesquisa na busca de definir um *canto litúrgico brasileiro*. Dizia um dos autores que "*é preciso sondar as riquezas da expressão musical brasileira; uni-las aos postulados exigidos pela liturgia: brotará com o auxílio do talento dos músicos a forma nova da nova composição litúrgica em vernáculo e bem brasileira*". (pág 18).
>
> Existe um perigo entre os músicos eruditos de considerarem a música do povo uma **música inferior**. Este conceito é encontrado nos teatros, concertos, universidades e lamentavelmente nas igrejas. Na realidade, a música que nasce do povo, que atinge o povo e se comunica rapidamente com o povo é a que mais devemos buscar para nossos cultos brasileiros. Não existe música inferior nem superior. Existe música. E aquela que for feita com beleza, inteligência, criatividade e acima de tudo oração e espiritualidade, essa atingirá o coração e a mente do povo para uma melhor percepção das verdades do Evangelho...
>
> ...É importante a preocupação de não nos alienarmos do mundo internacional, mas mais importante ainda é o perigo de nos envolvermos com a globalização evangélica e que continuemos usando somente as formas de adoração e os elementos da música importada. Temos que ser sal e luz ***no*** Brasil e ***para*** o Brasil. Para isso acontecer, é importante que valorizemos as diversas tendências e estilos musicais brasileiros. Os ritmos, sons e textos nacionais

> precisam ser cada vez mais valorizados e inseridos em nossa hinódia neste novo século.
>
> É importante também que os músicos deste novo século conheçam cada vez mais nossas raízes históricas e sociais. Os elementos do folclore brasileiro poderão ser de grande valia para a preservação de uma hinódia nacional, que eleve a alma e o coração do povo para uma adoração e celebração significativas.[152]

Um dos impactos da reforma foi o resgate da língua e da cultura dos povos na adoração a Deus. Ainda que os reformadores divergissem em muitos aspectos neste assunto, todos eles foram grandes inovadores no que tange a inserir a língua do povo e as melodias do povo na adoração. As missas eram celebradas em latim, mas os cultos, na língua das comunidades. A Bíblia passou a ser traduzida para a língua do povo e Lutero usou as canções populares das tabernas da Alemanha para ensinar o seu povo a cantar a sua fé.

> Nikolaus Ludwig von Zinzerdorf (1700-1760) escreveu que os hinos são um tipo de responso, um eco e uma extensão à bíblia. Na bíblia percebe-se como o Senhor se comunica com a humanidade; e, no hinário, como a humanidade se comunica com o Senhor.

Se concordarmos com Zinzerdorf que o culto é uma expressão da comunicação do homem que adora o único e verdadeiro Deus, certamente teremos de entender que nossa comunicação precisa ser adequada a nossa linguagem e cultura. Por isso, nossos cultos devem ser um santo resgate da nossa cultura ao Deus vivo e verdadeiro!

Mas sempre que falamos em cultura surge o temor de que o mundo (sistema de valores corrompido e dominado por Satanás) invada o culto e corrompa o mesmo. Esta é uma santa preocupação que exige de nós a formulação de critérios.

Dr John MacArthur em seu artigo: COMO DEVEMOS CULTUAR A DEUS, publicado na revista Fé para Hoje, nos lembra do princípio regulador do culto advogado pelos reformadores.

> Como podemos aplicar a suficiência das Escrituras ao culto da igreja? Os reformadores responderam essa pergunta aplicando *Sola Scriptura* à adoração, estabelecendo o que eles chamaram de Princípio Regulador. João Calvino foi o primeiro a articular de maneira sucinta esse princípio: “Não podemos adotar qualquer artifício [em nosso culto] que pareça satisfazer a nós mesmos, e sim levar em conta as exortações dAquele que tem o direito de prescrevê-las. Portanto, se desejamos que Ele aprove nosso culto,

152 Oliveira, Marcilio. *Contextualizando a celebração na Igreja Brasileira* ; apud Piragine, Paschoal. *Contextualizando a Igreja de Cristo- Igrejas fiéis no mundo de hoje;* Juerp , Rio de Janeiro, 2002, p 114-116

> esta regra, que Ele mesmo enfatiza com muita rigidez, tem de ser observada com zelo. Deus reprova todos os tipos de cultos não sancionados expressamente por sua palavra.. Calvino sustentava este princípio utilizando diversas passagens bíblicas, incluindo 1 Samuel 15.22. Obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender, melhor do que a gordura de carneiros. e Mateus 15.9: Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens... Foi o comprometimento de muitos puritanos com o princípio regulador que levou centenas de pastores puritanos a serem excluídos, por decreto, dos púlpitos da Igreja da Inglaterra em 1662. Além disso, a simplicidade da forma de culto das igrejas presbiterianas, batistas, congregacionais e de outras tradições evangélicas é o resultado da aplicação do princípio regulador.153

É verdade que historicamente o uso do princípio regulador promoveu alguns excessos no cerceamento da adoração, como o exemplo citado pelo Dr MaCarthur, mas a sua argumentação sobre a validade do mesmo me parece convincente:

> Charles Spurgeon utilizava o princípio regulador para excluir o uso de qualquer instrumento musical no culto. Spurgeon recusou permitir a utilização de um órgão no Tabernáculo Metropolitano, porque acreditava que não havia base bíblica para música instrumental no culto cristão. Na verdade, ainda existem crentes que, pelo mesmo motivo, se opõem à música instrumental.
>
> É óbvio que nem todos os que afirmam a ortodoxia do princípio regulador necessariamente concordam em todos os detalhes sobre como ele deveria ser aplicado. Alguns poderiam salientar tais diferenças nas questões práticas e sugerir que todo o princípio regulador é, por isso mesmo, insustentável. William Cunningham observou que críticas contra o princípio regulador freqüentemente procuram desacreditá-lo recorrendo à tática do *reduzi-lo ao absurdo*... Mas o princípio regulador tem de ser interpretado e explicado com o exercício do bom senso. Dificuldades e diferenças de opiniões podem surgir a respeito dos detalhes, mesmo quando o discernimento correto e o bom senso influenciam a interpretação e aplicação do princípio. Mas isto não oferece qualquer fundamento para negar ou duvidar das verdades ou da ortodoxia do próprio princípio regulador... Uma obsessão por aplicar qualquer princípio aos menores detalhes pode facilmente se tornar uma forma destrutiva de legalismo. Mas o princípio *Sola Scriptura*, aplicado ao culto, é sempre digno de ser defendido com ferocidade. O princípio em si mesmo não é trivial. Além disso, a falha de apegar-se à prescrição bíblica no que se refere ao culto é exatamente aquilo que mergulhou a igreja nas trevas e na idolatria da Idade Média. 154

153 MacArthur, John. *COMO DEVEMOS CULTUAR A DEUS?*; Revista Fé Para Hoje, Editora Fiel, N 10, p. 9-10,ano 2001.

154 Ibid., p.11-12

Podemos concluir que o filtro do resgate à cultura não pode ser a cultura, nem os gostos pessoais, mas a palavra de Deus. Precisamos perguntar à palavra que aspectos da cultura podem e devem ser resgatados e oferecidos a Deus como tributo de louvor e adoração, e quais aspectos podem corromper a adoração em espírito, verdade e santidade. Este crivo nos ajudará a encontrar os aspectos da brasilidade que necessitam ser incorporados ao nosso culto e que aspectos devem ser excluídos.

Convém lembrar aqui a advertência feita pelo Dr Donald E. Price:

> Nós, em nosso atual momento histórico, temos a incumbência de interpretar as Escrituras *para o nosso momento*. Quando fazemos isto, precisamos buscar entender o que Deus queria dizer aos seus primeiros interlocutores, fazer uma leitura da nossa cultura para ver os pontos coincidentes com a experiência dos que primeiro receberam a Palavra e aplicá-la ao nosso momento histórico.
>
> Portanto, permanecemos na corda bamba entre a fidelidade às Escrituras, ou seja o desejo de interpretá-las segundo as intenções de seu Autor divino, e a relevância à nossa cultura. Se exagerarmos em direção à relevância, corremos o risco de nos esquecermos da fidelidade à mensagem de Deus. E se, em nome da fidelidade à Escrituras, não dirigirmos a Palavra para os anseios e necessidade do nosso momento histórico, corremos o risco da irrelevância.
>
> Contextualização, portanto, é permanecer na corda bamba entre a fidelidade às Escrituras e a relevância à nossa cultura, sem cairmos para um lado ou outro.[155]

O princípio regulador é uma necessidade para que a contextualização possa tornar a nossa mensagem e a nossa adoração coerentes com o local e a realidade histórica em que estamos inseridos.

7. Uma expressão de amor e serviço

Mas a adoração a Deus toma formas concretas quando nos permitimos ser o veículo do seu amor e a expressão do seu serviço nesta terra. O amor e a devoção ao nosso Senhor nos faz ser pessoas tremendamente conectadas aos nossos semelhantes, vendo neles o alvo do amor do pai e por isso alvo concreto do nosso amor a Ele.

Foi isto o que João nos ensinou:

---

155 Donald E. Price. *O Que é Contextualização*; apud Piragine, Paschoal. *Contextualizando a Igreja de Cristo- Igrejas fiéis no mundo de hoje*; 2002, p.23

> 19 Nós amamos, porque ele nos amou primeiro.
>
> 20 Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu.
>
> 21 E dele temos este mandamento, que quem ama a Deus ame também a seu irmão.[156]

Nossas expressões de amor e adoração a Deus precisam ser revestidas de amor e serviço para com os nossos semelhantes, ou na linguagem dos teólogos da América Latina, precisamos ver Cristo na face do nosso irmão.

Em relaçào ao culto público, o que se observa é uma demanda de relacionamento, acolhimento, amor e serviço que é feito em louvor ao Senhor, mas que toca o coração, as emoções e a vida dos nossos semelhantes.

Por isso, o culto cristão ainda que focado em Deus, não é mera contemplação, mas também expressões de amor e de comunhão com os irmãos e com todos os homens.

Um dos exemplos deste valor é o que chamamos de Ceia do Senhor. Ainda que seja um memorial que celebra a morte e ressurreição do Senhor ele é também uma convocação da celebração da comunhão com Deus e com os homens. O auto-exame nos conduz não somente a checar o nível da nossa contemplação, mas também da nossa conectividade com os nossos irmãos.

O ensino do Senhor sobre a oferta que deveria ser deixada ao lado do altar para que os irmãos pudessem se perdoar mutuamente, e somente depois da restauração ser colocada sobre o altar, nos conduz à percepção de que sem esta santa conectividade não há culto.

Os veementes sermões dos profetas do AT sobre justiça social e a não aceitação da adoração que não produzisse este estilo de vida também são prova desta verdade.

O culto é a celebração de um Deus que derrubou todos os muros de separação entre os homens.

Como líderes, devemos ajudar aos crentes a celebrarem a sua adoração de modo a perceber as pessoas e suas necessidades e serem eles mesmos instrumentos do Deus vivo para conectá-los ao Senhor e ao seu povo.

A comunhão com Deus e com os irmãos é parte integrante da nossa celebração. O perceber, importar-se, socorrer, interceder e consolar é parte integrante da adoração e por isso precisa ser incentivada e planejada para que se torne o estilo de vida da comunidade.

---

156 1 Jo 4:19-21

8. Conclusão

Uma igreja que cresce integralmente é a que trabalha para que a essência da adoração seja promovida por um planejamento litúrgico, educacional e prático que permita a comunidade local, ter a cara do seu tempo e do seu povo, ser conectada às necessidades do contexto, refletir o amor do Pai a todos os homens, ser o testemunho do maior de todos os encontros; tudo isto em uma forma regulada pela palavra de Deus.

Este tipo de adoração sempre será viva e contagiante, uma verdadeira marca da glória do Deus vivo entre os homens, um testemunho incontestável da sua glória.

Nosso alvo como líderes é perseguir a construção deste tipo de adoração tanto na vida pessoal dos membros da nossa comunidade local, quanto no estilo de culto público que dirigimos. Este é o nosso grande desafio.

Conclusão

Crescimento integral, é mais do que um método a ser aplicado neste ou naquele lugar. É uma visão teológica e filosófica que deve permear todas as iniciativas da igreja local conduzindo-a na busca de um crescimento que se configura como milagre divino e cooperação humana, levando em conta tanto o contexto no qual estamos inseridos como as transformações que devem ser produzidas para a implantação do reino.[157]

Ainda que sugestões práticas tenham sido inseridas neste trabalho, seu propósito é mais ilustrativo do que metodológico, pois a verdadeira intenção foi demonstrar como os valores da visão podem ser aplicados e contextualizados.

A funcionalidade metodológica da visão tem sido comprovada pela experiência do nosso ministério na Primeira Igreja Batista de Curitiba, durante os dezesseis anos em que tenho sido pastor titular. Neste período ela triplicou de tamanho e organizou oito novas igrejas. Se tomarmos o número dos seus membros, na data da organização, aos que possuímos hoje, podemos dizer que quadruplicamos a membresia neste período.

Ao olharmos o que Deus tem feito em termos de treinamento de liderança formal e informal ficamos espantados: o número de vocacionados ao ministério tem crescido, chegado a ter mais de 50 seminaristas em um mesmo ano letivo, matriculados em diferentes escolas teológicas.

Os líderes leigos têm crescido e, nos últimos 3 anos, treinamos mais de 850 deles em vários cursos de formação de liderança.

Poderíamos colocar muitos outros dados estatísticos que comprovariam a efetividade da filosofia, porém a consistência da teologia que a suporta fala mais alto. Ela é, antes de tudo, uma aplicação das convicções bíblicas do que significa ser igreja viva e atuante em um mundo em constante mutação. Tenta responder não somente perguntas que históricamente já foram respondidas pelos teólogos evangélicos do passado, mas também as demandas teológicas provenientes das filosofias da pós-modernidade que desafiam a igreja a

157 1 Co 3:7 De modo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. 8 Ora, uma só coisa é o planta e o que rega; e cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. 9 Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus.

se mostrar relevante num tempo em que questiona a relevância de todas as instituições humanas.

Recentemente, voltando do Canadá, li a revista de bordo produzida pela Air Canadá, na qual o articulista relata as mudanças sociais que o seu país vive e como uma das suas províncias caminha para ser o primeiro lugar no mundo e viver uma filosofia de vida que ele chamou de pós-familiar: muitos dos seus concidadãos não acreditam mais na instituição “família”. Afirma que o novo modelo individualista faz com que pessoas mantenham um relacionamento afetivo sem interdependência, morando em casas separadas, com contas separadas e sem filhos.

Outro articulista do mesmo periódico ressalta a necessidade de se redescobrir os valores éticos, pois a família e a Igreja não eram mais os provedores dos mesmos. Conclui colocando nas empresas a responsabilidade de definí-los e passá-los aos seus funcionários nos seus treinamentos.

É para esse tipo de mundo que estamos pregando! Por isso precisamos ser uma igreja que olhe para a integralidade da palavra e sua relevância, para a integralidade do ser em toda a terra, começando pela localidade em que estamos inseridos e levando em conta as pressões da nossa própria cultura.

Precisamos ser a boca do Deus vivo a anunciar a mensagem profética que o mundo de hoje precisa, ser os olhos do Senhor a perceber as necessidades desta geração, suas mãos realizando a sua obra e seus pés chegando a todos os lugares o mais rápido possível.

Precisamos reconhecer o que tem limitado e impedido a nossa marcha, ao mesmo tempo em que aprendemos a cooperar uns com os outros para implantação do seu reino em toda a terra.

O meu sonho é que estas páginas tenham sido para você como uma semente que produzirá frutos para o reino da sua firmeza de fé, da criatividade aplicada às demandas do contexto e a visão da missão que lhe foi encarregada. Assim seremos cooperadores daquele que, certamente, dará o crescimento.

BIBLIOGRAFIA

ALLMEN, J. J. V. *O culto cristão:* Teologia e prática. São Paulo: ASTE, 1968.

AMORESE, R. M. *Celebração do evangelho*: Compreendendo culto e liturgia. Viçosa: Ultimato, 1995.

ARAGÃO, H.M. *O líder cristão e sua identidade cultural*. Londrina: Descoberta, 1999.

Autores Diversos. *A missão da Igreja no mundo de hoje: As palestras principais do congresso internacional de evangelização mundial realizado em Lausanne, Suiça*. São Paulo/ Belo Horizonte:: ABU/ Visão Mundial, 1989.

_____. *Atualidades 2003: temas contemporâneos à luz da Bíblia*. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

_____. *Pacto de Lausanne*, Lausanne Committee for World Evangelization, Lausanne, 1974 . http://www.underground.org.br/artigos/artigo.asp?ID=75

_____. *Perigos na liderança*. Rio de Janeiro: JUERP, 2003.

_____. *Vox Scripurae:* Revista Teológica Brasileira Vol II, nº 2. São Paulo: Vida Nova, 1992.

_____. *Vox Scripurae:* Revista Teológica Latino-Americana Vol. IV, nº 1. São Paulo: AETAL, 1996.

BARBOSA, Ricardo. *Espiritualidade e espiritualidades*: Buscando uma definição. http://www.ejesus.com.br/onASP/exibir.asp?Arquivo=1705

BARNA, G. (Ed). *Líderes em ação.* Campinas: United Press, 1999.

BARRO, A.C. *Crescimento de Igreja*, livro ainda não publicado.

_____.*Implicações e Desafios da Missão Integral;* http://usuarios.lycos.es/matioli/Implmiss.htm; outubro 1998.

_____. *Orlando Enrique Costas: A Mission Theologian on the way and at the crosroads*, Tese de Doutorado do Fuller Seminary, Passadena, USA, 1993

BLACKABY, H. T. K. *Conhecendo Deus e Fazendo sua Vontade*., Rio de Janeiro,Life Way Brasil & JMN, 1999.

BOFF, L.; *Eclesiogênese*:as comunidades eclesiais de base reinventam a igreja, Rio de Janeiro, Vozes, 1977.

BOUNDS, E. M.; *The Weapon of Prayer*. Christian Classics Ethereal Library, Grand Rapids, MI.http://www.ccel.org/ccel/bounds/weapon.toc.html

BRUNNER, H. E. *O equívoco sobre a igreja*. São Paulo: Novo Século, 2000

CARRIKER, T. *Missão integral: Uma teologia bíblica*. São Paulo: Sepal, 1992.

CAVALCANTI, R. *Igreja: Comunidade da liberdade.* Vol.V. Niterói/São Paulo: Vinde/Sepal, 1989.

_____. *Igreja: Agência de transformação histórica.* Vol II. Niterói/São Paulo: Vinde/Sepal, 1987.

CLADE IV. *Congreso Latinoamericano de Evangelización. Palabra, espírito y misión:* el testimonio evangélico hacia el tercer milenio. Buenos Aires: Kairos, 2001.

COLEMAN, R.E. *O Plano Mestre de Evangelismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 1964.

CONSELHO LATINO AMERICANO DE IGREJAS. *Missão, unidade e identidade da igreja:* Processo regional de reflexão para a quarta assembléia geral do CLAI. Equador: CLAI, 2000.

CONN, H.; STURZ, R.; *Teologia da libertação*. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

COSTAS, ORLANDO E. *Christian Mission in the Americas.* In Bevans, Stephen B.; Scherer, James A. , New Directions in Missions and Evangelization 2: Theological Foundations, Orbis Books, 1994.

____.*Dimensiones del crescimiento integral de la iglesia*, Revista Mision, julio-septiembro de 1982.

____. *La realidad de la iglesia evangelica latinoamericana.*

____. *Liberating News*: A Theology of Contextual Evangelization. Grand Rapids, Mich., Erdmans Publishing Co. 1989.

____. *The Church and its mission: a shattering critique from the third world.* U.S.A: Tyndale House Publischers, 1974.

____. *The integrity of mission: the inner life and outreach of the church*. USA: Harper e Row, 1979.

____. *Theology of the crossroads in contemporary Latin America:* Missiology in mainline protestantism. Amsterdam: Rodopi, 1976.

____.*The Whole World for the Whole Gospel*, Missiology: An International Review, Volume 8:4, pp. 395-405. Oct 01, 1980.

DAYTON, Edward R.; FRASER, David A.; *Missões Transculturais*: uma perspectiva estratégica , Mundo Cristão , p. 673-674

D'ARAÚJO Filho, C. F. *Igreja: comunidade de carisma.* Vol. IV. Niterói/São Paulo: Vinde/Sepal, 1989.

_____. *Igreja: evangelização, serviço e transformação histórica.* Vol I Niterói/São Paulo: Vinde/Sepal, 1987.

ENGEN, Charles Van. *Povo missionário, povo de Deus*: Por uma redefinição do papel da igreja local. São Paulo: Vida Nova, 1996.

FERREIRA, E.S. *A Teologia da Igreja: Sua contextualização 2000 anos depois*. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

GETZ, G.A. *Igreja*: *Forma e Essência.* São Paulo: Vida Nova, 1994.

GREEN, M.; *Evangelização na igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1984

GRELLERT, M. *Os Compromissos da Missão*. Rio de Janeiro: JUERP/Visão Mundial, 1987.

GUSMÃO, L e NEY, W. *Culto cristão: contemplação e comunhão.* Rio de Janeiro. JUERP, 2003.

HAYES, E. *A Igreja: O corpo de Cristo no mundo de hoje*. São Paulo: Hagnos, 2002.

HAGGAI, J. *Seja um líder de verdade*. Belo Horizonte: Betânia, 1990.

HESSELBEIN, F., GOLDSMITH, M. e SOMERVILLE, I. *Liderança para o século XXI.* São Paulo: Futura, 2001.

HUSTAD, D.P. *Jubilate! A música na igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1986.

JONES, E. Stanley. *O Cristo de todos os caminhos*: Estudo sobre o pentecostes. 2ed.. São Paulo: Imprensa Metodista, 1968

KILINSKI, K.K. e WOFFORD, J.C. *Organização e liderança na igreja local.* São Paulo: Vida Nova, 1987.

KIRK, A. *Igreja: comunidade de serviço.* Vol. III. Niterói/São Paulo: Vinde/Sepal, 1989.

KIVITZ, E.R. *Uma igreja contextualizada.* Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

KIVITZ, E. R.; KIVITZ, S. R. J.; *Caderno de ação Social, Evangelização e Responsabilidade Social* , Conselho de ação social da Convenção Batista Brasileira, 1998

KOHL, M.W. , BARRO, A.C. (org). *Liderança para um novo século*. Londrina: Descoberta, 2003.

KRAUS, C.N. *An Intrusive Gospel*? USA: IVP, 1998.

KRUKLIS, R.; *Os Batistas e a Ação Social,* Caderno de Ação Social , Conselho de ação social da Convenção Batista Brasileira, 1998.

LAY, R.; Apostila Módulo 2: Treinamento Igreja em células. Curitiba. Ministério Igreja em Células no Brasil, 2000.

LAWRENCE, B. *Autoridade pastoral*. São Paulo: Vida, 1999.

LINTHICUM, Robert C. *Cidade de Deus, cidade de satanás*: Uma teologia bíblica da igreja nos centros urbanos. Belo Horizonte: Missão, 1993.

MACARTHUR, John. *COMO DEVEMOS CULTUAR A DEUS?*; Revista Fé Para Hoje, Editora Fiel, N 10, p. 9-10,ano 2001.

MARTIN, R. M. *Adoração na igreja primitiva.* São Paulo: Vida Nova, 1982.

MAXWELL, J.C. *As 21 indispensáveis qualidades de um líder.* São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

____. *As 21 irrefutáveis leis da liderança*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

MCGAVRAN, Donald Anderson. *Compreendendo o crescimento da igreja*. São Paulo : SEPAL, 2001

MIRANDA, Juan Carlos. Manual de crescimento da igreja. São Paulo: Vida Nova, 1989

MOLTMANN, J. *La Iglesia fuerza del espiritu.* Espanha: Sígueme, 1977.

MULHOLLAND, E.B. (comp). *Hinário para o culto cristão: notas históricas.* Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

MURADAS, A. *A música dentro e fora da igreja.* São Paulo: Vida, 2003.

____. *Decolando nas asas do louvor.* São Paulo: VIDA,1999.

NORDSTOKKE, K (org) *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica.* São Leopoldo: Sinodal, 2003.

_____. (org) *Diaconia:* fé em ação. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

OLIVEIRA, Marcilio Filho. *Contextualizando a celebração na Igreja Brasileira* ; apud Piragine, Paschoal. *Contextualizando a Igreja de Cristo*: Igrejas fiéis no mundo de hoje. Rio de Janeiro. Juerp , 2002, p 114-116

ORR, R. A. *Liderança que realiza*. USA: Leadership Essentials Press, 2000.

PADDILA, C.R. y YAMAMORI, T. (Ed). *Mision Integral y Pobreza*: Glade IV – Consulta. Colômbia: Kairós, 2001.

PADILLA, C. R. *Missão integral.* São Paulo: FTL-B/Temática, 1992.

____. *Misión Integral Y Evangelización; Misión*, v. 6 , No 4, p.6, dez. de 1987

PENIDO, A. *Como fazer a sua igreja crescer*. Publicado pelo autor.

PREE, M.D. *Liderar é uma arte*. São Paulo: Best Seller, 1989.

PRICE, Donald E. *O Que é Contextualização*; apud Piragine, Paschoal. *Contextualizando a Igreja de Cristo*: Igrejas fiéis no mundo de hoje. Rio de Janeiro. Juerp , 2002.

RAMOS, A. *Nossa igreja brasileira*. São Paulo: Hagnos, 2003.

REGA, L.S; *Visão Bíblica da Atuação Social da Igreja*, Conselho de ação social da Convenção Batista Brasileira, 1998

SANTOS, J. F. *O culto no antigo testamento*: sua relevância para os cristãos. São Paulo: Vida Nova, 1986.

SCHWARZ, Christian A., *O desenvolvimento natural da igreja* : Guia prático para cristãos e igrejas que se decepcionaram com receitas mirabolantes de crescimento. Curitiba: Evangélica Esperança, 1996

SHEDD, R. P. *Adoração bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1987.

SHELLEY, B.L. *A Igreja: O povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

SHENK, D.N; STUTZMAN, E.R. *Criando comunidades do reino*. Campinas: Cristã Unida, 1995.

SILVA, M.C. *Cultos e Panacéias*. Publicado pelo autor, 1996.

SNYDER, H. A.; *Vinho novo, odres novos*: Vida nova para a igreja. São Paulo: ABU, 1997.

SOUZA, M. Q.; *O véu rasgado*: A dinâmica do ministério do povo de Deus, Tese de Mestrado, Faculdade Teológica Sul Americana , Londrina. 2002.

STEDMAN, Ray C. *A igreja o corpo vivo de Cristo*: A igreja do século vinte recuperando toda a força do cristianismo primitivo!. São Paulo. Mundo Cristão, 1974

STEVERNAGEL, V.R. *A Missão da Igreja*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994.

STOTT, J.R.W. *El cristiano contemporáneo*.USA: Libros Desafio, 2001.

____. *La fe cristiana frente a los desafíos contemporáneos*. EUA: Libros Desafío, 1999.

____. *Ouça o Espírito Ouça o Mundo*: Como ser um cristão contemporâneo. São Paulo, ABU Editora, 1997.

STROHL, H.; *O pensamento da reforma*, São Paulo: ASTE, 1963

TIPPIT, S. *Digno de adoração.* USA: VIDA, 1992.

TOZER, A. W. *Worship:The missing jewel in the evangelical church.* USA: Christian Publications Inc. Harrisburg, Pennsylvania, 1961.

TRUEBLOOD, D. E., *The yoke of Christ*: And other sermons. New York: Harper & Brothers, 1958.

VENCER, J. *Igrejas transformando as nações*. Florianópolis: SEPAL, 2003.

YAMAMORI, T. *Servindo com os pobres na América Latina*: Modelos de ministério integral. Curitiba: Descoberta, 1998

WAGNER, PETER C. *Escudo de oração* . São Paulo. Bompastor, 2002

WARREN, RICK. Uma igreja com propósitos. São Paulo : Vida, 1998

WITT, M. *Adoremos.* USA: Caribe/Betânia, 1993.

ANEXO
CONCERTO DE ORAÇÃO

Tema - Família
“Orações que Deus gostaria de ouvir”

Agenda Básica

1. **Apresentando o trabalho e conhecendo as pessoas / louvor**
2. **Sonda-me, Senhor.**
3. **Unidade familiar**
4. **Senhor, quebranta-me.**
5. **Nossos relacionamentos familiares**
6. **Papéis de cada um no grupo familiar**
7. **Senhor, transforma-me.**
8. **Fortalecimento das famílias**
9. **Senhor, enche-me com teu Santo Espírito.**
10. **Senhor, usa-me.**

Horário	Etapa
Manhã	**1. Apresentando o trabalho e conhecendo as pessoas.**
	2. Sonda-me, Senhor.
	3. Unidade familiar
	4- Senhor, quebranta-me.
Tarde	**5. Nossos relacionamentos familiares**
	6. Papéis de cada um no grupo familiar
	7.Senhor, transforma-me.
Noite	**8. Fortalecimento das famílias**
	9. Senhor, enche-me com teu Santo Espírito.

	10. Senhor, usa-me.

Concerto de Oração

Sistemática do Trabalho

1. Diretrizes Gerais

A proposta deste trabalho está embasada no Livro "Orações que Deus gostaria de ouvir"
Autor: Pr. Paschoal Piragine Jr.

1.1 Objetivo

O propósito do Ministério de Oração é levar as pessoas a experimentarem do poder de Deus através da oração, amar e servir ao próximo em oração, e orar para Jesus ser conhecido em todos os povos, no poder do Espírito Santo.

1.2 Definições do Concerto de Oração

É um período separado (no mínimo, algumas horas) para oração, com grupos de pessoas, cuja finalidade é oportunizar:

- Louvor intenso
- Reconhecimento de pecados
- Quebrantamento
- Mudança de vida e de atitudes
- Oração intensa por assuntos específicos, conduzidos e orientados pelo Espírito Santo
- Despertamento para o compromisso e exercício da oração.

Base Bíblica:

"Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e me buscar, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei e sararei a sua terra.
Estarão abertos os meus olhos e atentos os meus ouvidos à oração que se fizer neste lugar". II Crônicas 7:14 e 15

O Concerto de Oração tem como estratégia levar as pessoas a orarem em grupo e individualmente, de diferentes formas possíveis e por diferentes motivos. Quando a

oração for realizada em grupo, o principal controle deverá estar em proporcionar que todos possam ter a oportunidade para orar.

- Cânticos e Louvores
- Orações individuais
- Orações em grupos de dois, três ou mais
- Orações escritas
- Leituras da Bíblia
- Louvores através de textos bíblicos

2. Instruções básicas para o trabalho

A preparação de um Concerto de Oração é importante, pois Deus usa todos os recursos que colocamos em suas mãos para o Seu ministério. Porém, queremos ressaltar que a maior preparação deve ser a espiritual, em intensidade de oração pelo evento.
É imprescindível orar antes de todas as atividades preparatórias para o evento. Lembre que estaremos falando e praticando a oração.

2.1 Características do Concerto de Oração

a) Grupos de oração

Dentro da programação do concerto de oração, deve-se formar grupos para orar por motivos específicos. A programação do evento deve ser toda direcionada para dividir os presentes em diferentes grupos, por instrução do dirigente ou por escolha de motivos de oração entre os presentes. Por exemplo, grupo que queira orar pelo país, grupo que queira orar pela cidade, grupo que queira orar pelos políticos, etc, conforme a programação.

b) Programação

O Concerto de Oração deve ter uma programação bastante detalhada, e etapas bem definidas de oração - ver programação para o “Dia Batista Paranaense de Oração”. Um programa bem definido levará a uma melhor produtividade e qualidade do período de oração. Quando se tem uma boa programação, estudada com base na Palavra do Senhor, temos mais ferramentas para o Espírito Santo nos conduzir na hora específica do trabalho.

c) Tempo de oração

Recomenda-se que o tempo de oração do grupo seja de 1 minuto por participante. Por exemplo: quando os grupos forem formados de cinco pessoas, o tempo de oração total para o grupo será de cinco minutos. Desta forma é bastante importante que os grupos sejam homogêneos, pois este tempo de oração será o mesmo para cada grupo e todos devem respeitar.

d) Como marcar o tempo

O tempo de oração dentro dos grupos deve ser controlado através de um sinal sonoro. Caso exista a disponibilidade de piano, uma frase musical pode indicar o fim do período de oração de cada componente do grupo. Se precisar usar outra forma de aviso, seja criativo e considere sempre que a musicalidade é importante. Por exemplo: Badalar de sinos, acorde de violão, pandeiro, flauta, etc... Veja o que é mais indicado para o grupo que estará reunido. Procure sempre manter o clima de oração, seriedade e garanta que todos irão ouvir o sinal.

e) Orientação para os grupos

Oriente especificamente para os participantes do grupo que devem interromper sua oração a cada vez que ouvirem o sinal sonoro. Caso um participante termine sua oração antes do tempo previsto, outro participante poderá começar a orar antes. Estas instruções devem ser repetidas sempre que se iniciar uma etapa de oração; caso contrário, as pessoas ficarão perdidas, pois chegam atrasadas, não entendem na primeira vez, etc.
É importante que haja alguém que conheça a programação, recebendo as pessoas na chegada. Uma rápida palavra poderá fazer diferença na participação de quem chega.

3. Como desenvolver a programação de um Concerto de Oração

3.1 Definição dos temas

A primeira etapa será definir quais são os temas principais que serão abordados durante o Concerto de Oração (ver Dia Batista Paranaense de Oração).
Depois, estes temas deverão ser divididos em diferentes níveis para possibilitar a oração do grupo.
Por exemplo: Se o tema é o Brasil, subdivida em questões como abaixo:

- Orar pelo nosso presidente
- Orar pela nossa economia
- Orar pelos nossos políticos
- Orar por sabedoria para nossos líderes; orar pelos líderes cristãos na administração do País e políticos
- Orar pela prosperidade de nossas empresas

- Orar por empregos
- etc

Na programação do ”Dia Batista Paranaense de Oração” será dada uma divisão básica de assuntos que você poderá ajustar conforme a sua realidade específica.
Sempre tome cuidado de não perder a linha mestra do programa, prejudicando o resultado final. Porém o mais importante é você ouvir a voz do Espírito Santo, preparar toda a programação com bastante antecedência e passar tempo orando pelo que irá acontecer.

3.2 Divisão dos grupos de oração

Você pode usar diferentes formas de dividir o grupo para orar.

- Dividir os temas e depois orientar para as pessoas se dividirem
- Dividir anteriormente os grupos e depois dividir os temas
- Fazer orações individuais.
- Orações em duplas, trios, etc..

As formas escolhidas devem respeitar a realidade do momento, como: tipo de público, número de pessoas, espaço disponível, etc...
Em cada tema, utilize a criatividade para possibilitar que os grupos se dividam e se reúnam.
É bastante importante você usar a criatividade, pesquisar a opinião de outras pessoas e ajustar tudo à realidade do grupo em questão.

a) Divisão por interesse

- Quando dividir os grupos por interesse de assuntos, procure manter o número de pessoas em cada grupo o mais homogêneo possível. Assim, a oportunidade para orar fica igual para cada grupo. Por exemplo: se um grupo ficou com 4 pessoas e outro com 10 pessoas, o grupo de quatro terminará a oração muito antes ou no grupo de 10 muitos não poderão orar. Também dificulta bastante o sinal sonoro: quantos intervalos serão considerados?
- Você pode simplesmente solicitar que as pessoas se reúnam próximas umas das outras para este momento de oração.
- Você pode também ter líderes de assuntos e fazer os grupos passarem por cada um dos temas a serem abordados, como em diferentes oficinas. O líder do assunto poderá ter uma placa na parede, com o tema. Oriente para que no máximo quatro pessoas dirijam-se a cada grupo.
- Você pode ter papéis em lugares específicos, fixos nas paredes, para onde se dirijam as pessoas que queiram orar por aquele assunto.
- Determine o número de mudanças de assunto que ocorrerá entre os grupos e o tempo permitido para a troca de lugares.

- Use sua criatividade para marcar as posições. Seja gracioso na apresentação. Cartolina manuscrita, cartolinas de diferentes cores, impressão de computador, desenhos, etc... Lembre-se que isto é um instrumento, sua falta não deve impedir que o Concerto de Oração aconteça.

b) Divisão por número de pessoas

- Pode ser individual, em duplas, trios, etc...
- Tenha os assuntos pré-definidos (veja a programação do "Dia Batista Paranaense de Oração").
- Neste caso, você pode ter todos os grupos orando por um único assunto ou então assuntos diferentes em cada grupo.
- Você pode simplesmente falar o assunto para cada grupo.
- Você pode ter papéis com o assunto pré-definido. O papel escrito facilita muito a todos se concentrarem. Facilita também a troca do assunto, pois é só passear pelo ambiente e trocar o papel do grupo.
- Lembre-se que os grupos só devem começar a orar após instruções.

3.3 Louvor

O louvor é um item muito importante no Concerto de Oração. Quanto mais cânticos forem intercalados durante a programação, mais flexíveis as pessoas ficam ao toque do Senhor. Para escolher os cânticos e a programação de louvor considere os itens abaixo:

- Prepare-se anteriormente. Mesmo que você tenha grande habilidade musical, a preparação é essencial para que Deus ajuste o seu coração e de quem estará cantando com você.
- É importante que quem esteja dirigindo o louvor conheça toda a programação do Concerto de Oração, os objetivos a serem atingidos e esteja dentro da visão do que está ocorrendo.
- Escolha hinos e cânticos conhecidos do grupo, não deixe de preparar as respectivas letras para que não haja dificuldade em entrar no espírito do Concerto de Oração.
- Escolha as canções que estejam ligadas ao tema. Preste atenção aos momentos específicos de cada módulo e use as músicas para levar as pessoas mais perto do Senhor.
- Você pode usar nos momentos de maior reverência apenas um fundo musical para proporcionar um ambiente convidativo à comunhão com Deus.
- Ore muito para a preparação do louvor, e temos certeza de que Deus estará operando e preparando o caminho antes de você.

3.4 Testemunhos

Utilize testemunhos para o fortalecimento do assunto tratado e como apoio. O centro não é o testemunho e, por isso, deve ter um tempo limitado.
Busque pessoas que possam falar das experiências reais que tiveram com Deus, principalmente quanto às transformações que podem ser facilmente observadas.
Para incluir testemunhos nesta programação (ou qualquer outra), é importante observar os seguintes pontos:

- O testemunho deve ser relacionado ao tema do módulo onde estará incluído.
- Você deve conhecer o testemunho, ou alguém de sua confiança e que conhece plenamente o conteúdo do "Concerto de Oração".
- Um testemunho desfocado do tema pode ser pior que não tê-lo.
- Delimitar claramente o tempo que você dará à pessoa para testemunhar. No caso do Concerto de Oração, considerando experiências anteriores, sugerimos 8 minutos para cada pessoa, assim você pode ter uma tolerância de até 15 minutos, sem prejudicar o programa e o envolvimento das pessoas no assunto.
- Com o tempo delimitado, é importante a preparação da pessoa. Sugira que ela escreva a síntese do testemunho para poder usar na hora. Normalmente, quando isto não é feito, as pessoas costumam dispersar para detalhes que muitas vezes não são relevantes e prejudicam o global. Lembre-se que a pessoa estará falando de sua própria vida, então todo tempo é tempo.
- O fato de a pessoa escrever os pontos que irá falar ajuda-a a fazer uma linha de raciocínio mais fácil de acompanhamento.
- Para que você e a pessoa que irá testemunhar tenham mais tranqüilidade, aconselhamos que o testemunho seja ouvido por uma pessoa envolvida na programação, na forma como será falado ao público. Se isto for bem trabalhado, a pessoa sentirá o quanto é importante a participação dela no evento.
- Lembre-se que o testemunho tem o objetivo de atingir o coração das pessoas; assim a preparação espiritual é fundamental. Ore com a pessoa quando fizer o convite, ore com ela quando "ensaiar" o testemunho e tenha uma pessoa para orar com ela antes do evento.

3.5 Fechamento de cada módulo de Oração

O fechamento de cada módulo é importante para a passagem ao próximo módulo.
Sempre que forem concluídas as orações dos grupos feche esta parte com uma oração pública.
Você pode usar pessoas presentes, previamente preparadas para orar, ou então pedir para que alguém do grupo feche com uma oração.
Lembre-se que o Concerto é de oração e devemos ter o máximo de criatividade para orar.
Você pode usar diferentes formas de oração como:

- Oração individual para todo o grupo

- Orações curtas com todo o grupo
- Palavras de adoração faladas por cada uma das pessoas presentes
- Tempo de confissão de pecados coletivos – cada um fala de suas dificuldades dentro do módulo em discussão.

Programação e Conteúdo

Módulos:

1. **Apresentando o trabalho, conhecendo as pessoas e louvor**
2. **Sonda-me, Senhor.**
3. **Unidade familiar**
4. **Senhor, quebranta-me.**
5. **O relacionamento na família**
6. **O papel de cada um no grupo familiar**
7. **Senhor, transforma-me.**
8. **O fortalecimento das famílias**
9. **Senhor, enche-me com teu Santo Espírito.**
10. **Senhor, usa-me.**

Módulos – Cada etapa deverá ter uma programação específica. As principais diretrizes estão descritas abaixo, porém é necessário preparação e dedicação para a apresentação de cada tema. Use a estrutura de sua igreja para implementar os itens propostos e leve em consideração as necessidades específicas do grupo de oração.

Louvor – O louvor é um item importante no Concerto de Oração. Intercale sempre cânticos que tenham relação com o assunto que está sendo tratado no módulo.

1. Apresentando o trabalho, conhecendo as pessoas e louvor

1.1 Boas vindas. Oração Inicial.

- Receber a todos com boas vindas
- Ressaltar o que é o "Dia Batista Paranaense de Oração"
- Importância de termos todo nosso Estado orando pelas famílias

1.2 Explicação do que é Concerto de Oração

Objetivos – (ir ao texto explicativo para detalhes)

- Explicar os objetivos de um Concerto de Oração
- Como é a sistemática do Concerto de Oração

- Importância da oração pelas famílias
- Importância da oração para quebrantamento e mudança na nossa vida pessoal

1.3 Conhecendo as pessoas – Dinâmica

- Este é um tempo para aumentar a comunhão entre as pessoas. Verifique se isso é necessário no seu grupo de oração. Use a dinâmica para aproximar as pessoas.
- Cada pessoa deverá perguntar o nome, profissão, onde trabalha, para três pessoas que não conheça. Caso você tenha experiência em oração, compartilhe. Caso contrário, compartilhe sua expectativa quanto ao Concerto de Oração.
- **Alternativa – (pode ser usado se houver poucas pessoas e se o espaço permitir)** – Usar bola de meia para dinamizar o grupo. O primeiro fala seu nome e passa a bola a alguém. Depois, cada um joga sucessivamente a bola falando o seu nome.
- Repetir o jogo: Se houver poucas pessoas, cada um deverá jogar a bola e falar o nome do outro.

1.4 Expectativas para o evento

- Pedir para as pessoas refletirem sobre suas expectativas para o evento. – 30 seg.

1.5 Oração de abertura pelos presentes ao evento. Louvor

- **Oração inicial**
- **Louvor –** escolha hinos ou cânticos familiares ao grupo. Procure focar no assunto – oração, família, relacionamentos.

2. Sonda-me, Senhor

2.1 Introdução técnica

"Orações que Deus gostaria de ouvir".- As cinco orações de avivamento.

- Quando se fala em avivamento, é impossível não se falar em oração. Quando pensamos em nossas famílias, é impossível não iniciar com uma oração.
- **Sonda-me. Quebranta-me. Transforma-me. Enche-me. Usa-me.** Orações que não somente abrem portas nos céus, mas também abrem portas para os céus em nossos corações.

- Nós buscamos avivamento? Nós queremos transformações em nossa família? Quais as orações que Deus gostaria de ouvir? Ele está pronto a nos responder.

2.2 Sonda-me

"Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho perverso, e guia-me pelo caminho eterno". Salmos 139.23, 24

- Que oração tremenda! É o pedido daquele que quer ser aperfeiçoado e moldado pelo Senhor.
- Muitas vezes caímos no pecado, no deslize moral e até enfraquecemos na fé por não sabermos pedir a Deus para sondar nosso coração.
- Nós não gostamos de ser criticados, avaliados e principalmente que venha à tona o que está errado em nossa vida. Precisamos aceitar isto.
- Quando não abrimos a porta ao Espírito de Deus para nos revelar o que ele está vendo em nós, podemos ficar iludidos com aquilo que pensamos de nós mesmos.
- "Cava meu coração até as profundezas da minha alma". Abra sua alma com sinceridade para o Senhor.
- "Prova, diante do teu padrão de qualidade, todas as coisas escondidas e profundas do meu ser. Compara-me com o teu padrão".
- "Guia-me conforme a tua palavra. Não me deixes desviar para a direita nem para a esquerda".
- "Senhor, quero ser aperfeiçoado e moldado por ti".
- "Senhor, olha para minha vida. Como estou refletindo tua vontade"?
- "Senhor, olha para a minha família! Olha para as famílias de nossa igreja".

➔ **Nossa oração deve ser:**

- "Sonda as minhas ações, se são para a tua glória".
- "Sonda os meus pensamentos e sonhos, se são dignos da tua presença".
- "Sonda as minhas paixões, se me levam ao teu destino e não aos meus".
- "Sonda os meus relacionamentos, se refletem o teu amor. Sonda minha atuação na minha família, como estou demonstrando o teu amor".
- "Sonda-me e deixa-me ver e perceber os meus pecados".

2.3 Louvor e oração

- **Louvor –** solo para nos preparar para o momento de oração.
- **Sentença musical para marcar o tempo da oração individual –** 2 minutos.
- **Oração**

3- Unidade familiar

3.1

"Que governe bem a sua própria casa, tendo filhos sob disciplina, com todo respeito (pois se alguém não sabe governar a sua própria casa, como cuidará da igreja de Deus?)" I Timóteo 3. 4,5

"Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união"! Salmos 133.1

"Se for possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens". Romanos 12. 18

- Deus quer união entre os cristãos, quanto mais em nossa família.
- Nossa família é a base da nossa sociedade, estrutura para a vida e lugar seguro para aprendermos do Senhor.
- Em que temos transformado nossa família? Um lugar de amor, acolhedor, refúgio seguro, um lugar feliz?
- Como estão as famílias de nossa igreja e sociedade? Temos a possibilidade de interceder por elas.
- Quando olhamos para os nossos familiares, costumamos achar que eles é que são responsáveis pelos problemas que temos, porém Deus quer mostrar qual é a minha parte na unidade familiar.
- Você está sem família? O que você pode mudar para influenciar as pessoas que vivem perto de você?
- Deus nos comparou a uma família na relação com ele – ele é o pai e nós somos os filhos. O que estamos ensinando sobre família aos nossos filhos e aos que vivem perto de nós?
- A Bíblia deixa claro que, no que depender de nós, devemos viver em paz e união com todos, quanto mais com os de nossa família.
- "Sonda as famílias de nossa igreja e revela as mudanças que são necessárias".

3.2 Testemunho

Utilize, neste ponto, o testemunho de uma pessoa que possa falar da mudança em sua unidade familiar. Veja com detalhes a preparação para o testemunho, conforme o documento das diretrizes.

Considere testemunhos, como por exemplo:

- Pessoas que oraram pelas mudanças de sua vida familiar e viram as ações do Senhor.
- Pessoas que oraram e pediram a mudança na vida de um membro da família.
- Pessoas que tiveram mudanças de atitude que provocaram grandes mudanças em sua família.
- Mudanças na unidade familiar após conversão de um membro da família.

➔ **Nossa oração deve ser:**

- "Sonda se as minhas ações estão produzindo unidade em minha casa".
- "Sonda os meus desejos e vontades e vê se estou sendo egoísta e pondo em primeiro lugar meus desejos e não a unidade de minha família".
- "Sonda os meus relacionamentos, se refletem o teu amor. Seja relacionamento dentro da família ou fora – quem são as pessoas que Deus pôs perto de mim"?
- "Ajuda-me a amar como o Senhor amou. Sonda-me e vê se o egoísmo está tomando conta de nossa vida em família".
- "Pai, qual é a mudança que o Senhor quer em minha vida para que possamos ter unidade familiar" ?

3.3 Louvor e oração

- **Louvor –** Procure um cântico que fale sobre unidade e relacionamentos. Enquanto cantam, peça para que as pessoas se agrupem em trios para orar por unidade familiar e/ou relacionamentos.
- **Compartilhar –** Permita um minuto para compartilhar alguma necessidade específica em relação a esse assunto, envolvendo as pessoas que estão orando juntas. Se não houver necessidade específica de algum participante, oriente para a oração geral pela unidade das famílias, da igreja e sociedade.
- **Sentença musical para marcar o tempo de oração –** Cada participante do grupo terá 1 minuto para orar e seu tempo será marcado com uma sentença musical.
- **Oração** – invocando a ação do Senhor sobre as vidas das pessoas para o entendimento sobre unidade familiar.

4. Senhor, Quebranta-me

4.1 Atitudes

"O sacrifício aceitável a Deus é o espírito quebrantado; ao coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus". Salmos 51.17.

" Assim diz o Alto e o Excelso, que habita na eternidade e cujo nome é Santo: Num alto e santo lugar habito, e também com o contrito e humilde de espírito, para vivificar o espírito dos humildes, e para vivificar o coração dos contritos". Isaías 57.15

- Há coisas que não queremos ver, aceitar ou mudar.
- Muitas vezes queremos que Deus nos lave, mas não queremos que Deus nos mude.
- "Quebra o que interfere entre mim e o Senhor. Acaba com este pecado".
- "Senhor, se tu entendes que só quebrando, arrebentando, eu terei jeito, então quebra-me, porque eu quero ser só teu".
- "Senhor, se for preciso, quebra a minha vida, mas não permitas que eu fique endurecido e obstinado. Antes que chegue esse dia, quebra a minha vida e faze-a de novo. Eu quero ser um vaso novo".

➔ **Qual é a promessa para quem ora uma oração tão difícil?**

- Deus promete a estes que, assim como ele habita no céu, habitará com poder e glória na vida desses seus servos.
- Hoje Deus quer ouvir: "Naquilo que estou endurecido e não percebo, quebra-me porque quero colocar minha vida no teu altar".
- O avivamento virá sobre nós e sobre a igreja quando tudo estiver sobre o altar do Senhor. Quando o nosso coração e toda a nossa vida estiverem maleáveis em suas mãos.

4.2 Atividade, louvor e oração:

- **Papel sujo para escrever –** (Para esta atividade prepare pedaços de papel sujo, amassado, não uniforme, como nossos pecados e nossa vida, para que cada um escreva suas dificuldades pessoais.)
    - O que estou retendo do Senhor para não ser quebrantado? – Onde Deus precisa me quebrar? Escreva no papel o que Deus está lhe mostrando que precisa ser quebrado

- O que Deus está querendo de você no que diz respeito a sua família?
- Qual é a sua responsabilidade pelas possíveis dificuldades que sua família está vivendo?

- **Louvor –** Música instrumental, solo ou dueto que leve à contrição enquanto as pessoas escrevem suas dificuldades.

Peça que cada um fique com seu papel para o tempo de oração e confissão de pecados.

- **Dinâmica da oração –** Orar em duplas – pedir para as pessoas compartilharem as dificuldades se assim desejarem, falar sem detalhes. Usar apenas o nome do problema torna a dinâmica mais fácil. Por exemplo: egoísmo, rigidez, incompreensão etc...
- **Sentença musical para marcar o tempo de oração –** 1 minuto para cada participante do grupo. Teremos 2 toques consecutivos da sentença musical para marcar o tempo.
- **Confissão pública –** Nesta hora você já pode sentir o público e saber se é adequado fazer uma confissão pública, ou seja, quem estiver preparado fale apenas o nome de seu problema, para que todos orando juntos possam ter mais fé e disposição em mudar.
- **Oração**

5. O relacionamento na família

5.1

"Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade, cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um somente para o que é seu, mas cada qual também para o que é dos outros". Filipenses 2.3, 4

"Ninguém jamais viu a Deus; mas se amarmos uns aos outros, Deus está em nós, e em nós é aperfeiçoado o seu amor". I João 4.12

"Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o primeiro e grande mandamento. O segundo semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo". Mateus 22.37-39

- Os nossos relacionamentos devem refletir nossa vida de comunhão com o Senhor.
- O nosso relacionamento familiar reflete as prioridades que temos em nossa vida?

- Temos relacionamentos fora da família? Quem é a família de Deus para você?
- Analisando a prioridades de nossa vida.
- Prioridades desequilibradas levam a problemas nos relacionamentos familiares.

5.2 Prioridades

1	**Deus**	Nosso relacionamento com Deus. Nossa vida deve refletir a glória e a graça de Deus. Minha relação íntima com Deus se reflete na forma da vida que eu levo. Devo cuidar de minha vida mental, espiritual e física. **"Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e todas as demais coisas vos serão acrescentadas".** Mateus 6.36
2	**Nossa família**	Marido e esposa – Uma só carne. Um faz parte do outro. (Efésios 5.22-33) Filhos – Efésios 6.2,3 – A família é o lugar para aprender a amar, honrar e obedecer a Deus.
3	**Nosso trabalho**	Nossa responsabilidade para com o sustento de nossa família deve ser encarada com firmeza, porém esta prioridade deve estar equilibrada com nossos relacionamentos.
4	**Nossa igreja e Irmãos**	O compromisso com nossos irmãos em Cristo é importante para nossa relação com Deus. **"Consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixando de congregarmos, como é costume de alguns, mas admoestemo-nos uns aos outros, e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele dia".** Hebreus 10.24, 25
5	**A sociedade**	**"Servi aos outros conforme o dom que cada um recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus".** I Pedro 4.10

5.3 Testemunho

Utilize neste ponto o testemunho de uma pessoa que possa falar da mudança em seu relacionamento familiar. Veja com detalhes a preparação para o testemunho conforme o documento Diretrizes.

Considere testemunho, como por exemplo:

- Pessoas que oraram pelas mudanças em seu relacionamento com o cônjuge e este foi restaurado.
- Pessoas que oraram pelas mudanças em seu relacionamento com pais e filhos e houve restauração.
- Pessoas que perceberam que suas prioridades estavam alteradas e que o ajuste de sua vida causou mudanças no relacionamento familiar.

5.4 Louvor e oração

- **Louvor –** Use uma música instrumental ou solo para o fundo de oração individual.
- **Oração individual –** Orar individualmente para Deus mostrar como estão nossas prioridades na vida e como está o equilíbrio entre elas.
- **Sentença musical para marcar o tempo de oração –** 2 minutos
- **Oração –** Oração invocando a bênção e a graça do Senhor sobre os propósitos de cada coração naquele momento.

6. O papel de cada um no grupo familiar

6.1 Visão geral sobre papéis

- Verifique o papel que devemos ter em nossa família.
- Maridos que não assumem sua posição de líderes da casa e sacerdotes do lar.
- Esposas que não se portam como auxiliadoras e companheiras de seus maridos.
- Filhos que querem mandar nos pais e não aprendem sobre disciplina e autoridade.
- A inversão de papéis dentro da família tem sido a causa de grandes conflitos e distúrbios das pessoas e de seus relacionamentos.

6.2 Papéis específicos dentro da família

Pais – Efésios 5.22-33 - O pai é o sacerdote espiritual da família. Muitos pais têm negligenciado esta função de suma importância dentro do lar

Esposas – Provérbios 31.10-31

Filhos – Provérbios 13.1 / Provérbios 4.1 / Efésios 6.1

6.3 Testemunho

Utilize neste ponto o testemunho de uma pessoa que possa falar da mudança em seu papel dentro da família. Veja com detalhes a preparação para o testemunho conforme o documento Diretrizes Gerais.

Considere testemunho, como por exemplo:

- Pessoas que viram seus papéis errados e pela graça do Senhor foram restauradas.
- Procure pais, mães e filhos que possam falar sobre seus papéis e as bênçãos do Senhor.
- Testemunho de uma família toda seria muito edificante e motivador para outras famílias.

6.4 Atividade, louvor e oração

- **Louvor –** Use cânticos ou hinos que falem de unidade, de família, ou também da família da fé. Lembre-se que pode haver pessoas que no momento não estão inseridas no contexto de uma família.
- **Oração –** Sugira que grupos de pais, esposas e filhos orem juntos. Eles poderão orar enfocando seus papéis na família, suas dificuldades e necessidades de oração.

  Lembre que pode haver pessoas que estejam fora dos principais grupos – tenha sensibilidade e forme grupos como de avós e avôs, de solteiros, descasadas etc...

  Tente manter grupos de até quatro pessoas para orar. Dê 2 minutos para compartilhar as dificuldades pessoais.
- **Sentença musical para marcar o tempo de oração –** 1 minuto para cada participante do grupo. Repetir 4 vezes
- **Oração geral –** alguém orando pelos papéis a serem vividos dentro das famílias e pelas famílias

7 . Senhor, transforma-me

7.1

“Todos nós, com o rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor”. II Cor. 3:18

- Depois de quebrados, a obra não está acabada.
- É preciso dar nova forma ao vaso, a arte final do artista.
- Essa transformação é mudar a realidade interior para outra totalmente diferente da que havia antes da sondagem e quebrantamento.
- Orar “transforma-me” é desejar ardentemente que, a cada dia, a beleza de Cristo brilhe em nós.
- É a oração de quem quer ser parecido com Cristo.

- Que as características de servo sejam vistas em mim.

➔ **Nossa oração deve ser:**

- Que o amor de Jesus seja o nosso tipo de amor para com todos os homens.
- Que a alegria do Senhor seja a nossa alegria.
- Que a paz do Senhor seja a nossa paz.
- Que a longanimidade do Senhor seja a nossa característica.
- Que a mansidão de Cristo seja a nossa mansidão.
- Que tenhamos o domínio próprio para o auto-controle das emoções, desejos e apetites da carne.

7.2 Louvor e oração

- **Louvor –** Escolha cânticos de quebrantamento. Talvez um solo durante a oração seja apropriado para o momento.
- **Oração –** Oração individual, de joelhos, dispondo-se à transformação.
- **Sentença musical para marcar o tempo de oração –** 3 minutos.
- **Oração**

8. Fortalecimento das famílias

8.1

"Ele me disse: A minha graça te basta, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.(...) Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Pois quando estou fraco, então é que sou forte".

II Coríntios 12.9,10

- As famílias estão precisando de pessoas fortes em Cristo para que a unidade delas seja o esteio da sociedade.
- Quando somos fracos, aí é que somos fortes em Cristo Jesus.
- Devemos fugir do mal e do pecado para sermos instrumentos de Deus no fortalecimento de nossos relacionamentos.
- Devemos lutar na força do Espírito Santo para vencermos o inimigo que quer derrubar as famílias.
- A grande estratégia de Satanás tem sido tirar nossos adolescentes e jovens de casa, enfraquecendo-os e deixando-os suscetíveis à ação do mal.

- Devemos orar para que nossos filhos encontrem seus cônjuges dentre pessoas tementes ao Senhor.
- “Deus, transforma nossas fraquezas em fortalezas em Cristo, derramando graça e poder”.

8.2 Testemunho

- Famílias que tenham comprovadamente um fortalecimento espiritual baseado nos princípios do Senhor.

8.3 Louvor e oração

- **Louvor –** Talvez seja apropriado neste momento ter música instrumental de fundo, para oração por diversos motivos.
- **Oração**: Sugira que grupos de pessoas que queiram orar pelos mesmos motivos se reúnam. Seria bom afixar na parede papéis indicando os assuntos em torno dos quais as pessoas vão se reunir. Uma pessoa interessada pega um assunto e outras se reúnem em torno dela. Limite o número de pessoas por grupo, em torno de 4 a 5.

Proposta de assuntos:

- Cônjuges não cristãos
- Preparação do futuro cônjuge.
- Fim do adultério
- Ataque de misticismo e esoterismo nas famílias ou relacionamentos
- Fraquezas e dificuldades financeiras
- Perdão
- Famílias não cristãs
- Outros que você considerar relevantes para sua igreja

- **Sentença musical para marcar o tempo de oração –** Toque de música após 1 min. para cada um do grupo. Repetir seis vezes – ou número apropriado para a hora e o grupo.
- **Oração geral –** Pastor orando pelo fortalecimento das famílias em geral.

9. Senhor, enche-me com Teu Santo Espírito

9.1

“Não vos embriagueis com vinho, no qual há devassidão, mas enchei-vos do Espírito”. Efésios 5:18

- O poder do Espírito Santo é inesgotável.
- Ele quer que haja em nós uma fome insaciável do seu poder e da sua graça. Uma busca ardente pela manifestação da sua presença.
- Orar "enche-me" significa "pode me dirigir, estou ouvindo, vou perceber e interpretar o mundo à luz dos teus olhos."
- No dia em que você recebeu Jesus Cristo como Salvador você foi selado pelo Espírito Santo, mas ele tem muito mais para você.
- Orar para que Deus use sua família para abençoar pessoas e levá-las a ter um relacionamento intenso com ele.

9.2 Louvor e oração

- **Louvor –** Escolha cânticos de vitória.
- **Oração –** Pedir para famílias que estejam presentes que orem juntas. Uma família intercedendo pela outra. A oração deve começar pelo pai, depois os filhos e terminar com a mãe.
- Pessoas que não estejam em família se reunirão em número de quatro para orar por relacionamentos e famílias em geral**.** Que seja tempo de dedicação da vida ao Senhor.
- **Sentença musical –** 1 minuto para cada participante do grupo. Repetir 4 vezes.
- **Louvor –** Fazer uma grande roda e cantar juntos.
- **Oração –** Fazer oração em grande grupo, onde todos devem falar uma frase específica que tocou sua vida. A oração deve ser terminada pelo dirigente ou pastor presente.

10. Senhor, usa-me

10.1 Orientação para o encerramento

Este módulo é o final e você deve preparar o grupo para ter um posicionamento diante de Deus, respondendo à voz do Espírito Santo.

Este posicionamento deverá levar as pessoas a tomarem atitudes práticas em sua vida diária. Enfatize esta idéia antes da oração final e leve à oração de comprometimento diante do público presente. Deus espera posicionamento nosso diante dos homens.

10.2

"**Depois disto ouvi a voz do Senhor que dizia: A quem enviarei, e quem irá por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim".** Isaías 6.8

- Uma vez cheio do Espírito Santo, é impossível ficar só assistindo. É preciso participar!

- Precisamos pedir: “Senhor, usa-nos”!
- “Usa minha vida, meu tempo, minhas habilidades, tudo que tenho para tua glória e serviço”.
- “Usa-me, Senhor, para servir a ti, servir aos outros, à minha família, conforme a tua vontade”.
- “Sou teu, estou disponível para a tua glória”.

➔ **Nossa oração deve ser:**

- “Usa minhas mãos para que elas sirvam aos meus semelhantes, como as de Jesus serviram”.
- “Usa minha boca para que ela seja a tua boca nesta terra”.
- “Usa meus pés para que me levem a todos os homens com a tua paz”.
- “Usa minha casa como agência do teu reino”.
- “Usa-me, Senhor, para ser instrumento de mudança em minha família”.
- “Usa nossa família para abençoar outras famílias e para o teu ministério”.
- “Usa meu tempo, pois toda a minha vida é tua”.
- “Usa-me para interceder pelos outros, pela tua igreja e pelas famílias em geral”.

10.3 Louvor e oração

- **Louvor –** Escolha cânticos de vitória
- **Enfatize o posicionamento final –** Quais são as primeiras atitudes para que Deus me use? O que sinto no meu coração que devo fazer?
- **Oração em grupo –** Fazer oração em grande grupo onde todos devem falar uma frase específica que tocou sua vida. Pedir para que a oração seja focada na entrega da vida, no sentido do “Usa-me.”
- **Oração final –** A oração deve ser feita pelo dirigente ou pastor presente.
- **Encerramento –** Termine o dia com um cântico inspirativo, para que as pessoas saiam com espírito de louvor e adoração**.**

ANEXO 2
Atividades Sociais da Primeira Igreja Batista de Curitiba

A Primeira Igreja Batista de Curitiba através do seu ministério de ação social, para poder melhor desenvolver as suas atividades constituiu uma entidade jurídica, ABASC, Associação Batista de Ação Social de Curitiba, que lhe permitiu articular ações transformadoras e de promoção humana com maior facilidade, junto aos órgãos governamentais e não governamentais.

As receitas são provenientes de verbas oriundas do orçamento da Igreja, doações e convênios firmados com organizações governamentais ou não.

Os voluntários são, na sua maioria membros da igreja ou congregados, mas cada dia mais pessoas da comunidade tem se unido a nós para o exercício do bem.

Várias iniciativas surgiram do mover de Deus no coração de pessoas que sonhavam com alguma ação que pudesse encarnar o amor de Jesus para aqueles que estavam necessitados deste toque de amor. Uma das iniciativas foi a formação de uma farmácia comunitária de amostras de remédios que são doados aos médicos da Igreja , ou que são distribuídas por representantes de laboratórios farmacêuticos que são membros da Igreja . No inicio parecia ser algo impossível, mas hoje ela já é uma realidade.

Temos aprendido que os sonhos podem virar realidade quando Deus entra em cena. Outro exemplo foi o sonho de uma irmã de que pudéssemos ter vestidos de noiva para serem alugados a pessoas que não podem pagar um aluguel de um traje destes. Quando esta irmã falava do seu sonho alguns achavam que era loucura, hoje temos 140 trajes a disposição daqueles que necessitam.

Minha intenção ao apresentar este relatório de atividades sociais como anexo deste trabalho é ajuda-lo a crer que os sonhos que Deus semeia em nosso coração, ainda que sejam maiores do que nossa capacidade física, financeira e até de condições pessoais de

realiza-la , se a motivação que nos conduz a eles é a glória do Senhor , então nada poderá impedi-los de serem realizados.

I. PROJETO CIRCO DA VIDA

HISTÓRICO

Projeto iniciado no ano de 2000. Utilizando uma lona de circo, profissionais voluntários prestam auxílio médico, odontológico e outras atividades às comunidades carentes do interior dos seguintes estados: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O circo fica em cada localidade por um período aproximado de dois meses.

ATIVIDADES

Os profissionais da área médica e odontológica são convidados pelas comunidades de cada Estado. As demais atividades são realizadas pelos voluntários.

ATIVIDADE	NÚMERO DE PESSOAS			DESCRIÇÃO
SAÚDE E HIGIENE	**2001**	**2002**	**2003**	
Atendimento Médico	296	635	854	Verificação de Pressão e Glicemia
Atendimento Odontológico	230	453	718	Extração e obturação
Corte de Cabelo	870	1560	1917	
Manicure	17	22	25	
ARTE E CULTURA	**2001**	**2002**	**2003**	
Aula de Música:				
Violão	245	596	779	
Teclado	230	490	447	
Bateria	100	72	182	
Teatro	481	520	821	
Aula de Macramê	190	120	179	Artesanato
Aula de Bordado	78	135	102	
Crochê	328	395	455	
Arte em Jornal	200	180	37	
Trançado em Fita	38	112	91	
Ponto Cruz	53	85	102	
Pintura em Tecido	62	17	44	
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL	**2001**	**2002**	**2003**	
Aula de Sinais	49	103	38	Aula de Braile para deficientes auditivos
Palestras em Escolas da Região	3785	2548	4677	Público Alvo: adolescentes e jovens Assunto: drogas, sexo na adolescência, violência, etc.
Aula de Inglês e Espanhol	31	47	44	Nível Básico
Visitas aos Lares	2722	4099	4153	Apoio Espiritual e Social
TOTAL DE PESSOAS ATENDIDAS	10.005	12.189	15.665	

Tabela 5
Atividades Circo da Vida

A lona e parte do equipamento foram doados pela International Mission Board e PIB Curitiba. Para a execução dos projetos – promoção de iniciativas comunitárias.
100% de Gratuidade



Figura 14
Lona do Circo da VidaCirco da Vida



Figura 15
Atendimento Odontológico Circo da Vida



Figura 16
Corte de Cabelo Circo da Vida

II. PROJETO SOPÃO

HISTÓRICO

Esta iniciativa teve início em julho de 2003. Sendo assim, os dados aqui mencionados se referem apenas um semestre.

ATIVIDADES

Distribuição de sopa todas às terças-feiras do ano em três locais da cidade de Curitiba: Praça Tirandentes, Casa de Recuperação Buscapé e ACRIDAS.



Figura 17
Sopão

SOPÃO 2003	
INGREDIENTES UTILIZADOS	**KILOS**
Arroz	120
Caldo de Carne	192
Carne	480
Legume	1250
Macarrão	240
Sal	12

LOCAL DE DISTRIBUIÇÃO	**QTDE 2003***
Pça Tiradentes	2880
Casa de Recuperação Buscapé	1200
ACRIDAS	720
TOTAL DE SOPAS DISTRIBUÍDAS	**4800**

** Em potes de 500 ml.*

Tabela 6
Sopão

Doações em espécie: CEASA de Curitiba, Nutrimental e PIB Curitiba

INFORMAÇÕES

- As sopas são servidas em potes de 500ml.
- Distribuição média semanal de 200 potes.
- 100% de Gratuidade

III. DOAÇÕES

ALIMENTOS

Doação de cestas básicas compostas por gêneros de primeira necessidade, tais como: arroz, feijão, macarrão, óleo, açúcar, sal, farinha, café e fubá. Os seguintes itens são acrescentados, quando disponíveis: leite, achocolatado em pó, gelatina, ervilha, milho verde, molho de tomate, goiabada, sardinha, leite condensado, pipoca e biscoito. Todas estas doações são obtidas através da Primeira Igreja Batista de Curitiba e de empresas parceiras.

- **Histórico:** Esta atividade teve início em 1997.
- **Público-Alvo:** Famílias de comunidades carentes de Curitiba e região metropolitana, ligadas à Primeira Igreja Batista de Curitiba.
-

TIPOS DE CESTA			
Cesta 1 40 Kg	Cesta 2 30 Kg	Cesta 3 20 Kg	Cesta 4 10 Kg

TIPO	2001	2002	2003
Cesta 1	330	450	720
Cesta 2	150	180	240
Cesta 3	150	150	240
Cesta 4	-	-	240
TOTAL*	**630**	**780**	**1440**
TOTAL Kg	**20.700 Kg**	**26.400 Kg**	**43.200 Kg**

Os tipos de cesta variam quantitativamente. A cesta a ser doada à cada família está relacionada ao número de membros da mesma.

100% de Gratuidade

** Unidades*

Tabela 7
Tipos de Cestas

- **Natal:** Por ocasião das celebrações natalinas, são distribuídas cestas especiais, compostas por 25 itens, às famílias das crianças da Creche Xapinhal158, famílias carentes e menos favorecidas da nossa comunidade e comunidades do Vale do Jequitinhonha e Nordeste.159

ANO	2001	2002	2003
TOTAL*	150	600	1.000
TOTAL Kg	7.500	30.000	50.000

** Unidades de Cesta Natalina*

Tabela 8
Cestas Natalinas

158 Creche Xapinhal: Creche mantida pela ABASC, conforme página 9.

159 Distribuição no Vale do Jequitinhonha e Nordeste em 2003.

III. DOAÇÕES

VESTUÁRIO

Doação de roupas femininas, masculinas, infantis e calçados. Todas as peças doadas pela comunidade estão em bom estado para utilização.

- **Histórico:** Esta atividade teve início em 1997.
- **Público-Alvo:** Famílias de comunidades carentes de Curitiba e região metropolitana. Devido ao grande volume disponível, atendemos solicitações de qualquer cidadão ou instituição.

VESTUÁRIO			
ANO	2001	2002	2003
QTDE	1800 Kg	2100 Kg	4320 Kg

2003: ANO RECORDE	
Kg por Semana	90
Kg por Mês	370
Kg por Ano	4320

Tabela 9
Doações de Vestuário

INFORMAÇÕES

- Separa-se calçado, roupa infantil, feminina e masculina.
- 100% de Gratuidade

IV. PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

AUDITIVOS

Este projeto tem como objetivo ensinar a linguagem de sinais (LIBRAS) aos portadores de deficiência auditiva e desenvolver atividades complementares com o intuito de incluí-los na sociedade.

ATIVIDADE	NÚMERO DE PESSOAS		
	2001	2002	2003
Acompanhamento com Intérprete	20	15	15
Acompanhamento Educacional	140	100	90
Aconselhamento Espiritual	300	240	288
Aula de Coreografia em Sinais			
Auxílio Social	18	30	25
Curso de Libras	60	60	60
Festa de Natal	-	45	60
Passeio Turístico			
Vagas de Trabalho			
TOTAL DE PESSOAS ATENDIDAS	**538**	**490**	**538**

Tabela 10
Atividades Sociais com Deficientes Auditivos

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Acompanhamento com Intérprete	Auxílio aos portadores de deficiência em questões jurídicas e em consultas médicas
Acompanhamento Educacional	Reforço escolar
Aconselhamento Espiritual	Suporte em questões espirituais
Aula de Coreografia em Sinais	10 apresentações realizadas na cidade de Curitiba
Auxílio Social	Distribuição de roupas, cestas básicas e remédios. Pagamento de contas de água, luz e gás
Curso de Libras	Turma de 30 alunospor semestre
Festa de Natal	Celebração do Natal
Passeio Turístico	São realizados duas viagens por ano, com o grupo, no estado do PR
Vagas de Trabalho	Encaminhamento profissional

Tabela 11
Descrição de Atividades

IV. PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

VISUAIS

Projeto iniciado em fevereiro de 2002. Atendemos 246 famílias da cidade de Curitiba com o objetivo de promover a inclusão social, dando o apoio educacional e profissional necessário.

ATIVIDADE		
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL	**2002**	**2003**
Aconselhamento Espiritual	70	95
Aula de Informática	-	8
Auxílio Social	36	42
Curso de Braille	-	5
Curso de Massagem	-	3
Festas Comemorativas	110	130
Seminário "Inclusão e Desenvolvimento"	-	400
Vagas de Trabalho	-	3
Visitas	120	136
TOTAL DE PESSOAS ATENDIDAS	**180**	**822**

Tabela 12
Educação e Inclusão Social

INFORMAÇÕES

- 38 volumes da Bíblia em Braille foram doadas pela Sociedade Bíblica do Brasil à ABASC.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Acompanhamento Espiritual	Deslocamento aos cultos
Aula de Informática	Introdução aos módulos do Windows. Aulas ministradas 3 vezes na semana.
Auxílio Social	Distribuição de roupas e cestas básicas.
Curso de Braille	Alfabetização de adultos
Curso de Massagem	Aprendizado de Massagem Terapêutica
Festas Comemorativas	Comemoração de Natal e Dia das Crianças
Seminário	Seminário sobre o deficiente visual e o voluntariado: inclusão social
Vagas de Trabalho	Encaminhamento profissional
Visitas	Apoio Social e Espiritual

Tabela 13
Inclusão Social

- Impressão em Braille: Em virtude da dificuldade de se encontrar livros destinados aos portadores de deficiência visual, temos focado na digitalização e impressão de livros em Braille. Até o presente momento, 4 livros foram impressos, sendo que 20 cópias, de cada título, foram impressas e distribuídas.

Todos os instrutores e professores são voluntários e os computadores e equipamentos utilizados nas atividades são doações obtidas por empresas parceiras.

100% de Gratuidade

V. NÚCLEO DE EMPREGO

HISTÓRICO

Projeto iniciado no ano de 2002. Assessoria de Recursos Humanos à disposição de qualquer cidadão. O trabalho está dividido em três etapas:

1. Entrevista e Cadastro dos Candidatos
2. Busca de Ofertas de Empregos
3. Encaminhamento para Seleção de Vagas

Além da realização da seleção e encaminhamento, oferecemos treinamentos visando a capacitação profissional e testes vocacionais. Este trabalho é feito por voluntários e a sessão do equipamento pela Primeira Igreja Batista de Curitiba.

ETAPA	2002	2003	TOTAL
Entrevista e Cadastro	171	515	686
Encaminhamentos	56	167	223
Aprovações*	9	37	46

** Candidatos Contratados*

Banco de Dados Informatizado

Horário de Atendimento: Horário Comercial

100% de Gratuidade

ATIVIDADES 2003	
Re-entrevistas	187
Aconselhamento Profissional	13

Tabela 14
Atividades do Núcleo de Empregos

VI. ATENDIMENTO PSICOLÓGICO

HISTÓRICO

O trabalho surgiu em fevereiro de 1998. O atendimento psicológico é destinado à população carente, oferecendo apoio terapêutico com o auxílio de profissionais especializados. O atendimento realiza psicoterapia individual (em crianças, adolescentes e adultos), casal e familiar. O atendimento psicopedagógico é realizado em grupo.

PROFISSIONAIS

O grupo de Atendimento Psicológico da ABASC é formado pelos seguintes profissionais:

- 14 Psicólogas
- Uma Psicopedagoga
- Uma Conselheira Pastoral
- Uma Assistente Social
- Uma Fonoaudióloga

Foram realizadas aproximadamente 160 triagens para selecionar os pacientes de acordo com as normas de funcionamento do G.A.T.

Atendimento Finalizado	2001	2002	2003
Pacientes	30	37	38

100% de Gratuidade

VII. CRECHE XAPINHAL

HISTÓRICO

A creche, originalmente, era administrada pelo Lar Batista Paranaense em parceria com a Prefeitura Municipal de Curitiba. A partir de 1997 passou a ser administrada pela ABASC. A creche Xapinhal proporciona a **93 crianças carentes**, com idade entre 3 meses e 5 anos, condições básicas para o seu desenvolvimento intelectual, físico e espiritual.

FUNCIONAMENTO

- **Instalações Físicas:** Espaço total de 200m quadrados divididos em: berçário, maternal I, maternal II e jardim. Contamos ainda com um lactário, uma cozinha, um solário, uma lavanderia, uma secretaria e 4 banheiros com chuveiros. A creche possui um amplo espaço ao ar livre, com parque e casa de bonecas.
- **Funcionários:** Grupo formado por 14 pessoas, composto por 9 auxiliares de educação infantil, 1 cozinheira, 1 auxiliar de cozinha, 1 lactarista, 1 faxineira e uma assistente administrativa.
- **Cardápio Alimentar:** Elaborado por uma nutricionista (voluntária) e consta de cinco refeições diárias.
- **Atividades Pedagógicas:** Desenvolvidas e aplicadas de acordo com a faixa etária.
- **Festas Comemorativas:** Celebração de datas especiais, tais como Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia das Crianças, Dia dos Professores e Natal.
- **Atendimento Médico:** Quando necessário, a criança é acompanhada até o posto de saúde mais próximo, e a mãe ou responsável é chamada imediatamente.
- **Visitas aos Lares:** Ocasionalmente, por motivos diversos, visita-se os lares dos alunos da creche.
- **Palestras:** Reuniões esporádicas para orientação aos pais.

Doações em espécie: CEASA de Curitiba, Projeto Mesa Brasil e PIB Curitiba



Figura 18
Fachada da Creche



Figura 19
Berçário



Figura 20
Sala do Maternal

VIII. MISSIONÁRIOS DA ESPERANÇA

HISTÓRICO

Periodicamente, um grupo de voluntários, visita comunidades carentes de diversas cidades, durante um fim-de-semana, para trabalho comunitário. Este grupo é acompanhado de profissionais de diferentes áreas que se dispõem voluntariamente a levar auxílio social, material e espiritual aos seus moradores.

ATIVIDADE	NÚMERO DE PESSOAS		
SAÚDE E HIGIENE	**2001**	**2002**	**2003**
Clínica Médica	48	143	234
Pediatria	91	177	220
Ginecologia	19	37	47
Fisioterapia	23	40	52
Nutrição	41	16	37
Odontológico	156	218	256
Cabelereiro	126	278	301
Psicólogo	17	10	34
OUTROS	**2001**	**2002**	**2003**
Advogada	7	12	9
Atividades Infantis	65	56	72
TOTAL	**593**	**987**	**1262**

Tabela 15
Atividades Missionários da Esperança

DOAÇÕES	2001	2002	2003	TOTAL
Vestuário	6000	8000	9000	23000
Brinquedos		700	300	1000

Tabela 16
Doações Missionários da Esperança

Os profissionais que atuam nestas viagens são todos voluntários.
A seguir, relação dos profissionais, dividido por áreas de atuação:

VIII. MISSIONÁRIOS DA ESPERANÇA

PROFISSIONAIS	2001	2002	2003
Advogado	1	2	2
Auxiliar de Dentista	2	3	4
Auxiliar de Enfermagem	3	2	1
Cabelereiro	3	7	8
Cinegrafista	1		
Dentista	6	16	17
Enfermeiro	1	4	6
Estudante de Enfermagem		2	
Estudante de Farmácia		1	1
Estudante de Medicina	4	17	19
Estudante de Odontologia		2	3
Farmacêutico		1	1
Fisioterapeuta	2	5	5
Fotógrafo	3		
Jornalista	1		
Médicos	3	8	8
Nutricionista	2	3	3
Psicóloga	1	1	2
Técnico de Enfermagem	1	6	
Técnico em Higiene Dentária	13	0	
Voluntários*	118	168	175
TOTAL	165	248	255

** Jovens e Adolescentes*

Tabela 17
Profissionais do Projeto Missionários da Esperança

INFORMAÇÕES

Os dados acima, referem-se às visitas realizadas nas seguintes cidades:

- Cajati (SP)
- Cerro Azul (PR) – Duas vezes
- Prudentópolis (PR)
- Fazenda Rio Grande (PR)
- Araucária (PR)

100% de Gratuidade



Figura 21
Corte de Cabelo Missionários da Esperança



Figura 22
Atendimento Odontológico



Figura 23
Consulta Médica

APOIO INSTITUCIONAL

A ABASC tem recebido apoio de diversos órgãos municipais e governamentais, empresas, universidades e associações, das quais destacam-se:

- Ação Voluntária – HSBC
- Faculdade Evangélica
- Fundação Bradesco
- Fundação Dorina Nowill para Cegos
- Instituto Cargolift
- Junta de Missões Nacionais
- Patronato Penitenciário do Estado – Setor de Capacitação
- Secretaria Municipal da Educação
- Sociedade Bíblica do Brasil